

DANIEL & ISABELA
MASTRAL

ALERTA
CURA E LIBERTAÇÃO
GERAL



SÃO PAULO, 2016

Alerta Geral – Cura e libertação

Copyright © 2016 by Daniel Mastral – Isabela Mastral

Copyright © 2016 by Editora Ágape Ltda.

GERENTE EDITORIAL **GERENTE DE AQUISIÇÕES**

Lindsay Gois

Renata de Mello do Vale

EDITORIAL

ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES

João Paulo Putini

Acácio Alves

Nair Ferraz

Rebeca Lacerda

Vitor Donofrio

PRODUÇÃO

REVISÃO

EDITORIAL

Elise Garcia

SSegovia Editorial

CAPA

PREPARAÇÃO

Dimitry Uziel

Thiago Fraga

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK

DIAGRAMAÇÃO

Loope - design e publicações digitais |

Abreu's System

www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 10 de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mastral, Daniel

Alerta geral / Daniel Mastral, Isabela Mastral. – Barueri, SP: Ágape, 2016.

1. Cura - Aspectos religiosos - Cristianismo 2. Cura espiritual 3. Vida cristã I. Matral, Isabela. II. Título.
ISBN: 978-85-8216-157-9

14-10230

CDD-243.131

Índice para catálogo sistemático:

1. Cura: Graças espirituais: Cristianismo 243.131

EDITORIA ÁGAPE LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1112

cep 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.editoraagape.com.br | atendimento@agape.com.br



Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Introdução](#)

[Parte I](#)

[O início da restauração e da cura](#)

[Parte II](#)

[A religião pode cometer erros](#)

[Parte III](#)

[Depois da restauração e cura espiritual, aspectos da cura física e emocional](#)

[Parte IV](#)

[Males ou doenças cerebrais](#)

[Epílogo](#)

[Epílogo](#)

[Autores](#)

[Colofão](#)

Introdução

Este volume, por mais que possa não parecer exatamente à primeira vista, trata de Batalha Espiritual. Sua dinâmica é especial por abordar alguns conceitos com os quais não estamos muito acostumados. Não vamos enfatizar conquista de cidades e Nações... nem Atos Proféticos... nem Adoração de Guerra... nem haverá ênfase aos grandes títulos que hoje escutamos dentro da Igreja, e especialmente associados à Guerra, como Apóstolos ou Profetas.

Desta vez isso tudo não entra aqui nas suas minúcias. Antes de pensar em qualquer um destes itens, temos que começar do começo. Vamos enfatizar algumas coisas diferentes, e vejamos o que você acha disso. Qual será o começo para nós?

Se pararmos para pensar, em outras palavras, Batalha Espiritual está também associada à Restauração. Muitas vezes se guerreia para restaurar algo ou alguém, restaurar terrenos que foram danificados, não é? Portanto, vamos partir deste ponto: um dos princípios primordiais por trás da Batalha Espiritual é a Restauração. Já pararam pra pensar nisso? Que Batalha espiritual pode não significar somente conquistar algo novo; mas pode ter a ver com *consertar* algo velho, feio, sujo e quebrado, que já não tem mais função e não pode ser usado por Deus. Se o estrago foi ou não feito pelas mãos do Diabo e dos Demônios, ou se é de causa natural, em última análise a Batalha consiste em reparar o dano.

Restauração não se aplica somente a cidades. Parece que na nossa mente a ideia de “restauração” sempre se associa mais a territórios do que a pessoas, e sempre nos lembramos de Esdras, Neemias e de Jerusalém. Por certo! Aquela restauração foi feita a mando de Deus, não é? Ou você crê que teria ocorrido se não fosse por mandato do Alto? Porém, Biblicamente

falando, “restauração” está muito mais associada ao ser humano do que a porções de terra. São pessoas que Deus deseja restaurar em primeira instância. E é particularmente com os filhos que o Senhor está preocupado, é neles que há maior interesse. Será que o Pai inverteria dessa forma a prioridade das coisas, enviando filhos doentes e feridos para a “Batalha das Nações”, para as grandes conquistas territoriais, para enfrentar o levante dos Principados do Inferno? Você crê que o Pai de Amor agiria *assim*? Nós sabemos que a Igreja de Cristo está doente. Mas mesmo doente tem insistido em fazer Guerra....

Você – que é humano – enviaria seu filho para desempenhar qualquer tarefa... da mais simples à mais complexa... sabendo que ele está doente e ficará ainda pior ao tentar fazer o impossível? Mandaria seu filho ferido para a Guerra? Ou o colocaria num ringue de luta para ser nocauteado, sem temor algum? Nós, que somos humanos, temos entendimento para isso... não o teria Deus??? Mas já reparou que algumas Igrejas desejam muito mais conquistar bairros, cidades e até *Nações*... para restaurá-las por meio do Poder de Deus... ao invés de conquistar e restaurar *vidas*??? As vidas estão em baixa no meio da Igreja. O ser humano perdeu seu interesse. A Igreja, em algumas ocasiões, tem se tornado uma Instituição que não dá valor ao que Deus mais preza. Vidas têm sido lançadas em folhas de contabilidade, representando receita ou despesa. Ou fazendo parte de balanços estatísticos de crescimento, rotatividade ou diminuição de membros de uma Comunidade.

De fato, Batalha espiritual pode não ter nada a ver com cidades e Nações, num primeiro momento. Nada a ver com sair sapateando, gritando, marchando e fazendo Atos Proféticos, ungindo Apóstolos e Profetas, fazendo adoração de “guerra”, apoiando candidatos políticos. Batalha espiritual pode significar restauração de vidas... de famílias e lares... e de Igrejas. A conquista de cidades vem como consequência disso. Temos sonhado em sair Mundo afora, conquistando e conquistando. Conquistando o quê? O que temos *realmente* conquistado? Será que o que vemos hoje em dia, esse *frenesi* com Batalha Espiritual... será isso expressão mesmo da Vontade genuína de Deus? Dessa forma tão maciça, por vezes como se nada mais existisse? Pense bem... como fazer isso – conquistar cidades e Nações, enfrentar os Poderes Demoníacos – com nossas vidas cheias de legalidades não saradas, pecados escondidos, brechas abertas... famílias “de fachada”,

desestruturadas, com casais adulterando... e uma Igreja fraca, dividida e doente?

O problema do Corpo de Cristo – a Igreja – é hoje bem mais profundo do que a aparência mostra. O Rebanho *está* muito ferido, esse é nosso primeiro fato. De cada cem *e-mails* que recebemos hoje, setenta deles se referem a problemas e mais problemas. De todos os tipos, mas particularmente pessoais e familiares, abrangendo cunho espiritual e emocional. Mas... esse medidor da Igreja só existe porque está sendo feito a “portas fechadas”. Pela Rede da Internet. Abertamente... *quem* fala sobre isso? Geralmente os sorrisos e os “améns” e “aleluias” são as fachadas que encobrem as feridas; seja por orgulho próprio ou vergonha, por medo das acusações e dos julgamentos que sempre existiram em nosso meio, a verdade é que essas chagas profundas estão sendo ocultadas. Só vêm à tona nessa circunstância: pela Internet. Isto é, quando as pessoas sabem que estão “invisíveis”. Tantas e tantas estão desesperadas e não sabem a quem recorrer. Pouquíssimas delas pensam em procurar o próprio Pastor ou alguém de sua Comunidade, sua própria Igreja. Ou então, dizem já o ter feito, mas não receberam a ajuda de que precisavam.

A Igreja está ferida mas os problemas estão escondidos embaixo do tapete. Como eles podem ser curados assim? Não se prega sobre isso, não se fala das feridas do Corpo de Cristo. É que discorrer a respeito vai trazer uma responsabilidade sobre os Líderes da Igreja, responsabilidade que talvez alguns não estejam dispostos a assumir.

Quantos Pastores verdadeiros você conhece? Pastores que tem cheiro de ovelha! Que lutam pelo rebanho, como fazia Davi, que enfrentava até mesmo o leão para salvar suas ovelhas!?! Já dissemos que a Igreja está deixando de enxergar a ovelha como um ser humano. A ovelha tornou-se tão somente um número; um número no “rol de membros”. O “número de membros” é o medidor do “sucesso” de uma determinada Comunidade. Assim temos vivido nestes dias. E aqueles que deveriam estar sendo cuidados dentro da Igreja, deveriam crescer, aprender, encontrar renovo, apoio... ficam à deriva. O Senhor instituiu a Igreja para ser um lugar de encontro com Ele, de refúgio, de cura, de vida em abundância, de transformação. De Restauração. Mas, em linhas gerais – claro que muitas dezenas se salvam desse diagnóstico triste – as Igrejas estão longe de ser assim. Então, como consequência de estar fora de foco, as Ovelhas estão doentes. E estão doentes porque os Líderes, na maioria, *também* estão doentes, olhando para o lado errado da história,

agindo na carne, e escondendo suas mazelas pessoais e familiares. Pessoas sem Unção estão desempenhando papéis errados muitas e muitas e muitas vezes. O Rebanho está ferido e os Líderes também. A Igreja doente é somente o reflexo daquilo que acontece nos corações e nas vidas. Se o Corpo de Cristo está tão ferido e doente, é porque as vidas estão feridas e doentes. E não encontram quem cuide delas, e as sare.

Perceba que no meio disso tudo, nessa coisa de querer “fazer parecer que tudo está bem”, os Cristãos estão perdendo seus referenciais. As feridas são tantas e doem tanto que já não sabemos bem o que esperar de *Deus*. “Será mesmo tudo verdade, tudo em que temos *crido*”, podem pensar muitos, enterrados com a cabeça no travesseiro, num devaneio “impróprio”: seria conflituoso demais pensar demais nisso! Mas a verdade mesmo é que a disparidade entre o que se prega e o que se vive gera um conflito interno, conflito que ninguém nunca menciona, mas ele existe. Portanto, antes de mais nada, vamos chegar a essa conclusão de uma vez por todas: a questão é que não O conhecemos de fato, não conhecemos *Deus*! E não usufruímos da vida que Ele tem para dar porque alguma coisa está muito errada, em algum lugar! Não temos conquistado quase nada, não temos vivido quase nada de empolgante na nossa vida Cristã. Nada – ou quase nada – há para contar sobre o *verdadeiro e imensurável* Poder do Altíssimo! Por que Ele *não* se manifesta?? O sobrenatural de Deus é quase imperceptível hoje em dia, não vemos manifestações Poderosas Dele.

Muitos – se não quase todos – *sabem* bem que a vida na Igreja tem se tornado, em alguns casos, por demais tediosa e sem graça, por isso fazemos muitas reuniões depois dos Cultos, para simplesmente papaguear e pôr “a semana em dia”... ou inventamos alguma missão cheia de aventuras, exatamente como as da Bíblia... vide: Batalha Espiritual. Isso tudo porque não sabemos como conquistar aquilo que mais ansiamos: o que a Palavra promete! A característica única do Livro Sagrado, sua miraculosidade. E por que não conquistamos, por que não engrenamos na vida espiritual, por que Deus não se manifesta, por que tudo parece tão *parado*? Onde está a vida em abundância que Jesus prometeu que teríamos?

Sem resposta a crise continua; com resposta pode haver primeiro uma crise maior, mas depois... por certo haverá de vir à solução! Então, eis o que temos visto: não podemos conquistar as Verdades Bíblicas para nossas vidas porque temos invertido a ordem geral de tudo. Satanás tem plantado um vírus no Corpo de Cristo, para enfraquecê-lo e deixá-lo incapaz para combater o

bom combate. Sutilmente, vamos colocando coisas das mais diversas como *prioridade sobre as vidas*. Sempre que aquilo que é de fato importante vai para segundo plano, nós nos afastamos da Vontade Perfeita do Pai. Você crê nisso, não? “Disse-lhes Jesus: A Minha comida consiste em fazer a Vontade Daquele que Me enviou e realizar a Sua Obra. Não dizeis vós que ainda há quatro meses até a ceifa? Eu vos digo, porém: Erguei os olhos e vede os campos, pois já branqueiam para a ceifa”. Jesus se alegrava na Vontade de Deus a tal ponto de dizer que dela se *alimentava*, dela extraía força para viver! E faz referência à urgência da sua preocupação com as vidas: os campos estavam preparados e cheios de vidas para serem colhidas! Vidas!

Portanto, não dar a atenção merecida ao que há de mais precioso aos Olhos de Deus, as vidas, é exatamente isso: *não fazer* a Vontade do Pai. Não fazer a Vontade Daquele que *gostaria* de poder nos enviar ou nos colocar – cada um – no devido posto. Não vamos nem sequer citar as vidas de fora da Igreja, vamos nos ater apenas ao Corpo de Cristo, observamos que as Ovelhas estão em segundo plano. A bem da verdade, estão em enésimo plano! Quando não se tem mais nada para fazer... “vamos socorrer uma vida”. Cuidar é *cuidar* de verdade! Não se trata de mero protocolo, mera pró-forma. CUIDADO = desvelo, diligência, atenção; bem trabalhado, bem-feito; tomar conta de; zelar pelo bem-estar ou pela saúde de Igrejas por vezes começam muito bem; centradas no Alvo e em Deus. Daí prosperam. Quando prosperam acabam por esquecer-se de Quem as fez prosperar e principalmente de que ainda *estão numa Igreja*. Os Líderes passam a dirigi-la como uma Empresa: quanto entrou de dinheiro, quanto saiu, o que fazer para atrair mais membros, e como ganhar mais para crescer ainda mais. Crescer? Crescer para quê, nesse caso? Muitos Pastores aparecem uma vez por semana na Igreja, para pregar; e só. Suas Ovelhas não conseguem aconselhamento ou ajuda de qualquer espécie. Não conseguem nem sequer falar com os Líderes pois eles estão “ocupados demais” com os “assuntos da Igreja”. Quando conseguem, percebem que esses Líderes não querem realmente saber delas. E se o assunto for “problema”, especialmente, eles apenas oram e fazem promessas que não pretendem cumprir. O “Mal das Ovelhas Abandonadas” só tem crescido. Ovelhas só não são abandonadas se tiverem muito dinheiro. Falemos a verdade! Não estamos tratando com crianças na Fé, assim esperamos, mas com Cristãos maduros que almejam acertar. Sabemos da nossa realidade. Evidentemente este traço não reflete o todo, mas parte, e temos que nos centrar na parte podre, na parte ferida da

Igreja, para assim poder trazer luz onde há trevas, com o propósito de restaurar as feridas.

Poucos Líderes anelam ter por missão envolver-se demais com o Rebanho, de forma pessoal, para cuidar dele, para acompanhá-lo de perto. Não. Há problemas difíceis demais que vão requerer acompanhamento muito próximo ou prolongado. Há doentes. Há famílias desmoronando. Há dúvidas e mais dúvidas sobre a Bíblia. Há histórias e mais histórias para serem ouvidas com ouvidos abertos e corações enternecidos. Não! É trabalho pesado demais! De fato. O Apóstolo Paulo que o diga. Isso é o que temos visto e ouvido. Assim está a parte ferida do Corpo de Cristo. Desvirtuadas. Enlouquecidas. Correndo atrás do vento. Perdendo tempo. Desviadas do Alvo, do Centro da Vontade de Senhor. Não mais se estribam em Sua Palavra mas em vaidades humanas.

A insistência na inversão de valores tem gerado um Corpo fraco, pois as vidas que o compõem estão igualmente fracas; e frágeis, desorientadas, mal cuidadas, dispersas. Por isso o Corpo está desconectado entre si e desconectado de Deus. Um Corpo doente. Vagando pelo Deserto. Achando que o Deserto é tudo que há. Muitas vidas estão *sempre* na Igreja, envolvidas com mil trabalhos, mil Ministérios... mas estão vazias. Pois não há onde buscar alimento sólido (“Minha comida é fazer a Vontade Daquele que me enviou e a Sua Obra”). Estamos sem alimento verdadeiro quando não fazemos a Vontade de Deus. A Igreja desviada do rumo geralmente se perde em Si mesma e nas suas próprias vontades; não tem como oferecer alimento a Si e às Ovelhas, pois a Fonte Eterna vem do Alto. Andando horizontalmente não temos como alcançar a comida que só se conhece e se tem ao pensar e andar verticalmente. Afinal... o maná caía do Céu, não é??

Simplemente estamos minguando espiritualmente, mesmo sem perceber. Estamos nos enganando. Insistindo na história do “tudo está bem”. Mas no profundo do coração, irmãos... sabemos que não está. É tempo de deixar de nos levarmos somente pelo bom convívio social na Igreja... é tempo de nos preocuparmos com os que terminam por apenas desistir, decepcionados com o Evangelho e com os Crentes. Fim. Esta é uma realidade a ser encarada de frente e com consciência. Vamos nos contentar com o Deserto? Deixou de haver Terra que emana leite e mel para a maioria de nós. É terrível pensar nisso! Caminhamos... mas caminhamos *para onde?* Caminhamos *para o quê?* Quem está desejoso de voltar à Vereda Principal? Se não for para caminhar por ela... para que caminhar? É pura perdição e ruína.

“Guia-nos pela vereda dos Teus Mandamentos, e os seguirei até o fim”. Quem está apto e disposto a dizer isso para o Pai: “Te seguirei, andarei pelos teus Caminhos *até o fim!*”. Quem pode responder isso? Do jeito que estamos... a quem servimos? Será que temos de fato servido a Deus??? Há que se questionar isso quando vemos tão pouco de Deus em nosso meio! Ou você crê que o Deus de Moisés, de Elias, de Daniel, de João, de Paulo...é o Mesmo que temos encontrado hoje em nossas Igrejas? Se Nele não há sombra de mudança, e vivemos agora o Final dos Tempos, época em que faz-se tão necessária a intervenção e manifestação Divinas... é de se esperar muito mais. Mas acontece que Ele não está podendo agir. Oh, terrível e apavorante palavrinha: livre-arbítrio! Que poder que *você* tem! Quando escolhemos alguma coisa, certa ou errada, Deus não intervém no nosso livre-arbítrio. Ele avisa; mas não impede o livre-arbítrio. Assim temos nós, por causa do livre-arbítrio mal usado, que tem feito as mais grosseiras alterações nas prioridades e na ordem das coisas, impedido o Senhor de agir em nosso meio e em nós. A insistência no erro tem amarrado o Senhor Onipotente, manietado Suas Mãos...! Em lugar Dele, vemos, sim, muitas manifestações da alma humana, frutos da mente, da vontade própria, tantos enganos... fogo estranho! Abominável ao Senhor. Coisas que tentam mimetizar o espiritual, mas são podres... desvanecem no ar, não mudam ninguém, não têm poder de restauração.

Novamente a nossa palavra-chave aparecendo por aí: Restauração. Por trás dela... Batalha Espiritual. Mas... como vamos fazer alguma coisa nesse sentido do jeito que a Igreja está hoje? Veja... para admitir que algo está errado é preciso coragem! Em primeiro lugar temos que ter essa coragem, a coragem de assumir que estamos trilhando um caminho torto. E para isso é preciso coragem... e humildade. Haverá em nosso meio os que darão os primeiros passos nesse sentido? Haverá quem opte por Deus, e não pelos sofismas que têm se arraigado tão fortemente dentro do Corpo? Se continuarmos a usar mal assim o nosso livre-arbítrio, não seremos muito diferentes daqueles mercadores que Jesus expulsou do Templo, num acesso de fúria. Pois como eles temos transformado o Evangelho num Evangelho Comercial, do tipo “toma lá, dá cá”: “Venha para Deus e sua vida será maravilhosa! Dê o dízimo e os Pastores irão orar por você”. Quantas vezes não se escutam Pregações com esse tipo de enfoque?

Também não seremos sequer muito diferentes dos fariseus, escribas, ou sacerdotes...: “Eu sou detentor da verdade, saiam da minha frente pois eu

digo e faço o que quero”. Quantos não agem assim? Julgam-se homens santos, especiais, cheios de revelações sigilosas para o “clã” dos VIP’s, e “gostam de andar com vestes talares e das saudações nas praças, e das primeiras cadeiras nas Sinagogas, e dos primeiros lugares nos banquetes (...)”, mas dizem às vidas “Assenta-te aqui, por estrado dos meus pés”... ou “Passa amanhã”. Os de antes já receberam sua paga, e os de agora são tachados de “sepulcros caiados, raça de víboras e hipócritas” pelo Filho de Deus, da mesma forma de antes. Aqueles caminhavam tão fora dos Preceitos Divinos que crucificaram o Messias que tanto esperavam! *A que ponto* nós teremos que chegar para começar a dar passos na direção correta?!

A Igreja está doente, as feridas estão escondidas, a maioria tem se deixado levar e *perpetuado* o erro; e com isso impedimos que o processo de Restauração chegue até nós. Temos perdido as nossas principais Batalhas. As principais Batalhas são aquelas em que terminamos com muitos despojos de Guerra, isto é, muitas Bênçãos!!! Vamos enfatizar a Bênção “Restauração da Igreja” como uma das maiores Bênçãos que temos de procurar agora. Caso contrário, continuaremos afundando num lamaçal cada vez maior de podridão, corrupção, divisões, maledicências, sofismas e morte.

Para isso temos que mudar de rumo. Depois de ter tido a coragem e a humildade de aceitar o erro, temos que efetivamente alterar o curso do Navio. Não podemos mais navegar em meio às Trevas, mas navegar iluminados pela Luz Divina.

Vamos então nos lembrar: o Corpo está doente, e está doente porque as vidas, que são as células deste corpo, estão doentes, feridas e sem auxílio. Logo, para ajustar a bússola do Barco temos, em primeira instância, que nos ocupar da tarefa que o Pai mais deseja ver cumprida: amor e cuidado com as *vidas*. Para isso a Igreja está aqui. Para fazer diferença nas vidas. Isso vem em primeiro lugar. Depois nos preocupamos com os Demônios, com as Guerras, com os “ti-ti-tis” e com as contas da Comunidade. Primeiro amamos o Senhor, e O amamos sobremaneira, a tal ponto que amamos também as vidas pelas quais Ele se entregou. Deixar as vidas de lado tem sido a maldição da Igreja.

A Restauração da Igreja começa em primeiro lugar nas vidas, nos indivíduos, nos corações. Nada é mais importante do que isso, e nada pode ser feito antes disso. Essa é a primeira e mais acirrada Batalha Espiritual dos nossos dias! O primeiro dos campos de Batalha está situado em nossos corações. Que abrigam, muitas vezes, matéria prima para o diabo agir.

Você consegue imaginar um Pastor de Ovelhas que não cheire a Ovelhas? Davi, por uma ovelha mataria um leão, um urso. Hoje... se uma Ovelha sair da Igreja, apenas dão baixa na contabilidade. A primeira tarefa é por parte dos Líderes, que vão ter que começar a “cheirar a Ovelhas”. Aqueles cujo Chamado é realmente Pastoral, é claro. E quem não for Pastor, então que não use o título, pois nisso acumula condenação sobre si mesmo. Muito cuidado com títulos. É tempo dos Ministérios se envolverem com as pessoas de forma especial, de forma particular. Sem condenações ou julgamentos, mas com o Amor de Deus.

Deus não vê as pessoas – as Ovelhas – como um número, um membro a mais, um dízimo a mais, uma forma de custear as contas da Igreja e dar prestígio ao Pastor se o seu número é elevado. Jesus *deu a vida* pelas Ovelhas, e sua tristeza foi grande quando falou das “Ovelhas sem Pastor”. Perdidas, assustadas, desorientadas, sem ninguém que lhes indique o Caminho, que as ajude em suas dificuldades porque não sabem como andar direito ainda. Líderes devem oferecer cuidado às Ovelhas por amor *ao Pai*; sem essa intenção no coração será muito difícil levar a cabo esta tarefa. Depreende-se muito facilmente, agora, que as maiores Batalhas não são as que tentamos travar fora do nosso Meio. É justamente o contrário! As maiores Batalhas são as de dentro do coração, dentro das famílias, dentro das Igrejas.

É tempo de pedir a Deus que venha “sara a nossa terra”, e isso quer dizer sara vidas e lares; essa Cura se refletirá numa Igreja sadia onde o Espírito Santo pode agir. O resto... obras mortas! Nesse tempo – *agora* – conquistas que vão além do âmbito “ser humano-família-Igreja” estão fora de cogitação. Cada coisa há seu tempo. Tudo tem o seu Tempo! Não é como dizemos, recitando a Palavra? “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do Céu”? O resto – *fora* da Igreja – vai acontecer mais tarde, como consequência natural deste processo de restauração. Temos que entender, hoje com maior urgência do que nunca, pois nossas vidas na Eternidade podem estar em jogo. Batalha Espiritual pode se resumir, por vezes, em duas únicas palavras, Restauração e Cura! Restauração – por meio de Batalhas Espirituais em nosso Meio – pressupõe um resultado palpável, pelo menos é o que esperamos: Cura! Cura espiritual, mental, emocional, física.

RESTAURAR = restabelecer, recuperar, consertar, reparar.

CURAR = ação ou efeito de curar, restabelecimento da saúde, curar a doença aplicando remédios.

A título somente de nomenclatura, para facilitar o entendimento, vamos assumir que o processo de “Restauração” dentro das Igrejas se delimita ao ato de arrepender-se e começar a agir de outra maneira, isto é, reparar o erro principal de largar as Ovelhas perdidas por aí, pois nisso há um efeito bola de neve, crescente: quanto mais Ovelhas feridas, mais ferida será a Igreja resultante delas. Já o *efeito* dessa onda restauradora será a “Cura”, em todas as suas esferas, o restabelecimento da saúde espiritual, emocional, mental e física também.

Não dissemos antes que a Igreja está ferida e doente? Então é sinal de que ela está repleta de males em todas essas áreas. Lembre-se dos fatos: o Rebanho está ferido, mas esses ferimentos estão escondidos na maior parte das vezes. O Rebanho está ferido... e Deus não manda soldados feridos à Guerra. Portanto, aprender sobre Restauração e Cura é fundamental nesse momento. Em se tratando de Cura, às vezes o tema pode ser bastante controverso. Especialmente se tratar de Cura física. Portanto, saber o que Deus realmente diz sobre isso, e o que Ele realmente faz... é a tônica deste livro, também. Mas para entender melhor o assunto e com isso sermos abençoados por Deus, precisamos seguir certas diretrizes que vamos expor aqui. Certamente não é o primeiro estudo nesse sentido e nem será o último. Contudo, cremos que o nosso relato tem algo de especial e de inovador.

Não pelo nosso mérito, mas por uma direção específica que o Espírito Santo nos conduziu a enfocar. Somos tão somente instrumentos nas Mãos do Pai.

Para falar em Cura dessa vez, vamos abandonar nossos conceitos pré-formatados e abrir nossas mentes para uma abordagem diferente em alguns aspectos. Primeiro: antes de falar em saúde, vamos falar um pouco sobre doença. Segundo: dentre estas, vamos enfocar em plano principal aquelas que são as mais negligenciadas não somente pela Sociedade, mas também pela Igreja. As doenças do Cérebro.

Por que falar em Doenças do Cérebro? Porque elas podem ter forte associação com o tema Batalha Espiritual e porque são pouco conhecidas. Ninguém precisa de grandes explicações sobre diabetes, hipertensão, câncer, males da coluna, enxaquecas e tantas outras doenças que assolam o ser humano. Nem mesmo é preciso fazer um curso para “acreditar” que essas doenças existem. Em relação aos males cerebrais, entretanto, isso já é um

pouco diferente. Não são vistos da mesma maneira que as outras doenças; ainda estão envoltos em mistérios, ignorância e preconceito. Geralmente essas doenças são negadas e tendem a cair num pseudoesquecimento quando apresentam-se de forma sutil; muito embora isso não seja possível de fato. E quando o caso é grave, a tendência é de esconder o paciente do Mundo. Pois o Mundo fica horrorizado com a Doença Cerebral, não consegue compreendê-la. E o que não compreendemos, tendemos a sublimar de algum modo. Mas é preciso entender que o cérebro, da mesma forma que o restante do corpo, pode adoecer. Não há nenhum sistema no Organismo, célula alguma que faça parte dos nossos tecidos, que esteja imune à doença. Isto posto, é verdade que mesmo das mais simples às mais terríveis, *doenças outras* em geral são bem identificadas, seu diagnóstico é aceito como real, e ponto final. Mas não é assim quando um dos mais nobres órgãos do Corpo Humano está envolvido: o Cérebro. No decorrer do livro você entenderá melhor nossa abordagem, e também o porquê de tratarmos o assunto “Cura” partindo de doenças, e, particularmente, de doenças cerebrais.

Para a Igreja em especial, conhecer os males cerebrais tem muita importância, a nosso ver. Estamos falando de Cura. Cura em todos os âmbitos, inclusive física. Como pedir a Cura sem conhecer a condição da doença? Para perceber doenças do Cérebro precisamos saber que elas existem, e também como se manifestam, desde suas formas mais leves e inaparentes até os quadros mais impactantes. *Conhecimento* sobre essas doenças fará com que o caminhar da Igreja se torne menos tortuoso nesse sentido. Pois muitas vezes – se não a maioria – temos nos equivocado e tratado pessoas doentes mentalmente como endemoniadas. Então, no meio de uma parafernália de guerras e cruzadas de oração... não entendemos por que não há melhora significativa. Claro que oração e solidariedade é bom, fundamental em qualquer situação de doença. Mas quando a pessoa em questão precisa de *remédios e de acompanhamento Médico* num primeiro momento, é ultrajante negar isso e achar que basta um Pastor e orações. Pastores não podem resolver tudo quando se trata de doença. Entender isso faz parte do processo de Restauração e Cura do Corpo!

Quando temos um braço fraturado não vamos à Igreja em busca de orações, mas buscamos um ortopedista.

Os Pastores têm que cumprir seu papel, e deixar um paciente aos cuidados Médicos às vezes será o seu papel. Pode ser que ir ao Médico, tomar

medicação específica, e *depois* pedir ajuda à Igreja seja o caminho certo a seguir em alguns casos.

Muitos erros têm sido cometidos quando se trata de doença, seja ela qual for. Erros gravíssimos, nos quais pessoas realmente doentes são estimuladas a abandonar tratamentos, ou, ainda pior, sequer começar. A Ciência e a Medicina estão a serviço do Homem! É preciso de vez em quando fazer uso delas, e isso não está errado, não é pouco espiritual, não demonstra falta de Fé e nem significa que o Senhor não irá atuar sobrenaturalmente. É justamente para enfatizar o Poder de Deus, que pode nos livrar de agir de forma incorreta, que o conhecimento faz-se necessário. Quando há conhecimento, o Senhor lhe acrescenta sabedoria do Alto, e podemos saber como agir. Doença é um terreno delicado. Temos que deixar de cometer erros crassos que envolvem a área Médica. Eles são cometidos com frequência pela Igreja, e podem inclusive ser considerados criminosos se o paciente vier a óbito. Nessas horas não adianta dizer que “foi a Vontade de Deus”. É preciso pôr as mãos na cabeça e pensarmos se houve algum erro em algum momento. Não podemos pretender agir como Médicos, dar diagnósticos ou invalidá-los. Só o Médico pode fazer isso.

Falar de doença é importante para trazer alerta sobre nossa forma de agir. Temos agido com irresponsabilidade, e certamente isso não é do agrado do Senhor. Lidar com vidas humanas é muito sério, pois ela é frágil, ainda que possamos pensar o contrário. E o poder de persuasão que a Igreja tem também não pode ser subestimado. Ela pode usá-lo para o Bem ou para o Mal, para trazer Bênção ou causar Maldição. E as atitudes mais simples podem ser as mais fortes. Um Líder pode dizer: “Não sei como lidar com isso”, e buscar ajuda com outros Líderes – quem sabe aqueles já envolvidos na área de Cura (os verdadeiros, evidentemente!) – ao invés de tentar resolver a situação duvidosa por si mesmo. Pura soberba. E pode terminar mal. E em especial os males cerebrais, temos uma questão a mais. Além de conhecer, compreender etc... chegou a hora da Igreja saber enxergar a diferença entre fenômenos espirituais verídicos e doenças cerebrais. O quadro de endemoniamento, ou mesmo perturbações mais leves consideradas como “opressão” podem *não o ser de fato*. E, ao invés disso, ser sinal de doença. Não percebê-la poderia ser muito grave. Intervir da maneira errada também. Muitos não sabem disso, mas é comum escutar discurso Evangélico – e particularmente citação de Demônios e Guerra Espiritual – em pacientes internados em Hospitais Psiquiátricos. Por quê? Talvez porque em algum

momento estas pessoas, que precisavam de auxílio Médico, foram submetidas a uma lavagem cerebral envolvendo Batalha Espiritual, muito provavelmente.

Enfim, partindo do estudo das Doenças Cerebrais ampliaremos nossa visão para falar de Doenças em geral, e falaremos sobre Cura em geral. Pois o Deus que cura o cérebro também pode curar o fígado, os rins, o sangue, os ossos, o coração; ou mesmo lembranças dolorosas, trazendo Cura Emocional... porque “Ele ainda é o mesmo Deus de ontem, de hoje e para sempre será”.

Vamos encerrar nossa Introdução por aqui e deixar que o livro fale por si mesmo. Certamente algum conhecimento novo você vai adquirir. Dentre todos os assuntos abordados em nossos livros, não falamos ainda enfaticamente sobre a Restauração e a Cura da Igreja. Abordamos o problema como um Todo, mas não falamos complexamente da resolução dos mesmos. Agora chegou o Tempo! Contudo, neste pequeno livro não temos a pretensão de elucidar ou esgotar tudo a respeito do tema. Contamos com a Graça do Pai para atingir nosso objetivo que, em última análise, é descobrir, aprender, ensinar, revelar! Com isso, teremos nossos olhos abertos para mais uma faceta das Realidades Espirituais. Para chegar a isso desejamos pedir-lhe que percorra o Caminho dos Fatos apresentados, mas também que se permita passar por eles e por estas palavras como “folhas em branco”. Isto é, abertos a uma nova visão, a uma nova Fé, a uma nova maneira de pensar e de viver... se descobrirem aqui que isso é reflexo da Vontade do Pai!

PARTE I

O início da restauração e da cura

ASPECTOESPIRITUAL

J á percebemos que nossa Igreja está doente, cheia de feridas, fraca, instável. Isso é fruto de afastamento da Vontade de Deus. Em outras palavras, é consequência de *pecado*. Temos feito muita coisa que Ele não mandou, e temos deixado de fazer várias que Ele espera que façamos. A Restauração Espiritual é o passo primordial na nossa caminhada de volta ao Centro da Vontade do Pai. Sem ela, não podemos ir adiante em mais nada. Guarde isso muito bem!

É justamente por estarmos negligenciando essa etapa de primordial valor que a maioria das nossas Guerras têm sido entregues nas mãos do Inimigo. A Igreja tem travado Batalhas sem o devido preparo. Sem Restauração e Cura. Doente. Fraca. Por isso o Inferno *tem* levado, em algumas batalhas, vantagem sobre nós. É fato. Fato dos mais contundentes e lamentáveis, mas sem a coragem e a humildade de enxergá-lo não poderemos sair do lugar. Simplesmente NÃO DÁ para seguir adiante!

Para aqueles que acham que estamos aqui a dizer uma heresia, avalie conosco, com cuidado:

É possível cometer pecado e viver uma vida plena com Deus?

Será que um “pecadinho” ou outro tem tanto poder assim? A tal ponto de estarmos nos afastando cada vez mais de Deus, e levando muitas surras de Demônios?! “Será?”, podem estar refletindo alguns, “Será *possível* que a situação da Igreja está mesmo tão deplorável assim?”. Alguns se sentirão

muito ofendidos. Outros, assustados. Outros, incrédulos a respeito. E outros nem darão bola, considerando tudo isso uma heresia sem fim. Haverá todo tipo de reação a esse fato. A verdade é que quando dizemos *apenas* que estamos afastados do Centro da Vontade de Deus, os Cristãos ainda podem aceitar e tomar essa afirmação como certa. Podem até concordar conosco, pois conhecem os Bastidores podres da Igreja e sabem que ela não pode ainda ser chamada de “Noiva do Cordeiro”. Mas quando dizemos que temos tomado coças e mais coças da Irmandade, que estamos infinitamente aquém deles e da sua incrível organização e compromisso com sua causa... isso já é diferente. A maioria não gosta de aceitar essa premissa como verdadeira, acham inaceitável que o Diabo possa ter qualquer vantagem sobre a Igreja! E recitam, ofendidíssimos, os versículos-chave: “As Portas do Inferno não prevalecerão contra a Igreja”, e que “Podemos pisar a cabeça de serpentes e escorpiões”, “Nada nos fará dano”, “Praga alguma chegará à nossa tenda”, “O Maligno não nos toca”, “Mil caem de um lado, dez mil do outro, mas nós não seremos atingidos... etc... etc...”

Ninguém gosta de ouvir que está perdendo, que está errado. E muito menos que o Diabo está cumprindo o seu cronograma, *sim*; mas nós estamos correndo atrás do vento com nossas Batalhas Espirituais, pois delas quase não resta despojo algum. Sinal que são fracassadas! Vamos olhar pra isso de frente de uma vez!! Quantas cidades estão realmente conquistadas para Jesus em nosso País? Onde está a “Nação Restaurada”? Onde estão os grandes focos de avivamento dentro das Igrejas, que seriam capazes de trazer milhares para Cristo? Pedro, quando cheio do Espírito, falou uma só vez e 3000 se converteram! Onde estão esses Pregadores? Aliás, onde estão aqueles que manifestam os Dons do Espírito, de forma real e inequívoca, em nosso Meio?

Nós não atraímos pessoas, antes *escandalizamos* pessoas com nossas atitudes, não nos organizamos entre nós mesmos, estamos divididos contra nós mesmos, não manifestamos amor, acreditamos em falsas doutrinas, damos as costas para Deus... e queremos restaurar... *a Nação!?!?! É no mínimo algo insano, olhado de qualquer perspectiva. Isso para dizer o mínimo mesmo. Pensar que a nossa Igreja tem potencial para avançar com Poder avassalador e conquistar uma Nação como essa... teríamos que ter um Exército muito unido entre si, e muito dependente. Vamos esquecer disso, por hora. Não é o Tempo e nem o Modo de agir agora. Temos que voltar nossos olhos para dentro da Igreja.*

Então, voltamos à premissa básica: se a Igreja está morna, fraca, vazia e cheia de manifestações da alma e do pensamento humano ao invés do Poder verdadeiro de Deus, e isso é por causa do pecado... logo... talvez esse pecado não seja apenas uma coisinha aqui, outra acolá. Usamos da desculpa “Ainda somos humanos!”. Por certo que sim. Mas não há desculpa para o pecado. Muitos pensam que há, já que a perfeição espiritual nós não vamos atingir nessa vida. No entanto, para o Senhor a *disposição de coração* conta muito. Uma coisa é não ter “chegado lá”, mas ainda assim estar tentando muito, insistindo em acertar. Outra bem diferente é achar que Deus não tem Olhos, Ouvidos, ou Coração.

Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça. Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da Lei, e sim da Graça. E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da Lei, e sim da Graça? De modo nenhum! Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte, ou da obediência para a Justiça? (Rm. 6:11-16).

A última parte do texto é especialmente importante, pois nos leva a refletir: *todos nós* somos servos de algo, ou de alguém. Somos servos na medida em que obedecemos a algo ou alguém. Os Cristãos têm obedecido demais à carne. Paulo insiste que não mais precisamos ser escravos do pecado por causa de Cristo. Entretanto essa é uma Verdade para quem se sujeita a Cristo. Para aquele que entregou-se a Deus como ressuscitado dentre os mortos, entregou os próprios membros do corpo para Ele. Entenda que não se trata de uma *entregazinha* qualquer, mas uma entrega plena. Quando alguém “ressuscita”, está totalmente novo! Nessas condições, não pecar é possível, embora a luta contra a carne seja a maior luta que qualquer Cristão possa travar. Não é contra o Inimigo que chegaremos ao sangue na nossa resistência... mas sim contra nós mesmos. Paulo também admoesta dizendo que podemos ter o pecado como senhor das nossas vidas. E ele não está se referindo a não Cristãos. Os Cristãos podem ter uma vida medíocre e

cheia de pecados. Se o pecado é senhor... morremos. Se em obediência andamos, servindo a Deus de corpo e alma, deixando-O ser o Senhor das nossas vidas... vivemos! *A novidade de vida* está diretamente ligada a deixarmos o pecado de lado.

Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede antes, servos uns dos outros, pelo amor. Porque toda a Lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos. Digo, porém, andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne” (Gl. 5:13-16). “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito, do Espírito colherá Vida Eterna (Gl. 6:7-8).

O pecado corrompe e destrói. A carne é maligna. E o texto fala por si. Aquele que vive para se agradar, “semeando para a sua própria carne”, alimentando o pecado e deixando de usar bem o livre-arbítrio, escolhendo deixar o Espírito de lado, e que da boca para fora diz “Senhor, Senhor”... porque isso todos dizem... sabemos que colherá corrupção em vida, e após a morte. Podemos achar que Deus não está se importando tanto, mas Dele “não se zomba”. Guarde isso também, arquivado em seu banco de dados.

Se habita em vós o Espírito Daquele que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do Seu Espírito que em vós habita. Assim, pois, irmãos, somos devedores não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne. Porque se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se pelo vivereis (Rm. 8:11-13).

Imagine esse texto não como Paulo falando aos Romanos, mas como algo endereçado à nossa Igreja, e a nós. Imagine alguém nos falando algo assim: “Vocês podem ser vivificados e não andar pela carne, não andar em pecado... mas se continuarem por esse caminho, certamente vocês morrerão”. Quem fala desta forma assim simples e forte ao mesmo tempo? “Quer levar uma vida Cristã medíocre? Você vai *morrer*. Morrerá em vida, deixando de receber o que Deus teria para você, deixando de perceber o

Mundo Espiritual, deixando de ver a manifestação do sobrenatural de Deus. Deixando de ter o corpo vivificado. Deixando de ser curado. Deixando de ser liberto. E morrerá depois, também, será abraçado pela Morte e pelo Abismo, e não pela Vida Eterna. A escolha é sua”. Por que iríamos optar por algo assim? Por que optar pelo caminho errado? Só mesmo se formos loucos! A Porta estreita é estreita mesmo, e são poucos que acertam com ela. Mas... quem não gostaria de ser um dos que acertam?

Muitos não entendem como verdadeira a indescritível malignidade do pecado, a rota certa para que *tudo* dê errado em *todos* os setores da vida: espiritual, mental, emocional e físico. O caminho mais curto para estar fora da presença de Deus, o caminho mais curto e certo para dar liberdade aos Demônios. Não adianta *nada* querer conquistar cidades... com Ministérios apodrecendo, enfraquecidos e destruídos pelo pecado. O Corpo de Cristo, Igreja, está assim por ser reflexo dos nossos corações, os quais estão contaminados com toda sorte de pecados não confessados. Isso gerou infinitas feridas no Corpo. Não adianta nada lançar o Pastor da Igreja como candidato político para restaurar a Nação; por que surtiria efeito se ele não cuida nem do próprio Rebanho, se sua casa e sua família estão desestruturados? “Aquele que não cuida dos seus, e especialmente dos da própria casa, tem negado a Fé e é pior do que o descrente” (I Tm. 5:8), não é assim? Isso pode ser a nível familiar, mas pode ser a nível Ministerial também. E detalhe: esse texto vem dentro de um contexto que é endereçado a Líderes; Paulo orienta Timóteo sobre os deveres dos Pastores para com as várias classes de pessoas que ele pode ter em seu Rebanho. Então, está bem claro: a principal tarefa do Cristão – e especialmente dos Líderes – é cuidar das pessoas que estão ao seu redor, em sua casa, em sua Igreja. MAS ISSO SÓ SE CONSEGUIE SE O PRÓPRIO PASTOR TIVER UMA VIDA SANTA E DEVOTA. Entende por que não tem adiantado confessar os pecados da Nação e querer oferecer resistência a Satanás? A Igreja está cheia de vidas em ruínas. Está cheia de pecados.

Compreendemos, então, que o pecado tem que ser extirpado para que a verdadeira Restauração possa começar. Este é o primeiro passo a ser dado. Reconhecer e confessar os pecados, deixando-os. Não se esqueça jamais da parte de deixá-los porque senão... ficamos na mesma!

E para identificar o pecado? Será que isso é sempre fácil?

De fato, num primeiro momento talvez muitos de nós não tenhamos verdadeira consciência de vários pecados. Se tivéssemos é possível que a Igreja não estivesse tão perdida. Alguns perguntam... “O que fazer para começar a Restauração?”. Não há atalhos nessa questão. É preciso uma revisão individual de vida. Você com você mesmo, e com Deus. Quem convence do pecado, da Justiça e do Juízo é o Espírito Santo e garantimos que, se essa viagem introspectiva for feita com coração sincero, o Espírito irá apontar as falhas e indicar o Caminho. A Restauração individual permitirá a Restauração da Igreja. Somente pessoas restauradas e uma Igreja restaurada podem herdar as Bênçãos de Deus.

Contudo, preste atenção. Pecados são pecados quando o Senhor assim os classifica. Não está ligado necessariamente a usos e costumes porque, nessa condição, o que é pecado para um, pode não o ser para outro. Portanto, *tenha em mente as principais diretrizes da Bíblia*. Você vai encontrar princípios bastante práticos para o indivíduo – o homem e a mulher –, assim como para a família, e também para o Líder, em nosso livro “Táticas e Guerra”. Se na sua viagem introspectiva com Deus você tomar aqueles textos e examiná-los de forma pura, aberta, e com o espírito em oração... saberá o rumo a tomar. Num primeiro momento não se prenda a firulas, a “diz que diz que”, mas ao que a Bíblia realmente fala. Ela está repleta de textos cujo conteúdo é *inegável*, e que nos leva em direção à santificação pessoal. Sem sombra de dúvida. Se você quer caminhar retamente, leia a Palavra. Leia a Palavra “específica”, isto é, aquela Palavra acerca de como devemos nos comportar, e ser ou não ser como Cristãos. “Táticas de Guerra” poderá ser de grande auxílio nisso. Você se surpreenderá com a quantidade de conselhos práticos sobre tudo! Simplesmente tudo. Sua dificuldade maior, depois, será colocar em prática o que aprendeu, pois saberá como é ser Cristão. Na prática. Faça a sua viagem. Peça a Deus que lhe mostre onde está errando, seja você Líder ou Ovelha. Aos que são Líderes: incentivem suas Ovelhas nessa busca interior, ajude-as a dar os primeiros passos – ou talvez nem tão primeiros assim – em direção a uma *vida ilibada*. Procurem banir o pecado de seu Meio, de sua Igreja. E façam isso primeiro de forma individual. A Restauração e a Cura da Igreja começa com a restauração dos corações, esse é o primeiro passo. Não adianta inverter a ordem das coisas.

Só a título de exemplo, tomemos I Pe. 3. Este trecho cita várias formas de como alcançar uma vida Cristã exemplar; cita coisas bastante práticas, contra as quais não temos justificativa para dizer que “não compreendemos

bem”, ou que aquelas práticas podem ser renegadas ou substituídas. O que poderia substituir o Amor, ou a prática do Bem? Porém... quem pode praticar o Bem? O que vive pecando... ou o que é santo e está no Centro da Vontade de Deus? Observe que Pedro está falando na *prática real* do Bem; não daquilo que *nós* consideramos como “Bem”, mas aquilo que o *Senhor* considera como “Bem”. Somente os que estão restaurados e curados podem efetivamente *discernir* o Bem, e *fazer* o Bem, espiritualmente falando. Então, mais uma vez, guarde esse princípio fundamental: a origem de uma vida pura e que pode ser usada por Deus consiste em abandonar a prática do pecado. Abandonar o pecado e abraçar princípios espirituais verdadeiros nos concede Bênção por Herança.

Pois quem quer amar a vida e ver dias felizes refreie a língua do Mal e evite que seus lábios falem dolosamente; aparte-se do Mal, pratique o que é Bom, busque a paz e empenhe-se por alcançá-la. Porque os Olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os Seus Ouidos estão abertos às suas súplicas, mas o Rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males (I Pe. 3:10-12).

Quer um primeiro princípio prático sobre o pecado? Apenas para dar impulso à sua viagem introspectiva e vazão aos preceitos espirituais? Você leu bem o texto anterior? Ele fala de algo tão difícil de fazer, não é?... Especialmente dentro da Igreja. Nós vivemos de forma errada e aprendemos a fazer exatamente o contrário, que é “não fechar a boca”! Não fechar a boca e falar de maneira leviana, murmurando, fofocando, passando adiante o que não lhe diz respeito, futricando, mexericando, maldizendo, amaldiçoando, reclamando, levantando falsos testemunhos, gritarias, brigas, balbúrdias.....! Ô linguinha! Quer ser feliz? Quer ser abençoado? Dentre tudo o que se poderia lembrar agora, lembremo-nos disso, desse princípio expresso em I Pe. 3:10: “Refreie sua língua do Mal”. Em outras palavras, cuidado com as coisas que a sua boca libera, seja em forma de “bem”, seja claramente de forma maldosa. Devemos nos lembrar que “a boca fala do que o coração está cheio”. Se o seu coração está puro, seus lábios também serão puros. Mas não é o que temos visto e ouvido. É hora da Igreja começar uma Higiene Bucal, já que o falar reflete o que está represado no coração. Nossos corações estão longe do Senhor. Para mexer no coração do homem, é preciso limpá-lo. É preciso confessar pecados. O Diabo encontra solo fértil

no coração impuro. É Tempo de limpeza. O que se semeia... se colhe. O Senhor um dia virá requerer de nós tudo aquilo que plantamos.

“Pratique o que é Bom, aparte-se do Mal” (I Pe. 3:11). O coração impuro causa um estrago tão grande! Onde o pecado impera e o temor do Senhor já não existe, a desgraça é grande. Ez. 22 fala de Jerusalém e de uma multidão de pecados que terminam por levar o Senhor à Ira. Não era aquela a Cidade Santa, escolhida e amada por Deus?

(...) A Casa de Israel se tornou em escória para Mim; todos eles são cobre, estanho, ferro e chumbo no meio do forno; em escória de prata se tornaram (...). Como se ajuntam a prata, e o cobre, e o ferro, e o chumbo, e o estanho no meio do forno, para assoprar fogo sobre eles, a fim de se fundirem, assim vos ajuntarei na Minha Ira e no meu Furor, e ali vos deixarei, e vos fundirei. Congregar-vos-ei e assoprarei sobre vós o fogo do Meu Furor, e sereis fundidos no meio de Jerusalém (...). tu és terra que não está purificada e que não tem chuva no dia da indignação (Ez. 22:18, 20-21, 24).

Alerta! Nossas Igrejas não podem se tornar como escória para Deus, de tanto fazermos o que é errado, e o que Ele não mandou! Queremos experimentar também a Ira e o Furor Divinos??? Observe que não somente o homem comum em Jerusalém pecava, os sacerdotes e profetas também o faziam. O problema era de “A” a “Z”! Uma podridão sem limites. Vejam o que o Profeta fala, trazendo como Palavra do Senhor para o Povo: “Conspiração dos seus profetas há no meio dela; como um leão que ruga, que arrebatou a presa, assim eles devoram as almas; tesouros e coisas preciosas tomam, multiplicam as viúvas no meio dela. Os seus sacerdotes transgridem a Minha Lei e profanam as Minhas coisas Santas; entre o Santo e o Profano não fazem diferença, nem discernem o imundo do limpo, e dos meus sábados escondem os olhos; e, assim, sou Profanado no meio deles. Os seus príncipes no meio dela são como lobos que arrebatam a presa para derramarem o sangue, para destruírem as almas e ganharem lucro desonesto. Os seus profetas lhes encobrem isso com cal por visões falsas, predizendo mentiras e dizendo: Assim diz o Senhor Deus, sem que o Senhor tenha falado. Contra o povo da terra praticam extorsão, andam roubando, fazem violência ao aflito e ao necessitado e ao estrangeiro oprimem sem razão. Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante Mim, a favor desta terra, para que Eu não a destruísse, mas a

ninguém achei. Por isso Eu derramei sobre eles a Minha indignação, com o Fogo do Meu Furor os consumi; fiz cair-lhes sobre a cabeça o castigo do seu procedimento, diz o Senhor Deus” (Ez. 22:25-31).

O problema do pecado era total. “Derramar o Furor”, como Deus diz, pode se traduzir numa gama de coisas. Mas Deus usou muitas e muitas vezes os INIMIGOS de Jerusalém para trazer Juízo sobre ela. Isso quer dizer que nós, igualmente, podemos experimentar o Furor de Deus – a disciplina – estando entregues nas mãos dos Demônios, à mercê do Inferno, caso insistamos no erro. Será mesmo que esse texto não nos remete às nossas próprias *Igrejas*? Tirar – confessar e abandonar – o pecado pode ser comparado a uma cirurgia de extração de tumor. O pecado é o tumor. Para nos livrarmos dele nos preparamos: tomamos consciência, arrependemo-nos, confessamos... isso é o mesmo que limpar a sala cirúrgica, anestésiar o doente, colocar o material esterilizado na mesa.

Mas se depois de todo esse preparo o Médico não tiver licença para entrar na sala e retirar o tumor... de que adiantou todo o resto? Isso quer dizer que não adiantam mesmo os atalhos. Não adianta *falarmos* de santidade, *falarmos* de amor, estudarmos a Bíblia inteira e até mesmo fazermos Atos Proféticos para simbolizar uma nova vida, recitando versículos de entrega e rechaçando o Diabo, profetizando, e tudo o mais... se o problema do pecado não for *realmente* sanado. O Médico dos Médicos tem que poder entrar em sua vida e poder mexer nela! A vida Cristã é prática. O deixar de lado as práticas pecaminosas também.

Falamos de princípios práticos de santificação tomando por base I Pe. 3. Quer agora um exemplo de princípio errado no decurso do processo de santificação? Falaremos mais a respeito no decorrer da leitura, mas já vá pensando a respeito. Trata-se de um outro detalhe importante acerca de nossas Batalhas Espirituais – e pessoais – contra o pecado. Um grande equívoco é ficarmos muitas vezes envolvidos e preocupados, confessando pecados de antepassados, amarrando espíritos familiares. Não adianta nada disso...

Então, retornando ao nosso tema primordial...

Qual será a base bíblica para falar em restauração e cura?

A base da libertação reside no princípio que encontramos em Tg. 5:16. É apenas um dos textos que abordam o tema. “Confessai as vossas culpas uns

aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis. A oração feita por um justo muito pode em seus efeitos”.

Se confessarmos os nossos pecados, Ele é Fiel e Justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a Sua Palavra não está em nós (I Jo. 1:9).

Observe que os dois textos falam em “confessar”, contudo, de formas diferentes. O primeiro claramente explicita o “confessar a alguém”. O segundo já é menos direto e poder-se-ia inferir que bastaria uma confissão íntima, pela primeira parte do versículo. Porém, indo adiante vemos o termo “se (nós) dissermos”, o que nos remete a uma ideia de colocar o assunto em pauta, em discussão. Alguns precisam ser convencidos do seu pecado, já vimos isso lá atrás: por vezes a conscientização do erro está deficiente, não enxergamos. Isso pede a intervenção do Espírito de Deus, para trazer o convencimento. Porém, veja: não somente nós – humanos – sabemos que a “ficha cai” bem mais facilmente quando entra em jogo uma conversa franca, aberta, amistosa. Deus muito mais o sabe. Faz parte do Amor ao próximo essa sustentação em conversas, em orações. “Levai as cargas uns dos outros”: as cargas do irmão podem ser seus pecados; e uma vida destruída por causa deles, o grande impasse de alguém que não compreendeu ainda as bases do Evangelho. Então... será mais fácil para essa pessoa perceber as coisas sozinha, ou conversando com alguém mais maduro, alguém que já passou pelas mesmas encruzilhadas e acertou com o Caminho? Por isso conversar a respeito de pecados – com *respeito* e não com o dedo em riste – pode ser a melhor maneira de alguém enxergar seu próprio pecado. Confessar, e escutar confissões, em amor... orar e receber orações torna-se, assim, uma grande manifestação do sobrenatural de Deus, mesmo que a gente não ache isso! Mas é sim, porque o Amor espiritual é sobrenatural, e quem O pode derramar... alguém especialmente espiritual!

Portanto, guardemos mais uma premissa importante nesse processo de santificação: *depois* da viagem introspectiva, *depois* de ler os textos indicados, *depois* de orar... procure conversar com alguém de maior estatura espiritual que você. Alguém que tenha as características do verdadeiro Líder – e que estão citadas em dezenas de textos escolhidos e separados em “Táticas de Guerra”. Cremos que Deus realmente mostrará e separará a pessoa certa para conversar com cada um. Assim como fez conosco (Leia

“Guerreiros da Luz”). É interesse do Senhor a Restauração e a Cura das pessoas e da Igreja, portanto se seguirmos os passos certos, fazendo a nossa parte com zelo e pureza, Ele não deixará de fazer a parte Dele. Porém, não nos entenda mal! Não estamos aqui falando do ritual adotado pela Igreja Católica, daquela *necessidade* absoluta de confessar ao Padre os pecados para receber uma “absolvição” após alguma forma de penitência. Muitos Católicos não podem “comungar” sem a confissão prévia diante do Padre (“Comunhão” seria basicamente o mesmo ritual que os Evangélicos expressam na “Ceia do Senhor”). Não é nada disso que estamos falando, e nem o que a Bíblia está falando. Ainda que haja muitos que tomam a Ceia de forma leviana, atraindo maldição para si mesmos, a confissão íntima sincera nesses momentos são, geralmente, suficientes. A não ser que haja coisas *muito graves* assolando a vida da pessoa em questão. Algo que deva ser resolvido com urgência, como desavenças “insolúveis” com outros irmãos, ou adultério, ou homossexualismo, por exemplo. Nesse caso, não tome a Ceia e procure primeiro o acerto.

Enfim: algumas falhas você poderá abandonar sozinho, bastando pedir perdão ao Pai e mudando de atitude assim que lhe vier o convencimento do pecado. Mas haverá ocasiões em que dúvidas poderão assolar o coração, ou os pecados podem ser sérios e as consequências dos mesmos muito desastrosas, especialmente se envolverem uma confissão a terceiros. Se o seu pecado é principalmente contra Deus, você mente, ou é corrupto em relação ao dinheiro da Igreja, ou tem sido desleixado na Obra do Senhor, e não envolve diretamente outras pessoas, procure alguém que o ouça e aconselhe. Geralmente os Evangélicos não fazem esse tipo de coisa por se sentirem muito vulneráveis, com medo de serem julgados, de receberem uma pecha eterna a partir daí, com vergonha de seus atos... seja pelo motivo que for, a verdade é que ninguém tem muita coragem de chegar em seu Pastor e confessar pecados. É justamente por isso que a Restauração tem que chegar também na vida destes Líderes, que vão procurar outros Líderes para ajudá-los em suas dificuldades. No começo parecerá que não há ninguém em quem confiar, mas se insistirmos em acertar, teremos um ambiente profícuo e libertador nas nossas Igrejas. Se quem se confessar não for julgado e nem sua história espalhada aos quatro cantos, haverá ganho de confiança. Haverá um ciclo positivo que se inicia!

Fique atento a isso! Aquele que vai ouvir que tenha *muito* temor diante de Deus! “Refreie sua língua do Mal e evite que seus lábios falem

dolosamente”. Já sabemos disso. Mas lembremos também que “(porque) todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo. (...) Assim, também a língua, pequeno órgão, se gaba de grandes coisas. Vede como uma fagulha põe em brasa tão grande selva! Ora, a língua é fogo; é mundo de iniquidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma, em chamas, pelo Inferno. Pois toda sorte de feras, de aves, de répteis e de seres marinhos se doma e tem sido domada pelo gênero humano; a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontido, carregado de veneno mortífero. Com ela bendizemos ao Senhor e Pai; e também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus. De uma só boca procedem bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim. Acaso pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso? (...) Quem entre vós é sábio e inteligente? Mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras. (...) A sabedoria, porém, lá do Alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimentos” (Tg. 3:2, 5-11, 13, 17).

O texto de Tiago tem uma direção clara sobre a incrível dificuldade de fechar a boca, e trata o assunto de modo muito sério. Contudo, é possível, sim, refrearmos nossos lábios do Mal, senão isso invalidaria o outro texto. Tiago apenas expressa que a tarefa é muito árdua e talvez seja impossível completá-la nessa existência. Mas devemos continuar tentando e tentando, pois à medida que amadurecemos, isso vai se tornando mais palpável em nós. E poderemos usar o poder das nossas palavras para o Bem, e não para o Mal. Aqui, todavia, é obrigatório deixarmos o alerta. Alerta em letras garrafais! Se irmãos seguirem os conselhos práticos deste livro e começarem a procurar outros para confessarem seus pecados, para buscarem oração e conselhos... e isso virar mais uma confusão dentro da Igreja por causa da língua incontida dos que ouviram... realmente, que o Senhor tenha piedade de nós.

Retomando: outro fator que salienta a importância de nos “confessarmos uns com os outros” é que, dependendo do nível do envolvimento de alguém com o pecado, faz-se realmente necessária a oração em concordância de pessoas preparadas. A Palavra também aborda o princípio de se caminhar a

dois. “Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se caírem, um levanta o companheiro; ai, porém do que estiver só; porque caindo não haverá quem o levante (...). Se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; o cordão de três dobras não se rebenta com facilidade” (Ec. 4:9-10, 12). Esse texto de Eclesiastes se aplica a muita coisa! Entendemos que inclusive ao contexto da Guerra, da libertação e da Cura. Se o pecado abre legalidade a Demônios e nos afasta de Deus, quando se tenta retornar ao ponto de santificação há resistência natural das Trevas. O que foi território deles, eles não têm intenção de devolver assim, sem mais nem menos. Por isso, às vezes é preciso que “os dois resistam” a elas; dois ou mais.

Outro texto de Tiago traz mais uma abordagem interessante sobre confissão de pecados: “(...) Se alguém se desviar da Verdade, e alguém o converter, sabeí que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados” (Tg. 5:19). Não podemos afirmar, pelo contexto associado a esse versículo, que fala exclusivamente de procedimentos Cristãos – dentre eles, práticas para Restauração e Cura –, que o “pecador” em questão é o descrente, o não convertido, e que estão tratando da Salvação. Pode até servir para citar a situação dos incrédulos que se convertem ao Cristianismo, mas o texto diz apenas que “alguém” pode se “desviar da Verdade”, e pecar. Pode simplesmente ser um Cristão esse “alguém”; o Cristão que se deixou escorregar e caiu no pecado. E sabemos bem como nossas Igrejas têm se desviado da Verdade por causa do pecado.

Então: há importância fundamental no ato de “confessarmos nossas culpas uns aos outros, e orarmos uns pelos outros, para que saremos”. Mas lembremo-nos de que essas orações têm que ser feitas pelos “justos”.

Para encerrar de forma prática este trecho, falemos um pouquinho sobre Família. Orientamos que cada um após sua “viagem introspectiva” e seus aconselhamentos individuais, opte por colocar a família em ordem. Ela deve vir em primeiro lugar, antes de *qualquer* outra coisa. A ordem de prioridades em nosso coração dita muitas das nossas atitudes, e às vezes estamos deixando de observar essa ordem. Sabemos que Deus deve ser o primeiro nas nossas vidas; isso é ponto pacífico. Se Ele não for o SENHOR no sentido literal da Palavra, desista por aí. O “próximo”, o “amor ao próximo” vem logo a seguir, mas não estamos falando de “qualquer” próximo. Primeiro devemos cuidar dos nossos. Da nossa família. Da nossa

casa. Como fazer isso de forma prática? Mas como amar ao próximo como a si mesmo, se muitos não se amam? A restauração individual é fundamental para dar o segundo passo.

Esperamos que cada um tenha se submetido ao passo anterior e tenha sido, ou esteja sendo, tratado de forma individual. Isso vai criar – espera-se – uma predisposição natural de cada participante da família para construir “a casa sobre a rocha”. Esse ensinamento de Jesus (Mt. 7:24-27) pode ser encarado de forma simbólica, mas aqui vamos tomá-la de maneira literal. Quem ouve essa Palavra – esses conselhos – e *não a pratica* é como o homem insensato que constrói a casa sobre a areia. E um dia vem a chuva e transbordam os rios, sopram os ventos e dão com ímpeto contra aquela casa, que desaba, sendo grande a sua ruína. Mas o que ouve essas Palavras e as *pratica* é comparado ao homem prudente que constrói a casa sobre a rocha. E, diante das mesmas intempéries, sua casa permanece firme no lugar porque foi edificada sobre a rocha.

Queremos que as famílias estejam edificadas sobre a rocha! Se você é o sacerdote de um Lar, procure de fato cumprir esse papel. Se você é a auxiliadora de um Lar, procure ser a auxiliadora idônea e virtuosa que o Pai espera que você seja. Também em casa fazemos as coisas em primeiro lugar para agradar a Deus! E Ele colocou cada um com sua função e seu papel. Sua família foi-lhe colocada nas mãos para que vocês dois – o casal – cuide dela. Se você é o marido, primeiro de sua esposa, e depois de seus filhos. Se você é a esposa, primeiro de seu marido e depois de seus filhos. Esse cuidado é um cuidado integral, que começa no âmbito espiritual, passa pelo âmbito emocional e mental, e termina no âmbito físico. “Táticas de Guerra” fala um pouco sobre isso, e dá dicas matrimoniais embasadas na Palavra. Vocês podem relembrar alguns princípios básicos lendo textos que foram selecionados e se encontram naquele livro.

A despeito disso, vamos colocar algumas coisas práticas aqui também. Pois a Igreja precisa com urgência deste tipo de Restauração! Os Lares estão enfraquecidos e muito destruídos, há uma barreira tremenda entre os casais – onde muitos já não acreditam no amor e no casamento feliz – além de enorme quantidade de adultérios e uma profusão de crianças e jovens que vão colher as consequências de toda essa desestrutura, cedo ou tarde. É uma situação bastante séria, um problema vultoso, algo para tecermos alerta em alta voz. Não podemos culpar o Diabo por tudo. Temos nossa participação, usamos o livre-arbítrio, e geralmente o usamos mal. Demônios não podem obrigar a

gente a fazer o que é errado. Lares destruídos podem não ter nada a ver com isso. Mas certamente haverá Batalha Espiritual para Restaurá-lo, pois o Inimigo aproveita das fragilidades que ele sabe que existem, e vai bater exatamente aí. Por isso não pensem que tudo será “liso”, porque não será. Mesmo que eles não tenham causado o estrago, não vão querer o acerto.

Sua casa começa sendo forte na medida em que seu casamento é forte. Para isso: comunicação. A comunicação é o solvente universal! Para construir um bom relacionamento é preciso investir, e nunca desistir. Palavras como “não dá mais, não vale mais a pena” não podem existir no vocabulário de quem deseja vencer nessa área. Agora, há um detalhe importantíssimo. É certo que algumas esposas podem estar orando por seus maridos, para melhorar a vida do casal, como vemos que é quase praxe no Meio Evangélico. Contudo, se você está lendo esse livro e é homem, não espere sua esposa fazer alguma coisa pelo seu lar. Faça você mesmo! Dê o primeiro passo! É muito mais fácil construir um relacionamento forte se os dois estiverem empenhados nisso. E vemos muitos homens indispostos nessa área. Não seja você mais um desses. E você, mulher, não seja como a tola que destrói o Lar com as próprias mãos. Vocês têm que estar unidos para isso.

Por outro lado, algumas pessoas estão presas em relacionamentos que o Senhor não preparou. Por isso, para os solteiros: de todos os erros que você possa cometer, não cometa esse, não se case errado. É dor de cabeça para uma vida inteira. Porém, para os que se casaram e mais tarde perceberam que não era propósito do Senhor, das duas, uma: primeiro esgotem as possibilidades de reconciliação, pois mesmo na Vontade Permissiva de Deus pode haver Bênção, se esta for buscada de forma genuína. Se não houver como consertar esse casal, se tudo foi tentado... e fracassou... ou se não há disposição dos cônjuges... consultem seriamente um Líder e busquem ajuda! O mesmo Deus que ressuscita os mortos pode ressuscitar seu casamento.

De antemão já dizemos que uma grande e esmagadora maioria de casais precisarão de aconselhamento matrimonial, precisarão rever as bases do relacionamento e pedir que Deus restaure a Árvore do Casamento. Muitos casais estão extremamente divididos e infelizes. Essa é uma realidade triste, mas da qual ninguém fala. O Senhor pode restaurar essas Árvores secas, pode fazer brotar rios no ermo. Mas é preciso *disposição de ambos* (geralmente os homens são menos dispostos, julgando que se deixarem os problemas de lado eles talvez se resolvam por si). Não vão se resolver por

si. Antes, acumular-se-ão mais ainda, problema em cima de problema, briga em cima de briga, amarguras em cima de amarguras. Um dia, o amor terá morrido e já não existirá. Pra que deixar chegar nesse ponto? Não optem por toda essa dor!

Para aqueles, entretanto, que se identificam com isso e já sentem a dor aguda... ou já nem sentem mais nada, o casamento tornou-se como um deserto tão árido e tudo que o casal vê é que já é tarde demais... uma palavra de incentivo e de encorajamento: “joguem a rede mais uma vez”. Essa é a Palavra do Senhor para vocês. Antes de darem o veredito final em seus casamentos, tenham Fé, e apesar da noite escura, vazia de esperanças e cheia de decepções... “joguem a rede mais uma vez”. Só que “à direita do barco”... o que quer dizer: do jeito do Senhor. Busquem quem a jogue com vocês. Busquem aconselhamento, façam suas confissões, abram o jogo. Tenham coragem, pois Aquele que nos chamou é o Deus Todo-Poderoso!

O Deus Todo-Poderoso quer poder limpar esses quatinhos de despejo das nossas vidas, livrar-nos de mais um dos problemas “engaiolados” num cantinho escuro, os quais nunca saem para a luz. É tempo de deixá-los vir à luz, para serem tratados. A única questão é: verifiquem primeiro a disposição do coração de vocês. Uma mulher, depois de grávida, querendo ou não terá que deixar o bebê nascer. Assim é com os casais que optarem por lutar pelos relacionamentos: uma vez começado, não se pode voltar atrás. Será algo a ser perseguido por toda a vida! Algo a ser bem tratado, adubado, podado... como uma Árvore. Deverão ser retiradas as pragas, as folhas secas. Para dar espaço às coisas novas. O Senhor deseja restaurar casamentos. Nós também precisamos desejá-lo, e sermos muito determinados para deixar o Senhor agir. Sem desistir.

Depois, ainda há a questão dos filhos. Os filhos precisam de um ambiente sólido dentro de casa para crescerem fortes espiritualmente, emocionalmente, mentalmente e até fisicamente. Eles são responsabilidade do casal. Se o casal não se entende, como cuidar bem dos filhos? Depois não adianta “chorar sobre o leite derramado” e dizer que os filhos abandonaram o Evangelho. Nada terá tanto *peso* na vida deles, tanto *valor*, quanto o comportamento que veem nos pais dentro das quatro paredes de seus Lares. Culto algum, Igreja nenhuma, aconselhamentos Pastorais de qualquer espécie, e seja lá o que for a que eles tenham acesso vai fortalecer mais o Evangelho dentro deles do que o procedimento do pai e da mãe. A maneira como se tratam, a maneira como vivem. Os filhos *sabem* se os pais são

Cristãos verdadeiros ou não. Mais ninguém na Igreja pode saber, mas eles sabem. Até as crianças pequenas estão atentas e observam tudo. Incongruências entre o falar e o agir só os desmotivará.

Então... sem atalhos novamente: é preciso cuidar com muito carinho dos Lares. Isso não significa ter que fazer um Culto doméstico toda semana, orar antes das refeições e usar jargão Evangélico perto das crianças. Podem ser coisas até mais simples. Se você é pai, ou mãe, procure em primeiro lugar restauração e plenitude matrimonial. Não pode haver rancores, mágoas acumuladas. Essas coisas, por qualquer futilidade do dia a dia, derramam-se vez após vez. Pior ainda se derramam na frente dos filhos. Depois de estarem em andamento com o casamento, procurem saber da *vida* de seus filhos, sejam eles da idade que forem. Com interesse verdadeiro. Não os deixem à deriva. A Escola e a Igreja não podem fazer tudo. Nem mesmo a mãe sozinha pode fazer tudo. A presença de ambos os progenitores é crucial. Então, procurem se inteirar da escola, do que eles fazem, dos amigos, do que gostam. Do que esperam, de seus sonhos. Participe, se possível, de alguma atividade esportiva ou recreativa deles. Procurem saber como vai sua vida espiritual. Claro que algumas coisas dependem da idade dos filhos. Para os menores, ter paciência, estar presente, por perto, e brincar é muito importante. Dar beijos de boa noite, muitos abraços e carinhos. Esse toque físico é super importante, e deve existir sempre, mesmo depois que cresçam. Cultivem também o hábito de dizer “Te amo”. Se houver ensejo para isso, orem em família. Mas não o façam por protocolo. Isso tudo, somado, só fortalece os vínculos. Um dos males do nosso tempo, inclusive dentro da Igreja, é o isolamento cada vez maior dentro das Famílias e a impossibilidade de pais conhecerem a verdadeira personalidade dos filhos – para ajudá-la a se formar –; e filhos que não têm a menor ideia de quem são seus pais.

Procurem manter acesa a *chama da confiança*. Isso é importantíssimo!!! Os filhos têm que sentir que não há lugar mais seguro do que a casa deles, e nem amigos melhores do que os pais. Haverá muitas crises durante a vida, e durante o crescimento também, desde a tenra infância. Mas o segredo... o segredo é não deixar que os elos se rompam durante as crises.

Por outro lado, deixem que eles também saibam das suas vidas, dentro do que é conveniente e resulta em proveito para cada idade. Contem histórias sobre vocês! Filhos adoram isso, em qualquer idade! Deixem que eles os conheçam, e procurem conhecê-los também. Nunca imponha seus valores,

suas expectativas, ou deixem de amá-los por eles serem o que são. Cada um foi formado por Deus e deve seguir o Caminho que Deus determinar, e não o que nós determinarmos. Cabe aos pais ajudar cada filho a encontrar esse Caminho, em amor. Mas é lógico que os pais só podem fazer isso se tiverem conseguido encontrar seu próprio caminho. Se vamos cometer erros? Certamente que muitos. Mas se estivermos ligados em Deus, Ele trará estratégias para cuidar das feridas que ficam, e saná-las antes que cresçam. Muitas vezes, em nossa própria casa, o Senhor orientou cuidados específicos em momentos específicos com nosso filho. E depois, era agradável obedecer e ouvir: “Já está tudo bem”. Tantas vezes eram coisas pequenas: passar uma tarde sozinhos com ele fazendo coisas não onerosas como ir ao parquinho, tomar um lanche... ver televisão juntos... ou conversar sobre coisas que ele não estava entendendo. Às vezes não temos noção do valor que isso tem para uma criança, e nem do elo incrivelmente forte que vai se formando.

Os elos dentro de uma família *têm* que ser muito fortes. Entre o casal, entre pais e filhos, entre irmãos. Eles se fortalecem de diversas formas, mas a premissa básica é o Amor. Como nem podia deixar de ser diferente! Mas companhia constante, conversas abertas, ausência de julgamentos, ensino pelo exemplo, comer juntos, sair para passear (seja um dos pais sozinho com o filho, ou os filhos, seja em família)... tudo conta! Tudo isso é importante. Se a família se senta para comer na frente da TV e ninguém conversa... algum problema há. É tempo de mudança! Se houver investimento, haverá retorno. É um princípio Bíblico Universal: se plantamos, colhemos. E será extremamente prazeroso, por exemplo, se durante um problema ou uma crise, seus filhos procurarem vocês, pais, em primeira instância: aqueles que moram debaixo do mesmo teto e têm o mesmo sangue. Podem se considerar vencedores! Mas não se esqueçam que esse vínculo estreito, forte, inquebrável, imutável tem que ser *conquistado*. E uma vez conquistado, tem que ser *mantido*. Se há problemas em sua família, é tempo de começar o tratamento do Senhor. Não será num passe de mágica, mas demandará esforço, dedicação, determinação, perseverança, humildade, dependência de Deus. Mas vale a pena!

AQUESTÃO DA MALDIÇÃO HEREDITÁRIA

E quando o pecado estiver associado aos nossos antepassados? Conhecedores desse fato, ou não, isso é real? Aprendemos que pode ter

havido alguém que, pelo seu mal proceder, trouxe contaminação à descendência. É fato? Ou não?

Vamos entender isso corretamente.

O VT cita em Ex. 20:5 – “(...) porque Eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta Geração daqueles que me aborrecem”.

Vamos entender o que significa isso. Primeiro de tudo: quem visita? *Deus* visita. É uma maldição lançada por ELE. É exatamente igual quando o Senhor fala das Bênçãos e Maldições decorrentes da obediência e desobediência dos filhos, em Dt. 28. Deus está falando de filhos. E está dizendo que *Ele* pode amaldiçoar ou abençoar esses filhos de acordo com o seu proceder. O texto de Ex. 20:5 aparece em meio à descrição da Lei de Moisés, instintivamente associando o descumprimento da Lei à Maldição e à perpetuação desta nos filhos, até a terceira e quarta Geração.

O que significa *visitar* a iniquidade? Iniquidade é “pecado, culpa, transgressão”. Trata-se de um ato consumado, realmente praticado. Veja Ex. 34:7 – “(...) que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado e visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até a terceira e quarta Geração”. O texto engloba tudo numa porção só: iniquidade, transgressão, pecado (veja também Sl. 51:5 e Zc. 5:6). Então, por esses textos sabemos que iniquidade não é só uma intenção maligna de coração, mas um pecado realmente consumado. E Deus disse que visitaria esses pecados no correr das Gerações, até a terceira e quarta. Como já sabemos, o pecado abre portas de legalidade para Demônios. Pecados e Demônios têm associação comum.

Alguém cometeu um homicídio, por exemplo. Pecado. Iniquidade. Na Lei está dito: “Não matarás” (Ex. 20:13). Deus promete amaldiçoar tal pessoa. A visitação de Deus com o Juízo pode até ser feita usando o Inimigo e suas artimanhas. Porta aberta – ele entra. Por causa do homicídio, naquele lugar, naquela família, ficam rondando espíritos de morte dos mais diversos tipos. E qual nossa conclusão? Nas Gerações seguintes, a descendência tem ao seu redor um cerco espiritual – debaixo de permissão de Deus, é claro, por causa da Maldição que Ele mesmo decretou. Então... o que você pensa sobre isso: a nova Geração *vai* cometer necessariamente homicídio, exatamente como seu ancestral? Porque é isso que se alguns tem ensinado por aí fora. Temos que descobrir o que nossos antepassados fizeram ao nos depararmos com certas evidências que sugerem a reprodução de situações. Isso cria um

mal-estar bastante grande porque temos que depender de revelações, às vezes. Não sabemos o que aconteceu antes. Por vezes as pessoas se esquecem de que o Senhor falou “até terceira e quarta Geração”, e passamos a retroceder no Tempo e na História por Séculos! Nós nos deparamos com listagens de situações que demonstram provavelmente que a família, ou alguém da família, está debaixo deste tipo de Maldição. A Maldição Hereditária. E você? O que pensa sobre isso? Os descendentes do homicida vão matar também, se, por exemplo, não souberem do assunto... ou se não confessarem o pecado do ancestral a tempo... e nem quebrarem a Maldição? *Deus* virá com um Furor impetuoso e permitirá que os descendentes sejam homicidas também?

Ou, vejamos...: Deus disse que “visitaria” a iniquidade. Sabemos que pecados são brechas para Demônios e que uma vez consumado o pecado, eles têm o direito de se aglomerar à volta e ficar “rondando como leões que rugem”, à espreita para fazer mais alguém “cair em alguma astuta cilada do Diabo”. Será que o Senhor não estava simplesmente alertando que em face de iniquidade haveria legalidades abertas de forma permanente até a terceira e quarta Geração? Partindo desse pressuposto, que é real – os espíritos malignos de fato encontram pouso, fazem morada, permanecem num hospedeiro “confortável”. Ficam ali. O que eles fazem enquanto “estão ali”? Nada além do que nós já sabemos: “matar, roubar e destruir”. Sendo os Demônios de castas diferentes, eles se agrupam conforme a Porta que lhes foi aberta. Porta de homicídio, espíritos de morte. Porta de adultério, espíritos de luxúria. Porta de adoração a falsos deuses, espíritos de engano. Isso, a grosso modo, né? Nenhum Demônio faz exclusivamente uma coisa só, e nem andam em grupos sectários onde só dão eles e mais ninguém. Não é assim que funciona, mas vamos nos ater ao fato de que Demônios compatíveis com o pecado cometido ficam por ali.

Então, eles vão tentar criar justamente as situações nas quais podem agir de forma mais forte, instigar as pessoas, guiá-las para desenvolver o temperamento e personalidade compatíveis com a do ancestral, colocá-las diante das mesmas possibilidades... de perpetuar o erro cometido antes. No caso, um homicídio (ainda estamos usando o exemplo do homicida). Essa é a maneira de fazer com que na Geração seguinte se encontre alguém que dê continuidade à Maldição. Se manipularem bem as situações e agirem astutamente, esses Demônios sedentos de sangue poderão encontrar esse alguém... e então novamente vem à luz o pecado de homicídio. Os Demônios

continuam ali. Vão ficar até quando lhes for permitido ficar. Depreendemos que isso aconteceria até no máximo a terceira ou quarta Geração. Depois disso, por causa de uma Misericórdia Divina, assim cremos, a Porta de legalidade seria fechada; é como se houvesse cumprido uma medida, uma porção do Cálice da Ira de Deus por causa do pecado, e essa porção se esgota nesse Tempo: três ou quatro Gerações. Então os Demônios *têm que* se retirar porque o Tempo da disciplina, o Tempo da sentença já foi pago. Dessa maneira fica claro entender porque as Gerações seguintes teriam a mesma chance de assassinar alguém que qualquer outra pessoa.

Compreende nosso ponto de vista? Por essa ótica, os descendentes do homicida não necessariamente vão ser assassinos de carteirinha se a “Maldição” não for quebrada. Eles só serão assassinos se derem espaço aos Demônios que rugem ao redor, derem vazão ao pecado. Se não caírem nas armadilhas, não se dobrarem às instigações Demoníacas, sendo firmes e fortes, podem resistir e nunca matar ninguém. É fato que os descendentes teriam maior predisposição ao homicídio (assim como outros pecados de ancestrais trariam maior predisposição em outras áreas, e o mesmo se daria com alguns tipos de vícios; aí tanto pela imitação dos antepassados, quando houve convívio efetivo com eles, como pelo círculo espiritual Demoníaco, específico, que tem o poder de ficar rondando em derredor). Mas os descendentes podem *escolher* não agir errado. Essa é a grande chave! O poder de decisão, de escolha. Essa é a intenção do Diabo e o alerta de Deus, por causa do pecado cometido. Todo pecado tem consequências. Contudo, se a descendência for reta e não ceder aos que estão a rodeá-los e tentá-los... não há Maldição!

A Maldição Hereditária, na verdade, não existe. Foi um *conceito* mal formulado que nos deu margem a interpretações errôneas. Por isso vamos observar essa questão um pouco mais ainda.

“Será, porém, que, se não deres ouvido à Voz do Senhor, não cuidando em cumprir todos os Seus Mandamentos e os Seus Estatutos que, hoje, te ordeno, então virão todas essas Maldições sobre ti, e te alcançarão” (Dt. 28:15). Texto interessante. Sabemos que era *impossível* cumprir toda a Lei. Deus não é insano. Ele não está pedindo um milagre ao homem, mas está falando sobre intenção de coração. Sobre quem intenta fazer o Bem, sempre, mas encontra dentro de si a lei dos seus membros, a luta da carne... e sobre quem peca conscientemente, não tem nenhum arrependimento dos seus atos, e repetidamente insiste no erro. Deus tem uma boa dose de misericórdia. Ele é

compassivo, benigno e longânimo. Para Ele amaldiçoar alguém precisa abusar muito! Temos como exemplo disso o próprio Povo de Israel. Não foi em apenas três ou quatro Gerações que acabaram destruídos e no Exílio, demorou *muitas e muitas* Gerações! Até o momento em que eles não tinham mais nenhuma consciência de culpa mesmo. Deus esperou. Esgotou seus argumentos, cansou-Se de avisar, avisar. E mesmo quando está para cumprir o Seu Juízo sobre Israel, ainda assim fala de como será quando voltarem àquele lugar, de como os ajuntará novamente, fala de forma enternecida; Ele traz, junto com a disciplina, palavras encorajadoras de conforto. Isso nos faz entender que Deus não tem prazer na Maldição. Por vezes ela é somente “um mal necessário” para poder atrair os filhos que, sem isso, não andariam com Ele. Se Deus desejasse tanto assim amaldiçoar, não instituiria o sistema de sacrifícios, ou mostraria o modo de expiar a culpa por causa dos pecados (nem enviaria o Cristo, mais tarde). Então, isso também faz pensar...: Deus instituiu um modo “Oficial”, uma maneira de lidar com o pecado no VT (estamos tratando primeiro do VT). Se era possível fazer “expição” pelos pecados, por que, então, a advertência da “visitação até a terceira e quarta Geração”? Parece, de repente, uma incongruência. Afinal, todos os pecados não eram devidamente “pagos” através dos sacrifícios de animais?

Talvez fosse provável o pecado atrair “Maldição”, e permitir o acesso familiar de Demônios durante longo tempo, se – e somente se – fosse *grave demais*? Quer dizer, mesmo havendo expiação, como que “sobraria” uma pendência espiritual. A gravidade do pecado traz consigo consequências, e uma delas seria a “visitação”.

Nós nos aventuramos a cogitar isso com os olhos no texto que diz: “Ora, visto que a Lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem. (...) Nesses sacrifícios faz-se recordação do pecado todos os anos, porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados. (...) Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes o mesmo sacrifício, que nunca jamais podem remover pecados” (Hb. 10:1, 3-4, 11).

A questão da “Maldição Hereditária” foi levantada com base no VT. E, de acordo com o que sabemos pelo NT, a Lei era impossível de ser cumprida. Seu poder maior era o de salientar a incapacidade humana de agradar a Deus. Quando o escritor de Hebreus fala que “a Lei tem sombra de bens

vindouros” está querendo mostrar, nesse caso, a imagem do Sacrifício vivo e único que foi oferecido por Jesus. Mas observe a grande ênfase em dizer que os sacrifícios não removiam pecados. Por que oferecê-los, então? Além de apontar para o Messias, mas isso os daquela época não podiam compreender, o sistema de sacrifícios tinha seu valor. Em primeiro lugar a perda da vida e do sangue apontavam para as terríveis consequências do pecado. Depois, os sacrifícios acentuavam a Santidade e a Justiça de Deus. Os sacrifícios também alimentavam e afirmavam a fé daquele que adorava o Deus verdadeiro, distinguindo-o dos Povos Pagãos. O sacrifício representava a entrega de uma vida para salvar outra vida. “Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o Altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida”. (Lv. 17:11).

– EXPIAR = reparar crimes ou faltas por meio de penitência ou cumprindo pena; sofrer as consequências de; padecer; obter perdão, reparar, resgatar de castigo.

Fica claro que os sacrifícios faziam exatamente o que o termo diz: afastavam das pessoas a sentença de morte, o castigo, as consequências do erro... isto é, afastava delas a *Ira* e a *Disciplina* de Deus. Mesmo que de forma momentânea, e não permanente. Isso permitia que a presença de Deus continuasse no meio do Povo de Israel, permitia a manutenção de uma comunhão. Porque é impossível, também, que Deus tolere o pecado.

Se a expiação podia fazer isso, afastar o castigo, conquistar perdão... ainda não temos uma resposta plenamente satisfatória para a “visitação” até terceira e quarta Geração. Pecados graves demais às vezes significavam morte imediata (leia Lv. 20, por exemplo), e não haveria como fazer expiação por eles. Então podemos inferir que a “Maldição” pudesse ser motivada por esse motivo: não ter sido expiado o pecado. Por certo que a morte de alguém era uma forma de “limpeza” do ambiente, pois Deus tinha escolhido Israel para ser Dele, e diferente dos outros Povos. Mas o pecado em si abre Portas de legalidade. Já sabemos disso. Então, nesse caso a morte limpa o terreno físico do pecador, mas não pode limpar o terreno espiritual. É uma suposição. Ou, podemos pensar também, que o indivíduo em particular não cometeu pecado passível de morte, mas pecou deliberadamente vez após vez, sem sentimento de culpa. Apenas oferecer o sacrifício, sem uma disposição de coração compatível, poderia ser a deixa para abrir legalidade espiritual. O sacrifício era uma forma de adoração.

Não podia ser oferecido apenas “por oferecer”! O aroma daquilo deveria ser agradável ao Senhor, e Ele conhece os corações. Deus orienta que Seu Povo seja santo porque Ele é Santo. Leprosos eram considerados amaldiçoados por Deus. Talvez eles tenham feito expiação de seus pecados, mas mesmo assim, devido à gravidade deles, ainda que não haja morte imediata como sentença, sobra uma consequência que eles têm que colher.

Não colher consequências de pecados, por causa do sistema de expiação, seria cômodo demais e Biblicamente incorreto. Observemos a história trágica da saída dos cativos no Egito e de como não conseguiram entrar na Terra Prometida. Eles pecaram, por isso não entraram, por causa da incredulidade e da murmuração. Quando quiseram apedrejar Josué e Calebe, que insistiam na vitória, a Glória do Senhor aparece na Tenda da Congregação a todos os filhos de Israel. Disse o Senhor a Moisés: “Até quando me provocará esse Povo e até quando não crerá em Mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio dele? Com pestilência o ferirei e o deserdarei; e farei de ti povo maior e mais forte do que este”. (Nm. 14:10-12). Por causa da intercessão de Moisés isso não aconteceu. Mas observe parte da oração daquele Líder: “(...) O Senhor é Longânimo e grande em Misericórdia, que perdoa a iniquidade e a transgressão, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta Geração. Perdoa, pois, a iniquidade deste povo, segundo a grandeza da Tua Misericórdia e como também tens perdoado a esse povo desde a Terra do Egito até aqui” (Nm. 14:18-19).

Fica evidente que o Senhor já perdoara o Povo muitas vezes desde que tinham saído do Egito. Dessa vez, de novo são perdoados, mas agora haveria algo bem diferente: colheriam consequências bem mais funestas, e de forma irrevogável: “Segundo a tua Palavra, *Eu lhe perdoei...* porém, tão certo como Eu vivo, e como toda a Terra se encherá da Glória do Senhor, nenhum dos homens que, tendo visto a Minha Glória e os prodígios que fiz no Egito e no Deserto, todavia, Me puseram à Prova já dez vezes e não obedeceram à Minha Voz, nenhum deles verá a Terra que, com Juramento, prometi a seus pais; sim, nenhum daqueles que me desprezaram a verá (...), salvo Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num” (Nm. 14:20-23,30).

Primeira coisa importante: houve perdão por parte de Deus, e aquele Povo não foi consumido completamente ali, na hora. Mesmo assim, mesmo havendo perdão, eles perderam a Terra da Herança. A segunda coisa importante é que, se houvesse mesmo “Maldição Hereditária”, por causa do

pecado dos pais, ninguém entraria em Canaã até a terceira ou quarta Geração. Certo? E sabemos que não foi o que ocorreu!

Mas o que acontece? Você acha que havia *quantos* Demônios em volta daquele Povo, para instigá-los e fazê-los continuar pecando, reclamando, murmurando, indo contra o Líder, exatamente como seus pais? Um número incontável! Foi por boca de poucos (os espias) que se contaminou todo o Povo. Os Demônios sabiam que, se insistissem bastante e procurassem criar as situações certas, encontrando as pessoas certas para agir em favor deles... a Geração seguinte poderia cair na mesma emboscada da Geração de seus pais, até mesmo bem na boca do gol. Mas Josué foi um Líder inteligente e que seguiu de perto as estratégias do Senhor. Fizeram o que seus pais não tinham feito. Antes de atravessarem o Jordão a ordem de Josué foi: “Santificai-vos, porque amanhã o Senhor fará maravilhas no meio de vós. E também falou aos Sacerdotes, dizendo: levantai a Arca da Aliança e passai adiante do Povo. Levantaram, pois, a Arca da Aliança e foram andando adiante do Povo” (Js. 3:5-6). O Senhor também orientou que doze homens fossem escolhidos por Josué – um de cada Tribo – e quando as águas do Jordão se abrissem com a passagem dos sacerdotes e da Arca, eles tomassem cada qual uma pedra do rio (Js. 3:12-13; 4:1-7). Estas seriam Pedras Memoriais do que estava acontecendo, para sempre. Foram obedientes nisso também. Depois, não se sabe *quanto tempo* depois, disse Deus a Josué para circuncidar os filhos de Israel. O que foi feito também. Nenhum dos que tinham nascido no Deserto estava circuncidado. Até que sarassem e até que chegasse o tempo em que celebraram a Páscoa, novamente não sabemos exatamente quanto tempo se passou (Js. 5:2-8).

Aquele Povo permaneceu firme em seu propósito dando um passo atrás do outro. Certamente não deve Ter sido fácil esperar, e certamente os Demônios devem Ter infernizado muito para desviá-los do Caminho. Finalmente, ainda no lugar onde estavam acampados depois da circuncisão, celebraram a Páscoa. E a Palavra diz que no dia seguinte à Páscoa eles comeram pela primeira vez do fruto da terra, e não mais do maná, que por sua vez cessou de vez no outro dia. Diz a palavra que “Naquele ano, comeram das novidades da Terra de Canaã” (Js. 5:10-12).

“Naquele ano” – veja que o tempo está correndo. A conquista não se deu do dia para a noite. Um dia, porém, estando Josué nas campinas de Jericó, veio até ele um Príncipe do Exército do Senhor, que tinha acabado de chegar. Josué esperava, esperava em Deus o momento certo de atacar. Note que eles

ficaram acampados no mesmo lugar até que o Senhor se manifestasse. Houve muitos e muitos momentos em que tudo poderia Ter sido posto a perder, e aquela Geração cairia no mesmo erro de seus pais.... e perderiam a Terra novamente. Mas agora o momento chegava! Detalhe muito importante a ser citado também foram as voltas em torno das Muralhas de Jericó. O Povo foi orientado a marchar *em silêncio*. Haveria somente o som das sete trombetas de chifre. “Ao Povo ordenara Josué, dizendo: Não gritareis, nem fareis ouvir a vossa voz, nem sairá palavra alguma de sua boca, até ao dia em que eu vos diga: gritai! Então gritareis” (Js. 6:10).

Por que esse voto de silêncio? Imagine só... o Povo ia andar ao redor da cidade por sete dias, e no último dia ainda dariam sete voltas ao invés de uma. Que prato cheio para os Demônios se, naqueles dias cruciais, dadas duas, três voltas... de repente alguém começasse: “Eu acho que isso não vai adiantar. É uma loucura”... e outros tantos engrenassem, respondendo: “Talvez você tenha razão. Josué é que perdeu o bom senso”; ou “Que estamos fazendo aqui carregando a Arca e tocando trombetas?”. Bastaria um pequeno foco de falta de Fé e questionamentos fora de hora para pôr TUDO A PERDER (já aprendemos sobre o “pequeno órgão” que é fogo, que contamina tudo e até põe em chamas a carreira humana; é a fagulha que pode incendiar uma selva, não aprendemos?). Pois é. Pela boca eles poderiam, mais uma vez, do mesmo jeito, pôr em chamas o seu Destino num piscar de olhos. Fechar a boca e permanecer em silêncio foi a maior jogada de todas, os Demônios devem Ter ficado loucamente enfurecidos porque cortava-lhes o principal modo de ação!

Pense só nessa cena: apenas caminhar, caminhar, caminhar, *e em silêncio*. Tal atitude revela a antítese do caminhar em grupo, se pensarmos bem, pois nada é mais natural, quando caminhamos, do que fazer “passar o tempo”... falando! Naquela época não tinha iPod! À primeira vista podia mesmo parecer rematada loucura... que estratégia de Guerra era aquela?! Nada indica que o Povo sabia de antemão o que iria acontecer, especialmente o Povo em geral. Josué sabia, pois o Senhor lhe dissera, mas talvez o Povo não soubesse bem que estratégia era aquela. Só que não podia haver sequer uma palavrinha mísera do tipo “Isso não vai adiantar...”. Já explicamos: cairiam então no mesmo pecado de seus ancestrais. Foi pela boca que perderam a sua Herança! Mas não deve ter sido tarefa muito fácil de executar. Imagine-se vivendo a mesma experiência, tendo no coração as mesmas expectativas em relação à conquista daquela cidade. Um dia, dois

dias, três... seis... sétimo dia! Uma volta, duas, três... seis... haja coração! Conta-se também contra eles – no sentido da dificuldade de permanecerem calados – o fator “espera”: não sabemos bem há quanto tempo estavam no aguardo para entrar na cidade e nem como estavam seus corações e mentes. Por isso, ficar de boca calada foi uma estratégia muito crucial num momento mais crucial ainda.

Então, aqui explica-se de forma muito transparente que mesmo em face do pecado, da disciplina e da derrota da Geração anterior, eles puderam sair em vitória. O que eles fizeram de diferente? Houve mudança de atitude, mudança que demonstrava arrependimento em relação ao que a primeira Geração tinha feito. Essa nova disposição de coração fez com que fossem vitoriosos, a despeito da probabilidade de se saírem exatamente como seus pais se saíram. Por causa do pecado e do cerco de Demônios ao redor, loucos para os fazer tropeçar no mesmo ponto. Trazendo isso para o âmbito individual, depreende-se, então, que mesmo quando há Porta de legalidade aberta pelas Gerações anteriores, podemos *escolher* não sucumbir no mesmo ponto em que eles sucumbiram, a despeito da influência maligna em derredor.

NÃO EXISTE MALDIÇÃO HEREDITÁRIA.

Veja o texto de Ezequiel 18:2-5, 9-10, 13-14, 17-24: “Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram? Tão certo como Eu vivo, diz o Senhor Deus, jamais direis esse Provérbio em Israel. Eis que todas as almas são Minhas; como a alma do pai, assim também a alma do filho é Minha; a alma que pecar, essa morrerá. Sendo, pois, o homem justo e fazendo juízo e justiça (...), andando nos Meus Estatutos, guardando os Meus Juízos e procedendo retamente, o tal justo, certamente, viverá, diz o Senhor Deus. Se ele gerar um filho ladrão, derramador de sangue, que fizer a seu irmão qualquer destas coisas e não cumprir todos aqueles deveres, (...) porventura viverá? Não viverá. Todas essas abominações ele fez e será morto; o seu sangue será sobre ele. Eis que, se ele gerar um filho que veja todos os pecados que seu pai fez, e vendo-os, não cometer coisas semelhantes (...) o tal não morrerá pela iniquidade de seu pai; certamente viverá. Quanto a seu pai, porque praticou extorsão, roubou os bens do próximo e fez o que não era bom no meio de seu Povo, eis que ele morrerá por causa da sua iniquidade. Mas dizeis: por que não leva o filho a iniquidade do pai? Porque o filho fez o que era reto e justo, e guardou todos

os Meus Estatutos, e os praticou, por isso, certamente viverá. A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai, a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este. Mas, se o perverso se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os Meus Estatutos, e fizer o que é reto e justo, certamente viverá. De todas as transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele; pela justiça que praticou, viverá. Acaso, tenho Eu prazer na morte do perverso? – diz o Senhor Deus; não desejo Eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva? Mas, desviando-se o justo da justiça e cometendo iniquidade, fazendo segundo todas as abominações que faz o perverso, acaso, viverá? De todos os atos de justiça que tiver praticado não se fará memória; na sua transgressão, com que transgrediu e no seu pecado que cometeu, neles morrerá”.

Dt. 24:16 e II Re. 14:5-6, de formas diferentes entre si, dizem o mesmo: “Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos, em lugar dos pais; cada qual será morto pelo seu próprio pecado”.

Jeremias citou o mesmo provérbio das uvas verdes (Jr. 31:29-30). E diz “Naqueles dias já não dirão: os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos é que se embotaram. Cada um, porém, será morto pela própria iniquidade; de todo homem que comer uvas verdes os dentes se embotarão”. Quer dizer, esse provérbio baseava-se incorretamente na ideia de que os filhos praticam (inexoravelmente) o mal, por causa do pecado dos pais. Embora os filhos possam sofrer por causa das más escolhas dos pais – isso é óbvio – o provérbio distorce a Verdade e dá desculpas para uma pessoa se esquivar dos seus próprios pecados. Tanto Jeremias quanto Ezequiel queriam que o Povo parasse de empregar e de *acreditar* nesse provérbio.

Depois de tudo o que vimos aqui, vamos tomar essa premissa como verdadeira e entender como funciona de fato o processo de disciplina de Deus. Deus nos pune pelos pecados que *nós mesmos cometemos*. O filho obediente jamais paga eternamente pelo pecado dos pais.

Como você pode perceber, há muitos textos que tratam do mesmo assunto, e todos eles desmentem a ideia de que Deus possa punir longamente a descendência de um pecador (Maldição Hereditária). O texto de Êxodo apenas nos alerta para o fato de que o pecado abrirá Portas a espíritos malignos que atuarão no sentido da repetição de padrões de comportamento. Essa é uma conclusão indireta, já comentada anteriormente (veja que isso é até instintivo: certos padrões de comportamento numa família podem deixar

marcas numa criança. Isso pode ser natural ou espiritual). A atuação de Demônios específicos depois que um pecado específico foi cometido ocorre debaixo de uma permissão Divina, até a terceira e quarta Geração, pois a visitação é *de Deus* (“Eu visito”). A Maldição viria Dele, e não primordialmente dos Demônios. Os Demônios são meros instrumentos disciplinadores nesse caso, podendo manter uma certa atuação em indivíduos e famílias de acordo com a permissividade do Senhor.

Até agora enfocamos o fato de a Geração seguinte ter conseguido acertar, não cometendo os mesmos erros dos pais (exemplo do Povo de Israel), e também enfatizamos a tônica Bíblica de que “pais e filhos não pagam mutuamente pelos pecados um do outro”. Mas pode ser que os Demônios consigam seu intento. Pode ser que haja uma contaminação muito grande na alma e no coração, uma influência forte demais, e pessoas nas Gerações futuras caíam em pecado também. É fato que vemos famílias com vários membros tendo as mesmas atitudes pecaminosas. Pode ser uma atuação Demoníaca, sim. Mas lembre-se que pode também ser mero *acaso*. Há fatores genéticos ligados ao desenvolvimento de pessoas consanguíneas (especialmente no surgimento de enfermidades); e também não podemos descartar o puro “hábito”: se uma criança vê repetidamente o pai beber até cair, bater na mãe e se ausentar de casa por dias, pode ser que ao crescer essa pessoa venha a ter o mesmo comportamento. Porque aprendeu pela observação. Os pais são modelos para os filhos. Pode ser um ciclo puramente natural, e não espiritual. Tomem cuidado para não tomar “gato por lebre”, colocando tudo “no mesmo saco”.

Retomando: nesse caso – quando os filhos estão pecando também –, até que se rompa esse ciclo vicioso de pecado, a Maldição continua. Isto é, os Demônios permanecem com legalidade para ficar ali, atuantes, e até mesmo incrementarem suas fileiras trazendo novos Demônios para perto da família. Porque quanto mais pecado, mais Demônios. Sim, é fato que os Espíritos Familiares existem, é fato. Mas eles estão “à volta”, “esperando quem possam tragar”, “rugindo”, “tentando”. Eles conhecem os pontos fracos da família, afinal a acompanham desde que tiveram legalidade para isso. Mas haverá libertação da atuação desses Demônios específicos quando o ciclo vicioso do pecado for quebrado. Veja que foi isso que Ezequias fez, o filho do perverso Acaz, que purificou-se da presença maligna dos Demônios atraídos pelos pecados do pai. Como se diz em II Re. 18:3-6 “Fez ele o que era reto perante o Senhor, segundo tudo o que fizera Davi, seu pai. Removeu

os Altos, quebrou as colunas e deitou abaixo o poste-ídolo; e fez em pedaços a serpente de bronze que Moisés fizera, porque até aquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso e lhe chamavam Neustã. Confiou no Senhor, Deus de Israel, de maneira que depois dele não houve seu semelhante entre todos os reis de Judá. Porque se apegou ao Senhor, não deixou de segui-Lo e guardou os mandamentos que o Senhor ordenara a Moisés”. (O mesmo acontece com Josias, filho de Amon. Sempre que os filhos contrariam o padrão estabelecido pelos pais podem recolher bênçãos de Deus – independentemente de à qual Geração pertencem).

Pronto! Essa é a chave! A “Maldição” está quebrada. Certamente Ezequias enfrentou maus momentos... muitas tentações, muitos conselhos errados de pessoas que estiveram próximas a seu pai, muita opressão e muitas situações em que poderia “ter feito o que era mau”. Afinal, ele viu como seu pai agiu, e o palácio deveria ser um verdadeiro covil de Demônios, inclusive os de Alta Patente. Não deve ter sido fácil, não! Por outro lado, depois da sua morte, Manassés reina em seu lugar, e ele foi mau a tal ponto que fez o Povo errar de forma pior do que as Nações que o Senhor tinha mandado destruir. Até um filho Manassés ofereceu em sacrifício! Mais um exemplo que mostra que a culpabilidade de qualquer pessoa vem em decorrência de si mesma, e não por causa de padrões estabelecidos pelos pais.

Provérbios 26:2 fala: “Como o pássaro que foge, como a andorinha no seu voo, assim, a Maldição sem causa não se cumpre”; ou “não encontra pouso”. Significa: não há espaço para Maldição sem motivo. O motivo é sempre o mesmo: pecado. Onde há retidão e santificação... maldições passam voando de longe. Isso independe do comportamento dos pais. E foi exatamente o que o texto de Ezequiel disse.

De prático: você não precisa estar preocupado com o pecado de seu avô ou tataravô, ou seja de que geração for. O que importa é o nosso próprio pecado! Confessar pecados alheios e ficar escarafunchando árvores genealógicas e histórias familiares horripilantes, como muitos aprenderam a fazer, é perda de tempo. Devemos mais é andar em retidão. A vida reta e santa interrompe a ação de Demônios, sejam eles “herdados” ou não. Se o pecado não for consumado, guarde bem isso! Se o pecado não for consumado, esses Demônios estão inoperantes. Claro que farão de tudo para armar ciladas e levar a descendência de um pecador amaldiçoado pelo mesmo caminho. Mas não é preciso ceder a isso. E nem escarafunchar o

passado, porque geralmente sabemos muito bem em qual área somos mais tentados, e onde é mais difícil vigiar.

“Mas houve casos em que os filhos foram castigados junto com os pais”, você poderá dizer. É fato. Há relatos de filhos que foram realmente por água abaixo junto com os pais. Sempre que filhos, ou toda uma família, eram castigados pelos pecados dos pais, havia caso de rebelião inequívoca contra Deus. Por exemplo, os filhos inocentes de Corá, Datã e Abirão, que foram contra a autoridade de Moisés, assim como os de Acã, que provocou a derrota de Josué em Ai, morreram junto com os pais pecaminosos (Nm. 16:27-33 e Js. 7:24-25). Como o Senhor não se contradiz, talvez a atitude expressa de quem pecou – o pai – expressasse a intenção de coração de toda a família. Especialmente no caso de Acã podemos supor que a família tivesse ajudado a esconder o espólio. Acã não temia a maldição sobre Jericó, o que equivale a dizer que não temia a Deus. Mas, se os filhos foram condenados, é porque Deus foi Justo em agir assim. E para santificar e purificar Israel era preciso que tudo que pertencesse a esses homens fosse destruído.

Veja como essa questão do “pecado hereditário” vai longe: os Discípulos de Jesus tinham essa ideia um tanto equivocada, baseada numa interpretação errônea do VT e também nas credices populares dos Judeus (como era o caso do ditado das “uvas”), e perguntam: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (Jo. 9:2). Segundo a Bíblia de Estudo Vida, Rabis da época ensinavam que “às pessoas más acontece o que é ruim”. Um destaque indevido ao pecado, nesse caso. Isso levava o povo a crer que qualquer infortúnio, mesmo num bebê em formação, poderia ser resultado de pecado e de Ira Divina. Cristo ensinou, naquele momento, que nenhum dos dois casos era verdadeiro. Ninguém havia pecado. Desde a queda do Homem o Mundo se tornou mais e mais destruído. Circunstâncias de doenças e problemas naturalmente vêm acontecendo desde que o pecado entrou no Mundo. O pecado teve o poder de gerar uma alteração genética no ser humano, e isso não parou mais desde esse momento. Só vai parar quando a nossa Redenção estiver consumada. Então, experiências dolorosas às vezes acontecem porque acontecem, não é resultado de “merecimento”. Tem causa natural. Naquele caso específico, entretanto, Jesus escolheu o homem cego para ser curado a fim de dar Glória a Deus. Deus pode usar citações de sofrimento para revertê-las em um Bem Maior, e apontar para Si Mesmo, o Criador de tudo, o Caminho Perfeito. Novamente: não vamos colocar tudo no

mesmo saco. Nem tudo é Maldição, nem tudo são Demônios, nem tudo é Ira ou Disciplina.

Mais uma importante lembrança, para nos vermos enfim livres da preocupação com a “Maldição Hereditária”. Vamos nos lembrar do versículo imediatamente seguinte em Êxodo... ele foi extraído do mesmo texto, dentro do mesmo contexto: “Faço Misericórdia até mil Gerações daqueles que Me amam e guardam os Meus Mandamentos” (Êx. 20:6). Não é assim? Nós, entretanto, vemos isso acontecer? Acabamos de ver aí atrás o exemplo de Ezequias e Manassés. O pai era justo, e o filho um perverso. Se Deus visitasse com Sua Misericórdia os filhos dos justos, sem que estes sejam *de fato* justos igualmente... que Justiça há nisso??? “Meu pai foi justo, então eu posso aprontar à vontade! Tenho misericórdia garantida! Posso dormir em berço esplêndido, não preciso ter responsabilidade sobre meus atos por casa da Bênção ‘herdada’”. Nada disso. O Senhor simplesmente revela Sua disposição *infinitamente maior* de abençoar do que de amaldiçoar. Há uma intenção de mais de 99,5% em abençoar do que em amaldiçoar.

O Senhor não se alegra com a dor, o sofrimento, a destruição que vem em decorrência do pecado e do Juízo que muitas vezes Ele tem que exercitar. Ele tem prazer em abençoar. Mesmo assim, existe “Bênção Hereditária”? Ouvimos alguém falar ou pregar sobre isso? Naturalmente que não! Sabemos que o salário do pecado é a morte, seja no VT ou no NT. Mas é claro, da mesma maneira como tratamos a Maldição, e aprendemos que o pecado atrai influência espiritual negativa sobre a família e a descendência, do mesmo modo é mais fácil acreditar que um justo tenha uma família de justos com ele. Não somente pelo exemplo que os pais dão em casa, andando retamente e ensinando a criança desde cedo a percorrer o mesmo Caminho, as veredas da Justiça do Senhor. A Palavra diz que se ensinarmos a criança no caminho que deve andar, até depois de velha não se desviará dele! Além do mais, uma família com pais justos – livres de pecados – mantêm afastados os Demônios que aqueles que pecam naturalmente trazem para perto de si e dos descendentes.

Entretanto... se os filhos escolherem errar, escolherem usar de seu livre-arbítrio e pecar... não existe Bênção. Veja o exemplo dos filhos de Arão, Nadabe e Abiú. Mesmo sendo filhos do sumo sacerdote e conhecendo a Verdade escolheram levar fogo estranho perante a Face do Senhor, e foram por isso consumidos. Arão era justo, e seus filhos encontraram a morte por

causa do pecado. Os filhos de Samuel igualmente: foi justamente por não serem idôneos à altura de Israel que pedia sobre si um Rei. Nada seria mais natural do que um dos filhos de Samuel suceder o pai como Juiz. Mas não foi o que aconteceu. Mais um exemplo: Absalão. Davi era conhecido por Deus, era “o homem segundo o coração de Deus”. Mas Absalão usou de seu livre-arbítrio para conspirar contra o pai. Quem peca interrompe o ciclo da “Bênção Hereditária”, por assim dizer.

Vamos ainda pensar numa última e terrível hipótese. Às vezes, por causa do pecado, alguém pode ser afligido por alguma doença. Como fruto de Maldição, aqui na Terra, essa pessoa pode experimentar enfermidades para no fim morrer de um câncer qualquer, por exemplo. Se a doença for realmente de cunho espiritual pode acontecer algo genético, uma alteração de DNA. Se assim for, a consequência do pecado chegou tão longe a ponto de afetar os Genes, essa Maldição pode ser passada a um descendente na forma de doença. Nesse caso, que podemos pensar? O filho, mesmo que se converta, encontre Jesus genuinamente, vai sofrer daquela doença até a morte? Nesse caso teríamos que aceitar que o filho está pagando pelo pecado de seu pai, o que contradiz tudo o que foi explanado até agora. Cremos que este descendente, que mesmo em face das obras do pai escolheu trilhar o Caminho da justiça, basta permanecer em Deus e pedir a Cura. Da mesma forma que fariam aqueles que não herdaram doenças como uma forma de Maldição. Mas se ele for pecador, então também viverá a doença.

Façamos um breve adendo deste assunto em relação ao NT. O NT se inicia com a Crucificação. Esse é o momento do qual Jesus falou ao celebrar a Páscoa com os Discípulos, avisando sobre o derramamento do Seu Sangue: “Este é o cálice da Nova Aliança no Meu Sangue derramado por vós” (Lc. 22:20). Pouco antes de morrer, Jesus diz: “Está consumado”. Ali começaram novos Tempos para toda a Humanidade!

No NT como fica o conceito da “Maldição Hereditária”?

Menos valor ainda tem. Já que sabemos que “certamente Ele levou sobre Si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre Si (...). O castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Is. 53:4-5). Cristo levou sobre si tudo isso. Levou as nossas Maldições na Cruz do Calvário. Ele fez a Expição Eterna! O VT fala sobre ser pendurado em madeiro: em Dt. 21:22-23 explica que se alguém cometesse pecado passível de pena de morte, e fosse por isso pendurado em madeiro, não deveria ficar ali até o dia seguinte, mas ser enterrado antes do cair da noite.

Isso porque “o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus; assim, não contaminarás a Terra que o Senhor, Teu Deus, te dá em Herança”.

“Cristo nos resgatou da Maldição da Lei, fazendo-se Ele próprio Maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro), para que a Bênção de Abraão chegasse aos Gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela Fé, o Espírito prometido” (Gl. 3:13-14). Essa comparação usada por Paulo é muito forte diante do contexto do VT e da Lei. Jesus morreu de forma não somente humilhante, horrivelmente dolorosa e cruel; mas aquela morte era também um sinal de Maldição Divina. A diferença é que Ele não pagava pela Sua própria culpa, mas pela nossa. Então, como podemos ficar tão imunes e tão endurecidos em nós mesmos quanto à certeza da malignidade do pecado??? Seria como desprezar o que Cristo fez, e a morte tenebrosa que sofreu, para que estivéssemos livres do pecado. Desde o VT ter o corpo pendurado no madeiro era uma exibição pública de condenação. Claro que os requintes de maldade do Império Romano foram inesgotáveis, mas Jesus aceitou essa morte vergonhosa – e essa Maldição – ao se permitir ser crucificado por nossa causa. Quando Ele morreu na Cruz isso não somente era sinal de que alguém estava amaldiçoado – pelo menos aos Judeus estava muito claro –, mas também foi, para nós, o sinal de que Cristo recebeu sobre Si a punição de Deus pelos nossos pecados. Portanto, para nós não há Lei, mas Graça. Desde que não haja pecado em nossas vidas. Esse é o ponto em que muitos e muitos Cristãos têm tropeçado. Não se esqueçam das Palavras de Paulo: “Havemos de pecar porque estamos debaixo da Graça? De modo nenhum...!”.

O conceito de Maldição expresso no VT estava sempre associado ao descumprimento da Lei. Observe em especial Dt. 27 e Dt. 28: 15-68, em que explicitamente se fala das Maldições em decorrência da desobediência à Lei – ou, se querem chamar assim, em decorrência do pecado. Isso nunca muda, quer no VT, quer no NT. Sempre que houver erro, desobediência, iniquidade, pecado... haverá consequências. Chamar as consequências do pecado de “Maldições”, aqui seria somente questão de nomenclatura. No VT quando a Lei de Deus era quebrada impunha-se uma Maldição que significava diretamente Juízo de Deus. O NT não é tão enfático em relação ao termo Maldição. Fala muito mais que fomos libertos delas. Mas... o princípio de Deus não mudou! No NT dá-se o mesmo, apesar de ter Cristo se entregado por nós. O pecado *nunca* será tolerado. Se houver insistência nele, apesar de

termos sido um dia lavados pelo Sangue do Cordeiro, pela Fé, haverá Maldição, ruína, juízo, destruição sobre nós, igualmente. Estamos libertos da Maldição e do assédio de Demônios em que condições? Somente no Centro da Vontade de Deus! Fora dela...

Então guarde isso muito bem: nada muda então, porque pecando e insistindo no pecado, é o mesmo que negar a obra de Cristo em nossas vidas. Maldição! A questão do pecado é longamente esmiuçada em todo o NT! Não podemos pretender ir longe acalentando-o, pulando de galho em galho, andando em cima do muro.

“Porque, se vivemos deliberadamente em pecado, depois de já termos recebido o pleno conhecimento da Verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de Juízo e Fogo Vingador prestes a consumir os adversários. Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a Lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o Sangue da Aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da Graça? Ora, nós conhecemos Aquele que disse: A Mim pertence a Vingança; Eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o Seu Povo. Horrível coisa é cair nas Mãos do Deus Vivo” (Hb. 10:26-31).

Então está bem claro: quer pelos textos de Dt., quer pelo texto de Hb., a ênfase é no *pecado*! Esse, sim, é o grande problema da História. Não existe Maldição “flutuando” por aí. Existe pecado, erro, desobediência. O texto de Hb. é bastante forte e bastante contundente, não economiza adjetivos e afirma veementemente que Deus trará Vingança e Juízo para aqueles impenitentes que não enxergam sua própria desgraça quando pecam sem cessar. “(...) O justo viverá pela sua Fé”. A palavra traduzida por “Fé” significa também fidelidade. Isso quer dizer que um coração que tem fé no Deus de Abraão, Isaque e Jacó corresponde a Ele com atos de fidelidade. E não com pecados.

No Tempo do NT, o Tempo da Graça, o Tempo em que Jesus tornou-se o fim da Lei, Paulo diz de si mesmo: “Porque eu, mediante a própria Lei, morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo na Fé do filho de Deus, que me amou e a Si mesmo se entregou por mim. Não anulo a Graça de Deus, porque, se a

Justiça é mediante a Lei, segue-se que Cristo morreu em vão” (Gl. 2:19-21). Paulo entendeu muito bem que por meio da Lei, seriam culpados. Quem não cumprisse a Lei por inteiro seria considerado maldito. Somente pela Graça é possível obter perdão, e a única esperança de Salvação. Por isso Paulo diz estar morto para a Lei, e vivo para Deus. Mas vivo de que maneira? É algo tão novo que ele chega a se dizer “crucificado com Cristo” e, portanto, não há espaço para o velho homem; pois “morreu”. Se o velho homem “morreu”, já não é ele quem vive, mas trata-se de Jesus vivendo nele. Como poderia haver convivência com o pecado pensando desta forma?

Nós, entretanto, temos nos esquecido destes princípios, achando que só servem para “Evangelismo” ou “novos convertidos”. Que mal temos feito a nós mesmos nos desviando da Pureza do Evangelho. Onde há espaço para o *pecado* neste texto??? “Logo já não sou eu quem vivo, mas Cristo vive em mim”; “morri para a Lei a fim de viver para Deus”. E sabemos que se o fim da Lei é Cristo, o começo da novidade de vida... *também é Cristo*. Estejamos, portanto, muito certos de que Cristo está realmente sendo o Senhor de todos os nossos projetos, e, especialmente, o General de nossas Batalhas. De verdade. Cristo tem estado fora de muitas coisas mirabolantes e absurdamente erradas que têm virado moda e encontrado acolhimento em nossos corações. Ele não está aqui para nos servir... *nós* é que devemos servi-Lo!!! Mas agimos como se o Senhor fosse nosso empregado: primeiro consultamos nossos corações, decidimos o que fazer, como fazer... e aí oramos, pedindo que seja abençoada a “obra de Deus”. A obra de Deus nasce no coração de Deus e é comunicada aos homens, não o contrário.

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt. 6:24). Troque o termo ‘riqueza’ por ‘pecado’... e pronto! Aí está.

AREMISSÃO DA TERRA

– REMISSÃO = Misericórdia, perdão; paga; isentar, livrar das penas do Inferno; tirar do Cativo, resgatar.

Vamos avaliar agora um outro conceito, sem confundi-lo com o que já tratamos até aqui. Fazer confusão neste aspecto é o que acontece a muitos, o que nos remete a frustrações. Já falamos que a *nível individual* não precisamos estar preocupados com Maldições Hereditárias. É desnecessário sair quebrando Maldições ou orando para saber o que aconteceu ao

antepassado do século dezessete. Devemos nos preocupar com a nossa santidade. Isso é o que abre Porta de legalidade – ou não – às Maldições e ao Poder do Inimigo de nos tocar. O ponto-chave é o pecado.

Diferente quando se trata da terra; seja de uma casa, um vilarejo ou uma Nação. O Cálice da Ira de Deus é proporcional ao pecado. Até nós, como humanos, sabemos que diferentes crimes são compatíveis com diferentes penas. Quando o pecado foi cometido repetidas vezes num lugar, e isso sucede Gerações e Gerações... aí se está abrindo Porta a Entidades cada vez mais Poderosas, dependendo do tipo de pecado. Especialmente o culto a falsos deuses das religiões pagãs é um prato cheio para contaminar a terra. Podemos – ao longo de Gerações – dar legalidade a Espíritos Territoriais. Entenda que isso está acontecendo como um *Todo!* Mais ou menos como os Povos da Terra de Canaã, que foram destruídos por Deus. O pecado era global. Contaminava não somente o indivíduo e a família, estava contaminando a terra. Assim foi com Sodoma e Gomorra. Assim é com muitas Nações ainda hoje em dia, com cidades, ou vilarejos esquecidos por aí.

Então os Demônios que vão tomando conta da região passam a oprimir o lugar de maneira plena, e todos os que estiverem ali estarão debaixo da mesma Presença, da mesma influência Demoníaca. Os que forem mais suscetíveis a ela cairão em pecado; mas a verdade é que geralmente a Maldição se perpetua por si quando a terra está por demais contaminada e o enraizamento dos Demônios naquele lugar é profundo. Eles não precisam fazer muita coisa, apenas continuar ali e receber adoração no lugar do Deus Vivo. (Leia “Rastros do Oculto”).

Quando a Maldição está nesse nível, então, *sim*, é importante encontrar o ponto de partida, saber o que aconteceu ou acontece ali. Muitas vezes até mesmo o Meio Ambiente natural chega a ser alterado pela influência dos Demônios. Lugares onde o paganismo e as práticas de ocultismo são comuns até hoje, como em rituais tribais, por exemplo, a própria terra chega a ficar doente. Secam-se mananciais, o cultivo de alimento não rende, há pobreza, uso de drogas, alcoolismo e toda sorte exemplo muito interessante e contundente dessa realidade nos chegou ao conhecimento através de um documentário produzido por George Otis Jr., (Ruja O Mar – primeiro documentário de uma série intitulada “A nuvem que se move”) sobre as Ilhas Fiji. Havia vilarejos onde se praticava o canibalismo e os rituais pagãos até hoje são fortes e importantes em diversos locais na região. Nesse

documentário vimos como pode ocorrer transformação genuína pela remissão da terra, por meio do arrependimento e da mudança prática de atitudes. Não adianta quebrar a Maldição e continuar com o pecado! Eles deram os passos certos, na direção certa, e do modo certo. Houve arrependimento, unidade da Igreja, quebrantamento, e isso desencadeou um processo de restauração vindo das Mãos de Deus!

Desse modo – agindo em conformidade com a Palavra – nos locais onde o Cristianismo se infiltrou poderosamente e foi feita remissão da terra, com Atos Proféticos, oração de arrependimento e jejum, abandono das práticas pagãs o milagre da transformação foi verdadeiro! Até mesmo a terra – não somente as pessoas – foram saradas. Os recifes de corais já mortos floresceram outra vez; peixes que não apareciam há anos voltaram, em profusão. Frutas que já tinham deixado de existir passaram a vir novamente nas árvores, e em tamanho bem maior. Mananciais de água contaminados voltaram a ser limpos; até mesmo a energia elétrica, que não existia até 2003, foi conseguida. Para saber mais sobre isso, vejam o DVD do preletor George Otis Jr., pois é um documentário sério e impressionante sobre o que o avivamento tem feito nas Ilhas Fiji. E observe particularmente a *ordem de prioridade* que foi engendrada para a conquista de muitos territórios naquela Nação. A Igreja foi a primeira a ser Restaurada!

EVIDÊNCIAS DE CONTAMINAÇÃO DE UM POVO OU DE UM TERRITÓRIO

Biblicamente falando, sabemos que o pecado pode ficar “incrustado” num determinado lugar por Gerações. A própria Babilônia era um antro de Demônios e pecados abomináveis. Assim foi com muitos Povos da Antiguidade: os assírios, os persas, os egípcios etc... (leia Rastros do Oculto). Toda a região ocupada por estes e outros Povos circunvizinhos foram os locais onde o Diabo se manifestou com mais intensidade nos primórdios da Humanidade. Não que não houvesse manifestação Demoníaca em outras regiões; basta *haver* gente, e lá estão também os Demônios. Mas nesse miolo – que hoje correspondem a porções do Iraque, Irã, Turquia, Arábia Saudita, Kuwait, Síria, Líbano, Jordânia, Cisjordânia, Israel, porção nordeste do Egito – o Diabo intensificou sua revelação e sua ação porque ali as Civilizações já eram muito antigas; e também foi o local escolhido por Deus para começar o Seu Plano, pela primeira vez, na Humanidade decaída. Portanto, diferente do que acontece com pessoas, que têm uma limitação de

vida, de anos, o território *está sempre lá*. Se nada interrompe o ciclo de contaminação da terra, o pecado pode tornar-se algo volumoso, escabroso, horroroso (foi exatamente por não suportar mais o tamanho da maldade na Terra que Deus decidiu exterminar a Raça Humana pelo Dilúvio).

Muito tempo depois do Dilúvio, repovoada a Terra, foi também por causa do “pecado a longo prazo” de Israel e Judá que eles acabaram sendo punidos, terminando em destruição pela Assíria e cativo na Babilônia. Qual era o pecado de Israel e de Judá? O pecado deles foi a falta de santificação. Apesar de bem avisados desde antes de tomarem a Terra Prometida, eles se contaminaram com os Povos da região da Palestina e passaram a usar dos mesmos hábitos, adorar os mesmos deuses falsos, fazer alianças perniciosas e esquecer-se do Senhor Deus e da Sua Lei. Podemos resumir dessa maneira. “Entre o puro e profano já não fazem distinção”. Foram vitoriosos ao entrar na Terra Prometida... mas acabaram contaminados por ela. Apesar de vários reis de Israel e Judá tentarem fazer o que era reto, apesar de vários Profetas terem falado e alertado aquele Povo, a verdade é que eles não se dobraram e nem se arrependeram. Podemos dizer, então, que a adoração a Baal, a Astarote e outros deuses, os rituais pagãos, os templos construídos para Entidades, os sistemas estranhos de leis religiosas, o comportamento abominável das pessoas da região... tudo isso virou um “pacote” pecaminoso que estava incrustado naquele lugar. Vinha de muito tempo. *Tanto* tempo, que nem mesmo o Povo separado e escolhido por Deus, o Povo ao qual o Senhor tinha se manifestado, conseguiu se manter intocado. A legalidade aberta por milhares de anos tinha atraído para aquele lugar tantos Demônios Poderosos, de Alta Patente, e a influência deles na região era tanta que não houve nada que pudesse demover o Povo de Deus de se desviar do Caminho.

Onde começa esse ciclo? Ou melhor, *como* começa? De onde parte a contaminação? Pode partir de um indivíduo e continuar em seus descendentes, por livre e espontânea vontade deles, até o ponto de contaminar um Povo inteiro. Temos de crer que foi assim com muitos Povos, porque no início eram poucos sobre a face da Terra. Começará com poucos, às vezes uma família... mas o pecado vai atraindo Entidades, e a contaminação se alastra. Observe a origem dos cananeus, por exemplo, e da região espiritualmente infestada onde eles viviam. Eram habitantes da Terra de Canaã – a Terra Prometida ou Terra Santa –, o mais antigo nome da Palestina, o território a oeste do Rio Jordão. Os cananeus derivam das

Gerações amaldiçoadas de Caim. Não houve arrependimento em Caim. Depois, Noé e seus descendentes foram caindo também no pecado; isso significa que a posteridade de Caim foi tão má quanto ele. Ou, melhor dizendo... foi ainda *pior* do que ele, pois além de imitarem os pais em seus crimes, inventaram outros tantos. Noé foi considerado justo no meio de toda aquela Geração perversa. Ele e seus descendentes poderiam ter interrompido o ciclo de Maldição que vinha de Geração em Geração. Afinal, foi para isso que eles foram poupados do Dilúvio. Mas Canaã, neto de Noé, foi amaldiçoado.

É controverso dizer por que foi Canaã a pessoa amaldiçoada e não Cão, o filho de Noé, já que foi ele que viu a nudez do pai. Ver a nudez do pai era algo horrível, impensável! Acredita-se – algumas linhas Teológicas cogitam esta possibilidade – que “ver a nudez” implica num ato de homossexualismo. Por isso, quando Noé soube do ocorrido, e de que Cão o havia visto naquelas condições, e o que havia feito, havemos de supor que sua dor e ira, como pai, foi tão grande, que ele desejou que Cão sentisse o mesmo que ele estava sentindo. Desejou, talvez, que um dia, ele – Cão – ficasse tão desgostoso com seu filho quanto Noé estava naquele momento. É provável que Canaã fosse o filho mais velho de Cão, e o seu predileto. Havia outros filhos, mas é provável que essa predileção, ou a primogenitura, tenham sido os motivos de Canaã ser escolhido como alvo da “maldição” de Noé. Contudo, palavras, por si só, não amaldiçoam ninguém. Há que haver causa para que a maldição repouse. Não é assim que aprendemos? Noé, no seu estado de fúria, poderia ter falado por falar. É algo que muitos de nós já escutamos, nos nossos dias, de nossos pais: “Ah, filho rebelde, que só me dá dor de cabeça. Você vai ver só! Um dia você vai ter um filho também e vai ver o que é ter um filho *assim como você!*”. Essas palavras, lançadas em momento de ira, não podem ter o poder de amaldiçoar o filho do filho. Claro que diante de algo nesse sentido os Demônios se alvoroçam, e procuram criar situações para que aquelas palavras se cumpram. Mas é o que explicamos antes. O filho não paga pelo pecado do pai, e vice-versa.

Portanto, o que aconteceu com Canaã? Provavelmente ele se irou também. Pois “amaldiçoar” no contexto do Velho Testamento era também seguido de atitudes de repúdio por parte de toda a família. E, na sua ira, acabou indo contra o avô. Uma atitude dessas é séria no contexto do VT. Se foi isso que aconteceu, houve ali uma ruptura real na família. A atitude de Canaã gerou afastamento dos irmãos e do resto dos familiares, que não seriam coniventes

com ele. Daquela maneira, as palavras de Noé encontravam pouso dentro de Canaã, e isso se reverteu em situação de rompimento familiar. Provavelmente Canaã acabou banido, isolado, e isso só o revoltou mais ainda. Trouxe ódio ao seu coração. Como já dissemos, Noé poderia ter interrompido o ciclo de Maldição; ele poderia ter sido o elo forte na corrente, e dele poderiam ter surgido somente uma Geração de justos. Pois a linhagem das Nações derivam das Gerações dos filhos de Noé. Mas Canaã não reteve a Maldição; antes, deu continuidade a ela, uma vez que em seu coração amargurado tornou-se recipiente favorável a proliferação da contaminação do mal. Por isso o mal alastrou-se de tal maneira por aquele território que os cananeus eram um Povo da pior espécie. E absolutamente contra os Israelitas. Cananeus e israelitas se tornaram Povos absolutamente distintos. Os cananeus se originaram dos onze filhos de Canaã. (Um pequeno adendo aqui: lembrando que José poderia ter feito o mesmo, quando foi separado de sua família, poderia ter abrigado em seu coração ira, cólera, desejo de vingança etc., sentimentos estes que seriam excelente matéria prima para Satanás. Mas ele não permitiu isso. Não deixou que as atitudes, as palavras, abatessem seu espírito. E quando esteve diante daqueles que lhe causaram tanto mal, ele os perdoa, e gera com isso bênção, em vez de maldição.)

Saiba ainda um pouco mais sobre eles: eram os antigos Fenícios. A divindade principal era El, porém, Baal – filho de El – tornou-se mais significativo. Havia muitas manifestações locais de Baal. E tanto ele quanto Dagom tinham templo em Ugarite, cidade cananeia. Havia muitas deusas, como Anate, Aserá e Astarote, deusas do sexo, da fertilidade e da guerra. Os deuses Shahru (estrela matutina) e Yarbu (deus-lua), bem como Resebe, deus da pestilência e da morte, também eram adorados em Canaã. Milhares de tabletes de argila guardados em uma biblioteca existente entre dois templos, descobertos em Ras-Shamra (Ugarite), fornecem-nos importantes dados sobre a religiosidade dos Cananeus. Havia grosseira imoralidade na adoração prestada a várias divindades da fertilidade, por exemplo. Os deuses cananeus não tinham nenhum destaque quanto à santidade, e no tocante ao Juízo Divino, estavam maduros. Os povos cananeus tinham grande perversão na área sexual. Muitos objetos relacionados à adoração pagã foram encontrados em escavações de Templos cananeus que chegam a datar de 1900 a.C. até 3000 a.C.: facas, tenazes, vasos de libação e ossos de animais, o que mostra que havia sacrifício deles, no mínimo. Em Ugarite,

especialmente, havia um sumo sacerdote e nada menos do que doze famílias de sacerdotes; e o Rei exercia funções sacerdotais também.

Observe o curioso detalhe: quando Deus chama Abraão e promete fazer dele uma grande Nação e diz que lhe dará uma terra... trata-se da terra de Canaã! Deus não diz que vai dar a terra de Sem ou de Jafé, os outros dois filhos de Noé, mas a terra de Canaã. Nesse tempo os cananeus já habitavam ali. Deus sabia a que ponto chegaria a iniquidade deles, e a sua perversão em todos os sentidos, e já tinha traçado o seu destino. Canaã e seus filhos foram os responsáveis pelo início do ciclo de contaminação daquela terra, pelo ciclo de Maldição que mais tarde estaria no auge quando Josué entrou ali com os filhos de Israel.

Nessa época os descendentes de Canaã dividiam-se em seis ou sete Nações distintas, mas o termo “cananeu” os incluía como um todo. Havia também diversas tribos cananeias que habitavam as fronteiras da Palestina, em seu lado norte (mas Israel não entrou em contato com essas tribos). Assim, quando Josué entra com seu exército na Terra Prometida, a ordem de Deus quanto aos Cananeus era para “matá-los todos”. Isso é feito quando os Cananeus estavam no auge da sua iniquidade (Gn. 15:16), a despeito de serem uma civilização muito mais desenvolvida em todos os sentidos do que Israel. Verifica-se, então, que para os Cananeus não havia mais chance de arrependimento e de remissão da sua terra e da sua gente. Sua quota de iniquidade se esgotou e foram exterminados, na maioria, ou feitos escravos, absorvidos pela Nação Israelita. Houve, contudo, uma parte restante do povo Cananeu que se estabeleceu próximo à orla costeira e ali se desenvolveu como potência marítima.

Como podemos saber que, além da contaminação espiritual das pessoas, havia uma contaminação da própria *terra*, da própria região? Não é muito difícil inferir isso. Onde os Demônios se aglomeram só há destruição. É uma destruição global, eles roubam a vida em todas as suas formas, pois são Entidades carregadas de energia negativa. Absorvem a vida até mesmo dos animais, da Natureza em derredor. Não é de espantar a aridez de tudo aquilo. Voltemos um pouco ao período anterior à Queda do Homem. A Bíblia relata o Jardim que Deus fez brotar no Éden, lugar onde colocou o Homem. Diz que ali fez brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento. Diz também que saía um rio do Éden para regar o Jardim, e dali se dividia em quatro braços. Do Pisom e do Giom, não temos paradeiro; o terceiro era o rio Tigre, e o quarto, o Eufrates. O Homem deveria cultivar a guardar o

Éden. Seria muito estranho admitir que o Senhor fizesse um lugar pouco hospitaleiro para o Ser Humano recém-criado viver! Não é? Tudo que vemos na Terra hoje é uma forma pálida daquilo que existe nos Céus. Por isso sabemos que o Éden deveria ser maravilhoso, com Flora e Fauna abundantes, de uma beleza inigualável!

Mas não é o que vemos hoje. Depois da Queda, o homem contaminou a Terra. “Maldita é a Terra por tua causa”, foi o que disse o Senhor Deus a Adão. Não sabemos ao certo o que aconteceu com a Terra, mas é absolutamente provável que ela tenha sofrido imutáveis mudanças. Alterações em todas as esferas devem ter sido grandes. Até hoje, sabe-se que pelo mau uso das reservas naturais do Planeta, pelos desmatamentos, poluição em larga escala e destruição da camada de ozônio, mais e mais o Ecossistema se abala. Mas imagine como não foi esse abalo no momento em que o Homem pecou e ficou para sempre separado do Senhor. O Pecado Original deve ter sido como um grande Tsunami, que abalroou tudo e todos de forma irreparável. Talvez tenha havido grandes mudanças climáticas, e grandes mudanças geológicas. A Geologia e a Arqueologia comprovam, hoje, a existência de indícios sugestivos de que toda aquela área deveria ter sido de uma grande Floresta! Ou seja, abundância de vida, de beleza, de diversidade. Havia abundância de animais, todo tipo de animais; a Bíblia fala que foi o Homem quem escolheu o nome deles – sinal de que eles estavam por ali, abundantemente. Como se espera que aconteça num local de Flora e Fauna vigorosos.

Não podemos imaginar o Éden primordial e as suas regiões vizinhas como estão hoje. Talvez o primeiro e o segundo rio simplesmente tenham deixado de existir, secando. Por certo que ainda há como que “ilhas” mostrando a beleza do que deveria ter sido anteriormente no local como um todo. Mas a verdade é que o Oriente Médio em geral é uma região bastante inóspita. Um indício a mais para nós de que tudo ali deveria ser bem diferente do que é hoje, vem através das Promessas de Deus; Promessas de que tornaria a fazer da região um lugar habitável, que faria novamente florescer o deserto. Veja Ez. 36:34-35 – “Lavrar-se-á a terra deserta, em vez de estar desolada aos olhos de todos que passam. Dir-se-á: esta terra desolada ficou como o Jardim do Éden; as cidades desertas, desoladas e em ruínas estão fortificadas e habitadas”. Repare na comparação com o Jardim do Éden! É como se dissesse: “Um dia, essa terra será como era antes!”. Em Is. 35 notamos várias passagens semelhantes: “O deserto e a terra se alegrarão; o

ermo exultará; deu-se-lhes a glória do Líbano, o esplendor do Carmelo e de Sarom; eles verão a Glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus. (...) pois águas arrebentarão no deserto, e ribeiros no ermo. A terra seca se transformará em lagos, e a terra sedenta em mananciais de água; onde outrora viviam os chacais, crescerá a erva com canas e juncos (Is. 35:1-2; 6-7). “Abrirei rios nos altos desnudos e fontes no meio dos vales; tornarei o deserto em açudes de águas e a terra seca em mananciais. Plantarei no deserto o cedro, a acácia, a murta e a oliveira; conjuntamente porei no ermo o cipreste, o olmeiro e o buxo, para que todos vejam e saibam, considerem e juntamente entendam que a Mão do Senhor fez isso, e o Santo de Israel o criou (Is. 41:18-20).

Estas profecias podem ser encaradas do âmbito Espiritual puramente, Histórico ou Cristológico. Espiritualmente falando Deus transforma o coração seco em “fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo. 4:14); historicamente, podemos achar um cumprimento parcial disto na volta de Israel à sua terra depois do Exílio na Babilônia, ou também no Séc. XX e XXI. Mas é provável que isso se refira – pela exuberância das palavras e das comparações – ao Reino futuro em Cristo, no qual o Mundo inteiro será transformado. Por conseguinte, cremos que as referências abundantes sobre mudanças na Natureza se refiram a mudanças *literais*. Há muitos simbolismos e muitas figuras de linguagem que poderiam ter sido empregados para dizer apenas que corações serão restaurados, e tudo será novo. Deus nunca dá ponto sem nó. E se usou de um linguajar tão profuso em termos de afirmar o renascimento da Vida Natural, das águas brotando de todos os lados abundantemente, o deserto florescendo, revivendo... é porque realmente isso assim será. A região assolada voltará a ser como um Jardim! Como foi um dia...

Porém, além do fato do Pecado ter entrado no Mundo, a região passou a ser lugar predileto de Entidades Demoníacas. Nem precisamos dizer por quê. O tempo passou e ali estava o Povo escolhido de Deus. Ali estavam as principais Civilizações da Antiguidade. A presença dos Demônios foi o que terminou de destruir o que havia até tudo ser como é hoje. Nem tudo aconteceu no “Tsunami Espiritual” que foi a Queda. O resto veio nos milênios seguintes, nos milênios em que Demônios e mais Demônios foram invadindo aqueles locais (leia “Rastros do Oculto”). Tomemos por base a Palestina. Mesmo pequena, a Terra de Israel tem clima bastante diversificado, o mais diversificado do Mundo: desde a neve nas montanhas

até quentíssimos desertos. Na época das chuvas, elas são torrenciais nas montanhas; nos desertos há ventos secos e poeirentos já que a Palestina jaz à margem de um dos grandes desertos do Mundo. O Vale do Jordão é quase *insuportavelmente* quente no verão, sendo mais agradável apenas no inverno. O Jordão é o único rio verdadeiro da Palestina, com modestos tributários. Há ribeiros alimentados pela água derretida das neves, mas eles produzem água por pouco tempo e logo secam quando o clima muda, e então no lugar dos mesmos nada mais resta senão os oásis. Trechos de I Re. 17:7, Jó 24:19, Jl. 1:20, Sl. 126:4 referem-se a essa situação.

As regiões adjacentes a Israel eram o Líbano, nas costas marítimas, no extremo norte de Israel. Para oriente das montanhas do Líbano, fica o oásis de Damasco, em uma região essencialmente desértica (canto nordeste da Palestina). Para leste, além da Transjordânia, o deserto é muito vasto ao longo de seu costado oriental. Essa área, que em remotas eras foi local de regular atividade vulcânica, é desolada e selvática, com muitas cavernas e elevações estéreis. Alguns poucos corajosos nômades trafegavam ali. Ao sul da Palestina havia mais desertos. Tribos do deserto vagueavam por ali e vez por outra agiam com hostilidade. O Povo de Israel nunca conseguiu manter um bom controle sobre as terras ao sul de Berseba. Somente por breves períodos o Neguebe estava sob domínio de Israel. As terras prometidas a Abraão estendiam-se do rio Nilo ao rio Eufrates, envolvendo essa área sulista e também o território que hoje pega parte da Síria e da Jordânia, além de Israel, Cisjordânia e Líbano; mas em relação à porção sul, no Neguebe, os Israelitas nunca tornaram essa realidade palpável.

Hoje há grandes reservatórios de água, mas antigamente o armazenamento de água em Israel era feito pelo meio de cisternas. A agricultura não era das mais desenvolvidas, sendo preferencial o cultivo de cevada e não trigo, pois ela pode ser plantada e cultivada com menos chuva. O cultivo da oliveira e da videira também eram importantes. Na região montanhosa central as terras são muito férteis, mas dependem de fontes e poços para irrigação. A leste do Rio Jordão a paisagem é bastante diferente, e os povos que ali habitavam também bem diferentes dos da porção oriental da Palestina. Ali há faixas de terra bem irrigadas que separam o resto do território do temível deserto, mais para oriente. Percebe-se que a região da Palestina só não se tornou pior por causa da interferência humana, que agiu no sentido de tentar torná-la mais fértil e habitável.

É de se admirar como um território tão pequeno como a Palestina possa ter tão gigantesco impacto Histórico e Cultural sobre a Civilização. Isso significa, mais uma vez, que por ali não passaram somente homens. Mas Entidades Demoníacas Poderosas e um grande confronto de Forças que ainda perdura. Não é por acaso que o centro mais perturbado do Mundo está justamente localizado na região do Oriente Médio. Aquela terra nunca foi remida, nunca foi descontaminada. Por isso não somente o Povo sofre com as guerras e divisões, mas a terra também é sofrida. Talvez não seja por acaso que o Mar Morto, o ponto mais profundo à face do planeta (praticamente um buraco), esteja justamente nesse território. Alterações Geológicas por vezes abruptas acontecem quando há abertura de grandes Portais, ou frente à maciça movimentação de Demônios.

O Mar Morto é mais um lago, mas diferente do Mar da Galiléia, o Mar Morto não tem escoadouro. Seu nível é mantido devido a uma elevadíssima taxa de evaporação na superfície. O mesmo fenômeno é responsável por suas águas extremamente salinas (muito sal), e não há peixes ali por causa disso. Uma das visões dos Profetas Ezequiel e Zacarias era de que as águas do Mar Morto um dia tornar-se-iam potáveis o suficiente para sustentar a vida animal. Esse detalhe é interessante; parece ser mais do que mero acaso. Talvez toda a profunda garganta do Jordão, que é uma falha geológica que se estende por cerca de cem quilômetros quase cortando a Palestina ao meio, e que desce para o Mar Morto, não seja, realmente, um acidente geológico puramente natural. Entre o Mar da Galiléia e o Mar Morto fica a Planície de Bete-Hã e o Vale do Jordão. O que acontece nesse vale é que as colinas precipitam-se abruptamente para aquilo que não é exatamente um vale, mas um buraco na superfície da Terra. A superfície do Mar Morto fica a 375 m abaixo do nível do mar, mas a *profundidade* dele é de 771 m abaixo do nível do mar. Isso posto, o grande buraco conta com duas grandes massas de água: o Mar da Galiléia, ao Norte, e o Mar Morto, ao Sul. Tudo isso faz parte de um conjunto ainda maior de falhas geológicas que atravessam o Oriente próximo e penetram até certo ponto o Continente Africano. Por certo que o Senhor não sonhou em colocar o Seu Povo no meio de uma terra tão inóspita... mas as Forças Espirituais colaboraram, certamente, para esse resultado.

Por falar em Oriente Médio, de onde se originou o Mundo Árabe, que tantas e tantas conturbações tem sofrido junto com os Judeus na região da Palestina? Em parte são os descendentes de Ismael, o filho de Abraão com

Hagar, serva egípcia de Sara, e que depois foi despachado junto com a mãe para o meio do Deserto. Ismael e Isaque tinham boa diferença de idade, mas o problema principal era a rivalidade e conflitos existentes entre as mães. A soberba de Hagar e os ciúmes de Sara foram decisivos no desenrolar da história. Sara talvez simplesmente não quisesse competidor para seu filho, apesar de Ismael nada ter feito de errado. O termo hebraico usado como “caçoar” (tsachaq) de Isaque, na época da cerimônia do desmame, talvez seja melhor traduzido por “brincar” com Isaque. Mas Sara teve um violento ataque de ciúmes. Esse foi o primeiro conflito árabe-judaico. E embora Ismael tenha recebido bênção de Abraão, e dele procederia a grande Nação, Isaque era o filho da Promessa, de onde viria a Nação de Israel, por meio da qual chegaria o Messias ao Mundo.

Depois de sair pelo Deserto e da intervenção do Anjo do Senhor para que eles não morressem, mais tarde Hagar deu a Ismael uma esposa egípcia; ele teve doze filhos e uma filha. Veja quanta confusão restou dessa divergência familiar e o que aconteceu com as duas descendências. Assim como Jacó teve doze filhos, e cada um deles originou uma das Tribos de Israel, assim foi também com Ismael, cujos doze filhos tornaram-se cabeças de Tribos. Ao contrário, porém, do que alguns pensam, Ismael não foi o fundador das Nações Árabes, porquanto antes disso essas Tribos semitas já tinham tido seu começo; mas Ismael contribuiu para a formação da Nação Árabe com a Tribo que dele descendia. O termo “israelita” é usado como uma designação genérica de povos árabes, ainda que, estritamente falando, Ismael tivesse sido o progenitor de somente certas Tribos, através de seus doze filhos. Maomé dizia-se descendente de Ismael. Visto que, historicamente falando, os Árabes têm sido cuidadosos sobre suas genealogias, exatamente como os Judeus, é possível que a reivindicação dele fosse autêntica. Dando margem à miscigenação entre várias Tribos, quase chega a ser correto chamarmos os Árabes de ismaelitas.

Contudo, a despeito disso, notamos como os conflitos que tiveram origem ainda na família perduraram, e perduram até hoje. Só se ouve falar em desgraça, mortes e guerras envolvendo Árabes e Judeus. Sabemos também que todo aquele território sofre até hoje.

Então, para concluir: é importante, quando se trata da terra, de uma região qualquer, saber das origens de seus problemas para entender o que está acontecendo ali. Por outro lado, é também fundamental entender que muitos locais *nunca* serão libertos, nunca haverá remissão. Especialmente quando o

pecado for de longa data, e o Cristianismo for um elo ainda fraco na região. O que é mais importante do que remir a terra em si é libertar as vidas que se encontram aprisionadas. Muitas poderão ser libertas pelo mover de Deus num local, sem que esse local venha a sofrer esmagadoras mudanças em termos de seu Povo e seus costumes.

Assim, em breves linhas demos uma pálida ideia do por que de o Berço da Civilização ter se tornado uma terra árida, cheia de conflitos, relativamente sem vida exuberante em sua Natureza. Esboçamos apenas duas questões, mas houve muitas outras. O fato é que muito pecado por muito tempo atraiu muitas Maldições. Não deve ter sido assim que Deus criou aquela região do Globo.

PARTE II

A religião pode cometer erros

Nós temos errado em diversos pontos. É interessante para as Trevas perpetuar o erro.

Satanás sempre lançará sementes de engano em nosso meio, ele nunca vai desistir disso, muito mais agora no Final dos Tempos do que antes. O ataque é incessante porque as Igrejas como um Todo têm que estar o mais inoperantes possível. Pouco importa uma Igreja ter 30.000 membros! Se estiverem fazendo Batalha Espiritual de modo errôneo, ponto para o Inferno: risos, gargalhadas e altas zombarias com o nosso povo. Você pensa que não? Eles têm bastante senso de humor, humor negro, evidentemente.

Os Demônios não estão preocupados com números, pois não é isso que os atinge. Podemos pensar que ser mal sucedido diante do Diabo só acontece frente à imaturidade Cristã, dos Pastores neófitos. Mas não é o caso. O Diabo tem, em muitas situações, sido bem-sucedido mesmo dentre Cristãos de longa data na Fé, e inviabiliza milhares e milhares de Líderes e Ovelhas ao lançar suas doutrinas de Demônios, suas doutrinas de engano.

Para ser boa, a semente de engano tem que ter alguns pontos de veracidade, alguma base que possa ser tomada como Bíblica. Funciona também – para causar engano – transformar certas experiências pessoais em doutrina, particularmente quando estas são de estofo agradável para a maioria de nós. Quando uma semente de engano é promissora, os Demônios inclusive se empenham em “atestar” sua veracidade. Por exemplo: nenhum Demônio tem medo de água-benta. Ele teme a unção dos verdadeiros filhos de Deus. Não estamos aqui dizendo que um Padre não possa ser filho de Deus, ou estar verdadeiramente bem-intencionado no que faz. Especialmente a seleta classe dos padres “exorcistas” tem muito mais critério e responsabilidade em relação ao endemoniamento do que nós, Evangélicos.

Precisam de autorização superior e descartam primeiro qualquer causa natural. Entretanto, dificilmente um Demônio será expulso por meio de água-benta, imposição de crucifixo e orações do terço. Contudo – ponto novamente para os Católicos – eles de fato seguem uma ordem considerada coesa e aceita por toda a Igreja Católica. Diferente dos Evangélicos, exorcismo tem hora e lugar, eles não agem de forma desbaratada, no meio da Missa, em shows espalhafatosos e sem nenhum preparo prévio de quem vai “exorcizar”. E nem o fazem diante de câmeras de TV.

A certeza de que o Espírito Santo habita em nós e de que nada nos poderia resistir, e se cremos no Nome de Jesus faríamos as mesmas Obras que Ele, e expulsaríamos Demônios e curaríamos enfermos etc... isso tem causado um “deslumbre” desfavorável no meio Cristão. Parece que para nada é exigido o Treinamento, o preparo, o Chamado, a unção. Não podemos tirar textos de seu contexto e sair por aí. Vamos lembrar um pouquinho dos erros que temos cometido.

Uma das sementes de engano que o Diabo plantou e se alastrou por aí como fogo em rastro de pólvora é o que já discutimos em relação à conquista de cidades, e a fazermos Batalha Espiritual de maneira “invertida”, sem começar de dentro para fora. Por que funciona tão bem esse engano? Porque é uma doutrina que todos gostam de ouvir. Vamos guerrear, mas não precisamos nos preocupar com a nossa própria vida! Vamos nos meter em “aventuras”, para termos o que contar depois, mas sem compromisso com Deus, com Sua Palavra, e com pecados ocultos e “abandonados” em nossos corações. Não somos incentivados a lidar com isso. Não é interessante; dá trabalho; exige determinação e sujeição ao Espírito de Deus. Muitas vezes, Batalha Espiritual não é a “praia” de alguém, mas este alguém continua insistindo porque dá Ibope na Igreja falar que é “Guerreiro”. Nenhum Guerreiro de verdade almeja a Guerra e nem fala dela com leviandade, como se estivesse indo se divertir. Nenhum Guerreiro verdadeiro sai e deixa a retaguarda desguarnecida!

Mais um ponto: a reunião de dados antigos tem relevância no contexto da remissão da Terra, por causa dos Espíritos Territoriais. Não é importante a nível individual (Maldição Hereditária). Só que Espíritos Territoriais não estão preocupados em assombrar vidas!!! A Igreja está demasiadamente preocupada em nomear Patentes Demoníacas cada vez maiores para valorizar sua Guerra invertida. Guerra “fora” antes de guerra “dentro”!

Debaixo da autoridade de um Príncipe Demoníaco, de Principados e Potestades há uma indizível gama de subalternos, de vigilantes, tropas e tropas de Demônios de menor hierarquia que – se preciso – vão assolar pessoas e procurar desviá-las do circuito correto das ideias Cristãs. Mas mesmo esses, que estão sendo assolados por Demônios, são os que procuram levar vida mais santificada; são os mais compromissados que vão despertar interesse dos Demônios a ponto de ter alguns a acompanhá-los, vigiando-os de perto, procurando brechas para tragá-lo. Algumas vezes o engano se instala de maneira tão sólida, que Entidades das Trevas não precisam mais se preocupar com nada: a Igreja continua por si mesma no “piloto automático”!

Lamentamos que essas palavras soem desagradáveis, dado que o filão da Batalha Espiritual encanta e arrebatava muita gente. Muita gente mesmo. Parece que têm um prazer oculto em dizer que estão sendo perseguidas, ou retaliadas. Essas histórias correm a Internet e as fofocas de boca em boca porque alguns Cristãos – conscientemente ou não – adoram falar do Diabo. Ele parece mais amado do que Deus, dada a frequência com que seu nome é pronunciado, e o esforço que fazemos por descobrir mais e mais sobre ele. Que ideia fixa! Parece que ele tem mais Poder do que Deus! Não cremos realmente que o Cristão de *vida ilibada* será guardado, que “mil cairão de um lado e dez mil do outro... mas ele não será atingido”. Já imaginou essa cena de Guerra? Um massacre deste porte diante de uma saraivada inimiga intensa – e certa – a ponto de fazer cair milhares e milhares que estão tão próximos a você... mas você sair ileso??? Por outro lado... há muitos que não saem ilesos, ao contrário. E já parou para pensar porque há tantos que caem diante do Inimigo? Já imaginou que – como no Exército de Gideão –, a maior parte não estava apta para o confronto?

“Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente diz ao Senhor: Meu Refúgio e meu Baluarte, Deus meu, em Quem confio!”. Não precisamos ir muito além nesse Salmo tão tremendo que fala do confronto com as Trevas e do livramento miraculoso do Pai. Pense só no primeiro verso... “aquele que habita”.

– HABITAR = Residir, morar; VIVER EM.

– *Habitat* = AMBIENTE NATURAL; lugar ou meio em que cresce ou vive qualquer ser organizado.

Não precisamos dizer que são poucos que fazem do Altíssimo seu lugar de morada, seu ambiente natural. Poucos amam o Senhor tanto assim a ponto de

dizer que têm Nele um “esconderijo”. Alguns Cristãos não conseguem entender o que é realmente Santidade; um estado de profunda comunhão com o Pai, a ponto de sempre discernir Sua Voz. Estar “escondido”, mesmo diante dos perigosos Demônios de Alta Patente que são citados no Salmo 91, é fruto de habitar no Altíssimo. Ter intimidade profunda com ele. Somente a intimidade profunda nos leva ao conhecimento suficiente para podermos – em meio a qualquer circunstância, seja ela de Guerra ou não – “descansar” na Sua Onipotência.

– DESCANSAR = dar-se descanso, fazer repousar; LIVRAR-SE DE FADIGA, AFLIÇÃO, PESO OU TRABALHO.

– DESCANSO = ação ou efeito de descansar; folga. SOSSEGO. PAZ. Isso tem acontecido com a maioria quando se trata de Guerra??? Há descanso? Há paz? Ou a simples menção de um “ataque” – verdadeiro ou imaginário – causa justamente o oposto? E, ao invés de buscarmos conforto e instruções em Deus, invertemos os pés pelas mãos, fazemos o que nos dá na cabeça, ou pedimos socorro urgente a alguém? E esse “alguém” *não é* o Pai. Se fosse o Pai, teríamos a clara sensação de proteção, de abrigo. Pois o texto fala em “descansar à sombra”. Para estar à sombra de algo ou Alguém, é preciso estar muito próximo deste Alguém. Quem anda perto do Onipotente, tem Nele sombra e esconderijo, e sempre sabe o que fazer. O que muitas vezes é *não fazer nada*. Ou simplesmente seguir um cronograma de horários e itinerários para sair à rua. Ou apenas uma unção com óleo em redor da casa ou da Igreja. Ou evitar o assédio da tentação do pecado. Não cair em pecado é Batalha vencida!

Temos percebido que as soluções de Deus são muito, muito mais *simples* do que imaginamos. Nós é que complicamos, e o adversário colabora com isso, pois quanto mais complicado for o processo mais difícil de cumpri-lo – doutrina de demônios. Não confiamos Nele, *oh*, não confiamos mesmo! Como temos caminhado errados! Por isso esse desvario em descobrir o que os Demônios estão fazendo, que espécie de sacrifício ritual estão oferecendo, se o dia do mês é nove, ou se a placa do carro de determinado “suspeito” culmina em alguma numerologia cabalística, ou quais os nomes das Entidades, e quem está agindo na cidade tal, ou que tipo de Feitiço é mais comum em cada fase da Lua. Ficamos procurando, procurando remexer no lixo do Inimigo ao invés de buscar a Face de Deus! Grande erro...

E em caso de situação real de risco? Muitas vezes afrontamos as Trevas como crianças que provocam a Gangue de moleques mais velhos. Nós nos

achamos “os tais” sapateando, amarrando Demônios – amarrando o próprio Satanás – ...! Como se eles fossem *mesmo* ficar “amarrados” só porque decidimos que é assim, e pronto. O Diabo não está dando “sopa” por aí. Ele não vai visitar Crentes nas suas próprias casas. Para mobilizar Satanás contra um indivíduo, tem que haver um motivo muito, *muito* forte. Tem que ser uma pessoa santa de verdade, alguém com a autoridade de Pedro cuja sombra curava os enfermos e expulsava demônios. Os batedores do Inimigo já têm que ter tentado e tentado e tentado derrubar essa pessoa, sem conseguir. O acúmulo de Demônios de Alta Patente em torno de alguém ou de alguma Igreja não é frequente hoje em dia, no nosso País e em muitos outros. Porque temos agido como as crianças que afrontam a Gangue de rua. Levianamente. Ela se limita a dar um “chega pra lá”, quando muito. Por que essas crianças não oferecem perigo algum para eles, não oferecem resistência alguma ao seu domínio implacável da rua e do bairro.

Porém, às vezes cutucamos demais. Envolve-nos em ganhar paradas políticas, e nos arvoramos a desafiar os Poderosos. Nesse caso eles têm prazer em nos desbancar, em afligir um pouco, em nos fazer comer poeira. Como geralmente não contamos que podemos ser perseguidos depois da nossa imprudência, e quando nos vemos acuados aí saímos correndo e chorando diante da situação feia... mas correr para onde? Cremos na Onipotência do Senhor? Cremos no seu livramento real, em situação real de perigo? Quem tem fé para isso, de verdade? Se por um lado não cremos que o Senhor possa nos livrar, por outro acreditamos piamente em situações absurdas que consideramos “do Inimigo”, quando na verdade não o são de fato. Recebemos dezenas e dezenas – senão milhares – de cartas de pessoas, Líderes e Ovelhas, literalmente apavoradas, com medo de coisas que julgam ser obra de Satanás, em alguns casos realmente o são. São histórias mirabolantes de pessoas que chegam a conclusões das mais errôneas... que dizem ter lido nossos livros anteriores, participado dos Seminários, que sua vida “foi mudada”... mas não conseguem ainda discernir entre o verdadeiro Satanismo e a macumbaria da esquina; nem entre o puro e o impuro, porque não compreenderam o verdadeiro significado das experiências narradas em “Guerreiros da Luz” e “Voz do que Clama no Deserto”. O conhecimento do Inimigo é importante, mas não nos leva *um milímetro* na direção da vitória!!! O que vence o maligno nos dá autoridade, torna-nos sensíveis ao mover do Espírito, capacita-nos a desenvolver Dons verdadeiros, leva-nos a discernir

nosso verdadeiro lugar no Corpo... e muito mais... é *intimidade* com Deus! Não dá pra sair do lugar sem isso.

Mas no meio de todas essas cartas e essa paranoia em relação ao Diabo quase nunca – com honrosas exceções – há uma palavra sequer sobre a Proteção muito maior que o Senhor poderia oferecer... caso estejamos no Centro da Sua Vontade! Compartilham apenas uma gama imensa de problemas com o Diabo, esperando que nós tenhamos uma solução mágica qualquer, um caminho mais curto para conseguirem ser vitoriosos ou se livrarem das agruras que os Demônios estão impondo. Muitas vezes os Demônios não têm nem sequer participação no assunto! Eles estão mais ocupados com quem está buscando santificação e mudança real de atitude de coração. Não escutam ninguém dizer que “nada o tocará, pois ele tem intimidade e descansa à sombra do Onipotente”.

– ONIPOTENTE: QUE PODE TUDO; TODO-PODEROSO; PODER SEM LIMITES, ABSOLUTO.

Somos mais do que vencedores, Jesus veio para que tenhamos vida, vida em abundância! Mas o que está acontecendo?

Já paramos para meditar nisso? Temer o quê, ou a quem, estando debaixo da sombra, debaixo das vistas do Onipotente? Quem poderá algo contra nós? Enquanto os Satanistas passam a noite fazendo seus Rituais, nós dormimos tranquilos porque nossa casa tem miríades e miríades de Anjos ao redor, ninguém pode se aproximar. Se houver aproximação, sabemos de antemão, e também conhecemos o propósito. Sem escorregar, isto é, sem ceder à tentação ao pecado e à queda que ele vem impor... Batalha vencida! Porém, lembremo-nos de que Anjos não são distribuídos a esmo por aí. Príncipes Celestiais vêm em decorrência da obediência, em decorrência do Chamado, em decorrência da verdadeira luta que há – ou não há. Onde há pecado, Anjos quase não podem agir. A casa é dos Demônios, que entram e saem quando querem. E, se não é preciso ficar ali o tempo todo, basta um vigilante que informe dos tropeços para que os principais venham, ajam e sumam-se novamente. Basta isso para controlar muita gente! Diferente aconteceu com Josué, o príncipe do exército do Senhor apresentou-se diante dele com espada nua, pronto para protegê-lo, guardá-lo, pois ele estava no centro da vontade de Deus. (Js. 5:13-15)

Há “grandes” Igrejas que tem aí seus demoninhos sentinela, e só. Só para garantir que vão continuar no erro. Qualquer chamazinha de coerência e tentativa de retorno ao Centro da Vontade de Deus mobiliza o Reino

Espiritual a partir destas sentinelas, e geralmente o trabalho é muito simples. Alguns Guerreiros da Igreja não costumam ouvir ninguém que lhes contrarie. Esse é um mal em quase todas as esferas da Igreja, mas no contexto da Guerra, onde as pessoas sentem-se dotadas de um “poder” ilimitado, sentem-se parte de uma “Elite” dentro da Cristandade, a soberba, a altivez, os ouvidos moucos, a “pseudoautoridade”, as falsas profecias, as missões sem pé nem cabeça correm soltas a rodo e as coisas parecem ser um pouco piores.

O Diabo tem sempre interesse em promover o Engano e, ainda mais, *incentivar* esse Engano quando percebem que são promissores e podem fazer muitos Cristãos percorrerem caminhos que não são os da Justiça e da Verdade. Nesse sentido, é muito lucrativo para ele assinar embaixo de uma falsa “Batalha Espiritual”. Lembra da Inquisição? Em nome de Deus destruíram, mataram, torturaram, queimaram vivos milhares e milhares ao longo de Séculos. Tratava-se de uma “Caça às Bruxas”, mas isso era *real*??? Essa Batalha estava de fato acontecendo contra o Inferno... ou o Inferno é que se divertia às custas da Igreja? Nenhuma *Bruxa* verdadeira foi morta... ninguém realmente pactuado com Satanás encontrou esse deplorável fim!

Se estivermos fora da Vontade de Deus, estamos à mercê do Diabo com muito maior facilidade. Hoje em dia temos que parar pra pensar se parte das nossas Batalhas Espirituais – e parte daquilo que está em moda dentro da Igreja – trata-se de Verdade ou Engano? Particularmente no que diz respeito à Batalha Espiritual temos que ser muito criteriosos porque cutucar o vespeiro dos Demônios tem suas consequências. Se ele conseguir plantar sementes de Engano no meio da Igreja e fazer com que prosperem estará sendo vitorioso, e vai cuidar para endossar ainda mais o erro. O Diabo é um ser inteligente.

Nesse momento não temos que estar preocupados com o que os Demônios estão fazendo. É hora de nos voltarmos para Deus a fim de saber o que *Ele* acha de nós e do que estamos fazendo! Ou deixando de fazer. Restauração e Cura não necessariamente envolve tanta preocupação com o Diabo. Na verdade, a partir do momento em que nos alinhamos com o Pai, o Inimigo naturalmente começa a perder terreno, mesmo que seu nome não seja nem citado. Interessa muito mais o que o Pai acha do que aquilo que os Demônios estão arquitetando.

Não é hora para “amaciar” a situação, “dourar a pílula”!!! Quem não gostar que continue caminhando do mesmo jeito. Mas não é a Deus que está

agradando. Desafiamos pessoas que fazem Batalha Espiritual sem Treinamento, sem Chamado (portanto, na “carne”), sem arrependimento, sem Restauração e Cura individual, Familiar e da Igreja local a mostrar seus resultados. Queremos saber se as cidades têm sido conquistadas, se os Demônios têm se dobrado, se as vidas têm sido transformadas. Assim temos caminhado... e assim temos sido derrotados. E já é hora de darmos grito de alerta, pois nosso futuro espiritual pode estar seriamente comprometido. Já dissemos isso. Se o Arrebatamento fosse agora, pouquíssimos subiriam, pouquíssimos estariam inseridos na Noiva, porque ela é Santa. Sem mácula, sem ruga... e ama profundamente o Noivo. Já que tantos e tantos têm tanta curiosidade em relação à Irmandade e ao Satanismo, continuem como estão e verão o Anticristo face a face. Nessa hora já não adiantará pôr as mãos na cabeça e gritar “Ai, ai, meu Deus”!

As Minhas Ovelhas ouvem a Minha Voz, Eu as conheço e elas Me seguem. Eu lhes dou a Vida Eterna; jamais perecerão. E ninguém as arrebatará da Minha Mão (Jo. 10:27-28). Se Me amares, guardareis os Meus Mandamentos (Jo. 14:15).

→ OUVIR = ENTENDER, PERCEBER; DAR OUVIDOS, ESCUTAR, PRESTAR ATENÇÃO.

→ GUARDAR = VIGIAR, PARA CONSERVAR, DEFENDER OU PROTEGER; manter em bom estado.

Meditem nisso um pouco antes de ir adiante. Temos dado ouvidos à Voz de Jesus? Temos guardado os Seus Mandamentos?

Filho Meu, não te esqueças dos Meus Ensinos. E o teu coração guarde os Meus Mandamentos; porque eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida e de paz (Pv. 3:1-2).

Pode haver vida e paz mesmo em meio à Guerra, quando esta é travada verdadeiramente ao lado do Senhor. Ele não se compraz em ver filhos estropiados pelo Inimigo. O desejo de Deus é sempre nos poupar. Haverá momentos de Treinamento e de Fornalha, pois somente assim se lapidam as melhores e mais preciosas joias. Mas isso não significa ser destroçado pelo Inimigo. O lapidar de Deus é bem diferente do que a maioria tem experimentado. Na verdade, nós não temos experimentado esse lapidar porque não queremos; não nos permitimos. Porque se perde a Palavra de Cristo por aí, não a ouvimos, não a guardamos, não a retemos... por causa de desejos e anseios da própria alma. Nós nos julgamos mais sábios que Deus;

não O amamos, nem Seus ensinamentos. Por isso vivemos em miséria e à mercê dos Demônios mais fúteis.

Estes são alguns dos erros crassos que temos visto por aí, e fazemos mais uma última exortação e um último apelo para a santificação; um último chamado ao verdadeiro arrependimento das nossas obras más, da nossa falta de temor a Deus... para que haja Restauração e Cura! Um último Alerta Geral à Igreja de Cristo, pois temos visto que, a despeito de muitos esforços, a maioria ainda não compreendeu qual é a “Fórmula da Vitória”: vida com Deus! E “Vida”... é Vida!!!

Não apenas nós, Cristãos, somos passíveis de erro. O erro faz parte do aprendizado, do crescimento... e do acerto! Por vezes estamos tão fortemente imbuídos de dogmas e ideias aceitas por todos que não paramos pra pensar se há algo errado, mesmo em face de derrotas. O Rebanho de Ovelhas é de *Ovelhas!* A Ovelha por si mesma é de natureza passiva e cordata. Mas temos que pensar, às vezes, se não estamos caindo em erro. Pode haver erro quando alguém surge com uma ideia nova, um conceito diferente, uma maneira diferente de Guerrear, ou algo nesse sentido; é verdade que por vezes o faz sem dolo. É alguém que teve uma experiência individual verdadeira – ou pensou que fosse – e deseja repassar isso para a Igreja. O Conhecimento nos dá uma blindagem contra os ataques do adversário. Como descreve Oséias 4:6, a falta deste nos faz perecer. Quantos crentes você conhece que leram a Bíblia toda? Ou que a conhecem com maestria?

Todavia é o que falamos antes sobre as sementes de engano. Algumas caem simplesmente no esquecimento, não têm muito valor intrínseco. Porém outras podem gerar muitos frutos: normalmente aquelas que serão interdenominacionais, podendo ser acatadas pelos mais diversos segmentos da Igreja. Veja: se conquistar cidades aqui no Brasil fosse algo viável, os Demônios se mobilizariam como vespas e escorpiões contra tudo e todos no sentido de minimizar os efeitos disso. Haveria uma Guerra implacável, sem precedentes, e veríamos claramente o sinal de oposição do Inimigo. No entanto, nessa prática “prematura” para o Brasil – vimos que temos que acertar muitas coisas antes, a começar pela divisão e as maledicências entre nós mesmos – o Diabo viu uma grande chance de arrebanhar milhares para uma tarefa inócua. Não há oposição real do Inimigo às Campanhas para “Restaurar o Brasil”, para fazer de fulano ou beltrano “Governador”, ou “Presidente”; nem há forças contrárias a Atos Proféticos de “entrega da

Chave da cidade para Jesus”. Isso tudo não tem sido de fato refutado ou temido pelo Inferno, mas são práticas incentivadas.

Podem ficar petrificados, mas assim é. Escute um pouco mais. Enquanto fazemos esse tipo de Guerra, mais e mais Portais Demoníacos estão sendo abertos, no devido prazo que a Irmandade esperava. O Congresso Nacional pulula com os escândalos; púlpitos têm servido de palanque para candidatos que, mesmo se eleitos, não têm poder de mudar nada. As “chaves” são entregues para Líderes políticos que, muitas vezes, nem convertidos são e, portanto, mais uma vez nada podem fazer. O caos no Brasil só aumenta, em todos os sentidos. A violência e o sangue do Povo correm soltos, a corrupção impera e aumenta a impunidade; e o cronograma da Irmandade não se alterou. Quem conheceu esse cronograma de perto sabe disso, e pode atestar que tudo vai dentro dos conformes para eles. Não vemos mudança significativa em lugar algum, a despeito das orações de confronto, dos Atos proféticos, da amarração dos “Valentes” Territoriais. Então... estamos nos desviando do prumo. Temos profetizado falsamente, e agido contrariamente ao que o Senhor deseja. Temos errado. Enquanto tentamos conquistar Cidades e Nações, as Ovelhas ficam sem pastor, e perecem. Não têm a quem recorrer. Vidas perecem! Nosso exército vai tendo baixas. Pelo cronograma da Irmandade no mês nove de 2006 seriam abertos mais nove portais pelo mundo, um deles no Brasil. O que aconteceu depois do mês nove de 2006? Trágico acidente aéreo que deflagrou um verdadeiro caos no sistema de aviação, sem contar com as mostras de poder do crime organizado em algumas capitais. Ônibus incendiados, policiais mortos, civis mortos, assaltos a bancos aumentaram, sequestros, rebeliões em penitenciárias, escândalos políticos. Some isso ao ataque veemente contra o Cristianismo com “documentários” sobre o “Evangelho de Judas”, livros que insinuam que Jesus teve relação com Maria Madalena, filmes que deploram a fé, e o mais absurdo de todos: “acharam” a suposta tumba de Jesus!!! Tudo compactado no mesmo período de tempo. A guerra é real!

Se tantos e tantos acreditaram no relato de “Filho do Fogo”, igualmente acreditem agora que a Irmandade e os altos escalões da Hierarquia Demoníaca não estão preocupados com essa mobilização em massa para congressos de Batalha Espiritual visando conquistar o externo antes do interno. E endossam o erro da Maldição Hereditária nas libertações individuais, do mesmo modo que a água-benta e o crucifixo. Se padres acreditam que o Demônio vai estrebuchar e berrar, sentindo-se muito

incomodado com isso, é isso mesmo que ele faz. Para impregnar ainda mais o conceito do erro.

Em lugares onde Atos Proféticos foram feitos, e onde se julgou que Principados e Potestades foram banidos... pois bem! Durante um tempo os Demônios param de assolar o local, deixam as coisas “melhorarem”. Só que depois voltam à carga de novo, pois não saíram de lá realmente. Mas endossaram o erro! E quanto a nós, observamos o ocorrido e pensamos: “Piorou de novo? Então vamos lá fazer a mesma guerra de novo!”. E fica nisso. O Diabo é um ser muito inteligente. Poucos experimentaram um levante verdadeiro e agressivo de Espíritos Territoriais. Falamos isso não para vanglória, mas para alerta!!!

Para mexer com eles – e prevalecer ileso – é preciso uma autoridade específica e uma direção clara do Alto para obter sucesso e não desgraça e ruína. O Salmo 91 só serve para pessoas muito íntimas do Pai, para pessoas que estão completamente no centro da Sua Vontade. Quando isso acontece, não tememos... descansamos. Sabemos que a estratégia e o livramento vai vir. Os Demônios é que vão comer poeira e sair no prejuízo. Ai deles se mexerem conosco!

Nós, Cristãos, vamos precisar nos recolher um pouco, orar, meditar... pesarmos as coisas... e, se o presente alerta procede... teremos de nos arrepender, humilharmo-nos e deixarmos de lado essas práticas para nos envolvermos com a Restauração e a Cura, tão necessários e prementes em nosso meio!

Antes de nós, pessoas que pensavam muito – Cientistas – e que desejavam muito conhecer a Verdade, também se equivocaram, erraram... e tiveram que voltar atrás e dar espaço a novas ideias. Nós, para sermos preenchidos por um novo mover do Espírito Santo, precisamos nos esvaziar de antigos dogmas, preceitos inculcados, ensinamentos “inquestionáveis”... mas que não estão nos levando a lugar algum. Pense um pouco nos exemplos a seguir. Cometer erros – mesmo que na busca pela Verdade – pode acontecer. O importante é *pensar* e ter a coragem de mudar de direção. Isso nem sempre é fácil. Mas alguns precisam começar a tocar as trombetas, na intenção de que a Igreja as escute.

A partir de agora usaremos de alguns exemplos reais, mas de cunho científico, para demonstrar que o erro é inerente ao ser humano. Vamos falar um pouco sobre isso.

A Ciência admite que a aventura do conhecimento é um processo infinito. Por mais que nos aproximemos da Verdade, da meta desejada, jamais a alcançamos em cem por cento. O avanço da Ciência ocorreu, muitas vezes, a despeito das mais caras convicções de seus protagonistas, ou até mesmo contra elas. Enquanto persistir a mais tênue barreira entre o observador e o observado, a Ciência será sempre uma obra inacabada, precária, provisória. Por isso, na práxis científica, o erro é a regra e não a exceção.

Se formos simples, podemos dizer o mesmo em termos “Bíblicos”: quem pode alcançar as profundezas de Deus, de forma absoluta? Quem pode ir além da orla de suas Vestes? Quem pode assinar embaixo de qualquer coisa, qualquer projeto, qualquer Verdade, senão Ele??? E, mais ainda... como atingir mais conhecimento de Deus sem buscá-lo sofregamente? E, mesmo tendo alcançado mais conhecimento... terá porventura ele terminado?!

A Ciência é uma das mais belas produções da inteligência humana. Mas somente a aceitação do seu caráter limitado, parcial e incerto pode impedir que ela se transforme em um fóssil de crenças. Igualmente, diante de Deus somos exatamente assim: por mais belas que sejam nossas crenças em algumas áreas, temos que abrir a possibilidade de que é possível incorrerem em erro, porque somos limitados. Agir como se não fôssemos limitados poria o Cristianismo numa situação de imobilidade, contrária à presença do Deus Vivo. Muitas vezes podemos ser “amaldiçoados” (no sentido de não ter resultado algum) quando nos dispomos a tarefas excessivamente ambiciosas. A Humanidade tem tentado, ao longo dos Séculos, edificar um conhecimento sólido que abranja todas as áreas e atinja o nível supremo – a Verdade. Porém, de tempos em tempos, as mais elaboradas construções científicas caem por terra. Nós da mesma forma: podemos chegar a muitas Verdades Absolutas por meio do conhecimento Bíblico. Guarde bem: Bíblico! Contudo algo sempre dará errado se nos desviarmos da Palavra. E a Palavra, destituída do bom senso e da sabedoria que vem do Espírito de Deus, que nos capacitaria a ter a Mente de Cristo, pode dar margem a errôneas caminhadas quando o dito Espírito é negligenciado em favor da alma humana. E, infelizmente, nada é melhor para o ser humano do que ter seu ego satisfeito. Os Cristãos não estão livres disso! Parte da nossa humanidade é nos colocarmos, em primeiro lugar, como humanos que somos, e sujeitos às tendências humanas. Gostamos de *nos satisfazer*; e desgostamos daquilo ou Daquela que impõe limites à livre

expressão do nosso “eu”. Vulgo: nossa carne. É inerente ao ser humano. Paulo falou muito da luta entre a carne e o espírito.

Religião, Filosofia e Ciência procuram atingir a Verdade por caminhos diferentes. Nós temos uma vantagem em relação a isso se permanecermos na Palavra, pois dela procedem Verdades Absolutas que nos caem nas mãos “gratuitamente”. Porém, quando julgamos ter atingido um nível inabalável no conhecimento da Palavra, tendemos a decrescer. Quando alguém não ouve mais NADA, não procura aprender mais nada, pois “já sabe”, a tendência é desvio de rota. Normalmente os grandes erros que vemos hoje em dia partiram daqueles que já sabiam muito. A começar pela imensa gama de Denominações existente. Por quê? Porque um julga saber mais que o outro, julga ter mais conhecimento que o outro, julga ter compreendido a Palavra mais que o outro. E não paramos para pensar no erro maior de todos, que foi a fragmentação da Igreja de Cristo por causa, às vezes, de firulas doutrinárias que não nos descaracterizam como Cristãos. O amor que nos une deve ser sempre maior do que nossas pequenas diferenças doutrinárias. O que sabemos? Em parte sabemos, em parte profetizamos. Não há o melhor em nosso meio. Todos dependemos do Espírito Santo e da misericórdia de Deus.

A História da Ciência mostra grandes erros e grandes desvios de rota. Fora do Centro da Vontade de Deus perdemos nossa “Bússola Espiritual”, aquilo que poderia nos guiar mais facilmente à Verdade. Nós nos tornamos homens comuns, passíveis de erros exatamente como os grandes homens que foram contribuintes para a construção do Pensamento Humano. Fora da Vontade de Deus, tateamos no escuro e nos deixamos levar por ideias falsas, como aconteceu com eles. Queremos citar alguns erros da Ciência para provar que o homem natural é limitado na busca da Verdade. Não estamos tratando de erros quaisquer, mas enganos que partiram de indivíduos que contribuíram tremendamente para o desenvolvimento da Ciência. Porém, às vezes por milhares de anos, acreditou-se em ideias errôneas a respeito de diversas coisas.

Vamos a isso, então! Por exemplo: os conhecimentos sobre a Natureza haviam atingido um excelente desenvolvimento com os trabalhos de Aristóteles e seu discípulo Teofastro. A Medicina desenvolvida por Galeno utilizava a tradição de Hipócrates combinada à Filosofia de Aristóteles, que proporcionou também a base para o desenvolvimento da Astrologia. Com base nesse conhecimento, o Cosmos era esférico, a Terra estava parada em

seu centro, existiam quatro elementos básicos na Natureza, não havia espaços vazios e todas essas ideias se encaixavam e se reforçavam mutuamente. Pouco depois um sólido sistema de pensamento se formou e foi aperfeiçoado e confirmado pelos filósofos, matemáticos e médicos islâmicos durante a Idade Média. Não foi por simples preguiça ou comodismo que as pessoas aceitaram durante Séculos essa tradição antiga – ela era uma realização notável que parecia destinada a durar para sempre. Porém, quase tudo em que se acreditava nessa época precisou ser abandonado. No final da Idade Média e no Renascimento começaram a aparecer fendas na magnífica torre. O Mundo Geográfico e Intelectual se ampliou. As grandes navegações despertaram interesse pela busca de novidades de todos os tipos, inclusive as intelectuais. Os Europeus tomaram conhecimento de novas terras, novos povos, novos idiomas, novos animais, novas plantas, novas doenças. Não se sabia nem mesmo distinguir o real do fantástico, e relatos a respeito de sereias e ciclopes eram aceitos por quase todos.

Se no nosso Mundo pode haver tal diversidade de conhecimento inexplorado, não poderia haver muito mais até no conhecimento, não da “Religião”, mas do próprio Deus??? Porque temos colocado Deus – e Seu agir – numa “caixinha preconcebida”, e estagnamos o conhecimento Dele. E nosso afã por novidades nos leva a falsas realidades, falsas doutrinas, falsos dogmas, falsas experiências. O que, agora, no Fim dos Dias, pode custar muito caro.

Continuando: aqui e ali começaram a ser corrigidos erros milenares. Desde Copérnico (Séc. XV – XVI) até Newton (Séc. XVII – XVIII), uma sequência de pensadores desmontou toda a Cosmologia Aristotélica, tirando a terra do Centro do Cosmos, abrindo a “esfera das estrelas” e descobrindo novos mundos celestes. Apesar disso, a visão que foi desenvolvida naquela época a respeito da estrutura do Universo continuava equivocada, tendo sido substituída por uma nova concepção no início do Séc. XX. Já desde o Séc. XVII, durante a “Revolução Científica” deste período, surgiram vários pensadores que procuraram entender como a Humanidade havia se equivocado tanto e como seria possível evitar novos erros. Um personagem emblemático desta época foi o filósofo Francis Bacon (1561-1626), que apontou a existências de várias causas de erros e as dividiu em grupos. O primeiro inclui fatores oriundos da própria natureza humana, entre elas a limitação dos sentidos; o segundo, os limites individuais de cada pessoa, sejam estes inatos ou adquiridos por meio da educação e contatos com outros;

o terceiro, os condicionamentos resultantes das relações sociais, especialmente a própria linguagem; e o quarto, o sistema de crenças filosóficas e científicas. Desnecessário dizer que tais sugestões de Bacon foram insuficientes para impedir os erros dos outros e dele próprio. Na verdade, não há caminho seguro totalmente para evitar erros e atingir a Verdade.

Estamos falando do Homem Natural, a quem não se aplica a Revelação Divina. Somos limitados em todos os sentidos: na mente, na linguagem, na percepção do Mundo ao nosso redor, nos rumos impostos pela Sociedade em que vivemos; somos limitados também pelo nível cultural, pela influência de crenças preexistentes, pelo fato de sermos... humanos. Dotados, sim, de inteligência, mas ainda ínfimos quando comparados ao Universo e suas Verdades. Do mesmo modo, afastados dos preceitos de Deus – o que nos garante acesso rápido a algumas Verdades dentro do âmbito que o Senhor considera importante –, aquilo que podemos expressar em conceitos dentro da Religião e em prática dentro da vivência do Cristianismo... é muito limitado! Conhecer bastante Bíblia não significa conhecer muito a Deus, visto que o conceito não pode estar destituído da prática. Ouvir e não praticar não é viver o Cristianismo. Assim, sem viver Cristo, não podemos nos apropriar das Verdades práticas que Ele prometeu. Então, mesmo conhecendo muita Bíblia podemos ser como homens naturais – fadados a erros e limitados por uma gama de fatores.

Deus não está preocupado em que venhamos a aprender Ciência lendo esse manuscrito. Mas está interessado em que Seus filhos aprendam com os erros já cometidos e repensem suas vidas e suas Verdades. Portanto, assim como a Ciência não afirma que apenas os Antigos erraram em suas conclusões científicas, já que grandes erros foram cometidos por homens respeitados até hoje – como o caso de C. Darwin e A. Einstein –, nós também não devemos desprezar a probabilidade de errar apenas porque o Cristianismo já evoluiu muito. Quando caímos no mal de nos afastarmos de Deus, mesmo que de forma involuntária, levados por ventos de doutrinas, estamos fadados a cometer grandes erros dentro da esfera do Cristianismo; e isso pode influenciar muitos, como vimos. De forma ingênua, acreditamos que aquilo que “vemos” é o que realmente existe. Porém, o que vemos pode não passar de uma construção da nossa mente, muito distante daquilo que Deus vê. Assim veem muitos dos que estão apavorados com a perseguição dos Satanistas. Ela tornou-se tão real em sua mente que ele realmente

acredita naquilo. Mas não é fato. O que construímos com a mente provém dos órgãos dos sentidos, mas nós lhe adicionamos muitos outros ingredientes. Alguém “viu” que Principados e Potestades poderiam cair e serem neutralizados, a ponto de se recuperarem áreas inteiras de cidades e até Nações. Mas esse “ver”, do modo como está sendo divulgado e veiculado em massa no nosso meio, é um “ver equivocado”. Não que a conquista de uma localidade para o Senhor Jesus não seja meta possível de ser atingida, mesmo agora, no apogeu quase completo das Forças Satânicas. Pode acontecer, e acontece – como dissemos, veja o documentário do Professor e Preletor George Otis Jr., já citado aqui. Mas observe também as condições em que aquilo aconteceu. Houve arrependimento das Igrejas locais como um todo, houve união das Igrejas debaixo de uma Denominação comum, houve uma indicação Divina para o Posto de Presidente – um homem realmente temente a Deus –, o qual, uma vez eleito, escolheu as peças-chave de Deus para compor muitos dos diversos cargos políticos. Um vilarejo abandonava suas práticas pagãs e remia a terra, não havia divisões nem rixas entre as Igrejas, mas um esforço comum e global na região. *Todos* estavam envolvidos. E a restauração – miraculosa – começou dentro da Igreja para depois atingir a Nação. E não há passe de mágica, mas linearidade com os princípios de Cristo.

Já dissemos que muitos creem que já conhecem o suficiente de Deus e do Cristianismo para incorrer em erros, e nem perceber. Por isso suas doutrinas vão ficando cada vez mais esdrúxulas. Em 1900 o físico escocês William Thomson, que dera grandes contribuições ao desenvolvimento do eletromagnetismo e da termodinâmica no decorrer do Séc. XIX, pronunciou uma famosa conferência na qual dizia sentir pena dos jovens físicos da época que não teriam nada de emocionante para pesquisar, pois todas as teorias fundamentais já estavam prontas. Nos anos seguintes, entretanto, o surgimento da Teoria da Relatividade e da Mecânica Quântica mostrou que Thomson estava equivocado. Aliás, esse mesmo cientista, julgando-se possuidor do conhecimento definitivo sobre a Física, impugnou a Teoria da Seleção Natural (verdadeira), baseado em argumentos sobre a energia solar (nada a ver).

Você conhece alguém dentro da Igreja com o mesmo perfil? Não precisamos andar muito para achar esse tipo de presunção. No Final dos Tempos Deus prometeu que faria muitas coisas novas, sem precedentes. Assim como Demônios estão sendo liberados agora, exclusivamente no

período do Fim, o mesmo acontece com Anjos. Há Anjos que só estão chegando à Terra agora, pois têm missões específicas, e vão manifestar Poderes específicos também. Ou você crê que os Anjos do Apocalipse são os mesmos que vagaram por aqui desde os primórdios da Terra?! Alguns talvez, mas certamente não todos. Haverá uma equivalência de Poderes nesse Tempo, e para contrabalancear o Poder Demoníaco crescente, o Poder Angelical também tem que ser incrementado. Mais adiante, porém, o Poder Angelical será ainda maior do que o Poder Demoníaco. Com base nisso, mais uma vez dizemos: não podemos enfiar o Senhor numa caixinha e dizer “Ele só age assim”. Estagnaríamos o Cristianismo, retrocederíamos. Por outro lado, o “criacionismo” de doutrinas Demoníacas tidas como santas também está em alta porque o Engano de Satanás tem operado como nunca na Igreja.

Geralmente os maiores conhecedores da letra tornam-se os piores obstáculos ao desenvolvimento da prática. Por impedirem a prática correta que eles mesmos já deixaram se esvaír pelo caminho... ou por criarem novas práticas sem muito fundamento, apesar do conhecimento teórico.

Observe outro exemplo extraído da Ciência. A Matemática foi considerada desde a Antiguidade como o padrão de conhecimento verdadeiro, seguro, servindo de modelo para outros estudos. No entanto essa visão mudou no Séc. XIX. Desde essa época os Matemáticos sabem que a Geometria de Euclides, que foi aceita durante 2000 anos, não é verdadeira e não descreve a realidade. Ela é uma simples construção humana, tão boa quanto muitas outras geometrias diferentes que foram criadas apenas dois séculos atrás, mas totalmente arbitrária. É um romance imponente, lógico, difícil – mas não passa de ficção. A Matemática já estava muito desenvolvida no Egito e na Mesopotâmia mais de 1000 anos antes da Era Cristã, útil para fins práticos e religiosos. Os Gregos aprenderam a Geometria com outros Povos, especialmente com os Egípcios, porém após algum tempo começaram a dar suas próprias contribuições. Afirma-se que Thales (625 – 550 a.C.) e Pitágoras (560 – 480 a.C.) foram os Matemáticos que fizeram as primeiras demonstrações geométricas (difícil encontrar alguém que não tenha estudado na escola os Teoremas de Thales e de Pitágoras!). Sem a Geometria não é possível entender o Espaço e o Universo, não se trata de triângulos, círculos, retas, quadrados. Além de tentar provar os resultados da Geometria, os Gregos procuraram sistematizá-la como uma Teoria unificada. O mais antigo exemplo deste formalismo que

chegou até nós é um clássico da Ciência: “Os Elementos”, de Euclides (325 – 265 a.C.). De sua elaboração, 300 anos antes da Era Cristã, até o Séc. XIX, essa obra serviu de livro-texto para milhões de estudantes no Mundo!

“Os Elementos” tiveram forte impacto não apenas no desenvolvimento da Matemática, mas de toda Ciência Ocidental. Foi um trabalho espetacular que proporcionava a certeza que todos queriam alcançar. Sua influência atingiu grandes pensadores do Séc. XVII, como Newton e Spinoza. Ambos utilizaram um método axiomático dedutivo que recorda a estrutura dos “Elementos”. Por esse motivo é claro como podemos ser influenciados – e por tanto tempo – por algo que não é expressão da realidade. Isso pode ocorrer – e ocorre – também no âmbito da Igreja! Em 1823, aos 21 anos de idade, questionando a veracidade de um dos postulados de Euclides, o húngaro Bolyai assumiu uma possibilidade matemática nova, e começou a deduzir as consequências da negação do postulado em questão. Por mais que possa parecer esquisito aos não entendidos, ele deduziu algo pouco usual, como a de que a soma dos ângulos internos de um triângulo poderia ser menor do que 180° . Isso contrariava a Geometria de Euclides, mas não parecia absurdo dentro do outro contexto. Bolyai percebeu que estava inventando uma Geometria nova, estranha, mas que parecia coerente. Essa foi a diferença fundamental entre ele e seus predecessores: a crença de que uma nova Geometria era uma alternativa possível.

Ele escreveu: “A partir do nada eu criei um Mundo totalmente novo”. Ele denominou sua teoria de “Ciência Absoluta do Espaço”, considerando que a antiga Geometria era um caso especial da nova. No mesmo período, sem conhecimento dos estudos de Bolyai, o Matemático russo Lobatchevsky fazia investigações sobre o mesmo postulado de Euclides. O interesse dele para desenvolver sua teoria foi a impossibilidade de demonstração do postulado. Veja bem: a Geometria euclidiana foi aceita por 2000 anos. Não é fácil sair desta “caixinha” e pensar em algo novo. Porém, não conseguir demonstrar o dito postulado abria discussão – ainda que tardia – para se questionarem: “É verdade ou não é?”. A incapacidade de atingirem um resultado real com o postulado, provando sua veracidade, fez gente pensar a respeito. Por isso, da mesma forma, hoje, quando não alcançamos o resultado esperado em nossas Guerras Espirituais, por mais que os conceitos estejam solidificados e sejam tidos por todos como reais e verdadeiros... a incapacidade de haver resultado nos leva a refletir: “Estará CERTO OU ERRADO?”

Importante: os resultados de Lobatchevsky eram iguais aos de Bolyai. Podem ter certeza de que, abrindo possibilidade para pensarmos que talvez alguns de nossos “Postulados Cristãos” estão fadados a deixar de existir como Verdade Absoluta, se estivermos falando em Nome de Deus, Ele levantará outros para dizer a mesma coisa. Pois o interesse do Pai é que cheguemos ao pleno conhecimento da Verdade.

Indo adiante: o terceiro Matemático que deu uma grande contribuição para o desenvolvimento das Geometrias não Euclidianas foi G. Riemann (1826 – 1866). Da mesma maneira, sem conhecer os trabalhos de Bolyai e Lobatchevsky, em 1854 ele propôs uma generalização da Geometria que não apenas apresentava um conjunto de alternativas à de Euclides, mas introduzia a possibilidade de espaços com mais de três dimensões. Ele utilizou a Geometria então usada para o estudo de superfícies curvas, e não levou em conta o postulado duvidoso de Euclides. A Geometria que ele apresentou possibilita a descrição de diferentes tipos de espaço. Hoje em dia, quando estudamos Geometria não Euclidiana, usa-se a abordagem analítica de Riemann, e não os trabalhos pioneiros de Bolyai e Lobatchevsky. Mas seja a Geometria na forma proposta por Riemann, ou na forma axiomática dos outros dois, a verdade é que tudo isso vai além de meros formalismos matemáticos. Realmente abriu-se portas para uma nova forma de “entender” o espaço. No final da década de 1860 as Geometrias não Euclidianas começaram a ganhar reconhecimento. Não foi instantâneo. Mas cientistas de todo o Mundo começaram a pensar como eles, e as traduções de seus trabalhos avançaram. O conhecimento também, porque Euclides – que nada tinha de ignorante – estava errado. E os pensadores tiveram que sair da “caixinha” para observar a realidade um pouco mais de perto. A partir daí fica mais fácil outros perceberem os erros do passado. Quando “vemos a luz” e nossa mente se ilumina, então percebemos que de fato há coisas novas, de fato a realidade pode ser outra. O Matemático italiano Beltrami (1835 – 1900) publicou um importante artigo: “Ensaio de interpretação da Geometria não Euclidiana”, defendendo a coerência da Geometria de Lobatchevsky. Foi graças à influência de Beltrami que o nome “Geometria não Euclidiana” passou a ser adotado.

As últimas dúvidas sobre a coerência interna das novas Geometrias foram finalmente dissipadas pelos trabalhos do Matemático francês Poincaré (1854 – 1912). Para ele a própria pergunta “qual das Geometrias é a verdadeira?” não tinha sentido. Seria a mesma coisa que perguntar se o sistema métrico

decimal é verdadeiro e o antigo sistema inglês de medidas é falso. Um sistema de medidas ou uma Geometria não podem ser falsos ou verdadeiros. Deve ser possível desenvolver teorias físicas igualmente válidas utilizando tanto uma Geometria quanto a outra. Porém, em dado contexto, pode ser mais conveniente utilizar Geometria Euclidiana ou não Euclidiana. Depende do espaço a ser estudado. Para o lançamento de um foguete precisamos da Geometria; para calcular se ele vai chegar onde queremos, precisamos da Geometria. Para calcular quantos litros de água cabem num tonel cilíndrico precisamos de cálculos matemáticos e geométricos. Mas o tonel e o foguete estão em ambientes bem diferentes! O que vale para o tonel pode não valer para o foguete, em termos de Geometria. Dá pra entender o básico?

Falando de forma “Cristã”, podemos usar o exemplo das Geometrias para tirar uma lição para nós: certos modos de vida servem para os Cristãos em geral, e não servem para o soldado. Essa é uma Verdade Bíblica. Do soldado se requer um alinhamento extremo com o General. Não que isso não se adeque aos demais Cristãos, seja “falso” para eles, mas o Senhor vai cobrar certas posturas dos soldados de forma mais enfática e mais forte do que de outros que não foram chamados para a Guerra. Sejam posturas frente a Deus e frente ao Inimigo, sejam conhecimentos específicos, sejam Treinamentos específicos. Tudo isso é fundamental para os soldados verdadeiros de Cristo, mas não necessariamente para os demais. Por exemplo: por que o Senhor escolheu somente 300 de toda aquela multidão para compor o exército de Gideão? Naquele momento, a Guerra só se tornou uma premissa “verdadeira” para os 300. O que tinham aqueles de diferente dos demais? Do mesmo modo, o soldado está muito mais propenso a se ferir, pois está em Guerra. O civil não está sujeito a ferimentos de Guerra como o soldado. O soldado é quem entra em luta direta com o Inimigo, e as “verdades” sobre isso somente os verdadeiros soldados conhecem. Na Igreja também é assim. Certas regras, certas atitudes, certos cuidados... e certas consequências... são verdadeiros quanto estamos falando da “população de Guerreiros” e não da “população civil”. Em cada área é assim. Há coisas que são inerentes a cada área do Evangelho. E temos que entender que é assim.

Assim, a Geometria não Euclidiana arrancou brutalmente a Matemática – Ciência Exata e absolutamente cheia de lógica – do pedestal da Verdade. Em compensação, deixou-a livre para vagar. A partir do momento em que a revolução de Bolyai e Lobatchevsky se completou, a Matemática passou a

ser caracterizada por sua liberdade para explorar novas construções do pensamento. O reconhecimento que a Geometria de Euclides *era apenas uma de muitas possíveis*, e que não era “verdadeira”, mudou completamente a compreensão sobre a natureza da Ciência.

Essa trajetória é muito interessante. Mais interessante ainda é que quando se chega ao conhecimento da Verdade – ou, pelo menos o mais próximo dela, e com isso grandes teorias podem cair por terra –, durante um tempo isso tudo pode criar oposição, discordância e confusão. Como aconteceu com Galileu, dono de algumas ideias que geraram polêmicas tremendas! Contudo, insistindo na busca pela Verdade, mais adiante o enfoque novo é admitido *por todos os pensadores do ramo*, e institui-se *apenas uma Verdade, uma linha de raciocínio*. Parece haver um respeito no campo científico que não encontramos nas Igrejas. Por que não conseguimos fazer isso dentro das Igrejas? Empenharmo-nos – com respeito uns aos outros, e dedicação – em buscar a Verdade, sendo humildes e dependendo de Deus??? E, uma vez tendo encontrado, todos conseguem pensar da mesma maneira? Por que não conseguimos pensar da mesma maneira? O Mundo consegue!

Mas nós não o fazemos porque estamos já tão imbuídos de que a sabedoria do Todo-Poderoso foi derramada pelo Espírito Santo sobre *todos...* que não estamos mais dispostos a ouvir ninguém que nos contradiga. Nem mesmo Deus, quando deseja nos fazer enxergar o erro. Criam-se mitos, verdades paralelas, falsas doutrinas... até novas Religiões! Não é difícil encontrar Seitas que se originaram de dentro da Igreja Protestante e hoje são um péssimo arremedo do que a Reforma pregou e conquistou! O Espírito Santo nos foi outorgado, sim. A todos nós. Mas como *Selo*. Não necessariamente como fonte de Dons do Espírito, que são para uso da Igreja, e para a Igreja, no sentido de ajudar o Corpo a crescer e caminhar. A saúde do Corpo dependeria do bom uso destes Dons, que só podem se manifestar nas pessoas certas, do modo certo. Isso é condição *sine qua non*! Temos que entender que, para chegar à Verdade, é preciso dar ouvidos aos Mestres, aos verdadeiros Profetas... nem todos estão aptos para ensinar e para trazer direção ao Corpo. Deus tem pessoas específicas para fazer isso. Imagine alguém em plena época da Inquisição que dissesse aos líderes da Igreja que eles estavam errados. Estavam matando, roubando e destruindo e para isso usando o nome de Deus. Estavam dizendo: “Assim diz o Senhor, sem que o Senhor tivesse de fato falado”. (Leia o texto de Ez. 22:26-30). Creio que tal pessoa seria levada à fogueira. Na época de Jesus, o sistema religioso

estava em colapso, de forma que Jesus chamou os líderes religiosos de seu tempo de raça de Víboras, Hipócritas, Sepulcros Caiados. E por isso foi levado à Cruz. Pense nisso.

A Ciência só caminha porque cada qual labuta na sua área. O Físico cuida da Física, o Matemático da Matemática, o Médico da Medicina, e assim por diante. Não dá pra assobiar e chupar cana, como alguns querem fazer dentro da Igreja! Estamos seguindo doutrinas de pessoas que não deveriam estar formulando doutrinas, não deveriam estar nem pregando. Estaríamos bem melhor encaminhados se a contaminação dos nossos “lugares” dentro do Corpo não fosse tão complexa. Você conhece e tem certeza de qual lugar ocupa no Corpo? Entenda... nem todos têm Ministério. Muitos são somente Ovelhas. Ninguém quer ser Ovelha mais! Cada um vai fazendo o que dá na telha, desculpem-nos o termo, mas vemos levitas que não são Levitas, profetas que não são Profetas, pastores que não são Pastores, evangelistas que não são Evangelistas, mestres que não são Mestres... apóstolos que não são Apóstolos. Uma confusão total! Gerando obras e mais obras que não nasceram no coração do Pai, obras que arrebanham por vezes milhares, mas que estão fadadas ao fracasso, e também ao desagrado e ira de Deus. Essa falta de conhecer o próprio lugar parece um terrível quebra-cabeça onde células do corpo humano são trocadas umas com as outras, e células estranhas são colocadas no meio, e nessas condições ainda esperamos que as cerebrais produzam insulina, as renais impulsionem o sangue rumo às artérias, ou os pulmões excretem saliva! Simplesmente não funciona. Mas as ditas células não entendem que estão no lugar errado, não querem escutar e nem acatar ordens (Divinas), e insistem em ficar onde estão.

Não somos menores ou maiores do que ninguém, e o Apóstolo Paulo prega a importância de todos dentro do Corpo de Cristo. “Porquanto ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus” (I Co. 3:21-23). Paulo queria que os Coríntios entendessem que suas divisões os estavam privando da obra maior de Deus. Ao afastarem um ou outro grupo da comunhão, perdiam o que aquele grupo podia oferecer. Isso é fato. “Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça aos pés: não preciso de vós” (I Co. 12:21). Mas grupo algum pode oferecer o que não tem... ou o que *julga* ter. É preciso permanecer na Verdade. Porém temos nos gloriado em homens e em doutrinas de homens, e pior, em

doutrinas de Demônios. Todos querem pregar, todos querem ter revelações, todos querem guerrear, todos querem gravar Cd's de adoração, todos querem escrever, todos querem profetizar, todos querem ser Líderes, todos querem estar no alto e não embaixo, todos querem vir primeiro e não por último. Somente na Igreja existe um caos reinante tão grande! Em nome de Deus nos arvoramos como donos da verdade, e esquecemos que cada um tem predeterminado por Deus o seu lugar no Corpo. Não somos nós que escolhemos isso! O melhor lugar para você estar é no seu lugar. Somente aí você dará frutos em abundância, se permanecer arraigado a Deus e à Palavra.

“Há somente um Corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só Fé, um só Batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos”. No Corpo de Cristo não há peças sobrando! Todos têm sua vocação e o Pai tem interesse de agir por meio de todos. Não precisamos de competições ou rixas, porque cada qual, no seu lugar, será Bênção desmedida. Mais um segredo, que muitos parecem desconhecer ou esquecer: o lugar que nos faz mais feliz é o lugar da nossa soberana vocação.

– VOCAÇÃO = chamado, eleição, escolha ou predestinação; disposição natural do espírito; índole; propensão para alguma atividade específica.

Se a vocação é o Senhor quem escolhe e determina... como sair por aí “inventando moda”? Célula no lugar errado não pode trabalhar como as demais daquele órgão. Vai destoar, vai ser como um vírus estranho, uma contaminação. Assim também é na Igreja. Os papéis estão tão trocados que é uma tarefa árdua começar a separar tudo. Mas é preciso! Lembrem-se que talentos naturais pode ser simplesmente talentos *naturais*; não significa um Dom espiritual.

Percebem como o Meio Secular é capaz de ouvir, estudar, refletir e buscar a Verdade muito melhor do que nós, que teríamos todas as condições de ter, no mínimo, uma parte dessa coerência já que somos filhos do Deus Altíssimo?! Todavia temos envergonhado tanto o Nome Dele com o nosso comportamento... causando estragos e mais estragos, não somente no meio da Igreja, mas também em meio ao Mundo Secular, que assiste, de cátedra, como se visse um filme de horror. Cientistas do Mundo inteiro foram capazes de olhar por outro ângulo uma questão que perdurava por dois milênios, analisá-la até considerá-la justa, adequada e verdadeira. E mudar de direção. E isso em nome de quê? Da própria Ciência. E nós... pobres de

nós! Se Cristãos do Mundo inteiro conseguissem chegar ao consenso de um terço das suas pendências já seria um milagre incomensurável!!! Por que isso é tão *impossível*?? Por que cada um professa uma coisa diferente? Onde está a Verdade do Deus Único? Talvez tenhamos que parar, e perceber que certas rixas e ladainhas e picuinhas e diferenças pessoais e ganâncias que beiram à loucura e partidarismos não estão nos levando a lugar algum. Ao precipício somente. Certas diferenças doutrinárias não nos descaracterizam como Cristãos. Não precisamos nutrir ódio e rancor uns pelos outros. Devemos, em *caráter emergencial*, tratar de nos arrepender de tudo isso. Para podermos, enfim, pedir que o Senhor venha sarar a nossa terra. E isso significa a terra do coração!

Entretanto não somente nisso incorremos em erro. Ah, se fosse “somente” nisso!! Mas há muito mais. Há uma importantíssima questão que precisa ser resolvida de uma vez por todas. É sobre Principados e Potestades, Espíritos Territoriais, Demônios de Alta Casta. Vamos pôr os pés no chão e entender de uma vez por todas que Demônios de Alta Patente, se estão de fato no encalço de alguém, esse alguém deve estar causando *muito* “estrago santo” (verdadeiro!), estrago em massa dentro do Povo de Deus. Estamos incorrendo em interpretação errônea dos fatos ligados ao Satanismo. Essas grandes Entidades Espirituais não se plantam na casa de alguém e ficam à espreita, a não ser que haja ali alguém Selado, ou que, pelo menos, esteja causando esse tipo de “confusão santa”. O Selo Espiritual desperta a atenção dos Poderosos. E o “estrago santo” só pode realmente ser causado de forma a incomodar o Inferno por aqueles que foram realmente Chamados para a Obra e estão desempenhando papéis fundamentais dentro dela.

Muitas vezes nos pautamos em versículos fora de contexto como “o maligno não nos toca”. Toca. Toca sim. Experimente mexer com eles sem a vida limpa!!!

Espíritos Territoriais se posicionam quando nada mais funcionou para fazer uma determinada pessoa ou Igreja *desmantelar*. Eles se posicionam quando a santidade de alguém e de seu Ministério são tantos e causam tanto impacto a nível profundo na Igreja e na Sociedade, que nada mais lhes resta senão tentar intervir. Mais uma vez: Igrejas que despertam o interesse deles são aquelas que estão crescendo, que abrigam muitos Missionários sérios, com chamado para Nações, que estão arrebanhando muitas vidas, ensinando o Evangelho de forma profunda e pura, despertando pessoas para um compromisso realmente sério com Deus, colocando em cargos de liderança

peessoas íntegras, idôneas. Não fazendo alianças falsas, em luta ferrenha contra o pecado. Isso incomoda. Mas incomoda de que jeito? Não é um desastre para eles; de forma geral vão procurar tão somente infiltrar uma semente de Engano. É ponto de honra acabar com um lugar desses, mas não necessariamente fazer a Igreja deixar de existir. A semente de Engano basta pois temos sido muito ingênuos, e conhecemos pouco a profundidade da Palavra, de forma prática. Portanto as sementes, se bem plantadas, têm grande chance de frutificar; e podem ser das mais variadas. Temos visto que logo, logo, em muitos lugares, uma das sementes de Engano será a falsa “Batalha contra os Satanistas”.

Isso seria o mais delicioso para eles, fazer a Igreja antes idônea errar o Prumo e se afastar da Verdade Pura do Evangelho, e do Caminho Reto. Daí, continuar crescendo, assim contaminada, ensinando as dezenas de doutrinas falsas que podem surgir como “filhas” da semente de Engano, cheia de meias verdades..., sem desafiar nada nem ninguém... isso é o supra sumo para eles.

Consideram trabalho feito e bem feito! Daí vão embora, deixam só sentinelas ali, somente para evitar que algum “engraçadinho” tente promover a Reforma do Séc. XXI. Então, em outras palavras, os Satanistas em geral dão uma “passadinha” por essas Igrejas. Não fixam Base. Porque não há necessidade. Estamos fracos, divididos, doentes. Qualquer contaminação é fácil de entrar. No entanto, temos visto algo novo neste tempo. Os satanistas estão preparando o mundo para a vinda do Anticristo. Mas não temos dúvidas de que Deus também está preparando Sua Noiva, a Igreja Santa, para a volta de Jesus, o Cristo! Deus está tocando a trombeta para despertar os que dormem. Para trazer arrependimento aos que saíram do prumo, e restaurar a Igreja de Cristo, colocando no centro dela, Jesus. Os que não ouvirem este toque de trombeta, os Fariseus de nosso século, os profissionais da fé, os falsos profetas, cairão! E o Pai levantará em seus lugares homens e mulheres segundo o Seu coração para liderarem a Igreja de Cristo na Terra! É tempo de permanecer alerta, tempo de restauração! Tempo de voltar aos braços do Pai.

A Irmandade é uma *Organização Internacional!* Eles estão compromissados com a vinda do Anticristo! Nada que não tenha impacto Nacional importante, ou Internacional, afeta seus planos. Igrejas “menores”(em autoridade, não em tamanho) só despertam esse ligeiro interesse no sentido de não vir a ser um foco de avivamento, um foco de onde a Palavra *pura* possa sair. Fora isso... é tudo excremento para eles.

Estamos vivendo os dias da Igreja Apóstata (Laodiceia). Vamos também deixá-los de lado e travar a nossa verdadeira Batalha: vida com Deus... santificação... arrependimento... e tudo quanto foi dito até agora. Pode ser que quando a verdadeira Noiva se erguer de dentro da sujeira de nossas Igrejas, eles voltem a se preocupar com o que fazemos ou deixamos de fazer. Eles estão preocupados com os Selados e aqueles Chamados especiais, que estão fazendo a diferença. Fora isso, muito pouco. (lembrando que o termo “Selados” é uma palavra usada pelos satanistas para definir os vasos de honra de Deus, nomes que fizeram parte de uma corrente de restauração e poder, usados por Deus de forma singular; como Noé, Elias, Davi, José, João Batista, Paulo, Pedro etc)

Conhecemos tempos atrás um Pastor, um homem inteligente e tudo mais. Era Pastor Titular de uma Igreja e insistia que o Diabo em pessoa tinha vindo à sua casa. Seu amigo, Pastor também, só que com um especial Dom de Palavra de Conhecimento e de Sabedoria, tentava admoestar: “Não... veja bem... não foi o Diabo em pessoa... foi um outro Demônio”; e embora falasse com muito amor, o Pastor Titular sentia-se ofendido, insistia em que “foi o Diabo”, e não se moveu.

Era bem claro para nós que o Diabo não tinha tido esse trabalho. Afinal, as várias filiais da Igreja-Sede estavam ruindo, as finanças tão detonadas que chegavam a negligenciar salários de empregados da Igreja; de alguns nunca pagaram – roubo... –, e todos os Ministérios emergentes naquele lugar logo iam à falência. O Pastor Titular aparecia de vez em quando para pregar no Domingo, mas falar pessoalmente com ele era uma verdadeira peripécia. *Softwares* piratas em todos os computadores, um grupo de Louvor que vivia se deblaterando entre si. Precisava mesmo o Príncipe das Trevas para dar fim em tudo isso???? Não. Certamente que não, porque as brechas eram muitas. O púlpito daquela Igreja virou palanque político mais de uma vez, para políticos proeminentes inclusive. Mas ímpios... ímpios dos pés à cabeça, que somente estavam ali para angariar votos dos Evangélicos que acreditassem naquela tolice. Um dos tais políticos sequer fechou os olhos em sinal de respeito durante a oração. Foi ovacionado e aplaudido, e saiu com a mesma cara com que entrou. Nessa ocasião, perturbado ao extremo e sem saber o que fazer (já faz muitos anos), Daniel viu a Potestade que acompanhou o político quando ele subiu ao púlpito. Era grande e forte, porque aquele homem era um dos Poderosos do País na época. Por certo que era razoável estar acompanhado por um Demônio de Alta Patente. É mais

fácil políticos proeminentes terem na cola grandes Demônios, do que pastores e Igrejas. Só que aí o político desceu, depois de toda aquela parafernália de “Brasil Restaurado”, mas o Demônio *ficou*. Ficou ali, com ar de triunfo: “Eu fui convidado para estar aqui!”.

“Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Todo atleta em tudo domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado” (I Co. 9:24-27). Satanistas têm corrido; a Ciência tem “corrido” e os seus Pensadores idem, todos têm “corrido no estádio”; nós também. Satanistas, por um prêmio que julgam verdadeiro, real... mas que é o mais corruptível de todos, já que o Inferno os aguarda. Cientistas correm por um prêmio importante a nível humano, mas corruptível também, e que traz uma glória puramente humana. Nós, porém, corremos para alcançar o prêmio incorruptível, uma coroa incorruptível!!! Faremos, como adverte Paulo – que se coloca na posição de quem pode cair no mesmo erro –, *tão mal* assim a ponto de sermos desqualificados??? O texto e o contexto não deixam claro se esse “ser desqualificado” está invalidando a Salvação ou as recompensas de um Ministério terreno. Fato é que aqueles que correm pela coroa corruptível têm feito, inúmeras vezes, muito mais “bonito” do que nós. Quanto aos principais erros que temos cometido, esperamos tê-los elucidado um pouco mais.

Vamos ver mais um exemplo científico interessante. Aristóteles e importantes Astrônomos que o seguiram, como Hiparco e Ptolomeu, defendiam a ideia de que o único tipo de movimento possível para os astros era o circular e uniforme. A origem desta concepção é atribuída a Platão. Para ele, os corpos celestes eram perfeitos, e só o movimento circular uniforme teria o atributo da perfeição, uma vez que é sempre igual em si mesmo, fechado sobre si mesmo, sem início nem fim. Além disso, o movimento circular uniforme aproxima-se do deslocamento *aparente* dos astros. Lembra quando a própria Ciência postula que aquilo que se vê nem sempre é a realidade? As estrelas parecem transitar uniformemente em círculos ao redor da Terra. O Sol também possui uma trajetória circular, embora sua translação não seja uniforme. O trânsito dos planetas é cíclico, porém mais complexo. Para contornar essas “anomalias”, os Astrônomos

antigos conceberam uma solução engenhosa: decompor os movimentos complexos observados no Céu em movimentos mais simples, de natureza circular e uniforme. Uma chutada de balde, hein?!

Em meados do Séc. XVI, Copérnico apresentou sua teoria Heliocêntrica. Suas principais contribuições foram: considerar que o movimento da Terra em torno do Sol era possível (lembra que acreditavam que a Terra estava parada no centro do Universo e tudo girava em torno dela? – este era o Sistema Geocêntrico); elaborar uma teoria Matemática para descrever os dados astronômicos disponíveis na época e tentar mostrar que o sistema heliocêntrico era superior ao geocêntrico. Ele estava certo até aí. Contudo manteve-se fiel ao princípio aristotélico do movimento circular uniforme. As ideias de Copérnico não foram bem aceitas de imediato pois a teoria de Ptolomeu estava muito bem fundamentada e explicava satisfatoriamente os fenômenos astronômicos conhecidos na época. Além disso a teoria de Ptolomeu – astrônomo alexandrino – que asseverava que a Terra era o centro fixo do Universo era coerente com a Física aceita no Séc. XVI: a física de Aristóteles. Já a teoria de Copérnico entrava em conflito com ela. Porém, a despeito disso, no final do Séc. XVI e início do XVII a Astronomia baseada nas ideias de Aristóteles e Ptolomeu foi sendo derrubada por diversas descobertas, que aqui não vemos relevância em citar. Mais uma vez, a despeito de ser refutada de início, a Verdade foi sendo desvendada.

Entra em cena Galileu, popularmente considerado o herói solitário dessa revolução cosmológica. Essa é uma super simplificação de um processo histórico extremamente complexo.

Um passo decisivo em sua trajetória foram as descobertas astronômicas que ele realizou com a recém-inventada luneta. Antes disso Galileu era adepto das ideias aristotélicas, ensinava o sistema de Ptolomeu e apresentava argumentos a favor da imobilidade da Terra no centro do Cosmos. Pouquíssimo tempo depois converteu-se ao sistema copernicano. Isso mostra que suas ideias estavam se modificando ao longo do tempo e que seus pontos de vista nem sempre foram os mais avançados da época. Contudo, com o uso das lunetas e da observação ele foi mais além. Construiu, por si mesmo, lunetas maiores e melhores, e fez descobertas que abalaram o sistema aristotélico e ptolomaico. Dentre elas: descobriu quatro luas de Júpiter, o que tirava a Terra do *status* de único centro privilegiado das órbitas celestes (a Terra não era o centro fixo do Universo e as estrelas e planetas não giravam em torno dela); observou que Vênus possuía “fases”,

como as da Lua – e concluiu que o planeta girava em torno do Sol, e não da Terra, como pretendia o sistema ptolomaico; em 1612, arriscando-se perigosamente – já que estava ofendendo gravemente os Cientistas e Teólogos que mantinham a ortodoxia ptolomaica, ele fez observações sobre a superfície do Sol, e concluiu que o astro não era tão imutável quanto se pensava.

Aqui, como pode acontecer na Igreja, uma mudança radical na mentalidade da época pode ser objeto de ofensas das grandes. Porém, o tempo mostrou que Galileu estava com a razão, e todos os Cientistas e Teólogos tiveram que aceitar isso, e pararam de brigar. Parar de brigar é o ponto! Encontrada a Verdade, não há mais motivo para briga. Conheça a verdade e a verdade o libertará. Libertará de ritos, dogmas, doutrinas de demônios...

Galileu não foi o primeiro a descobrir essas coisas, dentre outras. O inglês Thomas Harriot, que não publicou nenhum livro, observou coisas semelhantes; e Fabricius também, que observou o sol e chegou às mesmas conclusões de Galileu. Seja como for, Galileu e outros pesquisadores contrariaram os princípios de que todos os corpos celestes giravam em torno da Terra, além de outras verdades que não citaremos aqui. Por causa disso Galileu se viu em apuros com a Inquisição, mais tarde. Ele quase foi parar na fogueira! Mais uma vez a Igreja entra em cena da pior maneira: com sua intolerância. Toda essa questão chama-nos a atenção para o fato – mais uma vez – de que tanto a Ciência quanto a Teologia podem estar errados, equivocados a respeito de grandes questões! Mas, geralmente, a Ciência acaba por tomar uma postura mais “elegante” do que a Igreja, e a despeito das arrogâncias que sem dúvida existem, os Cientistas são mais coesos do que nós, Cristãos. O caminho da investigação nunca deveria ser cerrado. As novas ideias muitas vezes são surpreendentes a princípio e podem trazer nelas uma certa aura de “heresia” quando proclamadas pela primeira vez. Entretanto, a tolerância é um princípio que deveríamos ter o hábito de adotar mais vezes. A hostilidade contra novas ideias não é tolerante, muito menos amorosa, e ambas as atitudes são bem pouco Cristãs.

Vejamos ainda mais um erro grotesco da Ciência para encerrar nossa argumentação aqui. Uma das correntes mais antigas da Medicina associava as Epidemias a certas impurezas existentes no ar denominadas “miasmas”. Supunha-se que os miasmas se originavam de exalações de pessoas e animais doentes, emanações dos pântanos, de dejetos e substâncias em

decomposição. Sua presença era detectada por meio do mau cheiro. Acreditava-se que, ao impedir a propagação dos maus odores, seria possível prevenir ou evitar as Epidemias e Pestes. Autores Medievais continuaram a se referir à transmissão de doenças não só pelo contato pessoa-pessoa, mas também pelo ar “corrompido ou estragado” – os miasmas. Entre pensadores islâmicos atribuía-se doenças à podridão. As “febres pestilenciais” seriam produzidas pelo apodrecimento da água ou da atmosfera. A água estagnada de pântanos, alterada pela podridão, assim como cadáveres (mesmo que sem doença reconhecível) produziriam vapores malignos que, transportados pelo vento, no ar úmido e turvo, causariam doenças. Portanto, baseados nessa premissa, as pestes seriam mais raras no tempo seco.

Assim, a prevenção de doenças era feita reduzindo-se a umidade do corpo, para dificultar seu apodrecimento (!!!). Limitavam-se banhos, bebidas e alimentos úmidos. Médicos consideravam importante “refrigerar” as casas e “corrigir o ar”. Corrigir o ar significava produzir bons odores, impedindo sua putrefação. Para isso: defumações com cânfora, sândalo, mirra e outras substâncias aromáticas eram feitas no ambiente doméstico; a casa devia ser também borrifada com vinagre.

A Europa, da Idade Média até poucos séculos atrás, era um Continente sujo. Ao contrário do que tinha acontecido na antiga Roma, limpeza e banhos eram a exceção. Não havia esgotos nas cidades, as imundícias e o lixo eram atirados às ruas. Em situações de maior perigo, como nas pestes, recomendava-se recolher os dejetos dos espaços públicos e acender fogueiras nas esquinas queimando substâncias aromáticas; também purificar as roupas, arejando e passando a ferro – não se mencionava a necessidade de lavá-las; manter animais longe das casas e perfumar as residências. Banhos eram considerados perigosos à saúde! E as casas não tinham banheiro. Era comum pessoas fazerem suas necessidades fisiológicas num pote dentro dos aposentos, no meio da noite, para no dia seguinte serem esvaziados em qualquer lugar. Um decreto real de 1780 proibia os habitantes de Paris de lançar água, urina, fezes e lixo de suas janelas para as ruas. Imagine isso!!! *Paris* – hoje a cidade do *glamour*!

Curiosamente essa teoria não científica, que se tornou especialmente popular no Séc. XVIII e início do XIX, foi responsável pelo surgimento do Movimento Higienista desse período, que salvou milhões de vidas por levar a uma grande melhora nas condições sanitárias e de higiene na Europa, reduzindo muito as pestes e doenças transmissíveis. Mas é claro que a teoria

dos “miasmas” era um furo n’água. Paradoxalmente, a teoria microbiana das doenças, que estava cientificamente correta, dificultou a descoberta de alguns dos processos de transmissão das enfermidades, quando estas não eram decorrentes de agentes infecciosos (nem tudo é culpa dos vírus, das bactérias e afins). A teoria microbiana só se desenvolveu na segunda metade do Séc. XIX, ainda que desde a Antiguidade surgissem esporadicamente especulações sobre se certas doenças não seriam produzidas por seres vivos invisíveis (BINGO!). Mas, uma vez estabelecida como fato inegável, a teoria microbiana criou fortes obstáculos para o pensamento que levaria à compreensão de doenças não causadas por microorganismos. Os abusos devido ao excesso de confiança na forma de transmissão das doenças pelos agentes infecciosos levou à morte milhões de pessoas. Isso é o que se chama literalmente “encaixotar” as ideias. Pôr tudo sempre numa caixinha e fechar o assunto pode ser perigoso.

Apenas para ilustrar a questão, no final do século XIX surgiu uma nova epidemia: beribéri. Hoje sabemos que tal doença é causada pela deficiência de vitamina B (que só foi isolada em 1936). Na época, acreditava-se que todas as doenças eram causadas por microorganismos, era um assunto fechado. Isso levou a uma corrida de cientistas no mundo inteiro para descobrir o novo vírus, que incrivelmente foi “descoberto” por vários cientistas, de nacionalidades diferentes. Dentre eles, João Batista Lacerda, um brasileiro, nascido no Rio de Janeiro (1846-1915), que foi o diretor do Museu Nacional de Antropologia. Homem conhecido e respeitado na sua época como um brilhante cientista. Batizou o nome do vírus de *Bacillus beribericus*.

Mas ele não foi o único a encontrar um vírus que nunca “existiu”, outros também o acharam, dentre eles destacam-se: Ogata Masanori e Wallace Taylor no Japão, F. J. Cornelissen, J. Sugenoja e Cornelius Pekelharing na Índia; entre outros.

Quando a comunidade científica, enfim, descobriu a verdade foram libertos do conceito errôneo e da epidemia.

O conhecimento da verdade nos liberta de prisões, de estrutura de pensamentos pré-moldados, e promoverá sempre a unidade dos que cercam a verdade e a cura para diversos males. Foi o que aconteceu com a teoria geocêntrica quebrada por Galileu, levando a todos o conhecimento de uma verdade empírica. Embora contestado em sua época, hoje todos entendemos e reconhecemos que a Terra não é o centro do Universo.

Voltemos ao assunto que tememos estar já sendo “encaixotado” dentro de nossas mentes. A questão da perseguição dos Satanistas. Falamos atrás que eles estão particularmente preocupados com os Selados pelo fato de nunca ter havido tantos sobre a face da Terra. Citamos os verdadeiros Adoradores deste Exército como peças que provavelmente serão monitoradas de perto por Demônios de Alta Patente. Vamos deixar de incorrer em erro e conhecer um pouco mais. Outros monitorados de perto são os verdadeiros Profetas do Senhor, aqueles ungidos e comissionados para isso. Profetas de verdade envolvidos com grandes moveres do Alto, envolvidos com Nações, envolvidos com Altas Hierarquias tanto de Anjos quanto de Demônios. Não é a maioria, mas a minoria. Ninguém pode profetizar nada sem ter tido a revelação de Deus, sem ser Profeta no rigor do termo. Quem já viu um Profeta verdadeiro do Senhor se manifestar, com seu Dom inacreditável de discernimento, sua capacidade impressionante de trazer Palavra de Sabedoria e Palavra de Conhecimento... não consegue ter dúvida a respeito. É inequívoco e causa espanto! Isso fluía da pessoa como o suor flui de seu corpo, sem esforço algum. O Senhor usa essas pessoas trazendo muitos e muitos sinais de que é Ele mesmo Quem fala. Não deixa espaço para dúvida. Porém os falsos Profetas pululam em nosso meio, como também já aconteceu antes. Pensamos ser os únicos utilizadores e descobridores das “Unções” falsas? Jr. 23:16 já alertava: “Assim diz o Senhor dos Exércitos. Não deis ouvidos às palavras dos Profetas que entre vós profetizam, eles vos ensinam vaidades. Falam da visão do seu próprio coração, e não da boca do Senhor”. Quantas vezes ao ligar a TV vejo discursos que direcionam a Glória para o homem. Frases do tipo: “venha até aqui que eu, o Pastor fulano vou pessoalmente orar por tua vida e tudo será resolvido, pois quando eu der a ordem os demônios vão sumir”. Eu, eu, eu. A Obra é de Deus, Ele é quem faz, somos somente instrumentos em Suas Mãos. Humildade precede a Honra, mas o orgulho, a queda.

Temos nos deparado com pessoas confusas, sem saber que direção tomar, depois de terem escutado profecias da alma. Cuidado! Vai aqui um alerta especial para quem tem mania de sair orando e profetizando por aí, para aqueles que *se julgam* profetas, seja pelo motivo que for. mas não o são. Parece haver uma necessidade de serem admirados, e isso faz com que se convençam de algo fora da realidade. Pior do que estar convencido de uma mentira é sair liberando profecias da alma e confundindo a cabeça das pobres Ovelhas. Deus nos pedirá conta de toda palavra frívola que nossos

lábios houverem proferido. Conhecemos uma pessoa particularmente perturbada que cria ter a “unção de Jeremias”, e espalhava suas ideias por aí, sem dar ouvidos a ninguém, e se justificando em suas atitudes, ao dizer: “Deus *me* revelou”. Quando se chega nisso, no “Deus *me* revelou”, há uma barreira praticamente intransponível para o coração dessa pessoa. Encontrando esse nível de intransigência é difícil demover quem quer que seja de seguir por esse caminho. E fazê-la enxergar que o Dom Profético é algo totalmente diferente. O que acontece é que tais indivíduos nunca viram o Dom real se manifestar. Quem é Profeta de verdade não precisa apregoar; é patente aos olhos de todos. “O caminho do tolo é reto aos seus próprios olhos.”

Voltando à Ciência: muitos e muitos outros erros foram cometidos ao longo da História! Calculando mal o comprimento de cada grau da circunferência terrestre e aumentando o tamanho da Ásia, o navegador C. Colombo estimou que em 21 dias chegaria à Índia. Em 33 alcançou o Continente Americano! Há males que vêm pra bem, e erros científicos que podem levar a boas consequências. Mesmo se a América não estivesse no meio do trajeto daquele que julgava ter descoberto uma rota marítima para a Índia, sabemos que a distância a ser percorrida da Europa à Ásia seria absurdamente grande! Colombo desconhecia a verdadeira distância entre Europa e Ásia. Além de ter que saber qual a forma da Terra – plana? Redonda? – os antigos também fizeram estimativas de seu tamanho. Várias medidas apareceram ao longo da História. Está claro que Colombo usou alguma medida errada. Até o final do Séc. XVI e início do XVII os tratados de navegação apresentavam grandes diferenças nas medidas de comprimento correspondentes a um grau. Se soubermos medir a latitude e a longitude de dois lugares, poderemos determinar sua distância angular. A posição dos locais sobre a superfície terrestre já era indicada, na Antiguidade, por meio de ângulos: a latitude e a longitude. Medindo a distância angular, com base no tamanho da Terra podia-se transformar a distância angular em distância linear. Só que a longitude, naquela época, era bem difícil de calcular; o único método baseava-se nos eclipses lunares. E o tamanho da Terra também era impreciso.

Tendo encontrado terra, vida e humanidade a uma distância um pouco maior do que previa, Colombo acreditou ter conformado sua previsão. É verdade que os nativos com que se deparou eram bem diferentes do que esperava. Não havia ouro, nem pérolas, nem especiarias, as pessoas

andavam quase nuas e não utilizavam seda, o idioma era incompreensível. Mesmo assim, quem vai negar que sua viagem foi espetacular?! Colombo morreu acreditando ter chegado à Índia, sem saber que tinha descoberto um Continente que era novo para os Europeus.

Isso porque as propostas de Colombo, quando levadas de início ao rei Dom João II de Portugal, foram motivo de um quiproquó com uma equipe de cosmógrafos, especialistas em conhecimentos sobre Astronomia usados em navegação. A comissão posicionou-se contra a expedição e o navegador não conseguiu convencer o rei de Portugal a financiar sua viagem. Narrar aqui como e por que Colombo não se dobrou, e acabou por obter o apoio dos reis espanhóis de Castela e Aragão, é muito pano pra manga. Não foi de cara, não!

E quanto a Lamarck e Darwin? A incansável discussão sobre a herança dos caracteres adquiridos e a mutação dos animais? Lamarck defendeu a transmissão de características adquiridas durante a vida (pelo uso ou desuso) aos descendentes para explicar a evolução dos seres vivos. Segundo ele, o pescoço das girafas teria aumentado de tamanho pelo seu esforço em alcançar as folhas de árvores altas; e as toupeiras teriam perdido sua visão pelo desuso, devido ao fato de viverem sob a terra. Milhares de anos antes elas teriam tido olhos normais, porém, com o decorrer do tempo, talvez para fugir de predadores, elas passaram a adquirir o hábito de se enfiar embaixo da terra. Como permaneceram em ambiente escuro por muitas gerações e não utilizavam os olhos, eles foram entrando em desuso e se tornaram vestigiais como hoje se vê. Ele procurou explicar, também, o surgimento de antenas em certas raças de caracóis que tinham a necessidade de apalpar frequentemente o terreno com sua cabeça. Isso fez com que, no decorrer de muitas gerações, aparecessem as antenas. Entretanto, se a necessidade deixasse de existir, a tendência seria que as antenas diminuíssem de tamanho, chegando mesmo a desaparecer. A parte mais criticável da teoria de Lamarck seria o fato destes caracteres adquiridos serem transmitidos às gerações posteriores. Ele não procurou explicar por meio de qual mecanismo ocorreria essa herança.

Hoje não acreditamos nisso, mas principalmente por meio de Darwin – e outros Cientistas – se chegou à conclusão de que a Evolução se dava pela seleção natural e pelas mutações. Assim, eram as girafas de pescoço naturalmente (geneticamente) mais compridos que alcançavam as folhas altas e conseguiam sobreviver, transmitindo essa herança genética – pescoço comprido – aos seus descendentes. Caracóis com antenas sobreviviam

melhor e passavam essa característica à prole. Não tinha a ver com o uso e desuso, mas com a adaptabilidade ao Meio em que viviam. Os mais adaptáveis, que tinham características genéticas mais importantes para a sobrevivência num dado *Habitat*, conseguiam ir adiante e transmitir seus genes. Mutações genéticas fazem parte de um processo natural que poderia gerar características mais favoráveis ou menos favoráveis à sobrevivência no *Habitat*. As mais favoráveis permanecem e são passadas à descendência; as menos favoráveis levam aqueles que as possuem a se reproduzir cada vez menos, porque são menos adaptados ao Meio e correm mais riscos de extinção. Esses dois fatores, a seleção natural dos mais fortes e dos mais aptos, associada às mutações genéticas seriam as responsáveis pela Evolução dos seres vivos. Observe que aqui não estamos tratando da “Origem das Espécies”, nem dizendo nas entrelinhas que o Homem evoluiu de alguma espécie de chimpanzé!

Tudo isso para dizer, mais uma vez: somos passíveis de erro. O homem natural é limitado. O homem espiritual tem em mãos uma ferramenta poderosa para chegar às Verdades que Deus deseja que alcancemos. Mas, se o Cristão convertido optar por agir de forma a perder o contato com o Divino, com o Espírito Santo, terá caído na premissa do homem natural. Estará tão fadado ao erro como o homem natural, que percorre o seu caminho por si mesmo, e conta com sua própria mente para desvendar os Mistérios do Universo. Boa parte do que vier de pessoas nestas condições – afastadas do Centro da Vontade de Deus, e portanto semelhantes em essência ao homem natural – pode ser complicado e potencialmente equivocado.

PARTE III

Depois da restauração e cura espiritual, aspectos da cura física e emocional

N um ambiente limpo de pecado, corretamente Restaurado e Curado espiritualmente, onde o Espírito Santo pode voltar a mover-Se com liberdade, é aberto espaço para outras *Novas!* O processo de Restauração Divina tende a ser completo no ser humano a não ser quando o Senhor estiver impossibilitado de fazer isso por motivos inerentes a nós mesmos, como veremos a seguir. Caso contrário, quando encontramos a rota que nos leva novamente ao Centro da Vontade de Deus, e nos limpamos espiritualmente, todo o resto é acrescentado. “Buscai em primeiro lugar o Meu Reino e a Minha Justiça, e todas (as demais) coisas vos serão acrescentadas”.

O texto falava em comida, bebida, roupagens. Mas nós vamos transladar essa Promessa para uma integral Restauração e Cura. Se o Reino de Deus foi alegrado – a parte espiritual foi feita, os pecados confessados, as mudanças de comportamento se evidenciam – acreditamos que as demais porções da Restauração e da Cura serão recolhidas, em tempo oportuno, junto a uma série infindável de Bênçãos. Tudo isso se tornará real no devido *Kairós*, ao modo de Deus!

Que podemos dizer quanto à Cura? Aqui estamos propositalmente dividindo o assunto em Cura Emocional e Física, especialmente porque logo adiante, na outra Parte do livro, vamos falar sobre as Doenças do Cérebro. Mas, em relação à Cura de um modo geral nós não vamos complicar, antes simplificar

porque há muitas literaturas boas a respeito de Cura Divina. No NT Jesus simplesmente curou! Curou a todos que o procuraram, e até mesmo os que o não procuraram, como o paralítico do tanque de Betesda, dentre outros. Era Jesus que, aproximando-se, indagava: “Queres ser Curado?”. Ele também se compadeceu dos aflitos, ia de cidade em cidade e Curava os seus enfermos, expulsava os Demônios. Nossa Base Teológica é *básica* mesmo: Deus curou e continua Curando. “Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas Sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e Curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o Povo. E a Sua fama correu por toda a Síria; traziam-lhe, então, todos os doentes acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoniados, lunáticos e paralíticos. E Ele os curou. E da Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judeia e dalém do Jordão numerosas multidões O seguiam” (Mt. 4:23-25). Observe a sequência: Jesus pregava e ensinava o Evangelho do Reino (Restauração e Cura espiritual), e também trazia Cura física e emocional. “Quando os homens chegaram junto Dele, disseram: João Batista enviou-nos para te perguntar: És tu Aquele que estava para vir, ou esperamos outro? Naquela mesma hora, curou Jesus muitos de moléstias, e de flagelos, e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos. Então, Jesus lhes respondeu: Ide, e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres se lhes anuncia o Evangelho. E bem-aventurado é aquele que não achar em Mim motivo de tropeço” (Lc. 7:20-23).

Jesus Curava porque Curava. Não parecia precisar de um motivo para isso. Fazia parte da Sua Natureza e da Sua Missão. Por que hoje não as vemos com frequência? Na época do NT era palpável, real, sem motivos para dúvidas, de forma individual ou no meio das massas que seguiam Jesus, a Cura era autêntica. Hoje há motivos de sobra, apenas pelo que já foi exposto aqui, por exemplo, para justificar a ausência de maior número, de Curas *reais* em nosso Meio. Ambiente contaminado... rebeldia... perda do prumo... derrotas e não vitórias! O sobrenatural de Deus é para quem anda com Ele. Como ter vida em abundância se não colocamos Jesus no centro de nossas vidas? Já falamos sobre ritos e práticas que não funcionam.

Isso não quer dizer que invalidamos a doutrina de maldição hereditária e de confessar pecados dos antepassados ou quebrar maldições. Seria muita petulância nossa achar que recebemos uma “revelação especial de Deus”. Uma vez que sabemos em parte. Mas aprendemos que só isso não é

suficiente para romper a ação do adversário. Sem a confissão de nossos pecados e sem deixar as práticas pecaminosas de nossas vidas tudo isso é em vão. Não funciona! Ou seja, não há contraindicação em realizar estas práticas, isso não te fará mal, porém, sem a restauração de nossas vidas isso é nulo. Respeitamos profundamente os homens e mulheres de Deus de nosso tempo, e as direções que o Espírito Santo tem dado a cada um. Este livro não tem objetivo de criar uma linha paralela, mas sim de somar, de fortalecer o Corpo de Cristo, apresentando para isso o âmago da Cura e Restauração. O mesmo se aplica a crentes que entram no meio político. Não somos contra tal procedimento. Cremos que o crente tem que ser luz onde há trevas. Nossa posição é contrária a linhas “messiânicas”, nas quais são depositadas expectativas de restauração da nação em um único homem. Isso não vai acontecer. Pois o cenário Global esta sendo preparado para a vinda do Anticristo. Isso vai acontecer. Não podemos mudar. Jesus não foi um libertador político, mas antes de vidas! Paulo mesmo sendo cidadão romano não pleiteou cargos políticos, mas sim fundou Comunidades. As vidas são nosso alvo! O crente pode ser bênção em todo e qualquer lugar em que esteja, levando luz onde há trevas, pregando as boas novas, temperando o mundo com o amor de Cristo.

Voltando a manifestação do sobrenatural de Deus. A época de Jesus era ímpar porque Ele andava entre nós como homem; tinha o seu próprio livre-arbítrio envolvido no que fazia ou deixava de fazer. Sempre servindo ao Pai, sendo guiado pelo Espírito de Deus, uma Força a mais agia sobre a Terra naquele momento da História – era o próprio livre-arbítrio do filho do Homem! Esse é um dos motivos pelos quais cremos que houve *muitas* Curas; Jesus queria Curar! Não estava estabelecida uma “quota de Curas”, e pronto. Ele estava livre para, por Amor, Curar os seus ouvintes, e até os que nem eram ouvintes. Ele derramou o Seu Amor desta forma. Jesus se compadecia das Ovelhas sem Pastor.

Mas a presença dos sinais e dos milagres em abundância naquele tempo também tinham sua razão de ser por outro motivo: era necessário o Cristo dar-se a conhecer em curto período de Tempo. Aquele era o tempo de que Ele dispunha, por razões que não nos cabem entender ou questionar agora. O fato é um somente, e é que Ele precisava agir com impacto. Poucas coisas são mais impactantes do que operação de milagres, do que as Curas em si, do que o fato de até os mortos poderem ressuscitar. Alguns dos Apóstolos, posteriormente, teriam também sobre si um forte e inegável Dom de Curar.

Uma peça do vestuário de Pedro ou de Paulo podia Curar, à distância. “(...)”, porém o Povo lhes tributava grande admiração. E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens quanto mulheres, agregados ao Senhor, a ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos sua sombra se projetasse nalguns deles. Afluía também muita gente das cidades vizinhas a Jerusalém, levando doentes e atormentados de espíritos imundos, e todos eram Curados” (At. 5:13-16).

Entretanto, como Deus é o mesmo ontem, hoje e para sempre, partimos do pressuposto *convicto* de que Ele *continua Curando* exatamente como fez no passado do NT. O problema é que a falta de santidade e de comunhão com o Pai tem limitado o Seu Poder no nosso Meio. Mas vamos deixar esse “senão” de lado um pouco e esboçar alguns argumentos a favor da nossa hipótese de que o Senhor continua disposto a exercer o Seu Poder de Cura, Hoje, em nossos dias, exatamente como o fez no período do NT sobre isso. Haverá Cura, *sempre*, se os princípios gerais para ela forem atendidos. Acontecerá *sempre*, se estivermos no Centro, no tempo e no modo de Deus. E para isso – para alcançarmos os princípios corretos da Cura, o Centro, o mover de Deus – é primordial não nos enfiarmos na “caixinha”. Acabamos de falar em deixar ruírem certos dogmas, certas ideias prefixadas e tidas como Verdade Absoluta, não foi assim? Apontamos erros da Ciência e não podemos incorrer, nós, em erro agora, achando que o Senhor vai agir sempre do mesmo modo em relação à Cura. Um pressuposto apenas podemos colocar em relação a esse assunto, e é o que já dissemos: é desejo real do Pai trazer Cura completa aos Filhos; Ele tem Poder e vontade de Curar hoje do mesmo modo que antes.

Mas e a postura da Igreja? Em relação à Cura temos duas atitudes quase antagônicas no nosso Meio. Certas pregações sobre Cura tendem a ser simplistas e equivocadas; infelizmente muito do que se vê beira até mesmo o charlatanismo, pois ajuntam centenas, por vezes milhares de pessoas num grande local e insistem que a Cura *vai* acontecer. Quem já não viu ou ouviu falar nisso? O chamariz destas Pregações é a Cura, e não o Senhor. Do jeito como está o Povo, é como oferecer almoço aos “mortos” de fome. As pessoas vão. Mas não vão para buscar o Senhor. Eventos assim são interessantes apenas para quem os organiza, porque rende quantias estrondosas! Mais uma vez queremos crer que estamos falando para pessoas maduras na Fé, que sabem que isso acontece. Não é sempre, claro, que

haverá dolo, mas tem ocorrido muitas vezes. Então, o que acontece? Ou melhor, a partir do momento em que *nada acontece*, os responsáveis apenas dizem que “Não era propósito de Deus”, ou “A pessoa não teve fé suficiente”. Em ambas as premissas, a “culpa” é de terceiros e não de quem está imbuído, por assim dizer, da missão de Curar, em Nome de Jesus. Seja num evento de pequeno porte ou em mega conglomerados humanos para esses Congressos de Cura Divina, é muito triste perceber como tantas e tantas vezes são ludibriadas as pessoas desesperadas em busca de algo que as livre do sofrimento. Importante ressaltar que existem, evidentemente, curas reais, pessoas com tal Dom. A ênfase aqui está sendo direcionada para o lado ferido do Corpo, afinal quem precisa de médico é o doente. Estamos nos atendo à parte deficiente, que precisa de Cura e Restauração, e para isso é necessário dar o Alerta! Sem expor as feridas não haverá Cura! Muitas vezes este processo de cura é semelhante a uma quimioterapia, um processo que dói, mas promove no fim a cura plena! Não há atalhos, não há como passar um “pano com água”.

A outra tendência dentro da Igreja é quase oposta a essa; há apenas um menosprezo – consciente ou não – pelo assunto. Partem do fato de que Deus Cura, é evidente, pois é Bíblico, mas não falam muito no assunto. No fundo, no fundo tendem a desacreditar que realmente alguém possa ser sarado *mesmo* de doenças graves ou incuráveis, que pessoas possam praticamente levantar-se do leito de morte e voltar a uma vida saudável e frutífera para Deus. Julgam que os casos descritos ou comentados são puramente de influência psicossomática, e os sintomas menores desaparecem momentaneamente, no ato da oração, mas tendem a retornar depois. Portanto a maior parte dos relatos de Cura seriam falsos. É verdade que muita coisa nesses momentos é mesmo fruto da alma, fruto da emoção do momento, da vontade de querer ver alguma coisa acontecer (com isso contam também os charlatões – em todas as esferas). Esses que “crêem, não crendo” apenas sentem que a Cura Divina está muito longe de suas vidas, de sua realidade, longe demais para ser entendido ou experimentado. Por trás de posturas assim pode estar puramente uma manifestação Tradicional demais, que não aceita as manifestações do Espírito Santo hoje, ou então, o real desapontamento com a questão. Nesse último caso já se viu tanta hipocrisia, mentiras, enganos e uma enormidade de gatos tidos por lebre no meio das “Curas”, que ficamos desacreditados e deixamos de lado.

Grosso modo, esses são os modos como a Cura tem sido encarada na Igreja. Falemos um pouco sobre ela, agora. Já dissemos que o Senhor Cura; de forma simples e clara, essa é nossa convicção Bíblica e pessoal. Vamos acrescentando Verdades sobre essa Verdade. Então, outro aspecto importante, já citado: o *Kairós*. Deus tem seus Planos para cada um de nós. Geralmente uma saúde precária inviabiliza o bom andamento de qualquer Ministério. Inviabiliza muitas vezes as condições mínimas de vida, como o sustento de uma casa e as atividades diárias pessoais e familiares, dependendo da doença. Doença é algo que colhemos no Mundo como fruto do Pecado Original, e muitos culpam a Deus por essa situação. Mas a culpa foi do Homem, e não de Deus! Não agrada ao Pai ver Seus filhos doentes. No VT, o Profeta Isaías fala sobre o Messias e de como Ele levaria sobre Si as nossas enfermidades, as nossas dores. Inclua-se aqui toda e qualquer enfermidade, seja do espírito, da alma ou do corpo. “Certamente Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre Si (...). O castigo que nos traz a Paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados” (Is. 53:4-5).

Às vezes, por não entendermos essa questão do *Kairós*, nós nos frustramos achando que o Senhor não fará nada. Entender o Tempo e o Modo é importante para entender de que forma o Pai realizará a Sua Cura. Outro fator importante: a Cura também tem que ser para *glorificar* a Deus, caso pode não ser do agrado do Senhor, porque a Glória por um feito espiritual deve ser dada a Ele; mas muitas vezes a expectativa está firmada em homens: “Quando fulano ou beltrano orar, então serei Curado. Quando eu estiver na Cruzada daquele Pregador, serei Curado”. Esse enfoque não agrada ao Pai. Deus não divide Sua Glória com ninguém! Em suma, acumulamos já algumas premissas básicas: a Cura ocorre sempre (desde que estejamos no Centro da Vontade de Deus), de maneira ímpar (não podemos colocar Deus numa caixinha), há *Kairós* para ela (Tempo e Modo), e ela deve ser para dar Glória a Deus.

“O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a Curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o Dia da Vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem

Carvalhos de Justiça, plantados pelo Senhor para a Sua Glória” (Is. 61:1-3). Este texto de forma alguma está falando apenas da Salvação! Ele é abrangente e muito especial, e a libertação à qual faz menção não é apenas espiritual, mas *integral*. Se assim não fosse, Jesus não faria menção deste texto ao se justificar perante os Discípulos de João Batista sobre a essência do Seu Ministério. Que envolvia a Cura Física.

Por outro lado, a Cura *não* ocorrerá quando Deus, em Sua Onisciência, souber que, trazendo saúde plena a alguém, esse mesmo usará mal seu livre-arbítrio depois, afastando-se Dele. Se for para se afastar do Caminho reto, é preferível a debilidade da doença porque isso, muitas vezes, é o que mantém certas pessoas arraigadas ao Senhor. Se quiser realmente conhecer o homem, dê a ele poder e liberdade. Isso o fará mostrar de que estofado é feito. Deus já conhece esse estofado de antemão, e sabe: “Esse meu filho não pode estar Curado, porque sua autossuficiência o fará andar por caminhos errantes, e se perderá”. No entanto cremos também que o Pai sinalizará perfeitamente estas situações e nuances àqueles vasos que Ele já escolheu para usar como instrumentos de Cura no meio do Seu Povo. Aquele que tem realmente o Chamado e o Dom de Cura saberá discernir quando orar e quando não orar... saberá discernir o *Kairós*, ou se não haverá *Kairós*... pois foi chamado para isso e Quem chama... capacita! Quando estamos no Centro, dificilmente deixamos de ter certeza das coisas.

A Cura também não tem muita chance de ocorrer se a doença for resultado de Juízo prévio de Deus. Ela pode ser um ato disciplinar de Deus, portanto não adianta pedirmos para que Deus cure. Há um período de Juízo a ser completado. Quando após imensa tolerância Divina, os Povos de Israel e de Judá sucumbiram aos inimigos, e tornaram-se servos da Assíria e cativos da Babilônia, era Juízo que acontecia. Certamente houve arrependimento bem antes – *muito* antes – de o Senhor novamente permitir que eles retornassem a Jerusalém, levantando para isso Esdras e Neemias. Normalmente, quando estamos em apuros, depois de termos pecado e pecado, quando o Juízo nos alcança, seja da forma que for, normalmente ficamos assustados. E então clamamos, pedindo livramento. Mas uma vez dada Ordem de Juízo, é preciso esperar que o tempo dele se cumpra. Não haverá livramento antes da hora. Ou, dependendo do pecado... *nem haverá* livramento. Pode ser assim com certas enfermidades. Poderá demorar para haver Cura... ou poderá nunca haver. O primeiro engano é achar que estamos sendo vítima do Diabo; mas estamos sendo vítimas de Deus, pois Ele disciplina os filhos rebeldes.

Quanto maior o atoleiro no pecado e a insubordinação aos preceitos de Deus, maior será a punição, quando houver. E pode ser irreversível. Não se perde a Salvação, mas pode-se perder a saúde nesta Terra até o final dos dias. Imagine um homem que assalta um banco. Ele é capturado, julgado e sentenciado à prisão por dez anos. Ele pode ter se arrependido, pode ter até mesmo se convertido na prisão, e ter recebido o perdão de Deus, mas haverá a consequência do pecado, a consequência de seus atos. Causa e efeito.

Quando o genuíno entendimento do erro torna-se evidente, pode ser que o Senhor esteja disposto a voltar atrás. Vejam o exemplo de Miriã, que ficou leprosa apenas por sete dias depois de ter-se levantado contra Moisés; e certamente não adoeceu de forma pior ou maior por causa da intercessão do próprio Moisés. Já Uzias, rei a quem subiu o orgulho para sua própria ruína, pois já queria exercer as funções sacerdotais, tornou-se leproso e assim esteve até a morte. A lepra era considerada claramente naquele tempo como castigo Divino (veja II Re. 5:27; II Cr. 26:16-23; Nm. 12: 1-15). Torna-se evidente que em caso de Juízo, este pode ser temporário, ou permanente. Se for permanente – e o Juízo em questão estiver se manifestando na forma de doença – não adianta pedir a Cura. Há momentos em que o “quadro de mudanças de Deus” já está fechado, e ponto final. Não nos cabe compreender tudo, por mais que possa parecer injusto num primeiro relance de olhos. Mas sabemos que o Senhor exerce a Justiça e o Juízo, não somente o Juízo. Não cabe injustiça em nenhuma atitude do Pai. “Justo é o Senhor, pois me rebelei contra a Sua Palavra (...)” (Lm. 1:18). Quando Jeremias lamentava-se e orava pedindo o livramento de Jerusalém, Deus lhe disse que não adiantava mais orar por aquela cidade, nem por livramento da Babilônia, naquele momento (Jr. 14:11-12; 14:19-22; 15:1-6; Lm. 1). Encerrando o Livro de Lamentações de modo emotivo, Jeremias sente dúvidas... o que poderia acontecer se o Senhor não desse outra chance a Judá? Porém, haveria ainda uma chance; chance esta que Jeremias não viveria para ver, mas o retorno do Exílio aconteceria.

Deus pode mudar de direção não somente em casos de disciplina. Ele pode simplesmente atender à oração do justo. Lembrem-se do rei Ezequias, que estava doente e a quem o Profeta Isaías anunciou a morte? A profecia vinha de Deus. Falava tanto da libertação da Nação das mãos da Assíria, pois Senaqueribe vinha contra Jerusalém, como da doença fatal do rei. Era o Senhor Quem falava sobre ambas as coisas. Mas Ezequias, em sua dor e súplica comoventes, moveu o coração de Deus. Esse trecho nos mostra como

o Senhor não é um Deus estagnado, que nos trata como objetos, usando de Palavras curtas e grossas. Deus tem ouvidos, tem coração! No caso do justo, Deus inclinou Seus Ouvidos e mudou a disposição de recolher o rei. Logo o Profeta volta, quase que imediatamente, para anunciar não mais a morte, mas a Cura e a adição de cerca de quinze anos de vida.

Construímos bastante sobre Cura Física até aqui. Vamos a outro detalhe, desta vez mais curioso: há Anjos de Cura. Pode ser que alguns se surpreendam, ou mesmo rejeitem essa ideia de imediato. Mas ninguém refuta o fato de haver Demônios que praticamente se *especializaram* em fazer o Mal na forma de doenças! Há Demônios de Morte, há Demônios que causam enfermidades das mais diversas, pois a própria Bíblia cita esses casos. Do mesmo modo, existem Anjos “Médicos”. Anjos que podem neutralizar o efeito devastador das ações Demoníacas. Parece-te estranho que Anjos possam Curar? Anjos não estão aqui na Terra a passeio, nem são meros enfeites, embora às vezes os Cristãos pensem que sim, pois lhes dão muito pouco valor. As suas funções, ainda que sintetizadas de modo muito breve na Palavra – afinal não há porque o exagero em falar da vida dos Anjos –, remete-nos a contextos específicos, mas bem variados. Podemos depreender muita coisa sobre eles por aquilo que lemos na Bíblia. Se prestarmos atenção iremos perceber, primeiro, que eles são mais citados na Bíblia do que os Demônios – e Demônios causam “espanto” por parte de alguns devido ao poder que representam. Esse Poder é real; mas o dos Anjos também é. O Poder dos Anjos é maior do que o dos Demônios. Mas não prestamos atenção nisso.

Assim, se o Reino das Trevas é em muito plágio, ou reflexo, do que o Reino Celestial representa, por dedução inferimos de forma evidente que, do mesmo modo que Demônios (e, aliás, *muito mais ainda*) os Anjos têm Linhagens, Hierarquias e modos principais de ação. A Bíblia não cita todos os “tipos” de Anjos que existem. Parte deles se inferem de outras literaturas paralelas, mas na Palavra há menção aos Querubins, aos Serafins, aos Seres Videntes, aos Anciãos, aos Arcanjos (ou “Anjos-Chefes”), e a outros que, pelo Poder demonstrado especialmente na descrição de seu “modo de agir” espiritual, futuramente, no Apocalipse, podem não ser nenhum dos anteriores. Isso nos mostra uma classificação no tocante à atuação principal destes Anjos. A Bíblia também cita “tipos”, ou Hierarquias Demoníacas: Principados, Potestades, Dominadores, Hostes do Mal. Sabemos que há “Demoninhos” e graaandes Demônios. O mesmo acontece com os Anjos.

Não se diz de Miguel, o futuro Capitão dos Exércitos, que ele é “um dos primeiros Príncipes”? Isso exemplifica claramente a origem de Linhagens específicas; e mostra que há Príncipes Angelicais, do mesmo modo que há Príncipes das Trevas também.

Observe alguns exemplos da atuação de Anjos:

– Entregaram recados de Deus a pessoas – veja o caso de Abraão e Sara, também Ló. Ali estavam perfeitamente materializados.

– Destruíram cidades e exércitos inimigos – veja o caso de Sodoma e Gomorra, a morte dos primogênitos no Egito e também o exército de Senaqueribe.

– Participaram ativamente de Guerras, como é o caso do Príncipe dos Exércitos do Senhor que se achegou a Josué antes da entrada em Jericó; igualmente o anterior, que destruiu o exército de Senaqueribe.

– Podem ser portadores de resposta de oração – veja o evento do provável Arcanjo Gabriel e do Arcanjo Miguel, que lutaram contra o Príncipe da Pérsia a favor da intercessão de Daniel; nesse contexto é especialmente interessante observar (Dn. 10:8-45; 12) que o Arcanjo trouxe uma palavra profética bastante extensa, além de tocar Daniel fisicamente não apenas para ajudá-lo a levantar-se como também para trazer força e vigor a um homem já idoso; a presença daqueles seres espirituais trouxe um impacto físico e emocional muito grande, além do impacto espiritual (“...caí sem sentidos, rosto em terra. Eis que certa mão me tocou, sacudiu-me e me pôs sobre meus joelhos e as palmas das minhas mãos (...); ao falar ele comigo esta palavra, eu me pus em pé, tremendo. Então, me disse: (...) Por causa das tuas palavras, é que eu vim. (...) Dirigi o olhar para a terra e me calei. E eis que uma como semelhança dos filhos dos Homens me tocou os lábios; então passei a falar (...); por causa da visão me sobrevieram dores, e não me ficou força alguma (...). Então me tornou a tocar aquele semelhante a um homem e me fortaleceu”); observe que este texto cita três Entidades Espirituais distintas, e de elevada hierarquia: o que fala, após ter sido resistido por 21 dias pela Potestade do Lugar; aquele que é citado como tendo vindo em seu socorro para, juntos, venceram a barreira Demoníaca.

– Anjos trouxeram Profecia de imenso quilate a João, em Patmos (o Apocalipse).

– Trouxeram provisão material, como no caso de Elias, e o incentivaram à caminhada.

– Anjos acampam-se ao redor dos filhos de Deus com intenção protetora.

– Anjos serviram Jesus no deserto após os 40 dias de jejum, bem como foram os únicos seres presentes para consolar o Cordeiro de Deus sozinho no Getsêmani.

– Foi um Anjo que quebrou os grilhões dos Apóstolos na cadeia.

– Inigualável será a forma de interferir na Natureza, como está descrita no Apocalipse, fazendo danos de toda sorte e sinais indescritíveis. Não são Anjos quaisquer estes, sem sombra de Dúvida, e estão sendo guardados para o Tempo preestabelecido (Ap. 7, 8, 9, 10, 11:15-18, 12:7-8, 15:1, 5-8, 16, 17, 18:1-3, 21, 19:1-10, 17, 20:1-4, 21:9, 15-17, 22:1-11).

– Anjos podem anunciar fatos, como foi no caso do nascimento de Jesus; também no Apocalipse, quando se fala que Anjos pregarão o Evangelho Eterno (Ap. 14:6-7; 8-20).

– Um texto particularmente interessante é o de Ap. 17:3, quando João se diz transportado pelo Anjo em espírito a um deserto para receber parte das revelações da Grande Meretriz. Ocorre o mesmo quando lhe foi mostrada a Noiva do Cordeiro, a Esposa do Cordeiro, e João diz ser transportado em espírito até uma montanha. O desdobramento – saída do espírito do corpo – é praticado corriqueiramente por Satanistas. Aqui, cita-se o Poder dos Anjos em propiciar o mesmo tipo de fenômeno espiritual. Desde que haja para isso propósito específico. Não é fato corriqueiro.

Estes são alguns exemplos. Portanto não é de se admirar que Anjos possam Curar; acompanhando os vasos de Deus que possuem o verdadeiro Dom de Cura, eles podem atuar de forma conjunta. Observe, contudo: o Poder não está no homem, mas no Espírito Santo. O Espírito Santo age no sentido de proporcionar Fé tanto naquele que ora pela Cura, como naquele que irá receber a Cura. Por que seria necessária a presença de um “Anjo de Cura”, então? Em doenças de cunho espiritual, Satanistas sabem ser necessária a presença do “toque” Angelical de Cura no doente. Essa ação seria necessária – sempre realizada por Seres Espirituais de mesma Linhagem e Patente que os Demônios –, para neutralizar o efeito da doença que foi fruto de Encantamento e Feitiçaria. Estes Anjos de Cura teriam papel fundamental na remissão de doenças de caráter espiritual. O toque de Cura tem que ser dado no mesmo horário em que foi lançada a sentença de Maldição. Portanto, preferencialmente à noite. Assim creem os seguidores do Diabo. Porém para nós o importante a reter é que seja qual for a causa da enfermidade, Jesus tem todo o Poder e Autoridade para curar, desde que haja

ambiente favorável a isso – fé. Os Anjos podem ou não ser usados pelo Pai neste processo.

A presença de Anjos de Cura de forma alguma desqualifica a oração humana porque ela é fundamental. Deus tem prazer em trabalhar em parceria com o homem.

Precisamos falar ainda de algo fundamental: a questão da Fé. Fé é um importantíssimo ingrediente na petição de Cura. Trata-se, todavia, de uma Fé bilateral; como uma adição de forças. Há Fé por parte de quem pede, e Fé e por parte de quem recebe. Observando os exemplos Bíblicos principais, A Fé de quem irá *receber* a Cura aparentemente é mais importante do que a Fé de quem pede pela Cura. Tem que ser uma Fé de 100%. Entenda essa “Fé de 100%” como sendo a melhor e maior Fé que a pessoa pode produzir. Algumas vezes ela será forte e expressiva; outras, apenas como um grão de mostarda. Mas tem que ser o melhor. Haja visto a atitude de muitos que fizeram peripécias atrás de Jesus para receber sua Cura! Os que desmontaram o telhado da casa onde Jesus se encontrava é um exemplo extremo. Que Fé inacreditável! Jesus, “vendo-lhes a Fé” só podia mesmo dizer “estão perdoados os teus pecados”. Provavelmente aquela enfermidade era fruto de disciplina de Deus que chegava ao fim. A mulher que tocou nas vestes de Jesus é outro exemplo gritante. Ela era considerada impura por causa do sangue e por certo vivia banida; imiscuir-se na multidão e tocar num *homem*, sendo ela “impura”... era preciso muita coragem e muita Fé. Mais um exemplo em que parece que Jesus quase não precisava fazer mais nada além de conceder o desejo do coração: “Quem me tocou?”. Lembrem-se também do servo do centurião.

O centurião foi ao encontro de Jesus e lhe implorava que ordenasse com uma Palavra, e ele tinha certeza de que, em casa, o seu servo que estava paralítico e sofrendo muito seria curado. Jesus se admirou mais uma vez e aproveitou para dizer que nem entre os filhos de Israel tinha encontrado semelhante Fé. “Vai-te e seja feito conforme a tua Fé”. E na mesma hora o servo ficou curado. Outros dois berravam, incomodando a todos, seguindo Jesus, que aparentemente não parou de imediato: “Filho de Davi, tem misericórdia de nós!”; “Credes que Eu posso fazer isso?”, indagou Jesus, ao que responderam convictamente que “sim!”. E Jesus lhes diz: “Seja feito conforme a vossa Fé”.

Os relatos da Cura envolvendo – na maior parte – uma grande Fé de quem “corria atrás da Bênção” são inúmeros. Por quê tanta Fé? Hoje em dia

parece quase não haver Fé assim mais, pelo menos nesse aspecto em particular. A diferença é porque naquele tempo as pessoas conheceram Jesus tanto de vê-lo, como de ouvir suas Palavras, como de ouvir falar Dele. A Palavra inspirou Fé naqueles corações de tal forma que nada mais poderia subjugar-lá! Lembrem-se sempre disso! Quer ter Fé em Deus, seja lá para o que for? *Conheça-O!* Conheça Sua Palavra, seja íntimo Dele, ouça falar a Seu respeito! Restauração e Cura estão muito mais relacionados a isso do que a amarrar Demônios. Por certo que algumas Curas tinham natureza espiritual, e a partir do momento em que Jesus expulsou os Demônios as pessoas ficaram sãs novamente. Mas observe que Jesus sempre sabia o que fazer, pois tinha intimidade com o Espírito Santo; e nos garantiu que faríamos as mesmas obras que Ele, e outras ainda maiores quando Ele fosse para junto do Pai. É possível, portanto, ter plena certeza de que estirpe é uma enfermidade qualquer; e se é o tempo de curá-la; e de que modo o Pai dirigirá isso. Nada de “caixas”. No NT Jesus disse “levanta e anda”... cuspiu no chão e mandou a abismada “vítima” lavar-se com água... perguntou “Queres ser Curado?”... ou simplesmente “Seja feito conforme a tua Fé”.

Mas... e quando quem vai receber a Cura não está em condições de exercer Fé? Há exemplos assim na Bíblia, quando alguém muito próximo de outro, seja no grau de parentesco, ou seja, na afinidade, faz a petição perante Jesus. Por exemplo, o pai do filho lunático que se jogava no fogo e na água; ou o centurião em relação a seu servo (devia ser um servo particularmente querido e próximo); ou Jairo e sua filha; os familiares de Lázaro. Pode acontecer realmente de alguém estar inconsciente na U.T.I., ou estar sofrendo de uma doença mental com grande afastamento da realidade. Nesse caso a Fé tem que existir, do mesmo jeito, mas terá que vir – 100% - por parte de algum familiar ou amigo próximo que realmente deseje a Cura de todo coração (elo de ligação). Protocolos não satisfazem as condições necessárias na Cura.

Diante dessa realidade Bíblica, percebemos que hoje não é diferente, e Deus pode usar de múltiplos métodos para efetuar uma Cura. Até mesmo usando a Medicina, não se esqueça... apenas mandando o enfermo ao Médico! O *Modo* não é padrão, devemos ter isso em mente sempre. “Receita de bolo” não combina bem com Cura Divina. Como já dissemos, enfatizamos de novo: ora é simplesmente “Levanta e anda”; outras vezes “Lodo com cuspe”; outras; “Mova a pedra”; outras, aparentemente transgredindo Leis: “É lícito curar no sábado?”. O *Modo* pode ser muito diferente, e não

devemos estabelecer padrões, o que só vai limitar a Fé e o Poder de Deus. Cabe a nós nos deixarmos moldar pelo mover do Espírito Santo, e estarmos sensíveis ao que o Senhor deseja realmente fazer, e que direções Ele nos dará quanto a um determinado enfermo. Portanto, não devemos estranhar se Ele disser “faça isso ou aquilo”, quer sejam palavras, Atos Proféticos, proibições ou determinações. Apenas é preciso obedecer, e isso é Fé.

Guarde isso: o Modo de Deus sempre será NULO se não houver Fé de quem recebe. Fé de 100%. O cego seria curado se ele não fosse lavar o seu rosto?!? Porém, também não nos esqueçamos que, em essência, Deus é simples e age de modo simples. Ele sempre dará Modos tangíveis, acessíveis. Quem exige complicações ritualísticas é o Diabo! Por isso desconfie se alguém disser que é preciso escalar o Monte Fuji, ou fazer grandes penitências e peripécias para alcançar uma Cura!

Certa vez, nos contaram a seguinte história: uma mulher ia indo a uma “sessão de libertação” e levava consigo velas, óleo, arruda, sal grosso, farofa etc. Precisa disso? Mitos que entram em nosso meio como um vírus. Desviando-nos do caminho da verdade. Eu mesmo já vi uma jovem com enorme esparadrapo no umbigo. Não dava para não reparar. Perguntei a ela se tinha passado por alguma cirurgia, e a resposta me deixou atônito.

“Não, é que meu pastor disse que os demônios entram pelo umbigo, então eu comprei este esparadrapo” unguento “para me proteger”. E o mais estapafúrdio – o tal esparadrapo custou daquela jovem de poucas posses a quantia módica de cinquenta reais! Quantas formas de aprisionar satanás usa...

E quanto a quem ora pelo doente? Quem pode orar e ser o instrumento usado por Deus para trazer Cura a outro...? Somos mais reservados em dizer que *qualquer* pessoa poderia fazer a oração e obter os resultados. Entretanto, ainda que se diga que “muito pode o justo em sua súplica”, no NT vemos somente Jesus e os Apóstolos a quem foi delegada essa autoridade orando por enfermos. Apenas eles. Mais adiante, na Igreja recém-formada, observamos o texto de Tiago: “Está alguém entre vós doente? Chame os Presbíteros da Igreja, e estes façam oração sobre ele, unguendo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da Fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados”. Mais uma vez este tipo de oração aparece associado aos Líderes da Igreja, pessoas comissionadas por Deus – pressupostamente. Note também que não se faz distinção sobre o tipo de enfermo. Apenas diz que a oração da Fé salvará o

enfermo. Depreendemos aquilo que mencionamos antes: isto é, qualquer enfermo.

Então... importante! Não sejamos soberbos ou neófitos por demais. Não há base consistente para afirmar que Deus atenderá qualquer oração. Mas Ele sempre atenderá as orações feitas por aqueles a Quem já foi dado o comissionamento na área da Cura, se as premissas anteriores para o doente em questão se complementarem. Mas não vamos fazer disto uma máxima absoluta porque Deus age como quer, onde quer e usa quem Ele quer. Por isso cremos que, em casos especiais, quando não há a quem recorrer, sempre temos como recorrer ao Pai! O Deus de Amor pode ouvir, sim, a súplica de justos, e Curar, se houver propósito real no tempo, no modo, se houver Fé, se for para glorificar a Deus etc.

Mesmo assim orientamos a todos: cada qual na sua praia, não se esqueça nunca disso!!! Você poderá fazer as mesmas obras de Jesus dentro da sua amplitude Ministerial, dentro do seu Chamado. Não fará obras grandiosas em nome de Jesus tentando pescar o peixe na praia do vizinho, fazendo aquilo para o que não foi comissionado, nem enviado.

CAUSAS DE DOENÇAS.

Já dissemos que podem ser naturais ou espirituais. Entretanto vamos observar melhor alguns textos que nos possibilitam verificar claramente a divisão entre doença de causa natural e doença de causa espiritual. Muitos no meio da Igreja ainda aceitam e pregam que *toda* doença tem causa espiritual. Isso é completamente equivocado! Não tem a menor base Bíblica. Sempre houve e sempre haverá exageros em nosso meio, e os maiores deles envolvem a ação Demoníaca; quer dizer, a *suposta* atuação Demoníaca. Há uma tendência de achar que tudo é culpa do Diabo, que ele está envolvido em todas as esferas da nossa vida, mesmo que não esteja. Ter conhecimento da Palavra, apenas, já foi dito, não nos leva a pensar de forma coerente automaticamente. E no que se refere à Batalha Espiritual, sabedoria tem sido um item faltante em diversas ocasiões. É importante adquirir, sem dúvida, conhecimento. Mas temos que orar e pedir *sabedoria*. Sabedoria nos capacita a usar de forma precisa o conhecimento acumulado, e principalmente a discernir todas as coisas. Há um Dom do Espírito que nem sequer costumamos lembrar que existe: Dom de Discernimento de espíritos. Se existe tal Dom, é porque muitas vezes não há como saber se algo envolve mesmo o Inimigo ou não. Cuidado com os extremos! Busquemos

conhecimento, sim – de Deus e do Inimigo –, mas sempre regados por oração que pede sabedoria e discernimento. Deus se alegra com a busca da sabedoria, o livro de Provérbios é rico em palavras que nos incentivam a buscar a sabedoria e mantê-la bem atada a nós!

Então, vamos aos nossos exemplos: veja o caso da mulher defeituosa, narrado em Lc. 13:11-17. “Estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade havia já dezoito anos. Andava ela encurvada e não podia de modo algum endireitar-se. Vendo-a Jesus, chamou-a a Si e lhe disse: Mulher, estás livre da tua enfermidade. Então Ele pôs as mãos sobre ela e ela logo se endireitou, e dava glória a Deus”. Lembra-se? A Cura deve sempre dar Glória a Deus. Apesar do nariz torto do Chefe da Sinagoga, por ser sábado, Jesus ainda assim replicou: “E não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos?”. Jesus tinha conhecimento profundo do Deus Pai e de Sua Missão – lógico! – e Ele mesmo admite aqui, claramente, que espíritos malignos têm poder para afetar o Mundo Físico, e particularmente, de causar doenças. Algumas doenças que a Medicina considera como psicossomáticas, com origem nas emoções, podem ser também fruto de atuação Demoníaca. No entanto, temos encontrado em nosso meio uma grande confusão para diferenciar as coisas. Mais adiante enfocaremos o grupo de doenças que mais tem causado enganos na maioria dos Cristãos.

Observe também que a maneira de Jesus libertar essa mulher foi calma e tranquila; não há relatos de gritos, escândalo ou exorcismo cheio de rapapés. Menos ainda de “entrevistas” com os demônios.

Outro relato, desta vez na casa de um dos principais Fariseus, onde Jesus entrou num sábado para comer pão – Lc. 14:1-6: “Ora, diante Dele se achava um homem hidrópico. Então, Jesus, dirigindo-se aos intérpretes da Lei e aos Fariseus, perguntou-lhes: É ou não lícito curar no sábado? Eles, porém, nada disseram. E, tomando-o, o curou e o despediu”.

Aqui o texto apenas diz que Jesus o curou. Não se fala em interferência Demoníaca. Pois é isso mesmo. É completamente claro que há doenças naturais, fruto da Queda do Homem! As doenças invadiram o Mundo; e pessoas podem adoecer e isso não ter ligação nenhuma nem com pecado, nem com Demônios, nem com Juízo de Deus. Acontecem doenças porque acontecem, e a Medicina está incumbida de tratar disso. Mas não é onipotente! Haverá doenças em que a intervenção Médica é só um paliativo para aliviar o sofrimento extremo; isso não é novidade para ninguém. Esse

homem estava muito doente. Mesmo a Medicina atual não teria muito a oferecer. A hidropsia é também conhecida como ascite, um acúmulo anormal e progressivo de fluido seroso em “cavidades” do corpo. No caso, a ascite é o acúmulo de líquido no peritônio abdominal, e uma das suas causas pode ser a cirrose hepática, doença muito séria e que requer transplante de fígado para não levar a óbito. Há várias causas *naturais* para o desenvolvimento da cirrose. Trata-se de uma alteração irreversível da arquitetura do fígado, consistindo em fibrose hepática e áreas de regeneração nodular. As causas são diversas, dentre as quais encontramos o abuso crônico de álcool, drogas, infecções por vírus de hepatite (B ou C, principalmente), ou como decorrência de doenças metabólicas genéticas ou tóxicas. A cirrose poderia ser a causa da ascite daquele homem e provavelmente havia outros sintomas associados; ele morreria em breve.

A Cura de Jesus, aqui, foi extremamente miraculosa e o fato dele estar na casa de um dos principais Fariseus não lhe foi empecilho para fazer o que era certo. Quantos de nós estamos preocupados com as aparências, com o que vão pensar de nós, com o que vão dizer... e deixamos de fazer a vontade de Deus por causa disso?

Lc. 8:2 – Iam com Jesus os doze Apóstolos e algumas mulheres “que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades”. Note a clara distinção entre doenças causadas por Demônios e doenças de causa natural. Os relatos de Lucas nos são particularmente valiosos quando encontramos essa distinção, já que ele era Médico. Lucas foi amigo de Paulo provavelmente desde antes de sua conversão. Foi um provável aluno da Universidade de Tarso, a mesma de Paulo (segundo Historiadores como Eusébio). Além de escrever o Livro dos Atos, foi companheiro de Paulo em muitas das suas viagens. Excelente historiador, Lucas escreveu em um Grego culto e foi super completo em seus relatos.

Mt. 17:15 – “Senhor, compadece-te de meu filho porque é lunático e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo e outras muitas na água. Apresentei-o a teus discípulos mas eles não puderam curá-lo. Jesus exclamou: Ó Geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui o menino. E Jesus repreendeu o Demônio, e este saiu do menino; e desde aquela hora ficou o menino curado.” Mateus foi bem específico em sua narrativa e descreveu o estado de agitação Demoníaca que precedeu a Cura: “Quando viu a Jesus, o espírito imediatamente o agitou com violência, e, caindo ele por terra, revolvia-se espumando”. O problema

vinha desde a infância, e o menino definhava. Aqui está impressa muito claramente também a questão da Fé que mencionamos antes. Os discípulos, talvez naquele momento, não tiveram Fé, e isso não pode mover a mão de Deus. Mas o pai do menino tinha, ele mesmo, mais Fé do que os discípulos, porque insistiu e levou o filho até Jesus. Talvez a Fé dele ainda fosse insuficiente, mas aumentou diante da presença de Jesus. Veja: “(...) mas, se Tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos. Ao que lhe respondeu Jesus: Se podes! Tudo é possível ao que crê”. E imediatamente o pai do menino exclamou, com lágrimas: “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de Fé!”. A doença aqui, apesar de ser causada por espírito maligno, muito provavelmente era a epilepsia. As convulsões características da doença traziam perda de consciência e o faziam cair no fogo e na água. Mas como havia presença de Demônios, não podemos afirmar com plena certeza; pode ser que o próprio endemoniamento culminasse em perda de consciência e algo *parecido* com convulsões. Seja como for, era interessante aumentar o sofrimento de todos fazendo o menino ter as crises em lugares onde podia se machucar ainda mais. Falaremos da epilepsia mais tarde, com detalhes.

Mas a questão da Fé é interessante neste texto em particular, pois Jesus ficou inconformado com a falta de Fé! Para haver Cura é preciso orar com Fé, e ambas as partes têm que tê-la. Por isso é importante salientar que devemos nos precaver em relação a quem está tomando parte de uma oração de Cura Divina junto conosco. Pessoas sem Fé, mas que se dispõem a orar por mero “protocolo”, ou por vergonha de ficar “de fora”, podem ser um elo fraco na oração. Seria como se houvesse forças opostas na oração, e forças opostas se neutralizam. Imagine a Cura como sendo algo “quente”. Calor = purificação. O que acontece se você pegar água quente e misturá-la com água fria? Trata-se da *mesma* água, a mesma H₂O, a mesma composição química, a mesma forma orgânica... quer dizer, traduzindo a comparação, todos são humanos! Mas misturar os quentes (que têm Fé), com os frios (sem Fé), resulta em algo morno, água morna. E o morno sempre faz Deus vomitar. Água morna não faz café, não faz chá, não pode ser usada. Por isso algumas vidas que Deus tem intenção real de curar, como era o caso do menino “lunático”, podem ter sua Bênção retardada se houver falta de Fé no momento da petição. Ali, pelo menos o “adiamento” foi pequeno. Mas pode acontecer.

Do mesmo modo, Cura sem transformação de vida pode acarretar a volta dos sintomas tempos mais tarde, já que o que mais interessa a Deus é a Cura

do espírito, a salvação, o arrependimento, a mudança de coração. A Cura física é para Glória de Deus! Se prestarmos atenção ao caso dos dez leprosos que Jesus mandou irem apresentar-se aos sacerdotes, depois que lhe rogaram a cura, perceberemos algo além nas Palavras de Jesus: “Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove? Não houve, porventura, quem voltasse para dar Glória a Deus, senão este estrangeiro? E disse-lhe: Levanta-te e vai; a tua Fé te salvou”. Isso porque depois de serem curados, provavelmente diante dos sacerdotes, apenas o samaritano volta: “Um dos dez, vendo que fora curado voltou, dando glória a Deus em alta voz, e prostou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, agradecendo-lhe” (Lc. 17:11-19). Infere-se que todos foram curados, mas apenas aquele samaritano se voltou para Deus. Recebeu a cura do espírito junto com a cura física. Adorou a Deus e o fez por Fé; e essa Fé no Deus Vivo lhe seria por salvação. Aqui fica praticamente explícito que era a salvação do corpo a que Jesus se referia, pois o homem já tinha dado Glória a Deus, isto é, já estava “convertido”. Mas a salvação da lepra talvez apenas ele, dos dez, a mantivesse. Os demais, sem gratidão ao Pai e sem arrependimento, talvez viessem a incorrer em outros erros e voltassem a adoecer.

O preparo para a oração de cura: vemos pelo caso do menino possesso, “lunático”, que Jesus não somente se espantou com a falta de Fé, mas depois explicou algo mais a seus discípulos. Eles não entendiam direito por que não puderam expulsar o Demônio, e Jesus lhes diz que aquela casta maligna não saía sem *oração e jejum*. Aqui inferimos que um processo anterior de santificação e de intimidade com o Pai pode ser necessário para trazer um Poder específico que vem pelo mover do Espírito de Deus. Isso pode ser decisivo na vida do vaso que está imbuído do Dom de Cura. Contudo, se houver essa necessidade, o Espírito certamente avisará de antemão. Mais um motivo para crermos que é muito mais provável que Deus use com maior ousadia e liberdade aqueles já comissionados para a Cura: estes recebem uma Unção especial para estas manifestações. Outro texto importante é o de Tiago, que orienta sobre a unção do doente com óleo. Não vamos fazer disto uma regrinha solidificada. A unção com óleo é eficaz para muitas coisas, dentre elas a Cura e a expulsão de Demônios, e também para transferir ou comissionar alguém para um cargo ou missão específica. O óleo é um símbolo do Espírito Santo, e não tem Poder em si mesmo. O Poder está na Fé, o Poder está em Deus. Nossa orientação sobre o óleo é: dependa de Deus. A orientação específica nós não podemos dar aqui, apenas podemos

fazer menção ao fato de que o óleo pode ser, ou não ser, necessário numa Minистраção de Cura.

Mt. 4:24 – “E sua fama correu por toda a Síria, e traziam-lhe todos os enfermos, acometidos de várias doenças e tormentos: endemoniados, lunáticos, paralíticos, e Ele os curava”. Novamente percebemos a distinção entre doenças de causas naturais e de causas espirituais, mas também entre “lunáticos” e endemoniados. O termo “loucura” é citado na Palavra; em seu original Hebraico, Loucura é nomeada *Shigganon*. Dt. 28:28 diz: “O Senhor ferirá com loucura, com cegueira, e com pasmo de coração”. Zc. 12:4 diz: “Naquele dia, diz o Senhor, ferirei de pânico a todos os cavalos, e de loucura os cavaleiros”. Mais adiante daremos um vislumbre de doenças cerebrais, pois elas são as que mais podem suscitar dúvidas sobre as diferenças entre o indivíduo endemoniado e o indivíduo portador de mal cerebral real; neste último caso, a doença pode ser natural ou espiritual. Parece questionável que uma doença mental possa ser espiritual, dirão alguns; doenças mentais são de causa natural. Já outros dirão que é muito mais provável que o quadro de “loucura” seja espiritual. A verdade é que *qualquer* doença pode ter as duas etiologias. Claro que a gênese diferencia o modo como vamos encarar um e outro tipo.

Mt. 8:14-16 – “Entrando Jesus na casa de Pedro, viu a sogra deste que estava de cama e com febre. E tocou-lhe a mão, a febre a deixou, ela se levantou e O servia. Chegada à tarde, trouxeram-lhe muitos endemoniados, e Ele, com Sua Palavra, expulsou a todos e curou todos os enfermos”. Novamente se fala em endemoniados e em enfermos. Classes diferentes de doenças.

Lc. 7:11-17 – A ressurreição do filho da viúva de Naim. Nesse caso Jesus viu o cortejo de morte e se compadeceu, dizendo: “Não chores!”. E ele ordenou que o jovem se levantasse, e assim aconteceu. A causa da morte em nada nos leva a crer que houvesse influência espiritual.

Lc. 8:26-34 – A Cura do endemoniado geraseno, homem que já não habitava em casa e nem se vestia desde há muito, vivendo nos sepulcros e pelos montes, feria-se com pedras. Ninguém conseguia subjugar-lo, pois arrebatava grilhões e cadeias. A saída incrível dos Demônios para os porcos deixou os gerasenos tão assustados, e talvez a perda da manada lhes sugerisse um Juízo Divino. Então rejeitaram Jesus e O incitaram a deixar a terra deles. Um Poder sobrenatural como aquele deve ter sido perturbador

para pessoas que não demonstravam nenhum interesse em honrar a Deus. Talvez temessem novas manifestações de Juízo.

Mc. 8:22-26 – Cego de Betsaida: causa natural. O interessante desta passagem é o fato de Jesus orar duas vezes pelo cego. Além disso, Jesus o toma pela mão e o leva para fora da Aldeia antes de fazer as orações. Parece – por esse desenrolar – que talvez o cego precisasse ter sua Fé fortalecida para poder receber Cura integral. Pode imaginar Jesus de mãos dadas com o cego e andando de boca fechada, sem lhe falar nada? É quase certo que houve uma conversa prévia; o cego, escutando Jesus e já tendo ouvido também sobre Sua fama, certamente vai criando expectativa pelo que acontecerá. E imagina, quem sabe... “Serei *mesmo* curado?”. Talvez os Discípulos também tivessem suas dúvidas e precisassem daquele momento para serem coparticipantes da ação curadora do Mestre. Fato é que logo numa primeira instância, a visão se abre parcialmente; isto por si só já deve ter aumentado ainda mais a Fé daquele homem. O fator que nos leva a acreditar que a Fé estava realmente em jogo foi o fato de ter sido aplicada saliva nos olhos do homem. Cria-se na época que a saliva tinha poder de restaurar a visão, então a saliva seria um apoio a mais para a Fé. Assim, orando Jesus de novo, o cego se restabeleceu completamente. Vemos também o modo ímpar de Jesus agir para curar. Tudo foi ímpar, do começo ao meio e até o final, pois Jesus também orienta o homem a não entrar na Aldeia. Talvez para não privilegiar novamente pessoas de um lugar no qual Jesus não obteve grande sucesso apesar de seus diversos milagres na região, dentre eles o da multiplicação dos pães e peixes para cinco mil homens (Mt. 11:21-22 ; Lc. 10:13-14).

– Obs.: A Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia de R. N. Champlin, Ph.D. exhibe farto material sobre doenças naturais e espirituais citadas tanto no VT quanto no NT.

Enfim, depois deste esboço, podemos sintetizar as causas de doenças da seguinte maneira:

1. Causas Espirituais – as mais diversas também.
2. Causas Naturais – influências Demoníacas das mais diversas.
 - doenças gerais – doenças infecciosas
 - doenças genéticas – doenças por drogas e agentes químicos
 - traumas e acidentes

Após tratarmos do aspecto da Cura Física, vamos ainda falar um pouquinho sobre Cura não Física: a Cura Emocional. Não que em alguns dos exemplos em que a Cura física é o fator mais relevante nós possamos destituí-las de ter o fator emocional incluído. Ser Curado de lepra, por exemplo, ou de paralisia, ou de hidropsia, por certo que livrava imediatamente de um jugo emocional também. Esse jugo emocional naturalmente envolve enfermidades físicas. Não é nesse aspecto que queremos falar. Queremos enfatizar situações onde o fator emocional é o mais relevante na ação curadora.

Podemos citar dois exemplos clássicos: Moisés e José. Moisés por certo que sofreu um forte abalo emocional ao sair do Egito, em fuga, depois de matar o homem egípcio para defender o escravo hebreu. Não sabemos exatamente como Moisés descobrira sua verdadeira ascendência Judaica, mas um Príncipe do Egito não se preocuparia desta forma com um mero escravo. Não há fontes históricas fidedignas da vida de Moisés que tenham sobrevivido até nossos dias, excetuando o que é relatado no Pentateuco, em Josué, I e II Crônicas, alguns Profetas e o NT. É o chamado “Enigma do Silêncio”. Mas os Historiadores observaram que os egípcios (assim como outros povos) não tinham como costume deixar registro de suas derrotas. Eles não mais se surpreendem diante da ausência de evidências extrabíblicas acerca de Moisés, Abraão e outros patriarcas. O caso não é diferente daquilo que aconteceu a Buda, a Jesus, a Maomé e outras personalidades religiosas que estiveram à beira de centros políticos de civilização.

Moisés viveu por pouco tempo com a mãe; foi criado pela filha do Faraó como egípcio e não como hebreu. Depreende-se que não havia motivo algum para dar-lhe a conhecer sua origem já que até mesmo o seu nome – Moisés – foi escolhido pela mãe egípcia. Para que uma mulher tiraria um hebreu do Nilo, dando-lhe resguardo da matança, mandando criá-lo (amamentá-lo, por certo) mediante pagamento, para recebê-lo em sua própria casa, batizando-o com um nome escolhido por ela... para depois dizer ao menino: “Você não é egípcio”? Tudo indica que Moisés foi criado como um Príncipe do Egito, tendo a mais alta educação possível. Era conhecedor da cultura e dos costumes egípcios, além da religião politeísta. Quando já homem, tornou-se instruído e letrado como alguém da Realeza deve ser (At. 7:22), e também guerreiro. Era um egípcio no rigor da palavra, em todos os sentidos. Tanto é que as donzelas de Midiã que Moisés encontrou no poço, depois de sua fuga, tomaram-no por egípcio. Como Moisés descobriu fazer parte do Povo Judeu

não sabemos, pois da infância se passa à maturidade de Moisés, em dois versículos, e se diz que ele “saiu a seus irmãos (...), e viu que certo egípcio espancava um hebreu, um do seu Povo” (Êx. 2:10-11). Portanto nesse momento ele já conhecia seu passado. Mas diante da descoberta do seu feito, e da ira do Faraó, ele abandonou o Egito e seus tesouros sem hesitar. Saberia ele já sobre o Deus Onipotente?

Havia um peso emocional dentro dele. Embora não saibamos como ele soube de sua origem, por certo que a revelação trouxe o seu peso. Talvez permanecer no Egito lhe fosse insuportável; talvez o assassinato do egípcio fosse a desculpa que precisava para fugir dali. Afinal, num primeiro momento de ira o Faraó talvez pensasse mesmo em tirar a vida de Moisés, mas... isso aconteceria de fato? Moisés fazia parte da Realeza. Aparentemente o Faraó procurava matá-lo, mas Moisés não era qualquer um, tinha seus privilégios de Príncipe, e o Faraó sabia disso. Havia também o “irmão” Ramsés II (leia “Rastros do Oculto”), de quem possivelmente Moisés poderia ser próximo, e que poderia intervir a seu favor. Talvez houvesse chance de explicação, mas Moisés nem tentou. Ninguém que não viveu um choque emocional intenso trocaria o palácio do Faraó e todas as mordomias de Príncipe pelo deserto. Ele melhor do que ninguém tinha conhecimento dos perigos do deserto, e sabia que era muito provável encontrar a morte. Moisés não se preparou para a fuga, ele simplesmente saiu, uma reação puramente emocional e que revelava uma natureza traumática bem mais profunda do que a morte do egípcio.

O livro de Hebreus diz que Moisés *optou* pela troca Egito-Deserto por contemplar o galardão. Mas teria ele já toda a Revelação? A Revelação é progressiva. Ele passaria mais 40 anos no deserto antes de voltar ao Egito, por certo não tinha a Revelação completa. Preferimos crer que a fuga teve seu peso emocional, e este foi intenso. Mesmo constituindo família e tornando-se pastor de ovelhas, Moisés precisou ser tratado emocionalmente, e curado. O que enfrentaria depois, a gigantesca e perigosíssima tarefa de voltar ao Egito para libertar o Povo, e mesmo a lida com os Hebreus, não era tarefa fácil. Deus precisava de um homem plenamente curado, plenamente liberto do passado. Isso tudo é emocional. A resistência de Moisés, também, diante do próprio Deus, recusando-se e justificando-se para não voltar ao Egito mostra que havia um peso na história. Um peso do passado, conquanto houvesse também o peso da presente tarefa. Não obstante o fato de que Moisés foi escondido por três meses. Imagine

esconder um bebê de três meses sem ser descoberto. Bebês choram. Talvez tenham sufocado seu choro, tenham tentado abafar o som com mantos. O que vemos em Moisés já adulto também é um homem com dificuldade em falar – Êx 4:10. E Deus escolhe a Arão para ser seu porta-voz, pois ele falava bem. Porém, com o passar do tempo notamos mudança na natureza de Moisés, ele vai se tornar alguém muito mais desenvolvido e seguro. Sinal claro da transformação que Deus fez em sua vida mediante a intimidade com o Criador.

José foi outra personagem que sofreu um dano emocional bastante severo. Podemos ler o relato despreziosamente, que, por ser curto, talvez não deixe asas à imaginação. Passar incólume sobre a natureza do verdadeiro drama que sofreu aquele jovem é não entender direito a história de José. Imagine melhor a situação e reflita sobre algo assim. Imagine-se no lugar de José. Quando os irmãos o viram chegar, foi com prazer que o viram. Mas não porque se alegrassem com a vinda dele por parte do pai, mas porque o consideravam inimigo e estavam satisfeito por tê-lo nas mãos longe de outras vistas. Imagine o terror crescente de José, percebendo, cada vez mais, que os irmãos pretendiam realmente matá-lo. Quem poderia salvá-lo??? Realmente, ninguém. Lançado dentro de uma cisterna, as súplicas de José em nada demoveram os irmãos de seu propósito. Quando Rúben – o mais ponderado – se ausentou, os irmãos simplesmente venderam José como escravo. Imagine a dor, o medo e a insegurança de ser levado assim, desse jeito, para uma terra distante, desconhecida...

Mesmo diante das circunstâncias adversas, José permaneceu íntegro enquanto trabalhava para Potifar; porém a insistência da mulher de Potifar, tentando seduzi-lo, foi novamente motivo de desfavor. Potifar acreditou na versão da mulher, aparentemente, e José foi para a prisão. Por mais que confiasse em Deus, e tudo no final fosse colaborar para o seu destino, é impossível – e Deus o sabe – desprover todas essas experiências de aspecto emocional importante. Tristeza, saudades, sentimento de rejeição e de ira certamente permearam seu coração. Não sabemos a que ponto, mas se nos colocarmos na mesma situação, entenderemos que, por mais que José fosse um homem de Deus, ele era muito jovem e inexperiente. Ninguém é um super herói da Fé aos dezessete, vinte e poucos anos. A passagem pela prisão foi longa, e até que José fosse honrado no Egito, muita água correu por baixo da ponte.

Quando ele tornou a ver os irmãos, muitas coisas guardadas dentro dele afloraram. Tratou os irmãos com desprezo que os conterrâneos egípcios certamente estranharam, e com excessivo rigor, até dar-se a conhecer, quando finalmente conseguiu encontrar dentro de si forças para liberar o perdão. Liberar o perdão genuíno significava que José tinha sido tratado pelo Senhor, e curado de suas feridas emocionais. Por mais difícil que tenha sido essa liberação de perdão, ela só aconteceu porque José estava curado na alma.

O Corpo de Cristo tem pessoas acometidas de muitas chagas e danos emocionais. Porém, não temos conseguido ver isso, nem entender, e nem ajudar as pessoas a se recuperarem adequadamente. Geralmente ficam no esquecimento, na sombra das coisas “mais importantes”, nos afazeres mais cômodos, na indiferença, na ignorância, na falta de amor. E na falta de compreensão daquilo que leva a essas feridas emocionais, as quais, mais tarde, podem vir a ser tão deletérias para o indivíduo como para o Corpo. Nesse ponto os estragos já podem ser grandes o bastante para estas pessoas se sentirem à margem dos demais, e rotuladas de forma negativa. É muito triste, porque a Igreja deveria ser fonte de Cura e de acolhimento. Se Moisés não fosse tratado por Deus, poderia ter feito o que fez? E José... se não conseguisse, por meio do Senhor, transformar as injustiças e agruras que viveu, a traição familiar e mesmo a experiência da prisão no Egito, em algo salutar, a ponto de não pagar seus irmãos na mesma moeda... como teria ficado o futuro dos Israelitas?

Portanto, tanto Moisés quanto José passaram por Cura emocional diante de Deus. Aqui estamos citando a periferia do assunto. Mas o fato de serem homens justos e tementes a Deus viabilizou o processo que de outra forma seria impossível. Foi o que comentamos anteriormente: onde há coração limpo e puro, associado à Fé inabalável no Senhor, não somente a Cura Espiritual tem espaço para ocorrer. A Cura Física e a Cura Emocional também são alvo do Pai, para levar o filho à Cura Integral! Ele melhor do que ninguém sabe dos traumas emocionais e dos choques emocionais de que já foram vítimas não somente os filhos. Mas praticamente todo ser humano tem alguma área no âmbito das Emoções que precisa de intervenção. Entretanto, é dos filhos que o Senhor vai se encarregar primeiro, se tiverem sido obedientes na primeira fase. Vida imunda, cheias de pecados, sem temor de Deus... esqueça! Deus não vai atuar. Essas são Leis Espirituais bem

definidas! Doença pode ser uma definição bem ampla, maior do que a maioria supõe.

Tanto Moisés quanto José eram separados por Deus (leia “Guerreiros da Luz” e “Rastros do Oculto”). Eles enfrentaram altas patentes territoriais em suas vidas, e foram vencedores. Mas não foram vencedores por mero acaso. Não existe “mero acaso” na luta contra Principados e Potestades. Hoje em dia não é diferente. Este livro não está falando de Exus e Demônios e baixa casta, ainda que grande parte da Igreja vá se deparar com eles, e travar luta com eles. Mas enfatizamos a ação de Principados, Potestades, e seus subalternos, os quais ainda assim são grandes na Hierarquia Demoníaca. Mais uma vez não estamos tratando de castas inferiores, mas de Grandes Demônios. É importante saber – é a última vez que parte de nós este alerta – que Principados e Potestades são bichos organizados.

Demônios têm preferência por divisão, sementes de Engano, contendas, doutrinas que não levam a nada e nos desviam do principal. Isso tudo nós já aprendemos. Contudo, há uma área na qual Demônios – em especial os da Irmandade – também têm especial prazer de atacar: é uma de suas predileções e de seus principais Encantamentos contra verdadeiros servos de Deus. Quando vão atacar alguém de fato, quando formaram cerco e querem acabar com essa pessoa têm particular preferência por ataques na Mente...! Vamos falar um pouco no assunto porque não somente a Sociedade em geral é bastante leiga no assunto; a Igreja é muito mais! O Cérebro é uma das áreas preferidas de ataque de Altas Entidades. É importante para a Igreja conhecer – ou pelo menos desconfiar de alguns sintomas – para poder evitar erros muito importantes. A diferença entre doentes reais e endemoniados (desde as possessões até as diversas nuances entre todo tipo de opressão) é uma importante parte da nossa literatura neste volume. Não podemos levar a óbito – pois isso acontece – pessoas que recebem tratamento errado na Igreja, conselhos errados. Isso é muito sério. Seria impossível fazer um bom resumo de tudo que a Psiquiatria engloba. Contudo, além de aprender bastante sobre as doenças de forma geral, vamos nos ater àquilo que causa mais dúvida.

PARTE IV

Males ou doenças cerebrais

O cérebro humano representa, em muitos aspectos, o ápice da evolução biológica, a estrutura mais sofisticada e misteriosa do Universo, com trilhões de células que se desenvolvem, diferenciam-se e se comunicam entre si. Cada célula nervosa mantém, em média, 10.000 contatos com outras células, perfazendo um total de 10 elevado à potência 16 de conexões que formam a gigantesca rede por onde são transmitidos os impulsos nervosos. Eles são como descargas elétricas, é como podemos explicar a grosso modo, porém o funcionamento de uma célula cerebral (neurônio) é extremamente complexo!

Alguns destes impulsos nervosos percorrem metros até atingir seu alvo, como os prolongamentos dos neurônios do Córtex Motor. Eles iniciam sua viagem pelo cérebro até alcançar as regiões mais distantes da medula espinhal, por exemplo, onde contatam um segundo neurônio motor que, associado diretamente ao músculo, controla o movimento voluntário. Características humanas como a linguagem, o aprendizado e a lógica são fruto da alta complexidade do cérebro humano. Esse órgão é a sede e o lugar onde tomam corpo nossas capacidades de receber, armazenar e elaborar as informações provenientes do ambiente.

As doenças do cérebro colocam em perigo todas as atividades da psique e do corpo. Algumas delas se limitam a atingir áreas dedicadas ao controle das funções motoras, causando graves problemas físicos; outras, no entanto, prejudicam também a capacidade cognitiva (cognição = ato de adquirir um conhecimento), chegando a alterar a personalidade (são algumas destas patologias que enfocaremos melhor daqui para frente). As síndromes que afetam o cérebro têm, hoje, grande impacto social, e como veremos, podem causar impacto também dentro da Igreja.

A forma da Sociedade tratar os doentes mentais mudou drasticamente ao longo dos Séculos. No momento as drogas que manipulam a neuroquímica cerebral são consideradas medicamentos de última geração. Há algumas poucas décadas, as lobotomias e os comas induzidos por insulina representavam a maior eficácia e compaixão (o coma insulínico ainda pode ser usado hoje, como medida extrema). Num período anterior, a reclusão eterna e os banhos frios bastavam para “acalmar” esses doentes. Antes disso estávamos no reino dos exorcismos. A Sociedade também mudou o enfoque sobre as causas das doenças mentais. Enquanto, no passado, evocávamos possessões Demoníacas, hoje nos esforçamos para descobrir de onde resultam essas doenças: base genética, forma de criação etc. Esses argumentos hoje não fazem muito sentido porque na doença Psiquiátrica – ou cerebral – esses fatores de gênese se entrelaçam. O ambiente tem sua importância, na forma de traumas, maus-tratos, ou choques emocionais. Mas existe uma predisposição biológica incontestável ao surgimento das doenças: os genes são fatores fundamentais.

Voltando um pouquinho: perceba que se a Sociedade em geral acreditava na questão das possessões, é sinal de que as doenças mentais podem mimetizar bastante o quadro de endemoniamento e opressão, produzindo enganos notáveis. São justamente esses enganos que queremos evitar hoje em dia, no nosso Meio. Onde há desconhecimento e ignorância, pode-se voltar à Idade da Pedra.

Antes de ir adiante, reflita um pouco a respeito do que se segue:

Imagine uma Prisão de Segurança Máxima. Há policiais treinados por toda parte. Portam armas de fogo e certos tipos de armas brancas, e não hesitarão em fazer uso do que sabem para pôr ordem nas coisas. Há cercas eletrificadas, grades, muros altíssimos, alarmes, torres de vigilância, portas blindadas, observação contínua com câmaras. Geralmente as Prisões também não são mistas, não há contato com o sexo oposto às vezes por anos. O poder de livre escolha deixa de existir, não se pode mais ir e vir ao bel-prazer, mas horários e tarefas são rigidamente controlados. O presidiário torna-se um número a mais no registro da carceragem; deixa de ser visto como um ser humano. O sistema é frio, e é preciso que assim seja.

Há locais – salas de interrogatório, por exemplo – que certamente não são os melhores lugares do Mundo. Banheiros? Provavelmente pequenos e incômodos. Em alguns lugares, imundos; infestados de ratos e baratas. Refeições? Com certeza não se tratam de restaurantes cinco estrelas! Nem

mesmo *meia* estrela. Pode ter certeza de que não deve ser aprazível; apenas “comível”. Televisão, rádio, telefone, contato com o Mundo externo... não se pode garantir nem a quantidade e nem a qualidade.

Em alguns Países as Prisões excedem – e muito! – o limite de capacidade de pessoas por metro quadrado, há superlotações a ponto de prisioneiros terem que dormir em celas onde não conseguem esticar o corpo, não há nem como sentar; e encolhidos no chão, resta respirar a fumaça de cigarro do vizinho. Isso gera doenças de todos os tipos, físicas e mentais, além do incremento natural da violência entre os presos, engaiolados como animais. Dependendo também do local essas doenças serão totalmente negligenciadas, e não haverá tratamento Médico adequado. Quando há. Enquanto alguns estão apavorados, outros elevam seu ódio pela Sociedade a níveis terríveis. O cárcere os transforma em bestas-feras, literalmente.

Punições? Certamente muitas. Talvez a pior delas, o local mais tenebroso, pior do que uma cela superlotada...: as solitárias. Locais espremidos, sujos, por vezes sem vaso sanitário ou mesmo um catre qualquer, sem janelas por onde possa entrar uma réstia de luz solar. Ali não se ouvem ruídos – ou, talvez, haja ruídos demais, justamente para provocar males e impedir o sono. Impedir o sono é uma tortura da qual não fazemos ideia e, se for absoluta, pode levar à morte em poucos dias. Ali, na escuridão total, o único contato com o mundo externo se resume ao momento em que passam pela abertura da porta a ração diária de comida. Talvez uma solitária, ainda hoje, dependendo do Presídio, possa se assemelhar a um calabouço da Idade Média: um local absolutamente terrível onde pessoas apenas esperavam a morte.

Intimidações de policiais e de outros presidiários? Constante. A violência entre os detentos é comum. Há hierarquias a serem respeitadas e gangues dentro do Presídio. Matam-se uns aos outros com frequência. Em serviços mais sérios há tentativa real de coibir as agressões, mas nunca deixam de acontecer. E em serviços piores – que são a maioria – a violência, a agressividade e a matança podem ser cotidianas. Nesses casos “perdidos” existem policiais que muitas vezes se divertem às custas das rixas entre os presos, e até instigam as desavenças, fornecem armas e meios para que a violência se perpetue, nunca seja punida, nem extinta.

Aqueles que dão entrada no Presídio são, muitas vezes, submetidos a humilhações e violências por parte de policiais e também pelas gangues e hierarquias que já existem. Os predadores sexuais são perigosos, e há

estatísticas nos Estados Unidos de que um em cada cinco detentos já sofreu abusos sexuais. Nos Países em Desenvolvimento certamente essa estatística é muito maior. Especialmente nesses Países as pavorosas chacinas em massa e as rebeliões dentro dos Presídios são comuns.

Ainda que países como os Estados Unidos invistam – em muitos Presídios – num serviço bastante sério de revista das dependências locais, em busca de armas verdadeiras ou “caseiras”, drogas e membros de gangues, outros locais com menos recursos só têm a contar com seus poucos funcionários e uma infraestrutura precária. Mesmo assim, quer em Países de Primeiro Mundo, quer nos países em Desenvolvimento, uma máxima serve para todos eles: a Prisão é um ambiente perigoso, de rivalidades explícitas, onde estão aglomeradas pessoas que já cometeram os mais diversos crimes. Desde os mais “triviais” até os crimes considerados hediondos. Mesmo durante atividades recreativas há perigo, e os mais fracos têm que tomar cuidado para não atizar a fúria dos que podem mais.

Falando em atividades recreativas, isso existe numa Prisão? Existe lazer? Depende do serviço. Para muitos sentenciados seu único momento de “lazer” se dá, quando muito, num banho de sol diário, algumas atividades esportivas, e nas visitas esporádicas de parentes e amigos. Quando existem. Não há atividade alguma de terapia ocupacional nem há qualquer forma de trabalho que possa ocupar a mente dentro da Prisão, o que gera pessoas neuróticas, doentes mentalmente e muito piores e mais agressivas do que antes. Em outros Cárceres o ambiente tende a ser melhor, e mantêm os presos mais ocupados com atividades que rendam algum lucro social ou sirvam de estímulo para uma futura reabilitação.

Finalmente: quem está lá, está porque deve cumprir uma sentença, uma pena por desrespeito à Lei nos seus mais diversos graus. Podemos dizer simplesmente que eles plantaram o Mal dentro da Sociedade... e colheram os frutos. Têm que pagar por isso. Fora a família, difícil encontrar quem se compadeça de um presidiário, pois sabemos que ele foi levado a um julgamento – que teoricamente vamos considerar que foi *justo* – e condenado de acordo com o previsto em Lei para o crime que cometeu.

Imagine agora um Cemitério. Túmulos com lápides ornamentadas e grandes monumentos esculpidos quando a tradição Católica é forte; um maior que o outro. Ou um campo extenso cheio de cruzeiras brancas e lápides simples, mantendo sempre o mesmo padrão, percorrendo quilômetros. Ou ainda: um imenso jardim com árvores, flores, e pequenas placas no chão

onde os mortos fora enterrados. Seja do jeito que for, há quietude na maior parte do tempo; os sons costumeiros são, na maior parte, apenas os da Natureza: ventos que balançam a copa das árvores, a chuva que rega o gramado, o trinado dos pássaros que nunca são incomodados. Todavia, se pararmos um pouco, podemos perceber a tristeza, os cantos e lamentos dos que choram diariamente em prol daqueles que partiram. Simplesmente caminham por ali, em procissão ou solitários, pensando nos que foram aliviados do sofrimento, que terminaram uma etapa. Outros depositam flores e limpam túmulos, num ritual silencioso e contrito, ou somente rotineiro. Quietos, a mente se enche de memórias, queridas ou não, mas elas estão sempre presentes. Crianças correm e brincam, sem entender direito o porquê dos rostos mais sérios e as vozes mais melodiosas dos adultos. Os adolescentes que ainda não perderam ninguém geralmente não aparecem muito. Claro que isso todo não é regra absoluta; apenas uma imagem para colocarmos em nossas mentes.

Atiçando ainda mais os sentidos, apurando o coração, é possível também captar a “aura” do lugar, um ar impregnado de lembranças, saudades, perplexidade. Essas nuances diversas, ainda que pouco perceptíveis numa olhada mais fugaz, existem de fato e são as notas que vão compor, sempre, as melodias dos Cemitérios. Isso o Tempo não consegue apagar e nem arrancar destes locais. No entanto, resta algo pairando ainda, forte, quase inexplicável... uma nota diferente das demais. Pode até parecer incoerente, mas há paz no ambiente. Uma paz difícil de encontrar em outros pontos da cidade, até mesmo nas mais diversas Igrejas. Os que ainda vivem neste Mundo gostam de pensar que os mortos cumpriram sua missão na Terra, que estão num lugar melhor. Mesmo que nem sempre isso seja verdade. O respeito, os pensamentos sobre a vida pós-morte, os questionamentos sobre a própria existência, o silêncio, acabam gerando esse clima de paz.

Se alguém ali mora, sejam animais ou pessoas, dificilmente são perturbados por quem quer que seja. O Zelador do Cemitério já se acostumou à pacatice do lugar e os sons da noite não o incomodam. Certamente não são as vozes dos mortos. E ele se volta sossegado para a televisão. Não há muito o que fazer. Mas um Cemitério não é somente canto de ventos e pássaros, sons de lágrimas rolando e murmúrios abafados em orações, conversas, ou mesmo de pura paz, já que o que passou... passou. Há quem simplesmente goste deste sossego dos Cemitérios. Pessoas que não vão até lá para enterrar os mortos, vão apenas porque... é tranquilo. Há quem

goste de se encontrar ali à noite: a “Turma do Bem” para papear com os amigos, fazer “*cooper*” aproveitando as longas alamedas; a área serve também à “Turma dos Travessos” para beber e se drogar, remexer nos túmulos. Mas quem já “frequentou” um Cemitério sabe que cada Tribo permanece no seu próprio território e todos se respeitam. Difícil ouvir alguém contar que assassinatos foram cometidos ali, ou, quem sabe, uma resolução de conflito entre gangues rivais. Não há grandes histórias de terror – *reais* – envolvendo esses locais de descanso eterno (como creem alguns). O Cemitério só faz sucesso nas histórias do Drácula.

Na verdade, ao entrar num Cemitério, seja para se despedir pela última vez de um ente querido, seja para “passear”, intimamente parece que *todos* buscam uma coisa somente, mesmo que cada um a seu modo: Paz e tranquilidade. Conforto. Sossego. Uma fuga momentânea do Mundo ao redor. Para muitos o Cemitério remete a essas ideias. Os que choram encontram alívio para a dor em suas lágrimas; a maioria crê que uma etapa da vida terminou; e isso, lá no fundo, traz paz. Os demais também buscam paz entre as alamedas de túmulos, a paz que não encontraram do lado de fora dos muros do Cemitério. Quem prefere encontros no Cemitério está buscando alguma coisa que não consegue encontrar fora. Mesmo em grupo, existe uma sensação de solidão, de introspecção, que se contrapõe diretamente ao tumulto do Mundo. Na verdade, essas pessoas buscam alívio para suas dores, buscam um novo Mundo, buscam não se entregar ao que veem e sentem diariamente. Querem paz. E em vão procuram-na no “Mundo dos Mortos”.

Na vida diária o Cemitério pode associar-se a um lugar de sofrimento, mas talvez se associe mais à tranquilidade, placidez, reflexões. Por mais que haja dor, lágrimas e sofrimento envolvendo o local, elas são temporárias. Duram um pequeno momento quando comparadas ao restante do tempo em que o Cemitério simplesmente... permanece lá! É isso, no inconsciente das pessoas tem-se a impressão de que ele vai mesmo continuar *exatamente* lá, intacto, inabalável, imerso em sua quietude, alheio às dores e vicissitudes da Humanidade. Mais perene do que a própria Vida. A verdade é que o Cemitério está envolto em uma névoa fina de dor e sofrimento mesclada com uma aura mais densa de alívio e paz. Atrai seus visitantes, mas estes têm o poder de ali voltar ou não. Os que têm “residência fixa” são apenas os mortos.

Por que estamos falando nisso???

Por que falamos primeiro de uma Prisão e depois de um Cemitério? Porque esses elementos vão nos servir de comparação para um terceiro exemplo. Como o enfoque principal de parte do nosso livro faz referência às Doenças do Cérebro, vamos comparar a Prisão e o Cemitério com um Centro de Tratamento Psiquiátrico. Vamos entender melhor o que ele representa.

O CENTRO PSIQUIÁTRICO

Quando comparado à Prisão e ao Cemitério, o Centro Psiquiátrico assume muitas semelhanças e algumas diferenças.

Ele difere muito pouco de uma Prisão. Há “guardas” por todos os lados – os profissionais da Saúde. Eles não hesitarão em cumprir as ordens Médicas, quer por bem, quer por mal. Ali também existem portas trancadas com cadeado, grades, cercas, câmaras, alarmes. Camas de ferro, bem resistentes, inquebráveis, podem estar pregadas firmemente no chão, assim como as cadeiras; e há poucos móveis em geral. Nada que possa ser arrebatado numa crise de raiva ou usado de forma agressiva contra si mesmo ou alguém. Nada de objetos que venham a servir de instrumento para machucar, ou mesmo para suicídio. Não existe poder de ir e vir. Estão trancados. Por quanto tempo? Não se sabe. Semanas? Meses? Anos? Para sempre? Pode ser. Se saírem, serão sempre os “ex-internos”. Do mesmo modo que ex-presidiários levam uma marca quase indelével, quem esteve internado na Psiquiatria, igualmente.

Não há lazer, ou, se há, é pouco e ineficiente pela própria condição dos pacientes. Andam à deriva pelo corredor da Enfermaria – quando existe uma –, ou então ficam soltos num pátio, presos em suas mentes delirantes, expostos às variações climáticas. Se houver enfermaria fechada, e ali estiverem confinados, pode haver o período de banho de sol, mas, novamente não há muitas atividades recreativas que possam fazer em grupo, pois muitas vezes a doença não permite esse entendimento. Sociabilização entre esses pacientes pode ser deficiente, quando ocorre. Quando os serviços são muito ruins os pacientes ficam à deriva, largados ao deus-dará, sem medicação e até sem auxílio Médico consistente. Caídos pelos cantos, chorando, gritando, tendo alucinações, ferindo-se sem que ninguém os ajude por falta de pessoal habilitado, definham aos poucos num sofrimento indescritível. Morrem de outras doenças que poderiam ser evitadas, como pneumonia, desnutrição, traumas físicos. Ao entrar num lugar assim, não

haverá sorrisos, a não ser daqueles que perderam a noção da realidade e não sabem para quem sorriem. Olhares perdidos, estranhos, vazios... comportamentos bizarros... frases soltas no ar... choro, tristeza, dores. Desesperança. Mortos em vida.

Pacientes agressivos ou antissociais podem ter que permanecer afastados dos outros, em celas solitárias ou mesmo camisa de força. Tratamento de eletrochoque pode ser a escolha para eles se nada mais funcionar. Infelizmente, em se tratando do cérebro, a Medicina ainda tateia no escuro muitas vezes. As medicações mantêm os pacientes mais calmos – teoricamente – mas também mais anestesiados e alheios à realidade. Podem ser considerados inaptos para a vida! Mais uma vez: os quadros delirantes não tratados impossibilitam, em geral, um entrosamento satisfatório com a Sociedade.

As visitas de parentes são curtas, e monitoradas; às vezes em salas trancadas à chave, e restrito a uma ou duas pessoas. Não há prazer nas visitas. Ou pela falta de melhora do doente, ou porque o relacionamento familiar tornou-se péssimo em decorrência da doença. São pacientes solitários, sofrendo suas próprias dores sem muitos que façam empatia com eles. Sofrem preconceito e são maltratados. O paciente Psiquiátrico que sai da realidade traz um grande sofrimento familiar, e o abandono não é incomum, antes, torna-se inconscientemente um alívio para todos. A família os abandona na Instituição até que encontrem a morte. Isso acontece mais frequentemente com pacientes idosos, ou familiares de baixa renda que dependem de Instituições Públicas. A consciência da família se ameniza ao pensar que o dito-cujo está “numa clínica”, mas muitas vezes não checam as condições reais da Clínica e nem se o paciente recebe maus-tratos.

Em Centros sérios, como Hospitais-Escola ou quando o serviço em questão está associado à pesquisa Médica, o tratamento tende a ser melhor, mas mesmo assim o paciente pode estar sujeito a maus-tratos. Equipe pequena, que ganha pouco, que está cansada e saturada tem paciência de menos com pacientes pouco colaborativos; então podem optar pela força bruta e pelos castigos absurdos, que somente pioram o quadro inicial. Aliás, dependendo da Instituição, estar internado é mais deletério do que permanecer em casa, ou mesmo nas ruas. Dificilmente pacientes em estado grave e que foram agredidos física ou emocionalmente terão condições de se explicar depois. E, se o fizerem, certamente haverão de ser desmentidos... quem está com a razão? Naturalmente que é o profissional da Saúde, mas

isso nem sempre é verdade. “Profissionais” da Saúde muitas vezes se divertem às custas destes doentes, e os provocam somente para maltratá-los. Dificilmente nessas alas do Hospital há amor e boa vontade genuína dos que ali trabalham. Estão cumprindo sua obrigação, apenas. Se a Clínica for mais elitista, ainda assim o problema é delicado. Os empregados, que ganham mal, tendem a “descontar” suas frustrações nas “patricinhas” que não “têm mais o que fazer” a não ser “vir incomodar”. Ainda há muita ignorância; mesmo nos “profissionais” da área. Porque somente os Médicos têm compreensão real do que está acontecendo. Assistentes, auxiliares e afins em grande parte só veem pessoas abastadas, a quem nada falta, e que poderiam “agir de outra forma”, mas não o fazem. Desconhecem as raízes do problema psiquiátrico e tratam mal doentes que não podem se defender. Não é algo genérico, evidentemente, mas ocorre em muitas situações.

Por tudo isso que discorreremos, num leve vislumbre, podemos perceber que um Centro Psiquiátrico pode ser – e *realmente é* – pior do que uma Prisão. Ali estão pessoas que não cometeram nenhum crime, tão somente o “crime” de adoecer. Sem visitas muitas vezes, virando e revirando num corredor ou num pequeno quarto, olhando para a parede, falando sozinhos, alguns trancados em suas celas, amarradas ao leito ou presos em camisas de força, sem saberem onde estão, em infundáveis angústias e medos pavorosos, tantas vezes sendo maltratadas e literalmente drogadas quando não exibem quadro de melhora, essas pessoas sofrem muitíssimo. Estão fadadas – em caso de falha terapêutica – a ficar confinadas eternamente. Estão vivos... ou estão *mortos*? No lugar dos mortos – o Cemitério – pelo menos há flores, silêncio, respeito e paz. As lágrimas de uns encontram consolo nas dos outros. Há espaço, luz e visitantes. Mas na Clínica Psiquiátrica... quem pode consolar-se? Lágrimas e mais lágrimas que nunca encontram descanso. Onde, ou como, pode haver paz? Não há lugar mais perturbador e aflitivo no Mundo do que uma Enfermaria Psiquiátrica. Crianças não estão isentas, e seu quadro é mais doloroso ainda... às vezes mais acentuado.

Nesse sentido, o Centro Psiquiátrico é infinitas vezes mais cheio de dores, lamentos, choros, angústias, tristezas, sofrimento e desesperanças do que uma Prisão ou um Cemitério; é absolutamente sem paz! Se há um elemento que falta nas Doenças Cerebrais é paz. Não há amigos realmente, não há prazer realmente, não há vida. Só há cheiro de morte. É um dos locais mais tristes para se estar.

.....

– NEUROSES: São designações dadas a qualquer doença *nervosa*, sem lesão orgânica. Vamos entender melhor o que queremos dizer com lesão orgânica mais tarde. Por hora, basta saber que a origem das neuroses é principalmente decorrente de conflitos mal assimilados.

Os distúrbios neuróticos são tão frequentes e suas consequências sociais tão relevantes que é justamente por meio deles que começaremos nosso estudo. Estes distúrbios desempenham, na Medicina Moderna, papel bem mais relevante do que o das Psicoses e as Doenças Cerebrais Orgânicas. Diga-se de passagem, que entre Neuroses e Psicoses (esses termos são um pouco antigos, mas aqui facilitarão a nossa compreensão), as últimas são bem mais graves e pressupõem sempre uma lesão orgânica cerebral. No entanto, o campo das Neuroses é tão amplo, sua sintomatologia, as condições de formação das mesmas, as interpretações e as terapêuticas são tão variadas que termos de nos limitar aos pontos principais. Quem desejar saber mais, deverá recorrer à Literatura especializada.

Diferente das Psicoses, as Neuroses quase sempre *não* surgem de distúrbios organocerebrais (eles podem apenas favorecer a formação de uma Neurose; mas não é a regra). Diferente das Psicoses, as Neuroses são distúrbios psíquicos menos graves na sua atuação evolutiva, sem desintegração da personalidade nem perda da adaptação à realidade. Não se preocupe; logo estes conceitos ficarão bem mais claros.

Se nosso livro fala sobre Cura – Cura Integral –, a Saúde Emocional não pode ser negligenciada. Tratamos bastante de Saúde Espiritual Pessoal, Familiar, do Corpo de Cristo... tratamos de Cura Física. Agora é hora da parte Mental e Emocional da Saúde. Já citamos exemplos de como o Senhor tratou pessoalmente dois de Seus filhos – Moisés e José – para levá-los a uma saúde emocional completa. A falta dela poderia inviabilizar as Missões que eles tinham a cumprir sobre a Terra, ou parte destas. Cura – quando é Integral – não pode negligenciar a questão Mental/Emocional. Por isso, se estamos aqui tratando de Saúde Emocional, é preciso começar pelo começo: e o começo é entender, pelo menos, os mecanismos básicos que levam à *perda* da Saúde Mental/Emocional. Esse é também um dos nossos objetivos.

PARTEGERAL.

Na raiz dos distúrbios neuróticos reside um conflito que se origina, grosso modo, quando surgem duas tendências de vital importância mas incompatíveis, as quais exigem, sob pressão, a tomada de uma decisão. O

exemplo clássico disso é o conflito entre desejo instintivo – natural em qualquer ser humano, não fuja disso – e exigências do Meio Ambiente (por exemplo, a Sociedade em si). Segundo Freud, “o conflito original é aquele que existe entre os instintos entre Id e Ego; mas também entre Ego e Superego”. O impulso sexual constitui uma das tendências vitais; outras necessidades instintivas “normais” são a necessidade de proximidade humana em sentido mais amplo, sentimentos de agressão, impulso de poder, procura de prazer, posse, saber, segurança. Dentre outros. Um impulso provoca numa primeira instância uma necessidade que provoca desprazer enquanto estiver insatisfeita, e se transforma em tormento quando sua satisfação é inatingível. Somente a satisfação da necessidade ou também a perspectiva imediata de obtê-la são sentidas como prazer.

O CONFLITO:

Os conflitos são multiformes. Um homem pode encarar a representação de um objetivo de maneira discordante. Pode, ao mesmo tempo, desejar e rejeitar. Por exemplo: devido às vantagens pode pretender uma mudança na sua situação de vida financeira; mas ao mesmo tempo pode receá-la por causa das adaptações e exigências necessárias. Pode desprezar uma pessoa, e assim mesmo ter medo de perdê-la; ou simultaneamente pode amar e odiar um cônjuge; pode ser superior a alguém e ao mesmo tempo querer sujeitar-se-lhe; ou desejar uma relação sexual e, ao mesmo tempo, rejeitá-la por medo ou repugnância (observe sempre que aqui estamos falando em termos psicanalíticos, e não Bíblicos). Em tais casos fala-se de “apetência-aversão”. Não somente as tendências opostas podem condicionar um conflito, mas também tendências que em si não são contraditórias, no entanto não podem ser realizadas simultaneamente. Exemplo simples disso seria o conflito de uma mulher entre sucesso profissional e família. Às vezes, são quase incompatíveis! Aqui há um conflito “apetência-apetência”.

– Alguns conflitos não são dos mais “elaborados”. Por exemplo, a Frustração: Frustração é o fracasso de uma tendência vital, a decepção de uma esperança por condições externas ou internas. Podemos ter certeza de que Moisés e José vivenciaram isso. As frustrações costumam provocar agressões contra o seu autor. Moisés matou o egípcio de pura frustração por não poder ajudar seu Povo de forma alguma. É muito comum as frustrações se revelarem nas crianças contra pais que, com ameaças ou castigos, recusaram satisfazer algum desejo do filho. Por vezes isso é legítimo por

parte dos progenitores; a criança precisa aprender a lidar com as frustrações. No entanto, causá-las por maldade ou sadismo, certamente vai gerar um indivíduo com problemas. Mais tarde, quando adulto, a tendência desta pessoa será agir com agressividade contra todos aqueles que lhe causem frustrações, sejam indivíduos ou instâncias superiores. A frustração de Caim foi tão grande contra o Rei dos Céus que ele matou seu irmão, já que não podia “matar” Deus. Não duvidamos, porém, que tenha sido para afrontar o Senhor que ele tenha praticado tal ato. A frustração de Ananias e Safira, só de pensar em entregar o dinheiro à Igreja, fê-los mentir e no fim pagar com a própria vida. Jonas estava muito frustrado e irado com Deus. Tanto é que fugiu para os “confins do Mundo”. De nada adiantou. O mesmo Profeta Jonas talvez não estivesse acostumado a lidar com situações de frustração, pois sua ira foi intensa e de forma cheia de soberba ele responde a Deus “que sua ira era razoável até a morte”; ele almejava a destruição de Nínive e enfureceu-se com a complacência do Senhor após o arrependimento dos ninivitas. Esaú foi outro que teria matado seu irmão de pura frustração e raiva.

É de fundamental importância citar que o domínio de uma frustração no homem deve ser considerado positivamente. É próprio da evolução sadia aprender a suportar e dominar frustrações, de modo que se forme uma “tolerância a frustrações”. Por outro lado, uma forma deletéria de encarar isso é quando a frustração é respondida com resignação. Nesse caso desiste-se da meta almejada. O que nem sempre é bom.

– Agressão: impulso de agressão pode ser a manifestação frente ao conflito. Trata-se de comportamento agressivo destinado a pessoas, instituições e objetos. De forma patológica a agressão aparece junto a distúrbios psíquicos, quando não é mais transformada em uma ação produtiva, mas dirigida contra a própria pessoa ou outros indivíduos. A personalidade “agressiva” pode ser resultado positivo de uma assimilação salutar de conflitos: agressivo nas metas a serem atingidas, agressivo na determinação de conseguir um emprego, agressivo como intensidade de emoções que culminam em algo bom, no final.

– Sentimentos de Culpa: surgem entre tentações da “consciência e desejos instintivos”. São dos mais variados. Esses mecanismos são, no fundo, normais. Devem ser chamados neuróticos apenas quando não são dominados, mas rejeitados por uma das maneiras neuróticas descritas mais adiante. (Algo bastante interessante sobre a questão da culpa patológica oculta e a

forma como nos punimos, para quem deseja saber mais, está no livro “Crimes Imaginários” (“*Imaginary Crimes*” - 1990) – Dr. Lewis Engel, Ph.D e Dr. Tom Ferguson, M.D. No Brasil, foi em primeira instância uma publicação da Nobel.)

ASSIMILAÇÃO DE CONFLITOS:

Há várias medidas que o ser humano – desde a infância – encontra para superar os conflitos. Afinal, são inerentes ao nosso Mundo! Portanto devemos lembrar que os conflitos *podem* ser resolvidos adequadamente. Se assim for, o conflito *continua consciente*, mas é *assimilado* racionalmente. Significa que pessoas conseguem assimilar tendências contraditórias (conflitos), ainda sem entrar no campo das neuroses. Afinal... a Mente se defende! Um destes aspectos são as soluções criativas no sentido da evolução da personalidade. Depois de fugir do irmão enraivecido, Jacó foi criativo em sua nova vida e prosperou. O conflito de irmãos foi bem gerenciado. Outra possibilidade consiste em desistir de uma das tendências, renunciando ou à necessidade vital, ou renunciando à realização das regras normativas. Isto é, segue-se o impulso ou seguem-se as regras (lembrando que não seguir as regras pode culminar em comportamento antissocial). Um caso bastante clássico para ilustrar isso: uma mulher massacrada pelo marido, seja emocionalmente, ou até pior... poderá escolher entre dois caminhos. Fugir daquilo em nome de sua sanidade mental e integridade como ser humano (seguir o impulso, a tendência vital). Ou simplesmente aquiescer, deixando de lado suas necessidades vitais de ser amada, respeitada e ter o direito de crescer como pessoa (seguir as regras). Nas Igrejas, mesmo que de forma disfarçada, vemos milhares de mulheres que sofrem em silêncio, renunciando às suas necessidades vitais, amedrontadas por si mesmas, ou pelos filhos. Seguindo as “regras”. Mas regras de quem? Ainda há confusão para entender a diferença entre autoridade e autoritarismo.

Esther é um exemplo Bíblico de uma mulher que foi afastada dos seus e escolhida para casar-se com o Rei Assuero. Se a Mão do Senhor não estivesse com ela, talvez o rei não a tivesse amado, mas tratado como tantas e tantas são tratadas em casamentos arranjados. Se alguém conhece a Antiga Tradição Chinesa das várias esposas, terá uma pálida ideia do que significa renunciar a necessidades vitais em nome de uma tendência normativa da Sociedade da época. Sem dúvida era conflito pra valer! Nem sempre era bem gerenciado, e mulheres chinesas podiam chegar à loucura ou à morte

por causa de sua posição desprivilegiada no casamento. A mulher que tivesse filhos homens era preferida, as que davam à luz filhas eram extremamente repudiadas, e perdiam direitos básicos (veja o filme “Lanternas Vermelhas” e “O Clube da Felicidade e da Sorte”). Isso é satisfazer as necessidades vitais de um ser humano?

– Outros modos de assimilação dos conflitos, ainda sem cair no âmbito patológico, são o Deslocamento e a Sublimação. No Deslocamento, ao invés da meta instintiva primária é colocada outra meta semelhante, mais fácil de alcançar. Por exemplo, o estudante que não conseguiu entrar em uma Universidade de primeira linha, mas conseguiu em uma secundária. Alguem que não conseguiu ainda o emprego dos sonhos, aceita aquele menos *glamouroso*, não tão satisfatório quanto o primeiro, mas que lhe garante o sustento. Na Sublimação a tendência é deslocada para um alvo social, espiritual ou eticamente mais elevado. Assim, por exemplo, agressividade pode ser convertida em um trabalho obstinado e ambicioso para resolver uma tarefa difícil; uma tendência individual de amor pode deslocar-se para uma atividade pedagógica ou de previdência social. A assimilação de um conflito pode encontrar sua expressão em uma realização artística. Da pressão do conflito pode surgir a motivação para um trabalho científico criativo. Quando trabalhava no meio secular, antes de atender o chamado Ministerial era comum observar que os solteiros já em idade mais avançada ou os que tinham famílias desestruturadas eram os mais obstinados pelo trabalho. Trabalhavam sem férias, nos feriados, nos fins de semana, e ainda levavam serviço para casa.

Muitos lidam com suas frustrações assim. Deslocando-se para posições inferiores, onde não desejam realmente estar: e a aspirante a Levita se contenta em ser professora substituta na Escola Dominical Infantil. Outros sublimam, por exemplo, sua agressividade contra um Pastor falso e hipócrita, que não pode ser consumada num ato real de insubordinação (“violência”), transformando-se num adorável ícone do Louvor, tentando, por vezes inconscientemente, drenar a atenção para si. Assim, assimilamos “adequadamente” os conflitos. Até quando?? Pastores auxiliares, irritados e sempre deixados de escanteio, driblam sua frustração – sabendo que dar vazão a ela seria o mesmo que comprar o *ticket* de saída da Igreja – tornando-se ótimos conselheiros pessoais (já que Pastores Titulares têm pouco tempo para isso).

Deslocamento e Sublimação não ocorrem de maneira plenamente consciente; e um aspecto do decorrer destes processos é que o conflito inicial pode reaparecer, pelo que a tensão aflitiva é atualizada, e o comportamento perturbado. Porém o resultado em médio prazo é o mesmo: frustração, tristeza, desânimo, sentimento derrotista, esfriamento da fé, ativismo, e com isso promovendo um afastamento cada vez maior da vida em abundância que Jesus nos prometeu.

Observe que a *viabilidade* de um destes comportamentos “normais” é possível, porém depende de várias condições: do tipo de vida, da intensidade do conflito, da estrutura da personalidade (algumas são mais frágeis – ou “astênicas” – que outras). No quesito “tipo de vida” pode haver uma resolução, o que acontece com frequência. Desta maneira, muitos conflitos naturalmente se resolvem. Porém as condições podem ser também tão inalteráveis de modo que se torne impossível a resolução do conflito ou um deslocamento deste. O conflito vivido por Josué e Calebe, por exemplo, às portas de Canaã foi de condições absolutamente inalteráveis. Quase foram apedrejados, e o conflito gerado pelo “medo x possibilidade de entrar na Terra” não teve resolução ali. Como eles lidaram com esse conflito durante os 40 anos seguintes não sabemos. Mas foi de algum modo bem tolerado, pois eles retornaram ao ponto de partida, e venceram. Outros poderiam ter sucumbido completamente ao perceber que a chance única estava perdida.

Como foi com Josué e Calebe, sabe-se que uma reação anormal pode *não surgir* enquanto o conflito continuar consciente e a pessoa aguentar a pressão conflituosa. Ela sofre com o conflito, mas não reage patologicamente. Josué e Calebe sabiam que estavam sendo disciplinados, mas não seria para sempre. Aguentaram a pressão do conflito.

O INÍCIO DO QUADRO PATOLÓGICO

– Como – ou quando – um conflito se torna tão intenso que acaba gerando um quadro de doença?

Vamos caminhando na nossa estrada rumo à gênese das neuroses. Quando a tensão conflitiva ultrapassa a capacidade do indivíduo de suportá-la, pode-se obter alívio por meio das “Medidas de Defesa”, efetuadas de várias maneiras. Em neuróticos reais observam-se algumas delas. Quando há conflito forte o suficiente para pôr em jogo as Medidas de Defesa, estamos dando o primeiro passo na direção de um quadro real de doença. As Medidas de Defesa são “soluções” aparentes dos problemas, e obtém-se um

certo alívio psíquico. Mas o Inconsciente está já repleto, praticamente no ponto máximo: entenda que falta pouco para *descompensar*. É diferente do que vimos antes, na “Assimilação de Conflitos”. Nesse caso, há uma resolução e tudo tende a ficar bem, em termos de normalidade. O conflito fica consciente e é assimilado. Mas o uso de “Medidas de Defesa” revela alguém prestes a estourar. O conflito já se tornou inconsciente e aparentemente foi encontrada uma solução para ele; mas é uma ideia ilusória. A princípio, qualquer processo psíquico pode servir para repelir algo incompatível (vivência inconciliável e insuportável com o Todo Psíquico). Dependendo de como se manifestam no indivíduo, Deslocamento e Sublimação também podem ser encarados como Medidas de Defesa.

– A Repressão dos impulsos incompatíveis com a vivência global, na esfera do inconsciente, tem especial importância para a formação de neuroses. Via de regra, a exigência instintiva do indivíduo é reprimida e deixa de ser consciente, mas não desaparece de forma eficaz. O que acontece no processo é que isso se transforma em sintomas neuróticos, distúrbios somáticos ou psíquicos, e em distúrbios do comportamento. Quando uma necessidade vital que entra em contradição com uma outra tendência não pode ser integrada, torna-se inconsciente por repressão. Com a repressão a tendência deixa de ser consciente, mas não se torna ineficaz. Entendem por que isso é um barril de pólvora? Então essa exigência instintiva que foi reprimida pode acabar encontrando expressão por meio de um sintoma de doença. Leia esse parágrafo até entendê-lo bem, e só então prossiga. A Repressão está muito ligada à formação de Neuroses, está muito ligada a vários tipos de distúrbios.

As Igrejas, por mais liberais que sejam, são lugares onde existe bastante nutriente para formação de indivíduos com os mais diferentes sintomas neuróticos. Quer ver um exemplo? Para muitos Evangélicos é ponto de honra ter filhos “educados no Senhor”; isso por si só impõe muitas regras nos Lares. A necessidade “aguda” de educar filhos “Crentes” muitas vezes rouba ou destrói fases importantes do desenvolvimento infantil. Instintos básicos são severamente reprimidos. Durante um tempo tudo parece bem... mas depois as crianças reprimidas tornam-se adolescentes problemáticos e rebeldes. Certas imposições não têm razão de ser, quando feitas sem sabedoria e sem amor, gerando conflitos intensos sobre as necessidades básicas e instintivas do ser humano. Veja as crianças que, por acompanharem seus pais à Igreja, são necessariamente encaminhadas para a Escola

Dominical. Muitas ainda pequenas demais são obrigadas a aprender algo para o que seu desenvolvimento mental não está apto. Isto é Científico. Noções sobre algo “etéreo” como Deus, e histórias Bíblicas que elas não conseguem situar numa conjuntura de realidade... são mais prejudiciais para a formação de verdadeiros Cristãos do que se apenas as deixássemos *ser crianças!* Há tempo e modo para tudo.

A Escola Dominical pode ser um benefício se nós a tirássemos da “caixinha”. Infelizmente, esta muitas vezes, sendo ineficaz, e em longo prazo tem chance de formar crianças insanas, rebeldes, avessas ao Evangelho. Muitos educadores da Escola Dominical, em geral, não estão preparados para tal. A tenra infância é uma fase crucial, onde a personalidade está “moldável” como massa quente. Não adianta querer, no entanto, moldar um bolo completo. A massa está quente; não vai formar um bolo. Não damos muita atenção ao que acontece com as crianças na Igreja, mas elas estão prestando atenção ao que acontece ao redor; estão percebendo, sim, todas as incoerências e todos os problemas camuflados, mesmo que de forma não consciente. Tenha certeza. E vão reagir ao ambiente. Por isso, é fundamental pensar na criança de hoje como o futuro da Igreja e da Sociedade de amanhã. Não adiantam reprimendas, repressões, castigos, ameaças... maus-tratos... na vã tentativa de fazer com que elas sejam diferentes do resto da Humanidade. Elas não são. São crianças como outras quaisquer. Então, aprenda: *cada ensinamento tem seu tempo e modo*. Os Bíblicos inclusive; é preciso arar a terra destes coraçõezinhos para poder semear a Bíblia. Não é do dia para a noite. Muito menos fora do tempo e modo, achando que pelo muito falar, elas vão entender.

Se compararmos ensinamentos a sementes, cada semente tem seu feitio – seu *Kairós*. Se quisermos resultados, se quisermos vê-las florescer, temos que *plantar a semente certa, no tempo e do modo certos*. Quando a Palavra fala em “ensinar a criança no caminho que deve andar”, está querendo enfatizar valores, princípios éticos, morais. Isso é *mais* importante. É mais importante nessa idade (precoce) aprender a respeitar os coleguinhas e a professora, dividir os brinquedos, sociabilizar-se em grupo, fazer tarefas apropriadas à idade... do que tentar incutir noções sobre Deus, Jesus, ou outros personagens. Elas não têm condições de apreender isso, e os princípios que deveriam estar sendo plantados se perdem. Sem querer dar lições demais, sugerimos que a Escola Dominical tenha o molde de uma Escola comum para a idade, com atividades adequadas à idade: pintar,

desenhar, cantar (usando temas Bíblicos como modelos, mas também usar mecanismos de linguagem que eles compreendam), mexer com tesoura e cola, essas coisas. A Escola Dominical deveria ser simplesmente um período agradável de jogos e brincadeiras, onde os valores nobres de respeito, amor, sociedade são nutridos. É *mentalmente* mais salutar. O tempo para aprenderem sobre Deus na sua forma ampla vai chegar. Temos que driblar a nossa ansiedade. Deixe seu filho(a) ser criança. Lembrando o que já foi dito: o exemplo dos pais dentro dos Lares será fator determinante para que os filhos venham ou não a se interessar pelo Evangelho. Não poderá, nunca, ser uma medida impositiva. Portanto o exemplo de viver o evangelho é muito mais relevante do que meramente pregar o evangelho. Conversamos com muitos psicólogos crentes e não crentes e todos foram unânimes nesta questão. O Reino de Deus, é conquistado pelo amor, não pela força ou imposição. Ver o exemplo de vida nos pais fala mais do que mil palavras.

Quanto aos adolescentes: obrigá-los às rígidas normas em Escolas Evangélicas é o primeiro passo para um desastre! Há maior tendência posterior de agressividade em relação a tudo que se refere à Igreja, já que as imposições e as repressões levam a conflitos muito grandes e muito profundos. Conflitos existenciais inclusive. Conflitos acerca da natureza de Deus, do Seu Caráter, do Seu Amor... *tudo!* Conhecemos pessoalmente indivíduos que vieram de Escolas tidas como modelos na área Cristã, e eles eram revoltados, beirando ao ateísmo. Por que? Porque a discrepância entre o agir e o falar na maioria das pessoas da Escola era muito forte também. Ser um bom professor não significa ser um Cristão exemplar. E isso gerava conflitos estupendos. Claro que princípios devem ser plantados em amor, mas acima disso está o testemunho de vida de quem ensina.

Conversas, acolhimento, amizade, confiança... essas são as sementes que os pais já têm que ter plantado no coração dos filhos. Quando essa fase crítica chegar, haverá como dar continuidade aos laços familiares mesmo em face da bombástica puberdade e adolescência. Quem não plantou nada, não pode querer pretender colher.

A necessidade pungente de relacionamento, quando reprimida (como em Denominações que isolam homens e mulheres; ou Escolas só para Meninos, ou só para Meninas; ou apenas por pais preconceituosos e já doentios) gera pessoas problemáticas, cheias de preconceitos. Essa repressão em relação ao sexo oposto irá até o âmago em sintomas dos mais diversos, nas mais diversas intensidades. Essas pessoas serão açoitadas ao longo da vida, vão

ter uma inclinação muito maior pela pornografia e distúrbios sexuais, a vida de casados não será satisfatória. Temos observado que nas comunidades mais tradicionais, mais conservadoras, as que mais reprimem, há maior número de vidas com problemas na área sexual e nos relacionamentos. Vejam um exemplo no mundo afora. No Catolicismo não se permite casamento entre padres e demais líderes eclesiásticos. A quantidade de padres com problemas sexuais é enorme. Homossexualismo, pedofilia etc. Vez ou outra, vem à tona pela mídia um destes casos. Mas logo o “poder” por trás procura “abafar” a realidade e dar um tom brando à questão como se fossem meras exceções.

Para completar: os adultos em geral, tanto homens quanto mulheres, encontram problema na Igreja a partir do momento em que têm que vestir a “carapaça” da santidade e da alegria constante e inabalável, quando sua mais premente necessidade é chorar e desabafar coisas terríveis. Mas não podem fazê-lo. Necessidades e instintos básicos ficam camuflados – reprimidos – em nome da “Normativa Cristã”. Tenham certeza de que muitos estão ali, na faixa *borderline*, lidando sozinhos com seus problemas e conflitos, saciando instintos através da Internet, tornando-se agressivos sem saber por quê. Agressivos contra autoridade da Igreja, contra liturgias furadas e contra a própria Palavra, pois veem nela apenas uma fonte repressora de sua personalidade, ao invés de um estímulo ao crescimento. Onde estão os limites entre *o saudável e o doentio*, no nosso ensino Bíblico? Temos que aprender com Jesus a estender a mão, em vez de apontar o dedo. Muitos temem confessar seus pecados uns aos outros buscando a cura, buscando oração. Pois provavelmente irão encontrar julgamentos, isolamento, exposição e vergonha. Jesus não tratava os que o buscavam desta forma. Quem pode atirar a primeira pedra? Todos dependemos do Espírito Santo, e estamos sujeitos a falhas em diversas áreas. Todos os Heróis da fé erraram. Não há ser perfeito, exceto Jesus Cristo! Os que estão em pé que olhem para que não caiam. Temos que orar e vigiar sem cessar, diariamente. Pois nosso adversário está ao redor, buscando a brecha, a legalidade para nos tragar. Fofocas, contendas, orgulho, soberba, isso só acumula material para o inimigo nos destruir. Pedro andou sobre as águas, fitando Jesus em passo tremendo de fé e coragem. Mas em um momento, sua fé titubeia, falha, e ele começa a afundar. O que Jesus faz? Diz e ele: “Agora morra, homem de pouca fé”. Não! Mas estende a mão a ele e o levanta. Ajuda-o na sua fraqueza. Atitudes assim separam os valentes de Deus dos

falsos irmãos. Temos que criar um ambiente favorável para Jesus operar em nosso meio, e isso deve começar em nossos corações. Humildade precede a honra!

Obs.: No sono a censura é suave, de modo que no sonho podem surgir sentimentos reprimidos, pelo menos em forma simbólica.

– Diferente de Repressão é Renegar. Esta é uma Medida de Defesa em que algo dificilmente aceitável não é admitido, mas negado. Isso pode acontecer no caso e uma doença grave, por exemplo. Existe a fase da negação. Agora imagine uma pessoa passando por essa fase psíquica e cercada de Crentes e Pastores lhe dizendo que será Curada, que precisa ter Fé; e que se não foi Curada ainda é porque está faltando Fé... ou Deus quis assim. Sabemos que muitas Denominações lidam com a doença desta forma. Literalmente “bombardeiam” a cabeça do doente com coisas assim sobre Cura. É o tal “modo simplista” de ver, do qual falamos antes. Facilmente essa negação poderá culminar em agressão profunda contra aqueles que lhe prometeram levianamente a Cura. Ou que insistem em falar sobre aquilo que está, naquele momento, sendo negado. A negação tem por base uma discussão com argumentação inconsequente e ilógica; é como receber o diagnóstico de AIDS e uma pessoa insistir que *não tem* a doença, que houve algum erro no teste, que os sintomas são por causa da má alimentação (por exemplo) etc.

Nessas condições não seria difícil para os “Doutores da Lei” diagnosticarem, por sua vez, que tal confusão mental só pode ser fruto de forte opressão Demoníaca. Já viu, né? A coisa tem tudo para ir de mal a pior. Nós tendemos a subestimar o poder da doença sobre os doentes, e também o poder deletério de nossas palavras sobre pessoas doentes, quando essas palavras são ditas de forma leviana. A doença é um mal que atinge fortemente a psique, especialmente se for grave. Por vezes alguém que se viu extremamente doente há pouco tempo, e nem teve tempo de absorver a situação, agora está sendo submetida a pregações de Cura sem base alguma; porque não há discernimento do Tempo, do Modo, não se conhece a história da pessoa, não há entendimento sobre as variantes de Deus e as pessoas-chave (aquelas que sempre oram por Cura) vão ao hospital ou residência “orar” como se isso fosse o feijão com arroz, apenas mais um item numa lista. Fazemos da Cura uma receitinha de bolo... e não há respeito nem mesmo pelo próprio paciente!! Pensam que isso não acontece?! E é assim porque os muitos Cristãos desconhecem a Mente e seus processos Psíquicos.

A Mente não está ligada somente a pensamentos, raciocínio, inteligência. Ninguém para para pensar que, quando agredida, assim como qualquer órgão do corpo, reage instintivamente no sentido de se defender e de se preservar. Estamos dispostos a orar da gripe ao câncer, e isso tudo pode ser simplesmente colocado num saco só. O “saco da Cura”. Quem nunca viu isso? “O Senhor está agora curando pessoas de dor de estômago, nódulo na mama, dor na coluna, miopia...”, e por aí vai. Não que Ele não possa fazê-lo. Mas a experiência disso tudo mostra que essas Curas não são reais de fato. E as doenças graves em geral continuam precisando de tratamento Médico.

Por falar em Médico... dificilmente encaminhamos alguém a um Especialista, não é? Isso poderia ser tão mais simples, e tão mais justo, dependendo do caso. Mas parece que é “dar o braço a torcer”! Ou manifestação de “falta de Fé”... ou um “impedimento do Espírito”... ou seja lá o que for. Achamos que oração em massa resolve tudo. Oração em massa é o mais comum. Isenta de responsabilidade pessoal. Pior é dizer: “Não tome mais remédios, você está curado”. Mas não incentivam a voltar ao médico para validar a cura, para ter o laudo documentado e só depois deixar de tomar os remédios. Isso tem levado centenas de vidas à destruição. Usar o nome de Deus para “destruir as obras das trevas” e ainda assim ter vidas aprisionadas. Já não vimos isso antes? Nas Cruzadas, na Inquisição...

Hoje em dia é difícil achar quem queira ir a Hospitais e Lares só para visitar e orar por um doente. Esse tipo de exposição comumente causa um certo temor: “E como fica se *nada* acontecer?”. Se não for feita nos grandes Congressos de Cura, ou dos púlpitos das Igrejas, a oração de Cura individual é bem rara.

– Isolar: como Medida de Defesa, o fato vivenciado não é esquecido, mas desnudado de seu afeto, e suas relações associativas são suprimidas ou interrompidas, de modo que fica como que isolado. Deixa de ser reproduzido no decorrer da atividade mental. Provavelmente foi isso o que aconteceu com José depois de ser vendido pelos irmãos. Ele lembrava-se do ocorrido, mas destituiu o fato de emoções afetivas. O efeito de tudo aquilo só veio à tona de modo avassalador ao rever os parentes que o atraíram. Se ele não tivesse sido capaz de usar desse recurso de defesa, talvez se tornasse um homem muitíssimo problemático. Mas a Mão de Deus estava com ele, e a Cura veio Dele também. Imagine Pastores e Líderes tentando lidar com José, depois desse episódio, dizendo que precisava perdoar os irmãos, promovendo encontros familiares, questionando as raízes da

educação de todos os filhos, querendo fazer Cura interior.... ao invés de simplesmente dar tempo ao tempo e deixar a mente de José se adaptar. A agressividade que ele também desenvolveu provavelmente foi sublimada e transformou-se em admirável capacidade de trabalho na casa de Potifar. Pois, que se saiba, José não estava acostumado aos trabalhos braçais, mas o fez com incrível desvelo. Sublimação? Por que não? A mente e as emoções dele foram excessivamente agredidas com o episódio infringido pelos irmãos.

– Inversão para o contrário – por exemplo, sentimentos de agressão dirigidos contra pessoas próximas, experimentados como ilícitos e reprimidos, podem transformar-se em atitudes de superproteção. Muitas vezes esse processo encontra-se por trás da mãe com atitude angustiadamente protetora para com seu filho. Outro exemplo seria o comportamento hipersexual no caso de carência de amor sentida culposamente.

– Projeção – é o deslocamento inconsciente de representações e impulsos pessoais para uma outra pessoa. Estes movimentos psíquicos podem ser reais ou fictícios, mas o que acontece é que as características observadas e possivelmente criticadas na própria pessoa não podem ser suportados. Pode haver também a “projeção” quando uma mulher, por exemplo, projeta sobre um homem todas as suas fantasias de “homem perfeito”; ela denigre até inconscientemente o próprio marido e sonha como seria feliz com outro determinado homem que tem (verdadeiramente ou não) as características necessárias para fazê-la feliz. A Projeção é extremamente comum na Igreja, particularmente em relação a Líderes ou servos de Deus que estão em evidência por algum motivo. O problema é esses darem vazão à projeção que recebem; amacia o ego, né? Mas daí vem muitos problemas. Por isso talvez haja tantos adultérios no meio da Igreja. Mulheres são massacradas... tornam-se desgostosas... homens são reprimidos... tornam-se frustrados... projeções acontecem de ambos os lados... adultérios!

Há outras Medidas de Defesa (conversão, identificação, evitação, regressão), mas os que foram citados já bastam como exemplo. Alguns destes podem já fazer parte de um quadro neurótico verdadeiro e instalado. Sintomas declaradamente neuróticos são mais característicos de síndromes específicas. Os sintomas neuróticos são em grande parte resultado daquilo que surge do impulso instintivo (tendência) e da Medida de Defesa, no sentido de solução aparente.

ADOENÇA EMSI

Devido ao modo como estamos seguindo, parece razoável fazer uma gradação:

– 1. Reação conflitiva: fenômeno mais leve; entende-se uma reação inadequada *aguda*, geralmente de curta duração, a um determinado e delimitado conflito e que tem como consequências transtornos de saúde. Talvez possamos identificar Rebeca, a esposa de Isaque, como apresentando uma reação conflitiva por ocasião da Bênção Paterna. Ela age de forma “aguda”, impensada, revelando a Jacó as intenções de Isaque e abençoar o primogênito. E sem muitas explicações, apenas diz “Caia sobre mim essa Maldição, atende somente o que eu te digo”. Freneticamente – é provável – ela mesma prepara a refeição e todos os subterfúgios para que Jacó realmente se passe por Esaú. A predileção, as divisões familiares – inclusive entre Isaque e Rebeca – tornaram aquele lar desestruturado. Rebeca age de forma inconsequente. O conflito é: Quem receberá a Bênção da Primogenitura? E Rebeca age de forma compatível a quem teve uma reação conflitiva aguda, curta, e delimitada a um conflito específico; se houve transtornos de saúde depois não sabemos, mas certamente não gostou do desdobramento da situação. Ela imaginava que Jacó ficaria com Labão apenas alguns dias, mas... sabemos que não foi assim. E se ouve ela dizer: “(...) Por que hei de eu perder os dois filhos num só dia? Disse Rebeca a Isaque: Aborrecida estou da minha vida, por causa das filhas de Hete. Se Jacó tomar esposa dentre as filhas de Hete, tais como estas, de que me servirá a vida?” (Gn. 27:43-46). Preocupada agora, com a saída de Jacó, por certo que Rebeca viveu dias de tristeza e arrependimento, o que poderia facilmente culminar em doença.

– 2. Neuroses: são evoluções complicadas de distúrbios da saúde irreduzíveis a conflitos atuais, mas que pressupõem assimilações inadequadas de situações de conflito e frustração de duração mais longa, as quais muitas vezes remontam à infância. Também aqui as consequências são sintomas físicos e psíquicos e/ou distúrbios no comportamento inter-humano. As neuroses caracterizam-se por determinadas Medidas de Defesa. Elas penetram mais na vivência, tendem mais a uma forma de decurso crônico e, conseqüentemente, são mais difíceis de serem tratadas. De maneira rudimentar pode-se denominar a reação conflitiva como a forma mais simples de uma neurose. Mais adiante vamos falar de alguns tipos

específicos de neuroses, e então essa explanação ampla e difícil vai ser melhor elucidada. Não pense no conceito agora.

Neuroses frequentemente começam na infância. Por isso a menção anterior sobre o que estamos oferecendo às crianças em Escolas Dominicais e em Lares “Cristãos” de fachada, que de maneira costumaz são escondidos para não serem tachados de pouco espirituais. Crianças recebem a influência do Meio como “esponjas”. Por isso o ambiente emocional e a dicotomia entre o que é escutado na Igreja – o “ideal” – contrabalanceado pelo que elas encontram em casa – o errado “dissimulado” –, isto é, o pecado, o impuro, o inverso... tudo isso pode criar na estrutura psíquica da criança distúrbios de leves a graves. As coisas se complicam mais se são exigidos delas padrões de comportamento “ideais” (Cristãos), conquanto incompatíveis se comparados com o exemplo visto em casa ou com o de crianças da mesma idade, não Evangélicas.

Crianças afastadas da mãe, ou negligenciadas em termos de carinho ou mesmo higiene podem vir a apresentar problemas, e até neuroses reais. Nessa idade frustrações têm efeito particularmente traumatizante. Mais tarde, educação exagerada na área de limpeza, ou severa demais, perturbam a evolução normal da criança. Pais neuróticos terão a tendência de criar crianças neuróticas, e dependendo de qual Igreja fazem parte, e de como a mensagem do pecado, da Salvação, da Graça etc. são transmitidos, isso pode piorar a situação.

A busca pela causa de uma neurose deve ser seguida até a infância, passando em geral por todas as fases do desenvolvimento e todas as condições perturbadoras, também pelas fases posteriores à infância, particularmente a adolescência. Contudo os questionamentos devem ser levados em conta sobre *todas* as fases evolutivas do indivíduo pois há possibilidades da existência de conflitos que resultem em reações patológicas em *todas* as fases da vida. Porém, só pelos elementos básicos de fundo da situação, da estrutura da personalidade e do histórico de vida se pode entender se a assimilação de conflitos foi perturbada. Deduzir neuroses de vivências singulares, frustrações ou “traumas” é ultrapassado. A formação de uma neurose é um processo complexo. Numerosos fatores engrenam-se e devem ser tomados em consideração. Patogênicos não são tanto os fenômenos de medo, decepção ou dor, mas os conflitos em si; não a discussão dramática com um superior, mas sim o estado permanente que se origina quando nos insurgimos contra ele e dele nos defendemos, mas por

outro lado até o amamos e respeitamos, e não há possibilidade de convencer-se deste conflito. Nem a perda de um ente querido estritamente conduz à neurose, mas, conforme as circunstâncias, a revolta contra esse destino, e mais ainda, a autorrepreensão por não lhe ter dado tanta afeição quanto teria merecido. Mais precisamente, aquilo que não é aceito, o que não se consegue admitir como verdade é patogênico. Por esse motivo os conflitos são patogênicos, não fatos isolados.

Vamos salientar alguns deles, os mais relevantes. Na fase do lactente e do recém-nascido, sua dependência e intimidade com a mãe é importante. É ela quem alimenta, cuida, dá assistência e dedicação. A perda (por morte, ou por falta de dedicação afetiva) desta primeira pessoa de relação íntima, na mais tenra infância, pode acarretar consequências fatais. Algo decisivo é omitido, que em fases posteriores evolutivas, não será necessariamente recuperado. A criança pode suportar frustrações, respondendo com manifestações agressivas. Outras fontes podem ser pesquisadas na vida de uma pessoa, quando buscamos a gênese de uma neurose: maus-tratos na infância, mudanças bruscas de vida, perdas importantes; dificuldades expressivas de adaptação em certos meios onde a pessoa é obrigada a estar, e indivíduos com quem tem que conviver; relações sexuais ilícitas, abuso sexual, uso de drogas; fixação com pornografia; isolamento frequente, ser objeto de “piadinhas” na escola, traumas emocionais dos mais diversos (desde que gerem conflitos expressivos), como a rejeição por parte de um(a) namorado(a) até um importante fracasso profissional. Tudo isso é substrato para a formação de neuroses. São conflitos que podem chegar ao ponto do insuportável, e sobrepujar Medidas de Defesa, por exemplo. No entanto, frisamos que a tenra idade infantil é a que merece especial atenção. Nesse período de vivências de relações inter-humanas marca-se duramente a personalidade, inclusive na forma habitual de Defesa.

Também merece atenção, além das já comentadas relações entre pais e filhos (a existência real de amor e afeto, ou não; o suprimento das necessidades básicas da criança em cada fase evolutiva, ou não), as relações dos irmãos entre si e para com os pais: como os pais se comportam em relação a cada filho, se algum filho ocupa papel preferido ou prejudicado, e – estreitamente ligado a isso – como os irmãos se relacionam uns com os outros. Lembra-se de José? Ele era claramente o preferido de Jacó, visto sua túnica talar de mangas largas e o fato de ter que dedicar-se aos estudos ao invés de trabalhar no campo como seus irmãos. A rixa entre irmãos

creceu a ponto de tornar-se ódio. A atitude dos pais tornaram aqueles filhos neuróticos, assassinos em potencial, frios e sem compaixão pelo sangue de seu sangue e pela carne de sua carne.

A rixa entre irmãos é a primeira prova da capacidade de impor-se e do ajustamento social. Ela é fundamental para a evolução do ser humano. Sob condições desfavoráveis a rivalidade fraterna dá lugar a frustrações e conflitos, tornando-se um prejuízo em potencial. A frustração ao nascimento de irmãos mais novos é para cada criança uma prova de resistência. Elas se sentem “destronadas”; essa frustração é particularmente dura para o primeiro filho. No caso de José, nenhum dos irmãos recuperou seu estado de “filho realmente amado”.

A predisposição (constituição) genética é determinante na patogênese das neuroses (assim como os já mencionados fatores vivenciais e fatores do Meio Ambiente). Fatores Genéticos foram muito menos estudados em neuroses do que em psicoses, mesmo assim, por exemplo, nas neuroses obsessivas os números de concordância entre gêmeos homozigóticos é relevante. Estudos recentes indicam fatores genéticos principalmente para depressões neuróticas e neuroses de angústia; também para sintomas neuróticos isolados. Mas uma neurose não pode ser explicada somente pela predisposição. Já vimos que sua gênese é multifatorial e complexa. Mais importante do que a hereditariedade, são as condições ambientais, sobretudo na Família, como vimos (“hereditariedade social”). Os fatores sociais também são importantes. A confrontação do indivíduo com a Sociedade e os conflitos disso, resultantes são importantes para a formação de neuroses. A sintomatologia dessas patologias depende, inequivocamente, do estilo de vida da Sociedade. Contudo, a predisposição genética pode favorecer a manifestação de uma neurose *frente à assimilações deficientes de conflitos*. A predisposição também seria codeterminante no aparecimento de um tipo ou outro de neurose, por exemplo, um quadro obsessivo-compulsivo, ou uma neurose de angústia, ou outra qualquer.

Se levarmos em conta que a Igreja é como uma subdivisão da Sociedade, encontraremos ali fatores que, agregados, favoreceriam indivíduos predispostos ao desenvolvimento de neuroses. Haveria, para muitos deles, dificuldade de adaptação social, e conflitos entre o que é “certo” (como em usos e costumes, ou doutrinas específicas), e o temor de desagradar a Deus. Pessoas recém-convertidas podem não saber como conciliar “Religião-Sociedade”, e as discrepâncias poderiam gerar, em pessoas predispostas, ou

que já apresentem sintomas neuróticos, piora do quadro. A Igreja em si não estaria apta para entender esses sintomas neuróticos e tenderia ao julgamento e isolamento da pessoa, levando a um efeito dominó. Temos que rever alguns dos nossos ensinamentos, nossas maneiras de conduta, estereótipos, palavreado... o Cristão não precisa ser um objeto de ridículo e fazer da Igreja um local que não se coaduna com o Meio em que vivemos! Afinal, a conduta diária de todo Cristão, dentro e fora da Igreja, deveria ser a mesma. As mesmas roupas, o mesmo jeito de falar, os mesmos interesses. É justamente por não ser assim que muitos conflitos são gerados, especialmente nos neófitos. Um comportamento linear em todos os meios de convívio são características de homens e mulheres segundo o coração de Deus. Integridade deve ser a marca do crente, que por sua vez é resultante do amor ao Pai acima de todas as coisas.

Quanto ao diagnóstico: uma neurose não pode ser diagnóstico de exclusão. Somente com base nas características neuróticas dos sintomas e da psicodinâmica isso pode ser feito. Uma neurose é identificada pelos critérios da sintomatologia e da gênese. Ambos os princípios devem ser aplicados conjuntamente. Apenas a comprovação de influências ambientais e conflitos não é suficiente, porque estes também podem ser vencidos adequadamente sem chegar ao desenvolvimento de uma neurose. A exclusiva constatação de uma sintomatologia neurótica, entretanto, também não é suficiente porque atrás dela podem ocultar-se outras doenças.

Enfim: frustrações, conflitos e ambivalências não faltam na vida de ninguém, e são mais ou menos facilmente vencidos. Entre assimilação neurótica adequada e deficiente não existe delimitação exata. Os modos de assimilação dos conflitos muitas vezes se entrelaçam. Os números de neuroses na população em geral pouco significam, pois geralmente não são suficientemente seguros em termos epidemiológicos; nestes números estão inclusos, em parte, também todas as crises e situações problemáticas que, afinal, não se desenvolverão como neuroses verdadeiras. Não se deveria chamar de neurose qualquer situação conflitiva corriqueira que não pode ser resolvida logo, e tenha eventualmente por respostas, durante certo tempo, mau humor, leves distúrbios vegetativos ou fenômenos parecidos. Enquanto não se puder constatar os processos e sintomas neuróticos, é melhor falar de uma “situação de crise”. Um estudo de campo no sul da Alemanha deu como resultado, com exclusão das formas mais leves, uma prevalência (número de

casos num determinado momento) de aproximadamente 12% de neuroses, mais de mulheres que de homens.

Quanto à evolução das neuroses, há poucas regras. Quanto mais dotada e ativa for a personalidade pré-mórbida (antes da doença e seus sintomas), quanto mais agudo o início da doença e quanto mais mal-humorado e emocionalmente *participante* for o paciente, tanto mais favoráveis serão os prognósticos da Síndrome e da recuperação da personalidade prévia. A evolução das neuroses também dependem fundamentalmente das condições ambientais: elas podem perturbar ou impedir a assimilação terapêutica do conflito e assim prolongar a neurose; por outro lado, mudanças favoráveis no meio ambiente podem ajudar a resolver conflitos. Já evoluções neuróticas deficientes são claramente favorecidas por males sociais. A família tem papel importante. O saneamento das circunstâncias ruins, lutando por um melhor entrosamento familiar e profissional, subtrai da doença, em parte, seu solo fecundo. Mais uma vez a base torna-se a família. Devemos anelar em buscar uma família equilibrada, estribada na Palavra de Deus. Experimentem iniciar a partir de hoje um tempo de oração com seu cônjuge. Faça por determinação, inicialmente, e verá que dentro de alguns dias se tornará algo prazeroso entre vocês. Muitas coisas começam a mudar quando marido e mulher oram juntos. Pois são uma só carne.

Até aqui você aprendeu sobre as neuroses em termos genéricos. Naturalmente que elas têm suas divisões. Como câncer. Há sintomas gerais do câncer, mas inúmeros tipos diferentes deles. Assim é com as neuroses. Óbvio que não há espaço e nem sentido enumerar neuroses específicas aqui. Queremos salientar, apenas, que as neuroses sintomáticas apresentam uma determinada sintomatologia clínica, sobretudo distúrbios psíquicos. Uma parte destes não é específico, ou seja, acontece na maioria dos tipos neuróticos: insegurança, inibição e distúrbios de contato, mau humor, insuficiência produtiva condicionada emocionalmente e sintomas vegetativos concomitantes (sintomas de mal-estar geral que se refletem, por exemplo, em aceleração dos batimentos cardíacos, palpitações, alterações de pressão arterial, distúrbios digestivos, alterações da respiração, da sudorese, vertigens, coisas assim). Outros sintomas são característicos de determinadas formas de neuroses, de modo que por eles são denominadas: angústia, fobia, compulsão etc. Nas neuroses de caráter geralmente faltam sintomas desse tipo; essas neuroses manifestam-se na formação de reações em que se podem verificar Medidas de Defesas e também um comportamento

perturbado. Os tipos “clássicos” de neuroses de caráter são as neuroses histéricas (personalidades com mania de prestígio; querem estar no centro dos acontecimentos, mesmo que seja por meio de um comportamento anormal; são processos compensatórios de uma insuficiência da personalidade), anancásticas (personalidades extremamente exatas em todas as esferas da vida; não pode haver desordem nas mínimas coisas. Tornam-se escravos de sua consciência escrupulosa), depressivas (personalidades com predisposição depressiva e acentuação sentimental negativa de todas as experiências da vida, além de uma concepção básica pessimista ou cética) e esquizoides (personalidades conflitivas discordantes, caracterizadas por uma natureza fria e rude, mas, por outro lado, de excessiva sensibilidade. Difícil de encontrar contato natural com o Meio Ambiente, conservam-se distantes e sofrem pelo isolamento. São frequentes uma escrupulosa defesa de princípios, moralismo, e religiosidade fanática).

PARA CONHECER CERTOS TIPOS DE NEUROSES.

– Síndrome Psicovegetativa do Esgotamento – Pessoa esgotada, com dificuldade de concentração, produtividade insuficiente, timidez, irritabilidade, oscilações de humor, aborrecimento, desprazer e depressão. Sensação de cabeça zozna, vista pesada, dor de cabeça martelante, tonturas, cintilações visuais, distúrbios do sono (sobretudo adormecer retardado e sono agitado), leve tremor dos dedos, reflexos vivos, aceleração do pulso, às vezes com extrassístoles ocasionais (batimento cardíaco anômalo) sentidas de forma desagradável, outras deficiências cardíacas sem alteração orgânica, inapetência, dificuldades gástricas, obstipação ou diarreia ocasionais, distúrbios de potência. Essa lista não é completa. Deve-se acrescentar múltiplos distúrbios funcionais no sentido de desregulações vegetativas decorrentes dos distúrbios psíquicos. Trata-se de uma reação psicossomática do organismo. A causa do esgotamento é uma sobrecarga física e psíquica para a qual um determinado organismo, a longo prazo, não está preparado. Nada de demônios aqui. Só causa e efeito, exaustivamente explicados pela medicina. E com tratamentos específicos, que promovem recuperação e cura.

Uma mulher que trabalhe em jornada dupla ou tripla: à primeira vista parece ser isso que leva à Síndrome do Esgotamento. Seria como um *stress*, mas é diferente, pois a gênese é psíquica – o conflito. Quando cada uma das atividades parece desejável, mas também não podem ser abandonadas por

causa do dinheiro, por exemplo. Uma mulher pode apenas trabalhar em casa cuidando de cinco ou seis filhos, de toda a casa, e isso parecer absolutamente normal. E não se entende porque ela está “assim”, já que essa é a “função dela”. Omissões familiares, sobretudo na educação dos filhos, são percebidos com sentimento de culpa. É bem diferente do executivo estressado com o trabalho. O trabalho pode ser árduo, mas não gera sentimentos de culpa, nem outros conflitos semelhantes. O *stress* decorrente simplesmente acontece por sobrecarga física ou mental. O conflito da mulher, que foi o exemplo usado aqui, tem sobrecarga emocional, psíquica. A mulher esgotada tem a seguinte sequência: sobrecarga – conflitos – esgotamento – desgostos em círculo vicioso – a longo prazo, culmina na neurose. Não há como melhorar sem corrigir o modo de vida.

Isso não é tão incomum. Na Igreja também. Líderes que estão o tempo todo fora e deixam suas mulheres em casa, só exigindo resultados na limpeza e na criação dos filhos, mas que não são capazes de tirar um prato da mesa ou mesmos as meias do chão, saibam que estão Biblicamente totalmente errados (leia “Táticas de Guerra”). O papel da mulher é de *auxiliadora*, e não de empregada em cadeia cativa. E o papel do homem tem, sim, grande peso na estrutura familiar, na criação dos filhos, nas decisões caseiras. Este tipo de neurose pressupõe diagnóstico vago e carregado de interpretações errôneas. Principalmente quando tomado puramente por *stress*.

– Reações de Conversão – Sinônimo de “reação histérica”; grosso modo podemos dizer que complexos reprimidos aparecem em manifestações corpóreas. Ou por meio de sintomas funcionais motores e sensoriais (alterações dos movimentos ou da sensibilidade e sensações corporais), como também por estados de ataque. Por exemplo, podem ocorrer paralisções de uma ou de várias extremidades, muitas vezes das duas pernas, com a incapacidade de manter-se em pé e de andar. Pode acontecer também uma “imobilidade” motora completa, correspondente ao reflexo de morte observado em alguns animais e que dá a impressão de desmaio. Mas, só pelo fato do paciente se defender ativamente é fácil distinguir esse estado de um coma ou estupor catatônico. O contrário da imobilidade e paralisções acontece no estado psicogênico de agitação: ou seja, uma forte descarga motora com fúria e gritos. Tais distúrbios motores são ativados arbitrariamente, porém a pessoa não está “fingindo”. Por exemplo, um ataque de “tremor psicogênico” pode ser ativado independentemente da vontade em situações de conflito (mesmo quando já estão inculcados pelo hábito). O

tremor psicogênico é geralmente do tipo grosseiro, amplo, sincrônico nas regiões musculares participantes e atinge primeiro as partes mais próximas das extremidades. Mãos e pés são atingidos depois (tremor espástico).

A Medicina sabe que quanto mais atenção se dá aos sintomas, pior. Não lhes dar atenção, mas tentar conversar de outra coisa, ou fazer outro tipo de procedimento Médico, ou mesmo conversar calmamente com um familiar faz com que os sintomas de tremor diminuam. Contudo, familiares têm pouca paciência, em geral, com esse tipo de sintoma pois acham que se trata de fingimento para chamar a atenção, uma “crise de chlique”, e não uma doença verdadeira. Ataques psicogênicos de agitação foram comparados com a tempestade motora desnorteada dos seres vivos inferiores (um paralelo encontra-se nas situações de pânico); em suma, é algo bastante grotesco. Ataques psicogênicos decorrem de forma dramática, mas sem inconsciência e sem quedas ou machucados. Porém duram mais que ataques epiléticos e podem ser desencadeados por palavras sugestivas ou enérgicas. Portanto, pode existir, em alguns casos, tortura emocional!

Distúrbios de sensibilidade: podem ocorrer anestesia de certas regiões da pele, mas que não correspondem à inervação orgânica (trajeto real dos nervos). Distúrbios sensitivos: cegueira psicogênica – um característico estreitamento em forma de tubo do campo visual –, e a surdez psicogênica. Outros sintomas frequentes de conversão são os estados dolorosos em todas as regiões possíveis do corpo; vômitos também podem ser reações de conversão. Quase todos os fenômenos mórbidos (referentes a doenças) podem ser representados por uma reação de conversão, por isso não é possível descrever todos os sintomas encontrados dada a multiformidade da síndrome de conversão. Entretanto, repetindo: sintomas de conversão não são simulação!!! Correspondem a processos automáticos, como que reflexos. Não vamos entrar na gênese psicanalítica destes sintomas, mas chamar a atenção ao fato de que uma visão aterradora como esta faria no mesmo minuto estarem ali os Pastores e Líderes orando para expulsarem Demônios, o que só pioraria tudo. Não conseguindo expulsar Demônios, uma pessoa assim seria rotulada e certamente repudiada, tachada de “louca”; ou que não confessou seus “pecados”, nunca mais encontraria espaço para si na Igreja. Cuidado!.... facilmente confundiríamos isso com um acesso de Possessão Demoníaca, dando asas à imaginação.

– Neurose de Angústia – A maior parte dos distúrbios neuróticos é acompanhada de angústia. Se, no entanto, o fenômeno mórbido (a doença)

estiver dominado pelo medo, fala-se de “neuroses de angústia”. Angústia é um sentimento tormentoso e indeterminado, no qual a pessoa se vê entregue, impotente ao desconhecido, ao avassalador, ao inatacável, sem possibilidade de ajuda e sem saída. Fala-se de um estado de agitação altamente tensa, percebido como desprazer e que atinge o ser humano como um todo. A pessoa não tem angústia num sentido limitado. A pessoa é a angústia. Os processos físicos registrados não são nem causa, nem efeito, mas são a angústia.

A angústia neurótica está relacionada com impulsos instintivos cuja realização é experimentada como perigo. Distingue-se da angústia real – ameaças externas, situações de catástrofes ou perigos – pelo fato de sua origem não ser consciente. Como “angústia em livre andamento”, ela não se refere a algo determinado. Por isso muitas vezes a pessoa não tem consciência *do que* angustia, ou *por que* está angustiada. Tais pacientes só podem dizer que têm medo; quando muito, respondem apontando as formas somáticas (corporais) relativas à expressão da angústia. A angústia é sempre um fenômeno simultaneamente corporal e psíquico, e suas manifestações são múltiplas. As manifestações corporais, que incluem palpitações cardíacas, garganta fechada ou seca, inquietação motora, tremor, suor frio, necessidade de urinar e diarreia, *não são* consequências da angústia em si, mas sintomas somáticos concomitantes. Por conseguinte, angústia não é apenas um fenômeno psicopatológico, mas uma forma de reação do homem, uma parte integrante de sua vida em geral. A angústia também pode ocultar-se por trás da máscara de segurança acentuada, pode manifestar-se na fraqueza da criança, numa insuficiência e incapacidade de vencer na vida, no “nervosismo de falar em público”... mas também em reações agudas, como um pânico sem sentido ou num estupor afetivo. Inibição agressiva e inversão também são características da neurose de angústia. Fora das crises, os pacientes não manifestam aborrecimento ou raiva contra outros, mas demonstram amabilidade, gentileza e solicitude. As motivações inconscientes são o medo de perder a dedicação e ficar só; há dependência da presença de alguém. Tais tendências de se agarrar a alguém indicam insegurança na tenra infância.

Uma manifestação aguda da neurose de angústia causaria estranheza na Igreja, não? Imagine alguém se contorcendo, sem conseguir se aquietar, correndo ao banheiro, tremendo, com as mãos geladas, com sensação de falta de ar, falando de forma incoerente, assustada... e sem saber por quê!

Pedimos que se explique e ela só chora, diz que tem medo. Mas... medo *de quê?* Ela não sabe, mas está apavorada. Das duas, uma: ou banimos a pessoa, considerando-a esquisita, pouco espiritual... ou a delegamos à listagem das pessoas oprimidas e que precisam urgentemente de libertação. “Sem dúvida, algo Demoníaco forte está sobre essa vida”, pensarão muitos. Bom, é fato que ela precisa de libertação, mas talvez não da forma como estamos pensando. Pois a pessoa está *doente*, e o que expressa de forma corporal e psíquica, mas não sabe explicar, são sintomas da Neurose de Angústia, e talvez nós não reconheçamos essa condição! Certamente será necessária, como parte do tratamento, psicoterapia associada ou não a medicamentos. Isso provavelmente não vai passar pela mente da maioria dos Cristãos. Mesmo se passasse, não seria muito bem aceito. Dificilmente o Cristão se submete – ou indica alguém – à psicoterapia. Uma pessoa com esse quadro, apesar de ser bom que receba oração – claro que Deus pode agir – ainda assim deve ser tratada com delicadeza, e certamente não irá se beneficiar de gritos e unções com óleo no momento de crise. A exposição certamente só trará mais angústia, porque provavelmente não vai funcionar. E se não funcionar, a Igreja deixará essa pessoa para lá. Ninguém gosta de quem “não tem Fé e não quer se ajudar”. Deixam de lado. Ninguém quer saber de doentes que não se curam! É fácil confundir isso com “opressão”, embora saibamos que entidades podem causar tais sintomas também, e ser de fato opressão. Como saber, então? O discernimento real é imprescindível. Porém, daremos mais à frente maiores elementos que nos ajudarão a separar as causas naturais das espirituais, sem, contudo, invalidar a máxima que é ouvir a direção do Espírito Santo, sempre. Desde que haja capacitação para isso através de vida real com Deus.

Estamos tentando, por todos os meios, ir à base de tudo, à gênese mais profunda das coisas para que, com conhecimento e sabedoria, possamos nos permitir ser trabalhados e tratados por Deus.

– Fobias – Fobias são dirigidas a determinados objetos ou situações do Meio Ambiente, e existe uma *angústia invencível* referente a eles. Por exemplo: atravessar uma rua ou uma praça (agorafobia); permanecer em lugares apertados ou salas fechadas, como elevadores (claustrofobia); entrar no meio de uma multidão; viajar de trem, navio ou avião; lugares altos (acrofobia); pavor de certos animais, inclusive os mais inofensivos etc... os conteúdos são tão numerosos quanto os objetos e situações do Meio Ambiente! Os temas das fobias não devem ser confundidos com suas origens,

pois elas têm caráter simbólico e são meramente seus objetos substitutivos. O medo de entrar numa situação dessas – a assim chamada “angústia de expectativa” – tem efeito reforçador sobre o sintoma, no sentido de um círculo vicioso. Por exemplo, a eritrofobia é o medo de ficar vermelho. Na raiz do conflito instintivo encontra-se o medo de “algo” – no caso, ficar vermelho – e esse medo leva o consciente da pessoa à sensação de que terá que envergonhar-se, que possa ser “descoberta”. Então, os sinais de vermelhidão no rosto, ainda que a princípio sejam naturais em qualquer um, nessas pessoas assumem significados centrais devido à consideração crescente de que o rubor é traiçoeiro para elas. Contribui para um aumento da insegurança, o que produz ruborização antes do tempo, e tão intensa que por fim torna duvidoso qualquer desdobramento livre na vida dessa pessoa (angústia de expectativa). As Neuroses de Angústia e as Fobias são reações a conflitos não resolvidos. A Fobia é entendida particularmente como um processo elementar, “arcaico”, de transformação no inconsciente: tensões instintivas ou sentimentos de culpa são rejeitados, e o medo é deslocado para alguma realidade do Meio Ambiente. Esse processo garante uma certa proteção contra exigências instintivas incompatíveis. Uma mulher que não encontra realização no seu casamento é protegida pela fobia de sair às ruas para que não se deixe levar a uma situação sedutora, por exemplo.

A angústia está presente em várias síndromes neuróticas, mencionadas ou não aqui: nessas neuroses de angústia, nas fobias, na síndrome de conversão, em pacientes hipocondríacos, na fobia cardíaca (sem nenhuma lesão existente, o paciente tem medo de que o coração pare, e ele morra); em estados compulsivos pode haver angústia entrelaçada também. E ela surgirá nas Psicoses, as quais mencionaremos mais adiante. Porém a angústia psicótica distingue-se da angústia neurótica pela gênese, pela natureza e pela forma de se manifestar.

Pode parecer estranho falar sobre estes temas neste livro, mas estamos tratando de Cura. E Cura, afinal, envolve muito mais do que temos ouvido até então: “Fui curado da dor de cabeça”, ou “Fui curado da dor nas costas”, em cultos, assim, na hora, com pessoas apáticas que aparentemente nem estão rejubilantes pela sua Cura. Estamos tentando falar de problemas (doenças) reais para falar de Curas reais!

– Síndromes de Alienação – “Despersonalização” é uma perturbação da vivência do “Eu”, da consciência de si próprio. Ela existe quando percepção, sensação corporal, sentimento, pensamento e ação já não são

experimentados como pertencentes ao “Eu” e “propriamente meus”, e quando se perdeu o relacionamento natural com isso. Esse processo psíquico – a Alienação – é muito estranho para quem não faz parte do “metiê”. Já quando o Mundo Externo – o Meio Ambiente da pessoa atingida, seu mundo existencial, o ambiente externo da sua vivência – for incluído na Alienação, fala-se em Desrealização. Despersonalização e desrealização são “dois lados de uma perturbação de comunicação”. Sintomas: pacientes com despersonalização declaram que o relacionamento vivo para consigo mesmo e para com o Meio Ambiente se perdeu. A alienação se manifesta de início como se alguma coisa não estivesse bem em ordem com a cabeça; não se trata de dor de cabeça, mas de uma sensação pesada e apática, parecida com tontura; como se houvesse um aro ao redor da cabeça ou uma tábua à frente da testa, ou um véu perante a vista, como neblina que se põe diante dos olhos etc. Eles não conseguem pensar ou ver claro. Por isso muitos pacientes procuram o Oftalmologista primeiro. A alienação começa, portanto, em parte, no campo da perturbação óptica, ou seja, no ato perturbado de ver. O próprio conhecer fisionômico é alterado. Os pacientes olham no espelho para se assegurarem de si mesmos, mas seu rosto tem para eles algo de estranho. Mais tarde os doentes dizem que são estranhos a si mesmos, que estão como que diante de uma outra pessoa. Percebem seu pensar como não pertencentes a eles, seu sentimento como impessoal, seu agir como mecânico. Ao mesmo tempo, estão conscientes de que, apesar disso, *são eles mesmos*, de que suas imaginações, tendências e comportamentos pertencem a eles; mas a esse conhecimento racional não corresponde à certeza sentimental imediata. Eles não dizem: “Isso não sou eu...”; mas “É *como se eu* não fosse aquele quem pensa, sente, faz isso...”.

Também o corpo ou partes do corpo separadamente podem cair na alienação. O corpo não é mais familiar ao paciente, seus movimentos são percebidos como automáticos; uma perna é sentida como algo estranho, como algo não naturalmente pertencente a seu corpo. Também aqui o doente *sabe* que se trata de seu braço que ele sente e pode movimentar; mas a vivência da “qualidade possessiva” se perdeu. No ambiente externo, por exemplo, há muito que não lhe são mais familiares os utensílios domésticos; eles parecem diferentes ou desconhecidos, como se antes não tivessem sido observados como realmente são. Vistos pela janela, os arredores parecem diferentes de outrora, não tendo mais a naturalidade habitual. Primeiro

algumas áreas do Meio Ambiente são alienadas; mais tarde, a desrealização se alastra.

Despersonalização e desrealização são modos de reação psicogênica não específicos. Podem ser enquadrados na sintomatologia residual, por exemplo, de uma psicose endógena, mas podem também determinar um quadro situacional. As Síndromes Neuróticas de Despersonalização manifestam-se preferivelmente após a puberdade. Podem ser de natureza passageira, mas também tornar-se crônicas. Numa parte dos casos vem a ser neurose obsessivo-compulsiva. No entanto, vivências de alienação muitas vezes podem passar despercebidas. Isso tem várias causas. É próprio da natureza destas perturbações que os pacientes não tenham tendência de falar nelas. A não ser que possuam expressão muito forte e dolorosa. Igualmente, na busca de perturbações psicopatológicas nem sempre o Médico se lembra de, por si, perguntar sobre vivências de alienação. Afinal não é fácil para o paciente e nem para o Médico encontrar formulações certas no diálogo diagnóstico para esses sintomas estranhos e difíceis de serem descritos. Visto que vivências de alienação ocorrem nas mais variadas doenças psíquicas – não somente em neuroses – o diagnóstico deve ser sempre realizado com fundamento na situação psicopatológica geral. As síndromes de despersonalização que ocorrem em psicoses esquizofrênicas devem ser consideradas mais sérias; esquizofrênicos podem sofrer de vivências de alienação, sobretudo no início do seu adoecimento. A despersonalização esquizofrênica é fundamentalmente diferente da neurótica também pelas demais características da doença, em particular a vivência do “ter sido feito algo a ele” e do “ser dominado” (veremos mais adiante). Muitas vezes o esclarecimento definitivo depende da observação da evolução da doença.

As síndromes de despersonalização são de difícil tratamento. Nas formas neuróticas, indica-se psicoterapia analítica. Medidas somáticas de tratamento (psicofármacos, eletroconvulsoterapia) nestes casos, não dão bons resultados. Se a vivência de alienação estiver associada com uma fase melancólica elas são tratadas com antidepressivos, e no caso de esquizofrênicos, com neurolépticos. Cremos que mais uma vez esses pacientes poderiam ser submetidos a sessões de exorcismos e às mais esdrúxulas situações dentro de algumas Igrejas. Será que alguém pensaria em mandar essa pobre pessoa a um Psiquiatra?!

– Neurose Compulsiva – Existe compulsão quando conteúdos do pensamento, ou impulsos de ação – que se impõem repetidamente e não

podem ser suprimidos, apesar de reconhecidos como sem sentido ou, pelo menos, sem motivo – dominam o pensar e o agir. Quando não se cede a esses impulsos, surge uma angústia insuportável! Não são os conteúdos da compulsão que representam o patológico, mas seu caráter dominante e a incapacidade de reprimi-los. Sinônimos: anancasmo; reação obsessivo-compulsiva.

Existem fenômenos compulsivos mais leves, que ainda pertencem à esfera psicológica normal, e que acontecem, sobretudo em estruturas anancásticas (personalidades que tendem a ser extremamente exatas em todas as esferas da vida; desde a ordem no guarda-roupa até os relacionamentos interpessoais; a desordem nas mínimas coisas é insuportável. Este é o solo no qual pode surgir, mais provavelmente, uma sintomatologia compulsiva). Estes fenômenos compulsivos discretos podem ocorrer mesmo na ausência de quadros psicopatológicos. Fenômenos compulsivos mais graves encontram-se na Neurose Obsessivo-Compulsiva que se manifesta geralmente durante ou pouco depois da puberdade. Há todas as graduações entre os fenômenos anancásticos que ainda pertencem à esfera normal até as evoluções progressivamente graves, nas quais as manifestações compulsivas estreitam o espaço vital de maneira insuportável. Fenômenos compulsivos também podem acontecer em psicoses endógenas, sobretudo em fases melancólicas. Em pequena porcentagem dos doentes melancólicos a sintomatologia compulsiva é tão marcante que se fala de uma “Depressão Anancástica”. Em esquizofrênicos os sintomas típicos da compulsão são mais raros, mas podem dominar ocasionalmente a fase introdutória da doença. Compulsões podem estar associadas a doença organocerebrais como esclerose múltipla e epilepsia (falaremos depois).

São “normais” os rituais obsessivos na ocorrência das seguintes circunstâncias: quando, por exemplo, não se consegue ficar livre de melodias, nomes, rimas, ritmos ou sequência de palavras (ideias parasitas); quando não se consegue deixar de contar batidas de sino, degraus de escada ou desenhos numa parede; quando por motivos de higiene pedante não se pode sentar à escrivaninha sem colocá-la em ordem, ou entrar num quarto sem faxiná-lo; quando se pensa em assegurar de terem sido excluídos minuciosamente quaisquer enganos; quando inclusive se acredita que situações incertas para o futuro devam ser conjuradas e protegidas por formas mágicas (bater na madeira três vezes e dizer: “isola!”). Nisso deve-se incluir também os rituais obrigatórios no comer, fumar, ir para a cama –

hábitos fixos que não são sentidos como tormento e que por distração ou influências externas podem ser *interrompidos sem aparecimento de angústia*.

A compulsão patológica é diferente disso, menos pelo conteúdo. Fundamentalmente pela *intensidade*. Ela é determinada sobretudo pela dinâmica da angústia. Dessa compulsão o paciente não consegue distanciar-se. Ele não consegue subtrair-se e dela se esquivar; a ela está totalmente entregue. A compulsão patológica manifesta-se no pensar (imaginações compulsivas, obsessões), na esfera dos sentimentos, impulsos e tendências (impulsos compulsivos), e na conduta (ações compulsivas, compulsões). A estrutura de personalidade dos neuróticos compulsivos é caracterizada por um acentuado confronto entre Id e Superego: a esfera impulsiva e a consciência são estruturadas com força igual. Disso resulta essa ambivalência marcante.

→ Imaginações compulsivas: determinadas pelo sentimento de angústia de que algo ruim possa acontecer, cair de alguma altura, ser atropelado etc. O que possa acontecer nesse sentido a algum dos familiares, para esses pacientes é sentido como se fossem culpados do ocorrido.

→ Impulsos compulsivos: o paciente sente que poderá prejudicar a outros como, por exemplo, cair de uma janela e machucar o transeunte; com uma faca na mão, ferir ou mesmo matar alguém; pronunciar obscenidades ou blasfêmias, enfim, querer, pensar, ou fazer algo proibido (De novo: muitas dessas pessoas seriam exorcizadas!). Portanto, impulsos compulsivos são preferencialmente do tipo agressivo. Os doentes, embora não cedam a esses impulsos compulsivos, têm a sensação de não serem livres. E o fato desses conteúdos agressivos se apresentarem tão penetrantes proporciona a eles, em face de seu sentimento ético fortemente marcado (anancásticos), motivos para mais sentimentos de culpa e outras angústias.

Ação compulsiva: por exemplo, contar tudo o que existe, e tudo deve ser sempre contado de novo. Na compulsão controladora há a necessidade premente e repetida de ver se a luz está desligada, a porta trancada, a chave de gás fechada, se a carta foi colocada corretamente etc. Na compulsão de ordem deve ser repetidamente restabelecida uma ordem determinada no guarda-roupa, sobre a escrivaninha, ou deve ser observada uma sequência de afazeres diários. Um paciente com compulsão de limpeza deve, ininterruptamente, lavar vigorosamente as mãos e outras partes do

corpo, ou até o corpo inteiro, até a maceração da pele ou até a incapacidade de fazer outra coisa que não seja se lavar.

O paciente repele essas ações compulsivas que ele considera sem sentido... mas sem resultado!! Se ele deixa de controlar, arrumar, lavar etc... surge o medo de que algo possa perder-se, de que alguma desgraça possa acontecer por sua culpa, de que possa infeccionar alguém. Essa angústia só pode ser remediada por novas ações compulsivas. Particularmente tormentosas são as associações de contrastes entre imaginações obscenas e santas, um constante antagonismo de impulsos proibidos com preceitos morais. Os sintomas de compulsão têm a tendência de alastrar-se, aumentando de intensidade e de número de repetições. Impulsos e ações compulsivas devem servir para repelir a angústia: eles visam à segurança e têm de evitar algo pior (na visão doentia do paciente, é claro). Atrás de fobias (onde pelo menos o objeto da fobia pode ser evitado) e de compulsões, não raramente oculta-se a angústia da morte.

Entende-se por Doença Compulsiva, ou Síndrome Maligna de Compulsão, os fenômenos mórbidos insidiosos que começam sem motivo aparente, progridem gradativamente e o prognóstico é extremamente desfavorável. Vão dos mais intensos pensamentos compulsivos e ações compulsivas, até a incapacidade de viver. Sua etiologia (causa) é pouco esclarecida, sendo provável que façam parte decisiva alguns fatores organocerebrais.

O aparecimento dos fenômenos compulsivos em doenças psiquiátricas das mais diversas mostra que a compulsão é um dos mais frequentes sintomas. Não são maneiras tão específicas de reação psíquica do Homem, semelhante à angústia e à depressão. A experiência Clínica ensina que os fenômenos compulsivos não podem ser reduzidos a uma única gênese, mas são condicionados de forma multifatorial. Ainda assim não se isenta e nem se discute o fator genético predisponente como fator importante. O modo anancástico de reação é evidentemente favorecido por uma educação rígida, severa, com exigências inexoráveis de ordem e limpeza, higiene exagerada da criança pequena, proibição de experiências sexuais com ameaças de castigos e, de modo geral, frustrações das necessidades instintivas da criança, sobretudo dos sentimentos edípicos. Muitas ações compulsivas revelam o caráter de uma tendência de autopunição em face de um Superego excessivamente acentuado, que com o tempo assumiu a função daquelas proibições que agiram contra a evolução instintiva normal. O neurótico compulsivo sofre muito e muitas vezes se encontra em estado depressivo

sério. A defesa neurótica compulsiva alivia menos que a conversão, já citada anteriormente. Sem tratamento, essas neuroses compulsivas em mais de 75% dos casos têm evolução crônica; mesmo após medidas terapêuticas, o prognóstico muitas vezes é desfavorável. Em vista dos precários resultados terapêuticos, esses distúrbios são os “filhos mais difíceis” da Psicanálise. Até mesmo certo tipo de cirurgia cerebral é passível de ser usada em casos severos e sem resposta. O adversário sabendo das fragilidades da família perpetua ao longo das gerações situações que desencadeiam o processo destrutivo. Ele conhece suas fraquezas, e é nelas que se concentram os ataques.

Sobre a Cura Médica das Neuroses: A Psicoterapia é importante. Não podemos, nem devemos, negligenciar os recursos da Ciência. Psicoterapia – *se bem indicada e bem-feita* – pode ser uma das armas do arsenal não muito extenso de que dispomos em termos de doenças cerebrais. Curas espontâneas das neuroses em geral são incomuns. Os métodos psicoterapêuticos são múltiplos, mas é de vital importância para esses pacientes; o tratamento indicado dependerá do tipo e da gravidade do distúrbio, da estrutura da personalidade e da situação de vida do paciente, além da capacidade e formação do psicoterapeuta. Observe que não é qualquer “análise” que será benéfica, até pelo contrário.

Conhecemos o caso de uma pessoa que precisava muitíssimo de suporte psicoterápico, mas a postura absolutamente inadequada do terapeuta – logo na 1ª consulta – fez com que essa pessoa (convencida arduamente da necessidade de ajuda, e tendo enfim concordado em tentar), nunca mais pusesse os pés num consultório psicoterápico.

Por isso procure o melhor dentro daquilo que o Senhor direcionar, porque Ele terá o melhor. E se não encontrar um vaso disposto a ajudar alguém com poucos recursos – já que a psicoterapia é um tratamento caro – Ele usará de Seu Poder para realizar o impossível. O importante, nesta longa narrativa sobre os distúrbios mentais mais leves, é principalmente alertar e orientar. Dentro de nossas Igrejas há terreno fértil e ignorância no assunto, de forma que – se estamos falando em Cura Emocional – temos que ir a fundo no assunto. Muitos precisam de terapia, e isso não é vergonha para ninguém! Na maior parte dos casos, especialmente em se tratando do sexo masculino, a terapia não pode ser realizada por pressuposições pessoais e preconceitos desfavoráveis, inclusive dos que estão ao redor, dando palpites sem conhecer nada sobre o que estão falando, e somente promovendo mais

confusões e mais adversidades. “Falta de tempo” é outra desculpa. Espero que, se Deus o convencer da necessidade do tratamento, não seja essa sua desculpa. O que *nós* podemos fazer, via de regra o Senhor não fará no nosso lugar. Se Ele orientar a psicoterapia, Ele também dará as condições. Neste caso, orientamos que, preferencialmente, seja um psicoterapeuta Cristão.

No caso de um paciente claramente neurótico recusar-se à terapia por qualquer motivo, nada resta senão começar um tratamento medicamentoso que venha, em breve, a atenuar os sintomas neuróticos a fim de possibilitar o início da terapia. Não fazer *nada*, entregar pacientes a seu próprio destino ou colocá-lo em longas listas de espera contradiz a própria ética médica. Irmãos, alerta! Podemos estar incorrendo em crimes quando agimos desta forma com pessoas que necessitam de auxílio Médico. Esse estudo não capacitará ninguém a dar um diagnóstico! Mas abrirá a visão para um problema que existe, inclusive em nosso meio; e que não pode continuar. De tudo o que fizermos, daremos contas ao Senhor. “Longas listas de espera e descaso” são tão frequentes em serviços de Saúde Públicos como em Igrejas! Muitos de nós temos agido de forma antiética, assustadora e desonrosa em Nome de Cristo. Se a Ética Médica se contradiz ao deixar um paciente à própria sorte, que se dirá da Ética Cristã quando fazemos igual, ou pior? Como ficamos diante de Deus?

– 2. PSICOSES: termo relacionado à doença mental.

– Psicose Endógena – No início de sua sistematização, a Psiquiatria dependia da orientação clínica. Uma enorme quantidade de doenças e sintomas eram descritos sem que com isso se obtivesse uma taxonomia (classificação) convincente. Um princípio de classificação, no caso das Psicoses, só foi possível depois de considerar, além da sintomatologia, também a evolução da doença. Há dois grupos principais: as Esquizofrenias, com seus subgrupos e quadros variáveis, mas sempre com evolução sistemática, crônica e progressiva; e as Ciclotimias (Psicose maníaco-depressiva, ou Distúrbio Bipolar). Essa divisão das Psicoses, mais tarde chamadas de “Endógenas”, não foi aceita sem discussão por diversos motivos, porém é até hoje usada pela Psiquiatria em todo o Mundo praticamente sem exceções.

– Esquizofrenia: Para entender a Esquizofrenia, temos que abordar rapidamente dois aspectos fundamentais da doença: o DELÍRIO e a ALUCINAÇÃO.

– Desenvolvimentos delirantes:

São vários, impossível descrever aqui. Mais uma vez, para maiores informações consulte nossa fonte bibliográfica ou pesquise em *sites* e literaturas apropriadas. Vamos ater-nos ao básico. A pesquisa psicodinâmica do Delírio teve início com os trabalhos de R. Gaupp sobre a “paranoia” do professor primário Wagner, e dos estudos de E. Kretschmer sobre o delírio sensitivo de referência; este último somente vamos mencionar de passagem aqui por seu pesquisador ser pioneiro neste tipo de estudo.

O “caso Wagner” teve um impacto e uma influência considerável sobre o desenvolvimento da Psiquiatria: em 1913 o prof. Wagner, 39 anos, matou a mulher e os quatro filhos. Numa outra localidade onde tinha trabalhado anteriormente incendiou várias casas e matou a tiros nove homens e feriu gravemente outros onze. Wagner foi submetido a exame psiquiátrico na Clínica Neurológica Tübingen. Gaupp constatou o seguinte: Wagner foi sempre um indivíduo muito sensível, demonstrando por um lado grande susceptibilidade e insegurança e, por outro, tinha uma acentuada ambição e ideias de renovar o Mundo. Sua vida sexual tinha sido repleta de conflitos. Certa vez, após a ingestão de bebidas alcoólicas ocorreu um ato sodomítico. A partir de então começou a desenvolver-se o delírio desta pessoa dotada de uma consciência especialmente sensível. O sentimento de culpa foi projetado nas pessoas à sua volta. Wagner sentiu-se escarnecido e desprezado pelos habitantes da Aldeia em que vivia, os quais, em sua opinião, sabiam de tudo. Quando na realidade *ignoravam* tudo. Vivia com medo de ser preso. O delírio ampliou-se em delírio de perseguição. Duas vezes conseguiu ser transferido para outros lugares, a seu próprio pedido. Mas nas duas vezes começou a julgar que também nessas localidades seus vizinhos conheciam seus atos, e isso por meio de seus vizinhos anteriores. Contra estes, seus “perseguidores”, dirigiram-se agora as agressões em que se transformaram suas autoacusações, por meio de projeção. Finalmente vingou-se deles por meio de um banho de sangue, o que considerava um castigo justo, “uma questão de honra para a Humanidade”. O plano fora excogitado durante quatro anos. Transferiu o sentimento de culpa também aos membros de sua família e por isso exterminou-os.

O caso Wagner chamou atenção sob dois pontos de vista diferentes: na opinião pública, que não aceitava a não condenação de um assassino em massa; e na área especializada, à qual pela primeira vez foi demonstrada a derivabilidade de um delírio. Gaupp testou seu diagnóstico por meio de

repetidos testes durante 24 anos, até a morte de Wagner. Mais tarde Gaupp publicou um segundo caso semelhante, que se referia novamente a um professor primário (“Caso Hager”) com um desenvolvimento delirante que igualmente levou a um assassinato revoltante para a opinião pública.

A palavra esquizofrenia faz lembrar de Andrea Yates, que sofria também de depressão, e afogou os filhos na banheira para “salvá-los do Demônio”. Foi presa por isso.

– O Delírio: desde sempre ele ocupou uma posição central na pesquisa Psiquiátrica. O delírio, a “loucura”, durante muito tempo foi considerado o distúrbio mental por excelência. Definir o que é delírio não é tão fácil, pois não há definição satisfatória sob todos os aspectos. Na prática, porém, é perfeitamente acessível e praticamente sem erros o seu diagnóstico. Tentemos esboçar algo: por si só é uma condição em que há perda da crítica; em palavras mais fáceis de assimilar, o indivíduo delirante perde o senso da realidade e acredita piamente em outra realidade – virtual – não podendo ser convencido da “realidade real”. Grosso modo, chamamos essa condição de “perda de crítica”. Se definirmos “crítica” como sendo a capacidade de analisar a realidade, com uma apreciação e julgamento minuciosos dela, no delírio isso está ausente. Portanto, dentre os diversos “temas delirantes” mais frequentes, o paciente está imerso em uma realidade que só tem sentido para ele, e cujas implicações diretas ou indiretas sobre ele e/ou outros também estão imersas na mesma condição delirante. O verdadeiro delírio não pode ser refutado; ou seja, é quase impossível convencer ou “esclarecer” os equívocos do paciente em delírio, por mais aberrante que ele seja.

Os principais temas:

– Delírio sensitivo de referência – forma mais comum; ocorre muitas vezes no início de uma esquizofrenia. O doente julga que isto ou aquilo que está acontecendo ao seu redor só está acontecendo *por causa dele* e tem a finalidade de *indicar-lhe* alguma coisa. Por exemplo, o que se diz no rádio ou no jornal, o sermão do padre, um olhar, uma tossida, um riso. Mais do que isso, o doente considera suspeito não só o que as pessoas dizem e fazem, mas também o que não dizem, o que estão tramando ocultamente, o que combinam na ausência do interessado, o que arquitetam pelas suas costas.

– Delírio de prejuízo – o doente vê o que acontece ao seu redor não só como referido a ele, mas *contra* ele. Se não estão literalmente pretendendo destruí-lo, no mínimo querem ofendê-lo, prejudicá-lo e diminuí-lo. Injustiça

na distribuição do trabalho, ardis por parte do dono da casa, prejuízo por parte das autoridades.

– Delírio de perseguição – avançando além do delírio de prejuízo, fatos inócuos do ambiente são sentidos como sinais de ameaça e perseguição. Tudo começa com um sentimento sinistro de que há algo em andamento (tensão de delírio). O Mundo se apresenta alterado, aterrorizante, ameaçador, sem que o doente possa indicar algo de definido. Depois segue a interpretação concreta: ele, paciente, está sendo considerado criminoso, estão armando um complô, planejando uma ação de destruição contra ele. Por sua causa carros andam assim e assim, há policiais em movimento, o que sem dúvida se refere a ele. Aqui e ali já colocaram pedras em seu caminho; apenas estão esperando... primeiro atormentá-lo bastante para depois abatê-lo. Pensa que vão envenená-lo, matá-lo com gases venenosos etc. A temática é determinada pelo mundo da vivência do doente; então ele fala especialmente dos poderes que considera obscuros, pavorosos e fatais. Cita maçons e judeus, ou comunistas, fascistas e nazistas, ou fala de radares, microfones e câmeras ocultas. Certas pessoas do ambiente, mais ou menos próximas do doente, são seus perseguidores, mandantes, instigadores ou cúmplices dos malfeitores. Muitas vezes, porém, essas suspeitas não são manifestadas, permanecendo enrustidas na mente doentia. Este delírio é particularmente frequente nas esquizofrenias.

– Delírio erótico – mais frequente em mulheres do que homens; a paciente se julga amada por um homem que apenas não quer admitir essa relação. Mas acontece que normalmente ela nunca nem sequer *falou* com o dito-cujo, ou o conhece apenas de passagem. Embora não haja nada, ela acredita que ele expressou seu amor por meio de gestos, olhares e todo o seu comportamento. O fato de tudo não se tornar mais explícito é o fato do homem ser casado ou haver outros laços familiares que o impediriam.

– Delírio de ciúmes – mais frequente nos homens que nas mulheres; o paciente está absolutamente convencido da infidelidade da esposa, mesmo que não tenha provas ou indícios. Em vez de provas, faz afirmações grotescas sobre a suposta vida desregrada da mulher. Quando se pedem dados, ele apenas diz que ela levou muito tempo se penteando, ou fazendo compras, ou olhou de forma significativa dentro do ônibus. O absurdo das ideias e a incorrigibilidade tem mais valor para o diagnóstico do que qualquer outra coisa.

– Delírio de grandeza (megalomania) – o paciente superestima sua própria pessoa, sua importância, capacidade e ações. Os conteúdos podem estar dentro do campo do possível ou pelo menos do imaginável. Mas geralmente ultrapassam esses limites, chegando até as ideias mais extravagantes de um poder sem limites, riquezas incomensuráveis, capacidade para uma renovação revolucionária do Mundo. Alguns pacientes acreditam que são chamados e escolhidos para a grandeza, consideram-se um salvador, um redentor, um deus etc... e fundamentam isso com inspirações e ordens de vozes supraterras ouvidas em experiências e vivências alucinatórias. Às vezes o ambiente em derredor é envolvido no delírio e os demais pacientes internados são pessoas de alto nível. Este tipo de delírio também é frequente na esquizofrenia. Quando visitamos um centro psiquiátrico conhecemos um homem que afirmava veementemente que ele era Napoleão! Também fato recente quando estava lendo jornal (ocasião em que craque de futebol Argentino, Diego Maradona, estava internado em uma clínica de recuperação), onde destacava-se a notícia de que Maradona “conheceu” na clínica que estava internado um homem que secretamente disse a ele: “eles nem imaginam quem eu sou. Sou Diego Maradona!”. Seria mesmo cômico se não fosse trágico. Interessante salientar que pessoas assim podem atrair seguidores. Vemos casos de homens que se dizem ser Jesus Cristo, e que abarcam muitos seguidores.

– Delírio de “pequenês” – delírio niilista, o oposto do delírio de grandeza. O paciente não vê mais nada em si que não seja impotência, nulidade, perda. Este estado pode desenvolver-se até o delírio niilista, quando o doente pensa que não existe mais “realmente”, que não vive mais, ou só aparentemente. Nega não só a própria existência mas também a dos familiares. Julga que nunca teve um filho, que o Mundo não existe mais. Tais temas são mais próprios da melancolia; eventualmente encontram-se nos esquizofrênicos.

Estes são os temas principais. Contudo, é importante lembrar e saber que o contexto temático do delírio depende de influências sócio-culturais e históricas. Assim, nas últimas décadas diminuiu o número de delírios de grandeza e de delírios eróticos, mas aumentaram os delírios hipocondríacos. No delírio de perseguição diminuiu a temática sexual e aumentaram as ideias de envenenamentos e gases tóxicos, pois faz parte do Mundo em que vivemos hoje. Assim, podemos inferir que no Meio Evangélico, se não cultivado em bases Bíblicas verdadeiras, podem vir a favorecer alguns tipos

de delírios: culpas, pecados, flagelações, visões de “santos”, paranoias do Inferno, poderes dados por Deus, “profetadas”, Satanismo, Demônios, Batalha Espiritual, “missões” mirabolantes, revelações... infelizmente é bastante comum encontrar num Serviço Psiquiátrico pacientes com discurso totalmente Evangélico, revelando sua posição anterior como participante de uma Igreja. Que lhes teria acontecido? Lembram do caso já citado aqui da mulher com esparadrapo no umbigo para “impedir a entrada dos demônios”? Esta mesma jovem estava “paranoica”, em colocar “esparadrapos unguentos” em todos à sua volta. Era, para ela, uma espécie de “missão” para proteger as vidas dos “ataques de demônios”.

Imagine o que não seria algo assim dentro de uma *Igreja*? Um Líder inteligente, de personalidade muito forte, mas delirante... imagine o quanto não poderia haver de contaminação nesse lugar? Entenda que nesse nosso discurso de forma alguma estamos anulando o Poder de Deus, a ação do Espírito Santo e a veracidade do Evangelho! Estamos justamente tentando separar o “joio do trigo”, trazer entendimento e cautela, mesmo que a princípio o joio não saiba ser joio.

Também é fato que o doente do delírio, ao mesmo tempo, sob muitos aspectos, está inteiramente atento, pensa claramente, lembra-se e sente, é capaz de chegar a certos julgamentos críticos (não sobre o delírio, mas julgamentos de outra estirpe), faz contato e relacionamento humano. Eis o caráter específico mais perturbador à primeira vista. Somente destacando essa singular dicotomia, que vale especialmente para o esquizofrênico, é que se chega mais perto da compreensão da peculiaridade da vivência do delírio. A verdade também é que, embora mentalmente muito doentes, podemos não conseguir reconhecer essa situação de imediato em alguns dos pacientes, e conviver com essas pessoas de muitas formas, sendo até por elas influenciadas, particularmente se forem muito inteligentes. Houve um excelente filme que também enfocou de forma inusitada a questão do delírio: “Uma Mente Brilhante” (“*A Beautiful Mind*”), sobre John Nash, prodígio da Matemática, baseado no romance de Sylvia Nasar e estrelado por Russel Crowe. O delírio também é tema de outro filme recente, muito bom também, e para os cinéfilos ou quem tem muito interesse no assunto... chequem e assistam! “A Prova”.

Concluindo, observamos na descrição do caso Wagner e Yates a que ponto podem chegar as consequências de uma condição delirante. Não estamos com isso dizendo que todo assassino é doente, nem mesmo que não possa

haver, num delírio ou numa esquizofrenia, endemoniamento real. Estamos abrindo uma janela e por ela espiamos: aprendemos que a doença cerebral é real, e por vezes, como leigos, tendemos a criar explicações simplistas para o que não conhecemos. A Opinião Pública diz, sobre Wagner: “É um perverso que merece a pena de morte, um sujeito frio e completamente insensível”. Mas na anamnese de Wagner, observamos que ele era exatamente o oposto – sensível demais. A Igreja diz, sobre Yates: “É um caso clássico de possessão Demoníaca; ninguém lúcido mataria os próprios filhos a não ser pelo próprio Demônio”. Pode ser. Poderia ser mesmo uma mulher perturbada espiritualmente, mas temos, a partir desta leitura, de considerar a terceira hipótese: a de um psicótico não tratado em pleno surto. Temos que considerar a hipótese de doença, pura e simples. O delírio não é o único sintoma da Esquizofrenia, mas é um dos importantes, por isso fazemos menção específica antes de ir adiante.

– A Alucinação: poderia ser descrita como percepções errôneas no campo dos sentidos físicos, ou “ilusões dos sentidos”. Estendem-se a todas as áreas sensoriais, portanto podem ser táteis ou corporais, auditivas, visuais, olfativas, do paladar. A do olfato e do paladar ocorrem com muito mais frequência na epilepsia, mas podem ser sintoma inicial de uma esquizofrenia. Se o delírio é tratado no capítulo dos “distúrbios do pensamento”, a alucinação tem como título “distúrbios de percepção”. Entretanto, como delírio e alucinação vêm estreitamente ligados na vida psicótica, devem ser estudados conjuntamente. Da mesma forma que no distúrbio delirante, o paciente alucinado está firme e incorrigivelmente convencido da realidade daquilo que vive. Não precisa de confirmação. Aqui reside a íntima relação com a vivência de delírio. As alucinações distinguem-se das percepções normais pelo fato de não serem desencadeadas por um objeto externo, isto é, por nenhum estímulo sensorial. Contudo, têm caráter elementar e são sentidas corporalmente (de forma real).

Alucinações auditivas ou acústicas podem ser ruídos ou vozes; em esquizofrênicos geralmente vozes em forma de conversa que falam ao paciente, ou sobre o paciente, ou que lhe dão ordens; podem também ser vozes que acompanham a ação do doente, fazendo observações a respeito. As alucinações visuais ocorrem principalmente em doenças de base orgânica, mas podem aparecer nas esquizofrenias. É típico do delírio o aparecimento de cenas onde participam numerosas pequenas figuras móveis. Embora o termo não seja o melhor, fala-se em alucinação negativa quando

um objeto ou uma pessoa *não* é vista, o que ocorre em hipnose com sugestão para isso e eventualmente em esquizofrenias. Alucinações táteis são geralmente corporais. Uma forma particularmente estranha é a alucinose tátil crônica, onde os pacientes se acham convencidos de que sobre sua pele se encontram bichinhos, insetos, vermes, parasitas ou micróbios. Queixam-se de coceira e formigação, não sendo possível convencê-los de que esses bichos não picam ou não estão realmente andando sobre sua pele. Descamações da pele ou partículas de sujeira são tidas como prova da existência dos bichos. A certeza com que a existência dos insetos é colocada é o que caracteriza o caráter alucinatório. Eles tentam eliminar os agentes com substâncias ácidas, desinfetantes, facas ou queimando suas roupas. Não há geralmente outros sintomas psicóticos associados na alucinose tátil crônica.

Outros distúrbios da percepção, mas distintos das alucinações:

– Ilusões – diferem das alucinações pelo fato de se basearem em impressões reais dos sentidos; mas os objetos da percepção aparecem alterados, sobretudo sob a influência de afetos intensos. Sob a influência do medo, o tronco de uma árvore parece ao doente um vulto espreitando. Uma roupa de banho pendurada é uma bruxa para a pessoa amedrontada. Portanto o princípio geral é a falsa interpretação de impressões reais dos sentidos.

– Paridolias – ilusões dos sentidos em que é acrescentada alguma coisa à percepção, isto é, além da realidade é ouvido ou visto algo mais. Por exemplo, palavras num ruído, ou figuras num tapete. Podem ocorrer em crianças e adultos sadios. Como sintoma de doença aparecem nos delírios e outros distúrbios de consciência.

– Fenômenos Eidéticos – imagens ou representações da imaginação intensa de pessoas sadias. Muitas vezes se trata da reprodução de objetos e cenas realmente vistas, que são dotadas com qualidade de percepção e localizadas no espaço exterior. Se há capacidade para tais imaginações vivas, especialmente entre os jovens (sonhos acordados que satisfazem a fantasia) e artistas, fala-se de pessoas eidéticas. Parapsicólogos relacionam a “segunda visão” com a eidética.

– Vozes interiores – fenômeno análogo ao das imagens eidéticas. Certos indivíduos de grande sensibilidade, mas sadios, experimentam os sentimentos de sua consciência sob esta forma. Falam em ouvir a voz de Deus (opinião dos especialistas e não dos autores, pois é claro que se pode ouvir a voz de Deus); aqui, contudo, é uma percepção audível mesmo, trata-

se de uma espécie de “falar em voz alta” de imaginações muito vívidas, mas não de alucinações, cuja origem os pacientes sempre localizam no mundo exterior. Antes de diagnosticar alucinações acústicas deve-se verificar se não se trata apenas dessas vozes interiores, que ainda podem pertencer ao campo sadio das pessoas.

Estas distinções com as alucinações reais foram enfocadas aqui porque parece bastante sugestivo, conhecendo a Igreja como está hoje, que estes sinais e sintomas, se aparecerem, sejam especialmente estimulados. Tanto para o Mal quanto para o Bem. Muitas vezes as percepções errôneas dos sentidos são tidas como verdade. Temos que aprender muito de Deus e de nós mesmos, sobretudo em relação ao potencial da nossa mente, tanto para a doença como para essas outras formas de ilusão. Muita coisa que vemos hoje em nosso Meio não passa desse tipo de fenômeno – como as “revelações” e o “ouvir a Deus” – e convencem, enganando a muitos. “...adivinhando-lhes mentira, dizendo: Assim diz o Senhor Deus; sem que o Senhor tivesse falado” (Ez. 22:28).

“Assim diz o Senhor dos Exércitos: Não deis ouvidos às palavras dos profetas, que entre vós profetizam; fazem-vos desvanecer; falam da visão do seu próprio coração, não da boca do Senhor” (Jr.23:16).

O Diabo, inclusive, tem todo interesse em manter essas percepções irreais como verdadeiras e a semente de Engano idem, sempre que lhe for vantajoso. Se as pessoas realmente acreditarem.. então é aí que ele avança. Note mais uma vez que o fato de estarmos dando um panorama Médico sobre a base e a sintomatologia de algumas doenças cerebrais *de forma alguma* invalida que estas mesmas doenças possam ter sido causadas por Demônios. Aliás, já foi dito que o Diabo tem particular preferência pelos ataques na mente, em todas as suas formas e graus. Vemos em nosso tempo muitos “sinais” em outras religiões, que não o Cristianismo. Satanás pode “criar” estes sinais falsos para alimentar o engano. Não foi o que ele fez na Inquisição? Durante séculos se acreditou estar perseguindo o mal. Quantas alucinações não podem ter ocorrido naquele tempo? E nos dias de hoje, estaríamos isentos?

O Cérebro é uma área ainda desconhecida; muito explorada, mas pouco decifrada, quase que um mundo dentro de outro mundo: a mente humana ainda é palco de incertezas e fonte de trabalho árduo no sentido de caminhar e ir além, quebrando as barreiras quase indecifráveis tanto dos processos fisiológicos como patológicos do órgão mais complexo do corpo. Por causa

de tantas dúvidas no funcionamento normal do cérebro, e mais ainda na fisiopatologia de doenças cerebrais, fica cômodo para Satanás escolher esse órgão como fonte excelente de ataque. Não que ele não cause outras doenças, vimos isso pela Bíblia. Mas a mente é lugar superestimado para o lançamento de setas envenenadas. Além da dificuldade em decifrar o cérebro, temos ainda, para piorar, dificuldades no tratamento, falta de tratamento – apenas medidas paliativas –, muitas recidivas dos casos e insucessos. Tateia-se no escuro, passo a passo, em relação às doenças cerebrais. Tudo isso é o que o Diabo mais gosta nessas enfermidades. Há o agravante do muito preconceito por parte da Sociedade, inclusive da família. O doente que sofre de um mal cerebral, se for grave, viverá isolado.

Além do que, já que eles – Demônios – se alegram em extremo com o sofrimento da Humanidade, é mais lisonjeiro para qualquer um deles plantar a semente da demência e da loucura, pois só quem já vivenciou algo assim pode supor o sofrimento indescritível sobre o doente e também sobre os familiares que, embora ainda possam *ver* estes doentes, sentem que a pessoa amada já “não está mais ali”. Isso é terrível! Nossa personalidade, nosso “eu” está na mente. Com ela adoecida gravemente, perde-se o “eu”. É como uma morte em vida. Por isso é interessante ao Diabo atingir a mente. Ele consegue, com isso, inviabilizar uma pessoa completamente, dependendo da gravidade do quadro que conseguir implantar. Veja: não acontece a mesma inadaptabilidade social se a pessoa ficar parálitica, ou tiver diabetes, ou hipertensão, ou enfisema pulmonar, asma, dores na coluna, cálculos, reumatismos, ou até enfermidades mais graves como as autoimunes ou o câncer. O tratamento para tudo isso é muito mais palpável, mais conhecido, mais avançado. Estas pessoas podem continuar ativas durante muito tempo. Mesmo pacientes com AIDS podem ser produtivos das mais diversas formas. Até mesmo o Apóstolo Paulo tinha seu espinho na carne, não é? E Timóteo vivia doente. Nem por isso eles deixaram de cumprir – e cumprir *bem* – a sua missão na Terra! Isso só é possível – permanecer ativo durante a doença – se a lucidez dos pacientes for preservada. Mas no caso da doença cerebral, isso pode não ser assim, e perdem-se pouco a pouco, de forma cruel, lenta, gradativa e inexorável, pessoas antes perfeitamente saudáveis.

Apesar do esclarecimento Médico, de *forma nenhuma* descartamos a hipótese de doenças cerebrais serem de causa espiritual. Lembra-se de quando falamos em “causas de doenças”? Existem doenças naturais – a pessoa ia ficar doente mesmo, independente de influência espiritual. Porém

há outras que estão doentes, seja do corpo ou da mente, estão com sintomas de neuroses, delirando, ou psicóticas completas porque houve, sim, manifestação espiritual. O Diabo pode *causar* e também *potencializar* doenças. O que queremos é fazer com que os Cristãos não se esqueçam das várias hipóteses acerca da causa de uma doença. Muito menos que ela possa ser, simplesmente, de causa natural. Não vamos nos esquecer de que, por vezes, o Médico é figura importante no desenrolar da história. Queremos que fique claro, e este é nosso sincero desejo, que haja mudança de entendimento a partir de agora. E este entendimento seja uma ferramenta a mais para a Libertação. “Meu povo perece porque lhe falta o conhecimento” (Os. 4:6).

Se queremos realmente – note bem... *realmente* – provar algo novo, e do Sobrenatural de Deus, precisamos antes de “renovação das nossas mentes”, precisamos da “Mente de Cristo”, precisamos da “sabedoria não humana, mas espiritual”, a qual é dada a quem pede e é pautada na Graça Divina; precisamos que “pela Igreja, a multiforme Sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos Principados e Potestades”... e não o contrário! São eles que, em sua sabedoria maléfica e sua sagacidade, têm nos enganado como a tolos. E ficamos correndo de um lado para outro, perdidos e embasbacados. Lembrando também de que estamos lidando com um adversário muito inteligente. Foi capaz de enganar até mesmo anjos. Imagine o que não faz com homens afastados de Deus?

ESQUIZOFRENIA.

– Definição: Já falamos de dois dos principais sintomas da doença, o delírio e as alucinações. Para completar o quadro, vamos expor de forma breve o restante dos principais sintomas, além de conceituar teoricamente a síndrome. Esquizofrenias são um grupo de doenças que se manifestam ora cronicamente, ora em surtos, e que podem estacionar ou regredir em qualquer estágio, mas sem permitir uma plena “*restitutio ad integrum*” (restituição integral). Ou seja, a cada surto psicótico, ou mesmo no estacionamento da doença por um período, a pessoa nunca mais será a mesma. A esquizofrenia caracteriza-se por uma alteração do pensar, do sentir e do relacionamento com o Mundo Exterior de uma forma específica, que não acontece em outros casos. Se a doença for acentuada, a personalidade perde a sua unidade. Ora é um complexo psíquico que representa a pessoa, ora outro.

Um complexo domina temporariamente a personalidade, enquanto as outras representações ou grupos de tendências permanecem “separadas”, e total ou parcialmente “inativas”.

– Ocorrência: a esquizofrenia é a psicose mais frequente se deixarmos de lado as psicoses da idade avançada. É de 1% a probabilidade de ser afetado pela doença, para a média da população (atingidos os 40 anos de idade). Ela se manifesta em todas as raças e culturas do Mundo, aparentemente com a mesma frequência em toda parte. Entretanto, como já comentado, os sintomas predominantes variam com as condições sócio culturais. Nos Hospitais Psiquiátricos os esquizofrênicos representam uma elevada proporção dos pacientes; eles constituem a maior parte dos pacientes hospitalizados permanentemente, chegando até a dois terços do total de pacientes internados. Ao que parece, homens e mulheres são igualmente afetados. Em cerca de 1% da população Mundial afetada, a maior parte permanece muito incapacitada por toda a vida adulta. Diferente de gênios como Nash, muitos demonstram inteligência abaixo da média, e o QI após a instalação da doença pode declinar ainda mais.

– Sintomatologia: a esquizofrenia é uma doença da personalidade total, afetando a zona central do “Eu” e tendo como consequência uma estrutura vivencial alterada. Observando a história do paciente geralmente notamos uma alteração *súbita* da estrutura da personalidade. Quase que poderíamos chamar de uma quebra da sua linha de vida. Entretanto, no caso de manifestações latentes (ocultas, dissimuladas) podem ser confundidos os limites entre manifestações sadias e manifestações doentias iniciais. Tanto num como noutro caso o doente não apresenta sintomas esquizofrênicos durante um período mais ou menos fácil de delimitar, mas “é” esquizofrênico. Podemos distinguir sintomas básicos e sintomas complementares.

– Sintomas Básicos (cognitivos, ou negativos – menos graves, porém mais perniciosos):

– Distúrbios do pensamento (que ocupam o primeiro plano), são caracterizados por confusão mental: a pessoa tem dificuldade de “pensar estruturadamente” durante muitas horas; o pensamento torna-se desconexo e ilógico; em casos extremos não se ouve mais nada de inteligível, mas apenas palavras desconexas ou pedaços de palavras. O pensamento pode ir e vir tão rapidamente que não é possível “retê-lo”. Porém, este pensamento confuso pode ter um sentido em si mesmo, isto é, dentro da vivência psicótica. Os

distúrbios de pensamento se caracterizam por uma série de outros aspectos típicos. Por exemplo, a ruptura de ideias, ou “bloqueio do pensamento”: o raciocínio estanca repentinamente, às vezes no meio da frase; não conseguindo concluir o pensamento o doente silencia, sentindo-se mal por ter consciência do que está acontecendo. Porém ele pode experimentar isso numa vivência de delírio, isto é, como se o pensamento lhe fosse “roubado”, ou usurpado. Às vezes até culpam pessoas específicas por isso. Outro exemplo de desordem do pensamento é a desintegração dos conceitos: os conceitos perdem sua significação exata e sua delimitação precisa em relação a outros conceitos. São amalgamados entre si significados diferentes, em parte incompatíveis sob o ponto de vista lógico (contaminações). O que caracteriza a esquizofrenia é o fato do pensamento confuso não ser uma perturbação constante; pelo contrário, ideias ordenadas e confusas podem coexistir lado a lado, por vezes alternando-se rapidamente. A força de concentração do paciente pode ser, também, tão limitada que não permita um desenvolvimento lógico de ideias um pouco mais longo. O pensamento torna-se um pensamento de “passos curtos”, e a pessoa pode não conseguir se concentrar em um só pensamento por muito tempo e se distrair facilmente, incapaz de fixar a atenção. Certos doentes são perturbados por esse distúrbio na vida cotidiana e profissional, o que lhes causa dano rapidamente. É possível que a pessoa esquizofrênica não consiga saber o que é e o que não é importante numa determinada situação, não consegue concatenar pensamentos de forma lógica, já que se tornaram desorganizados e fragmentados. Porém há doentes esquizofrênicos que subjetivamente não experimentam *nenhuma* perturbação do pensamento, estão perfeitamente integrados na Sociedade e têm, em parte, sucesso profissional. Nesses casos, a desintegração do pensamento só é detectada por meio de testes experimentais. Mas não é o mais comum. Um teste fácil: contando-se a eles uma fábula simples, como a da cigarra e da formiga, 60% dos esquizofrênicos não entendem seu significado, enquanto pessoas sãs, mesmo as pouco dotadas ou com lesões cerebrais orgânicas, são capazes de repetir corretamente a fábula. Do mesmo modo como pessoas normais podem pensar, sentir e agir de forma estranha, sem serem doentes, especialmente em determinadas situações aflitivas (como ter que falar para grande número de pessoas, e sentirem-se confusas, sem lembrar o que iam dizer), esquizofrênicos podem também pensar, sentir e agir de forma normal. A menos que se encontre um estado extremamente desorganizado, uma

pessoa esquizofrênica terá certo senso da realidade. Não significa que o indivíduo está vivendo totalmente em *outro* mundo, mas, sim, que há certos aspectos do mundo deste indivíduo que não são partilhados pelos demais, e que não têm nenhuma base real.

– Ambivalência: ocorrência de sentimentos opostos, como amor e ódio, expressos ao mesmo tempo. É encontrada nas neuroses, mas no contexto da esquizofrenia a ambivalência significa que coexistem lado a lado qualidades de vivência tão inconciliáveis que não são possíveis na vida normal. Esses fenômenos vivenciais contraditórios ocorrem simultaneamente e com o mesmo valor. O paciente chora ou ri ao mesmo tempo; experimenta lado a lado medo e felicidade; uma mulher esquizofrênica pode chamar-se de prostituta e santa na mesma frase; no delírio podem predominar simultaneamente dois conteúdos incompatíveis. Na área dos impulsos, essa sintomatologia se chama ambitendência.

– Autismo: sintoma básico da esquizofrenia; significa uma perda de interesse em pessoas e no ambiente; significa um fechamento dentro de si mesmo e perda das relações com a realidade; o paciente se concentra só nele mesmo. Por um lado o autismo se manifesta na passividade e, nos casos extremos, pelo mutismo e estupor na síndrome catatônica. Por outro lado também é autista o doente que está preso no seu delírio e não consegue proceder de maneira correspondente com a realidade. Por exemplo: numa conversa em grupo fala demais, mas sem relação com o assunto abordado; faz exigências irrealizáveis na vida do Hospital; diante do Médico fala para si próprio como se estivesse sozinho; faz perguntas sem esperar a resposta ou sem considerar essa resposta; manifesta desejos, mas quando recebe consentimento para realizá-los, não usufrui do consentimento; pede alta, mas sem insistência, e a negativa não traz nenhuma consequência para o seu comportamento em relação ao Médico. Não é acessível ao contato interpessoal e dá a impressão de ausente e isolado.

– Distúrbios da afetividade e emoções: múltiplos e variáveis. Observam-se indisposições das mais variadas. A alegria é do tipo caricaturada, chamada afetividade tola; estes pacientes costumam ser desinibidos, animados, ruidosos e afoitos (euforia). As disposições depressivas são comuns nos esquizofrênicos, e as depressões esquizofrênicas têm suas características próprias; elas dependem muito do Meio também. Muitos doentes se animam facilmente, deixam-se envolver por festividades mas oscilam espontaneamente até uma alteração rápida e clara entre o riso e o

choro, entre a cordialidade e a agressividade. A instabilidade da disposição é efetivamente uma característica essencial da afetividade esquizofrênica. Em geral as pessoas esquizofrênicas manifestam “afeto inadequado”. Isso significa demonstrar uma emoção que não tem relação com o que a pessoa pensa ou diz; por exemplo, um doente pode dizer que está sendo perseguido por Demônios e começar a rir. Há também o embotamento afetivo (severa redução na capacidade de expressar emoções), geralmente manifestado pela expressão facial suave e imperturbável, além de tom de voz monótono. Não são incomuns tentativas de suicídio, já que com a depressividade variável estes impulsos possam ocorrer; mas é praticamente impossível prever o suicídio nos esquizofrênicos. Com especial frequência o medo determina a vivência do doente: primeiro o medo da experiência estranha e sinistra decorrente da alteração psicótica da própria personalidade, principalmente nas fases iniciais da doença. Posteriormente o medo vem do delírio, particularmente o de perseguição. Nas fases agudas da doença o medo nunca está ausente e impossibilita qualquer estabelecimento de relações humanas. Nas fases avançadas da doença prevalece uma rigidez afetiva ou pobreza na sua modulação. Em casos extremos o paciente mostra-se totalmente indiferente e apático; este estado chama-se vazio de sentimentos, ou atimia. Mas o afeto não foi extinto; num contato mais próximo veremos que atrás da aparência indolente existe uma afetividade viva e até sensível, mas cuja manifestação está bloqueada. Também é comum a falta de espontaneidade, discurso empobrecido, dificuldade de estabelecer uma relação e lentidão de movimento. A apatia e o desinteresse podem causar atritos entre o paciente e seus familiares, que interpretam esses atributos como indolência e preguiça, em vez de uma manifestação da doença.

Conhecemos uma jovem que tinha um elevado nível de depressão bipolar associada à esquizofrenia. Ela leu nosso livro “Filho do Fogo” e acabou se convertendo a Jesus. Sua família já era crente. Ela nos escreveu pedindo orientação sobre qual Igreja frequentar, já que era de outro estado. Indicamos uma que considerávamos séria e comprometida com a Obra. Logo, por falta de conhecimento dos líderes, ela passou por uma sessão de libertação e cura. Foi orientada a não mais tomar medicamentos e nem ir mais as sessões de psicoterapia. Nós, quando soubemos, discordamos da conduta (em amor), e ainda fomos acusados de estimular “rebelião”. Ela obedeceu. Passados alguns dias esta jovem foi convidada a um almoço na casa da liderança da igreja. Lá, ela tem um surto, e passa muito mal. Levam-

na ao hospital. Depois, atribuem a “descompensação” da jovem à falta de fé dela mesma. E isso promove um afastamento da comunidade dela, o que agrava ainda mais seu quadro psiquiátrico. Ela reage com agressividade contra a Igreja, pois esta que deveria espelhar o amor de Cristo, praticamente a baniu. Considerada “insubordinada a liderança” ela é expulsa da comunidade. E, pior, os membros estavam expressamente proibidos de ter qualquer tipo de contato com a jovem. Os poucos laços de amizade que ela havia feito, foram dissolvidos. O resultado não poderia ter sido pior: caiu em profunda depressão, e se suicida. Esta jovem tinha apenas 17 anos quando tirou sua própria vida. Tal fato nos deixou muito tristes, e foi um dos fatores que nos motivaram a escrever este livro a fim de alertar nossos irmãos que a verdadeira guerra está sediada em nossos corações. Corações doentes têm produzido famílias doentes, e estas produzem Igrejas doentes. Como ir para a Guerra com um exército ferido?

– Alucinações – Em nenhuma outra psicose as alucinações são tão importantes quanto na esquizofrenia. As alucinações auditivas são as mais importantes. Os doentes ouvem ruídos de diversos tipos: zumbidos, assobios, trovoadas, batidas, passos etc. No entanto o mais comum é quando o paciente ouve vozes; podem ser vozes que apenas xingam e falam mal do doente, conversam entre si, sussurram, ou então ameaçam e dão ordens de comando, instigando a violência contra si mesmo e contra outros. Essas alucinações de comando são extremamente graves porque o paciente pode perder o controle, não conseguir mais resistir e agir mesmo de forma violenta; muitas vezes, no contexto do seu delírio, estas vozes são de seus perseguidores. Raras vezes as vozes são amigáveis. Conversas mais longas são raras, mas às vezes o paciente conversa com suas vozes. As alucinações visuais são bem mais raras. É característica a visão alucinatória de objetos ao redor, ou de pequenos animais que se movem; no clímax do medo paranoico o doente “vê duas mãos pretas subindo pela parede”, ou “uma cabeça saindo da cama”. As percepções ilusórias do tato costumam ser frequentes e múltiplas. Os doentes sentem-se elétricos, magnéticos, influenciados e alterados por radiação; sentem ardências, pontadas, batidas e, nos órgãos internos, como que um repuxar, queimar, corroer, cortar. Têm a sensação de alterar as batidas do coração, a função dos intestinos inibida, a urina retida, e os órgãos sexuais sendo atacados, e isso sempre de fora do corpo. Os homens dizem sentir queimar e repuxar os órgãos genitais, as mulheres com frequência acreditam estar sendo abusadas ou violentadas. As

alucinações corporais são sempre descritas de forma extremamente absurda. Em surtos esquizofrênicos agudos com frequência ocorrem, simultaneamente, alucinações de vários sentidos. O paciente ouve os passos e as vozes ameaçadoras dos perseguidores, percebe os olhares de pessoas circunstantes dirigidos para si, sente o cheiro ou o gosto do veneno, sente influências corporais e, para ele, tudo isso está relacionado a um grande complô de perseguição. Diante destes sintomas poderíamos supor um ataque Demoníaco.

Há dezenas de outros sintomas associados, mas aqui destacamos apenas alguns a título de exemplo. Não há pretensão de trazer aqui um tratado sobre o assunto, mas tão somente de trazer luz onde há trevas. Trazer conhecimento onde há falta dele.

– Evolução, Etiologia e Patogenia – é muito importante que a doença seja diagnosticada a tempo, tratada convenientemente e levada em conta na vida posterior do paciente. Pois por mais variada que seja a evolução das psicoses esquizofrênicas, todas têm uma característica comum: quando a doença continua, isso sempre ocorre numa direção, isto é, no sentido do estado residual esquizofrênico. Por isso entendem-se estados finais em que predominam os sintomas básicos da doença e os complementares praticamente desaparecem; ou ocorrem sob a forma de delírios residuais ou estados catatônicos isolados. De vez em vez também podem ocorrer novas ondas agudas. São características do estado residual definitivo: elevado grau de excentricidade no comportamento, perturbações do pensamento, esmorecimento dos impulsos, empobrecimento da afetividade e, sobretudo, autismo, o “fechamento do casulo no mundo das próprias ideias”, e a perda de todos os contatos com o Mundo Externo. Não raro a onda esquizofrênica deixa sequelas sob a forma de alterações da personalidade. A formação destes estados residuais são determinados não só pela doença, mas também por fatores psicossociais. Dependendo das condições do ambiente podem ocorrer exacerbações da sintomatologia. Em um número menor de doentes a evolução é claramente desfavorável, as ondas deixam alterações permanentes e crescentes na personalidade; em cada recaída o prejuízo é maior. Porém, felizmente, há esquizofrenias que após cinco anos de duração não pioram, mas melhoram. Mesmo depois de dezenas de anos de uma evolução desfavorável, não são raras as melhoras espontâneas ou terapêuticamente condicionadas. Podem até ocorrer casos raros de Cura completa. Mas não é a regra.

Não conhecemos *as* causas das esquizofrenias. Além delas constituírem um grupo de psicoses, são multicausais. Há fatores hereditários envolvidos. Enquanto a taxa na população em geral é de 0,8 a 1%, para irmãos de esquizofrênicos a taxa é de 6 a 12%, para filhos, entre 9 a 16%. Quando ambos os pais são esquizofrênicos, um terço a metade dos filhos adoecem. Em gêmeos univitelinos, 76% a 86% adoecem de esquizofrenia juntos. Mais recentemente, porém, estes números foram postos em xeque e são hoje considerados mais baixos. Seja como for, o fator genético é fato. Durante muito tempo procurou-se intensamente um substrato orgânico cerebral das esquizofrenias. A etiologia (causa) foi estudada com muitos métodos da Medicina; foram descritas numerosas pesquisas e levantadas diversas hipóteses (por exemplo, a gênese reumática, alérgica, distúrbio do neurodesenvolvimento, alterações estruturais, etc.). Porém a ênfase nos distúrbios relacionados ao neurotransmissor Dopamina vem desde a década de 1950. A “Teoria da Dopamina” alega que a maioria dos sintomas da esquizofrenia deriva do aumento (excesso) de liberação de dopamina em regiões importantes do cérebro, como o Sistema Límbico (considerado o regulador das emoções), e os Lobos Frontais (tidos como reguladores do raciocínio abstrato).

A hipótese provou ser consistente nos últimos 40 anos, especialmente para aqueles pacientes em que predominam sintomas positivos. Mas não parece ser a única resposta, particularmente nos doentes cujos sintomas surgem gradualmente e nos quais os negativos se sobrepõem aos positivos. Além do mais as enzimas que produzem a dopamina e os receptores aos quais ela se liga na célula aparentemente não se alteram o suficiente para explicar a gama de sintomas observados. Essas observações levaram alguns pesquisadores a modificar a hipótese dopaminérgica, e mostrar – baseados em efeitos das drogas utilizadas na terapêutica da doença – que a dopamina não é o único neurotransmissor em desequilíbrio na esquizofrenia. Fala-se hoje também no neurotransmissor Glutamato. Os receptores glutamatérgicos (NMDA) desempenham função decisiva no desenvolvimento do cérebro, no aprendizado, na memória, e no processo neural em geral. Esse receptor também participa na regulação da liberação de dopamina, e o bloqueio (inibição) dos receptores NMDA produz os mesmos distúrbios da função dopaminérgica observados, tipicamente, na esquizofrenia. Interessante! Portanto uma disfunção no receptor NMDA pode, por si só, explicar tanto os

sintomas negativos da esquizofrenia como irregularidades dopaminérgicas presentes na raiz dos sintomas positivos.

Se a redução da atividade do receptor NMDA produz os sintomas da doença, o que causaria, então, essa diminuição? A resposta não está clara. Há evidências de que alguns esquizofrênicos apresentam poucos receptores NMDA; outros têm aparentemente receptores intactos. Então talvez o problema fosse uma falha na liberação de Glutamato, ou na estrutura de compostos que levam à interrupção da atividade do NMDA. Há evidências *post mortem* revelando baixos níveis de glutamato e altos níveis de dois compostos que prejudicam a atividade dos NMDA. Pesquisas recentes deixaram, portanto, de enfatizar tanto a dopamina e atribuem ao comprometimento do impulso nervoso glutamatérgico (alteração da função de neurônios produtores de glutamato) o que mais contribui para a doença. Ainda há incógnitas, e vamos deixar isso por aqui. É o que nos basta saber – que há base orgânica para as alterações da doença, e que isso tem, em parte, a ver com o material genético que a pessoa esquizofrênica carrega.

O Meio Ambiente pode predispor ou não. Veja o que dizem certos estudos sobre o histórico familiar de pacientes esquizofrênicos, o que nos faz entender que a esquizofrenia não é puramente “endógena” (apesar da forte colaboração que tem a base bioquímica em todo o processo). Existem esquizofrenias que estão mais correlacionadas com a biografia do paciente. Verificou-se fundamental importância na patogenia da doença os conflitos na área das relações humanas, tanto na fase pré-mórbida mais longínqua (infância, por exemplo), como na fase imediatamente anterior à irrupção da doença. Durante muito tempo considerou-se patogênicos principalmente a falta de relacionamentos e a perda do contato humano. Diversos pesquisadores verificaram que muitos esquizofrênicos passaram por graves problemas na infância: nascimento ilegítimo, pais com doenças mentais (neuróticos ou psicóticos), pais alcoólatras etc. Numa palavra: uma situação de ruptura do Lar. Igualmente importante é o esfacelamento interno da família, que é o aspecto mais difícil de estudar anamnesticamente: matrimônio problemático dos pais, rejeição da criança, educação inadequada, rivalidade acentuada entre irmãos etc. É verdade que essas histórias se encontram também na biografia de pacientes neuróticos e psicopáticos. Mas o que chama atenção no caso dos esquizofrênicos é o fato de que *quase regularmente* ocorreu um esfacelamento interno ou externo da família, e isso em grau particularmente grave. Nas biografias de 50

esquizofrênicos o pesquisador Ernest encontrou apenas 1 dos casos de paciente com família *sem* problemas graves.

Mais importante ainda é a natureza do ambiente na infância das pessoas que mais tarde são atacadas pela esquizofrenia. Muitas vezes os esquizofrênicos não tiveram mãe (morte prematura, separação da mãe por causa de nascimento ilegítimo, divórcio etc...), ou a mãe que tiveram não lhes deu uma atenção naturalmente amorosa. Já salientamos esse aspecto antes. Mas aqui isso parece ter particular importância. Essas mães são inseguras, têm medo, mantêm uma atitude de recusa geralmente oculta, mas às vezes também abertamente são latentemente agressivas, o que pode ser coberto por uma dedicação exagerada. Os traumas têm menos importância, pois são experiências isoladas. Esse tipo de contexto e de ambiente é mais importante na gênese da esquizofrenia. Mães que têm comportamento psíquico mais grave e formas de comportamento neurótico mais acentuado foram encontradas nas histórias de futuros esquizofrênicos. Há observações que favorecem a hipótese de que os pais (desta vez os homens, não as mulheres) são insuficientes, falham como maridos e educadores, e que em relação a suas esposas sentem-se mais como filhos do que como parceiros, competindo com estes pela atenção e preferência da mulher, mas pouco se interessando pelos filhos.

Resultados de pesquisas são menos importantes do que a atmosfera da família e as interações entre seus membros. Em certo estudo de pacientes esquizofrênicos nenhuma das famílias examinadas poderia ser considerada uma família de alguma forma integrada. As relações dos progenitores entre si estava gravemente prejudicada e muitas famílias estavam divididas em dois partidos. Em outras famílias, uma ruptura aberta só era evitada por meio da submissão, incluindo o comportamento anormal psicológico de um dos membros da família. As relações entre a mãe e o filho que mais tarde seria esquizofrênico estavam perturbadas. Outros pesquisadores chegaram a resultados semelhantes em relação ao estudo familiar: na grande maioria dos esquizofrênicos, a mãe ou o pai tiveram um comportamento acentuadamente patológico em relação à criança. Mas também ela, tendo uma predisposição, uma fragilidade do “eu”, “facilitou” o aparecimento de doença. Em suma, de forma resumida, hoje se sabe que pelo menos uma parte das esquizofrenias em sua origem e evolução dependem mais fortemente do Meio Ambiente do que se pensava antigamente. Poderíamos chamar isso de “maldição hereditária”? Ou seriam na verdade espíritos familiares, que observando as

tendências negativas da família reproduzem o efeito devastador a outras gerações? Mais uma vez, vemos a base da Igreja e da sociedade sendo abalada: família.

Princípio: em face de qualquer caso duvidoso, do aparecimento de sintomas estranhos, desde os mais fugazes até os que não fazem qualquer sentido... mesmo que estes sinais possam mimetizar o endemoniamento, a opressão... ainda assim o Médico deve ser *sempre* procurado. Discernimento apurado é Dom do Espírito e fruto de vida com Deus. Sendo muito francos, esse não é o frequente; realmente ficamos perdidos (ainda que muitos achem que não). Nosso conselho como premissa básica e fundamental é: *procure orientação Médica*. Não podemos nos esquecer da hipótese de que algumas pessoas podem estar mesmo doentes, e não precisar de nenhum “exorcismo” ou oração de guerra, nenhum constrangimento público, e nem servir de assunto para o mês. Jesus não agia assim. *Ele sabia* se a causa era natural, se era espiritual, e nunca expunha pessoas ao constrangimento. Curou a provável epilepsia de um jovem, também uma doença cerebral de cunho espiritual. No entanto, dentre as dezenas de cidades que foram visitadas por Ele, e onde muitas Curas foram realizadas, é provável supor que tenha havido Cura de doenças cerebrais de causa puramente natural. Se não houvesse causa natural para essas doenças, teríamos que partir do pressuposto que *todo* acometido por uma enfermidade cerebral está possesso ou sob ação de Demônios. E esse não é o caso. A esquizofrenia não é a única patologia cerebral onde se pode encontrar uma base orgânica, bioquímica, que explica os sintomas.

Quando temos ideia fixa com algo, ou estamos assustados com alguma manifestação desconhecida, geralmente se algo pouco familiar acontecer no meio de um grupo, ou numa reunião de oração, chamará a atenção. Daí, a história é contada e recontada, perde o significado inicial e começa uma divagação coletiva sobre fulano, em quem se manifestou um Demônio, por causa do poder da oração. Pode ser fato. Mas pode não ser. Tenha sempre isso em mente! Prato cheio para o Diabo, é nos dar sensação de “vitória” no mesmo momento em que ele destrói. Lembrando de novo: Cruzadas, Inquisição... eram vitórias ou derrotas contra o “mal”?

A Medicina está a serviço do Homem, e é importante saber o parecer Médico, especialmente se os sintomas continuarem ou derem espaço para outros. Buscar um Médico *de forma alguma* invalida o papel do Senhor dos Exércitos como o Médico dos Médicos! Mas acontece que com nossas

atitudes antiquadas, preestabelecidas, normatizadas, precipitadas muitas vezes e arrogantes outras tantas, fruto de quem já tem a chave da verdade nas mãos, temos inviabilizado *até mesmo o Senhor* de agir em prol de uma Cura emocional ou mental. Deus tem e sempre terá Poder para Curar. Há tempo e modo, o propósito tem que vir Dele, a Glória tem que ser para Ele, e também doenças podem ser tempo de disciplina para alguns. Há critérios para a Cura, já estudados. Mas o fato é que Deus Cura. Quer sempre Curar, independente da gravidade da doença e da impossibilidade da Medicina de fazer algo. Sim, a Medicina é muito importante, Deus incentiva que busquemos os recursos que existem, pois essa é nossa parte... mas a Medicina não é Onipotente! Quando os recursos Médicos se esgotam, seja em doenças mais conhecidas ou dentre aquelas que fazem parte destes meandros quase indecifráveis do cérebro humano, o Senhor deseja Curar. Se um crente quebrar o braço vai à igreja pedir a cura ou ao ortopedista? Deus pode curar, mas naquilo que podemos fazer Ele não se manifestará.

Guarde isso como uma conclusão muito importante: somos *nós* muitas vezes que temos impedido a Cura tantas e tantas e tantas vezes!

Só para relembrar: Deus *não pode* atuar em ambiente contaminado pela impureza de corações, pela falta de arrependimento, e agir a favor daqueles que estão fora da Sua Vontade. Já falamos nisso. Imagine alguém doente de asma grave. Está usando “bombinhas”, fazendo milhões de inalações, tomando todo o coquetel possível para a doença pulmonar, até o último dos medicamentos. Entretanto, a casa onde vive está suja. Tem mofo que ninguém tem vontade de tirar porque dá trabalho e requer medidas drásticas, às vezes. Está cheio de carpetes e cortinas, porque é bonito, e sempre foi assim. Bichos de pelúcia, para enfeitar.... são tão bonitinhos e inofensivos! Então nunca foram retirados. Os que fumam continuam a fazê-lo. Que podemos deduzir deste exemplo, e como fazer dele um paralelo Bíblico? Esse asmático pode tomar a medicação que quiser e ir ao melhor Médico do Mundo. Não vai sarar, ao contrário, pode piorar e complicar seu estado de base com pneumonias recidivantes e internações, evoluindo para uma doença pulmonar obstrutiva crônica. Internado, pode ser contaminado por germes resistentes, hospitalares, e ter um prognóstico ainda mais desfavorável. Mesmo que apelasse para Deus... como Deus poderia agir na pessoa, se a Casa não sofre mudanças favoráveis para a Cura? Não vai acontecer nada, *nunca*, enquanto não houver consciência do erro e vontade real de mudança.

Se a Casa de Deus – a Igreja – não se tornar um ambiente favorável, limpo, santificado, livre de dogmas, livre de ritualismos, livre da indiferença pelo que é certo... não haverá manifestações de Cura. Contudo, partindo do pressuposto de que houve entendimento do erro, grande arrependimento, mudança genuína de direção, e a santidade nas vidas começam a levá-las em nova direção, favorecendo o mover do Espírito, começa a abrir-se espaço para a Cura. O propósito principal do Senhor é que haja relacionamento com Ele; a Cura do corpo espiritual, físico, emocional, mental é consequência da obediência, da sujeição, do amor que temos por Ele. Limpemos a Casa... e os “asmáticos” terão sua chance!

Para finalizar esta explanação: pode ser que você não tenha entendido tudo o que foi colocado aqui sobre as doenças cerebrais, desde as mais simples neuroses até a mais grave das psicopatias. No entanto, algo novo aconteceu, e parte deste conhecimento foi introjetado. Isso pode vir a ser importante para você cedo ou tarde, no decorrer da vida. Por isso estamos expondo parte do que pode acontecer com a mente humana. Para conhecimento de todos, e como medida de alerta. Medida de alerta, sim, porque não podemos ser ingênuos de continuar agindo como néscios, como crianças, impondo as mãos de forma precipitada e achando que tudo é Demônio. Gostaríamos muito, e entenderíamos que nosso objetivo foi alcançado se, daqui por diante, a saúde mental dos Cristãos fosse objeto de maior zelo, e os possíveis doentes fossem incentivados ao encaminhamento Médico. Ou, diante de um diagnóstico de doença cerebral, incentivados realmente ao processo psicoterápico e aos farmacoterápicos, coisa pela qual vêm enormes julgamentos e preconceitos.

Não é sempre o pecado; não estamos necessariamente em pecado por estarmos doentes! Certas Denominações pregam que se alguém está doente é porque “tem brecha”!!! Pode até haver brecha, mas, assim como Jó adoeceu gravemente, sendo justo, o mesmo pode se dar conosco.

Deus é o Senhor de tudo, e sabe de tudo. Nós é que não podemos trocar os pés pelas mãos. Temos que lidar com mais seriedade no quesito “Doença”. A Igreja tem que trabalhar em parceria com a Medicina se quiser alcançar Cura integral! Deus pode Curar – e Cura – muitas vezes, sem ajuda de Médico algum. Mas via de regra, aquilo que devemos fazer Ele não fará por nós. Se alguém tem uma gastroenterocolite bacteriana não vai à Igreja pedir oração com o rolo de papel higiênico na mão, um balde para segurar os vômitos e um copo cheio de antitérmicos para baixar a febre. Pessoas com

gastroenterocolite bacteriana vão ao Pronto-Socorro tomar soro ou ficam internadas recebendo antibióticos na veia. Isso é óbvio. Mas não vemos com a mesma clareza quando se trata das doenças emocionais e mentais. Achamos que a ajuda Médica é “besteira”, que isso se resolve por si, ou pela oração dos Pastores, ou mesmo de outros membros da Igreja que nem cargos de Liderança têm. É uma realidade triste.

Estamos falando de *usar a Medicina e o que ela tem a oferecer*. Mas não largar o doente apenas aos cuidados Médicos. A solidariedade, o amor, a empatia, as visitas frequentes, tudo isso é parte do nosso dever como Cristãos. Havendo ou não melhora, é nosso dever como Igreja interceder pelos nossos irmãos, buscar as causas da enfermidade, estar em concordância com os relatórios Médicos. Jamais abandone um doente de sua Igreja à própria sorte. Que é o que acontece muitas vezes. Lidar com doentes “é chato”! Visitar hospitais é para quem “tem vocação” pra isso. Estranho... nessa hora mencionamos a “vocação” de cada um. É porque este é trabalho que ninguém quer fazer! Então os doentes são deixados de lado. Guardem bem tudo isso. O que plantamos, colhemos. Se por nossa causa alguém deixar de receber o tratamento adequado, seremos cobrados disso. Não tenha dúvida. Se por nossa causa o tratamento for inadequado ou interrompido, seremos cobrados disso.

3. BASES BIOLÓGICAS DA DEPRESSÃO

Na década de 1990 o romancista William Styron – autor de “A escolha de Sofia” – descreveu de forma objetiva, em seu livro autobiográfico “Perto das Trevas”, seu estado mental durante um período de depressão: “Ele (o psiquiatra) perguntou se eu era um suicida. Relutante, respondi que sim. Não entrei em detalhes, pois parecia desnecessário. Não lhe disse que muitas coisas em minha casa haviam se tornado instrumentos potenciais para minha própria destruição: a viga da varanda (e uma ou duas árvores no jardim) era um meio para me enforcar; a garagem, o lugar para inalar monóxido de carbono, enquanto a banheira receberia o sangue de minhas veias abertas. As facas da cozinha tinham um único propósito para mim. Uma morte por ataque cardíaco parecia-me particularmente atraente, pois me absolveria de qualquer responsabilidade. Cogitava ainda a ideia de provocar uma pneumonia por meio de um longo passeio no frio e na chuva, ou um acidente, cruzando na frente de um caminhão na rua. Essas medonhas fantasias, que

estremecem a todos, são, para os depressivos, o que os devaneios lascivos são para pessoas de sexualidade vigorosa”.

Pode até parecer uma passagem um pouco cômica, quando narrada da forma como o faz o autor. Contudo, a depressão é um fenômeno real, que tem bases bioquímicas cerebrais para explicar-se e leva a afundamentos importantes da vida de um ser humano. Quando lemos a Bíblia, muitos de nós entendemos que Elias, ao refugiar-se na caverna, estava passando por um período de depressão. Jó sem nenhuma sombra de dúvida experimentou esse estado, pois chega a pedir para si a morte, e amaldiçoa o dia em que nasceu. Para outros, Davi é o melhor exemplo de personalidade que vivenciou muito bem as profundezas da depressão. Davi fala muitas vezes em angústia, aflição e agonia de formas incomparáveis. Falava em “alagar o leito com lágrimas todas as noites”, e esse não é um comportamento tipicamente masculino, portanto revela que alguma coisa *mais séria* acontecia com ele.

Inclina, Senhor, os ouvidos e responde-me, pois estou aflito e necessitado. Preserva a minha alma, pois eu sou piedoso; Tu, ó Deus, salva o teu servo que em ti confia. Compadece-Te de mim, ó Senhor, pois a Ti clamo de contínuo (...). Escuta, Senhor, a minha oração e atende à voz das minhas súplicas. No dia da minha angústia clamo a Ti, porque me respondes (...). Pois grande é a Tua Misericórdia para comigo, e me livraste a alma do mais profundo poder da morte”. Muitas são as lamúrias por parte de Davi, embora termine sempre depositando sua confiança e esperança no Senhor. Essa é também a sua marca: a inabalável Fé no Pai.

O Senhor é a minha porção; eu disse que guardaria as Tuas Palavras. Imploro de todo o coração a tua Graça; compadece-Te de mim, segundo a Tua Palavra. Davi não economiza adjetivos para melhor explicar o tamanho da sua provação, do seu temor, da sua tristeza. Se não fora o auxílio do Senhor já a minha alma estaria na região do silêncio. Quando eu digo: resvala-me o pé, a Tua Benignidade, Senhor, me sustém. Nos muitos cuidados que dentro de mim se multiplicam, as tuas consolações me alegram a alma.

Não parece aceitável que todas as súplicas de Davi a Deus e todas as suas tristezas e agonias de alma tenham exclusivamente a ver com as perseguições que sofreu. Davi era um guerreiro. Era um homem de variadas habilidades,

tendo sido não somente guerreiro, mas também político, profeta e poeta. Com ele estavam os “valentes”. Seria justamente o capitão dos valentes um homem mimado e inseguro? Por certo que não! Davi fala também com bastante propriedade sobre o destino dos ímpios, ora e pede justiça, e justiça de guerreiro: isto é, a sumária destruição de seus inimigos. Como pode o caráter do guerreiro que mais tarde banharia de sangue as mãos para expandir o Reino, compartilhar de *tanta* aflição na alma? Parecem coisas que não se coadunam...!

Hoje temos a tendência de não prestar muita atenção nas provações que ele viveu, tomando por base as nossas, e achando que Davi estava “exagerando” um pouco. Mas a verdade é que não há comparação com a maior parte de nós. Ele era separado por Deus, foi ungido pelo Profeta Samuel e seria rei de Israel, um rei guerreiro que levaria adiante a conquista de grande parte do Reino. Sua luta foi ímpar por causa disso tudo. Como a maioria de nós não vive esse tipo de ameaça e de perseguição, há mesmo tendência em menosprezar o tamanho da gigantesca aflição que ele passou, durante um bom tempo.

A questão foi aquilo que se abateu sobre o homem guerreiro, levando-o, enquanto ainda não era rei, à vulnerabilidade da depressão. Nenhum homem atravessa essa vida sem experimentar momentos de inferno... isso varia de acordo com o Chamado, mas Davi seria rei, então... o inferno foi ardente para ele. Dias sombrios e noites escuras.

“Tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações (Tg. 1:2). Isso faz parte da vida do Cristão, e se passarmos sendo “aprovados”, muito que bem. Davi foi o “homem segundo o coração de Deus”; ele passou por muitas provações. Sua popularidade crescia e o ódio de Saul por ele aumentava. Saul tentou contaminar Jônatas contra Davi, mas não deu certo. Tentou matá-lo enquanto dormia, mas Mical o salvou. Davi fugiu com Samuel mas Saul mandou homens em seu encalço; uma estranha força os restringiu. Saul foi pessoalmente atrás de Davi, mas foi impedido pela mesma força. Vemos a providência Divina agindo na vida de Davi, mas isso não o isenta de passar por forte apelo emocional. Veja a que ponto chega: tendo ele fugido para Aquis, Davi teve tanto medo que, para salvar sua vida, fingiu-se de louco, e “esgravatava nos postigos das portas e deixava correr saliva pela barba”. Davi tornou-se um pária, um fugitivo, e esse período de sua vida trouxe- lhe muitos, muitos revezes, fugindo de lugar para lugar. Teve a chance de ser morto pelas mãos de outros homens e não apenas Saul

(I Sm. 21:10-15). Na região montanhosa e selvagem da caverna de Adulão, Davi foi caçado como um animal selvagem (I Sm. 22:1-2).

Talvez a depressão já estivesse se instalando nele diante de tudo isso, pelo que resolveu sair e ir em direção à Filístia. Talvez, num primeiro momento não fosse a melhor coisa a ser feita, apesar de tudo. Talvez Davi tenha olhado as coisas apenas no sentido horizontal, e só queria fugir de Saul (I Sm. 27:1). Depois, ele olhou as coisas pelo ângulo pessimista, esquecendo-se da Promessa de Deus, da unção que lhe foi derramado por Samuel... e diz: “perecerei”. Esqueceu-se também da mesma Promessa repetida por Abigail, logo após a morte de Samuel. Mesmo assim, Davi usou de puro racionalismo para achar que na terra dos Filisteus ele não seria encontrado por Saul. Davi fez o que sua vontade e entendimentos acharam melhor. Isso trouxe suas consequências. Não daria certo morar no meio dos Filisteus e nem tentar ser um deles. Davi seria sempre israelita! Ele acabaria, de certa forma, perdendo sua identidade, perdendo a satisfação na vida, pois já não sabia quem era e nem para onde ia. Estava perdido! Os poucos benefícios de sua ação são eclipsados pelos problemas em terra alheia. Há uma grande desilusão interna, um grande conflito. Não havia paz.

Vem então a depressão... maior ainda! O pior momento nesse período após um ano e meio em terra dos Filisteus ocorre quando a cidade que lhe foi dada, Ziclague, é incendiada pelos amalequitas. “Davi e seus homens vieram à cidade, e ei-la queimada à fogo, e suas mulheres, seus filhos e suas filhas eram levados cativos. Então Davi e o povo que se achava com ele ergueram a voz, e choraram, até não terem mais forças para chorar”. Pode imaginar isso? Davi, o comandante-chefe de tropas guerrilheiras, e seus homens, chorando desta forma?! Mas era terrível mesmo, e pior do que a destruição física era o custo pessoal. Se alguém já chorou até não ter mais lágrimas conhece a profundidade desta tristeza, que se abateu de forma geral. Os homens por fim falavam em apedrejar Davi; aqueles que antes confiavam nele e por quem tinham ido à terra estranha, que foram treinados na caverna... revoltavam-se contra ele.

Davi chegou num ponto de sua vida em que muitos pensariam em suicídio. Ele desceu tantos degraus na escada do desespero que já não havia mais para onde ir. Foi o momento em que ele fez a coisa certa! “Davi muito se angustiou (...); porém Davi se reanimou no Senhor seu Deus” (I Sm. 30:6). Ele levanta os olhos e pede ajuda a Quem poderia dá-la. Se ele não fizesse isso, teria sucumbido ali. Se for para o meio dos Filisteus foi a escolha

errada, não podemos afirmar categoricamente, mas o fato é que Davi é nomeado “homem segundo o coração de Deus”, e em nenhum momento suas atitudes são questionadas, nem no VT e nem no NT, excetuando o momento em que ele realmente pecou. Estar ali, na Filístia, pela Misericórdia de Deus, durante um curto período de tempo a residência temporária foi um refúgio.

Os dias sombrios que certamente vêm nas nossas vidas exigem pensamentos e atitudes certas para com Deus. É provável que, permanecendo em território Israelita, os dias de inferno de Davi continuassem até o extremo do que ele poderia suportar, pois precisava passar pelo fogo e ser treinado. Ter fugido não o livrou deste fogo, e nem do Treinamento – apenas aconteceu de outra maneira. É muito provável que a depressão intensa viesse de qualquer jeito. Ele teria que atravessar o vale de lágrimas; e o fez, em presença do Pai. Mas isso não o isentou de sofrer abalos na alma, nas emoções e na mente! Não o isentou de viver um episódio de depressão. Se vivesse nos dias de hoje, se ele falasse a nós da forma como falou em suas canções, em seus desabafos, ele seria internado e medicado para sair mais rápido da crise. Temos tendência de achar que os heróis da Fé não estavam sujeitos às mesmas dores e inclinações que nós. É quase certo poderemos afirmar que Davi adoeceu realmente. O que ele sentia era mais do que angústia física e espiritual. Não podemos negligenciar o papel das emoções e da mente no quadro geral do homem. Ele certamente viveu a depressão em suas faces mais agudas. Quem pode dizê-lo? Fato é que ele se abateu bastante, embora não tenha deixado de sair vitorioso.

Mas... que vem a ser isso? Que vem a ser depressão? Vamos entender melhor, para nos conscientizarmos. Grande parte das pessoas acometidas de depressão nem sequer têm diagnóstico, quanto mais tratamento. O não tratamento realmente pode culminar em algo sério, até mesmo a morte. Esta é uma doença que não podemos deixar de mencionar antes de pôr fim neste estudo. Depressão é uma palavra muito utilizada até mesmo por nós, Cristãos, mas de significado pouco conhecido.

Para grande parte dos Cristãos, o termo “depressão” é pejorativo e está intimamente associado a pessoas tristes, melancólicas, amargas, que só murmuram, para quem nada está bom... o que, em outras palavras, traduziria-se em falta de Fé e de Amor ao Pai. Não poderiam estar mais errados! Julgam o caráter e fazem juízo de valores quando não sabem que a depressão é uma síndrome clínica, muito bem respaldada cientificamente e nada tem a

ver com uma falha no Cristianismo de alguns. Ao contrário... para Cristãos que se veem acometidos pela doença (como acreditamos que Davi o foi), é justamente o conhecimento do Pai que faz com que se suporte as dores da depressão, e se consiga atravessar um vale de morte. Assim fez Davi; ele só se manteve em pé por causa da Mão do Senhor com ele.

Como a passagem mencionada do livro de Styron, a depressão clínica é bem diferente da tristeza que sentimos vez ou outra, ou mesmo da mágoa causada por uma perda. A depressão clinicamente comprovada é muitíssimo mais debilitante e perigosa, combinando a opressiva tristeza a vários outros sintomas. Além do problema das ideias de suicídio, os pacientes várias vezes são açoitados pelo sentimento de que já não valem nada, a *vida* não vale nada, além de um sentimento de culpa. Experimentam dificuldades de memória, de concentração, e *não conseguem* pensar claramente e ver a situação de suas vidas por outro prisma. Há uma dificuldade especialmente clara em ter prazer, seja no que for, e especialmente no que dava prazer antes à pessoa. Sentem-se ansiosas, mas sem energia, muito cansadas; têm alteração de apetite, ficando sem comer ou comendo em excesso (de forma compulsiva); também há dificuldades para dormir, sendo insones ou – dependendo do grau da depressão – literalmente não conseguindo sair da cama. Há depressões – a chamada Depressão Maior – que por vezes necessita internação para preservação do próprio paciente e medicação pesada para ajudar na saída da crise. Debate-se se a causa da depressão está principalmente nas experiências que perturbam o “eu” e nos pensamentos autodepreciativos... ou particularmente nos processos bioquímicos. No entanto, a mente não existe sem o cérebro. As evidências mostram que, quaisquer que sejam os desencadeadores iniciais, há um caminho que leva à depressão e que *envolve* alterações bioquímicas cerebrais. Por vezes, de fato, não se pode excluir da história do paciente uma perda de um parente próximo ou um insucesso profissional repentino como desencadeante do processo da depressão, mas por outro lado, os sintomas podem surgir também sem qualquer evento predisponente. E de um lado e de outro, são as modificações cerebrais que causam a tristeza profunda e outras características marcantes da depressão.

No entanto, como tudo referente ao cérebro, ainda tateia-se no escuro. Atualmente os Psiquiatras precisam escolher entre os antidepressivos existentes por meio da intuição ou do método de tentativa e erro, situação que coloca os pacientes suicidas em risco durante semanas ou meses, até que

o composto adequado seja selecionado. Muitas vezes a psicoterapia pode ser necessária também, mas o fato é que o tratamento medicamentoso é fundamental. Não existe tratamento de depressão sem medicamentos. Por isso, é importantíssimo o diagnóstico. E o tratamento é a longo prazo, por isso também é importantíssima a adesão do paciente ao tratamento; isso é em muito influenciado pelo que ele ouve, pelo que lhe é dito: a opinião dos que estão ao redor dele e a forma como encaram a doença é um fator primordial. Se o doente for sempre incentivado a “largar os remédios e ter Fé em Deus...”, muito cuidado, ao mandar quem quer que seja a largar medicações! Um paciente relativamente compensado por causa dos medicamentos pode ter uma curva de declínio rápida e intensa com a interrupção abrupta dos remédios, e retorno dos sintomas de forma aguda.

A depressão pode ser causada principalmente pela atividade reduzida de um neurotransmissor específico, em algumas pessoas. Em outras, pode ser que a atividade hormonal cerebral esteja alterada.

SINTOMAS DA DEPRESSÃO MAIOR.

A Associação Psiquiátrica Americana considera que a depressão clínica envolva cinco ou mais dos sintomas relacionados a seguir, desde que sejam manifestados praticamente de forma diária, ao longo de no mínimo duas semanas (e continuam, claro). Os sintomas devem incluir pelo menos um dos dois primeiros critérios: causar angústia ou prejudicar as atividades diárias. E não podem resultar de outras medicações, abuso de drogas ou condições médicas (como alterações de tireoide) preexistentes. Para os critérios formais, consultar a 4ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

- Humor deprimido na maior parte do dia (em crianças e adolescentes, a irritabilidade pode significar depressão)
- Diminuição do interesse ou do prazer em relação à maioria das atividades diárias
- Acentuado aumento ou redução do apetite
- Insônia ou sono excessivo
- Agitação (evidenciada, por exemplo, por torção das mãos, cacoetes) ou lentidão de movimentos
- Fadiga ou falta de energia
- Sentimentos autodepreciativos e culpa excessiva
- Indecisão, ou diminuição da capacidade de pensar ou se concentrar

– Pensamentos recorrentes de morte ou suicídio

A taxa de incidência do transtorno é surpreendentemente alta; estima-se que nos Estados Unidos entre 5 e 12% dos homens e aproximadamente 15% das mulheres sofram de algum episódio de Depressão Maior em algum período da vida. De 1 a 1,5% dos americanos experimentará fases maníacas além das depressivas (mania = oposto da depressão. Fase marcada pela redução da necessidade de sono, fala rápida, ilusões de grandeza, hiperatividade, “bom humor” e propensão a atividades destrutivas ou promíscuas, gastos abusivos e direção de veículos perigosa ou negligente). Essa condição de alternância entre depressão e mania é conhecida como transtorno bipolar, ou “psicose maníaco-depressiva”. É bastante séria. Todos os anos, cerca de 15% das pessoas que sofrem de depressão ou transtorno maníaco-depressivo cometem suicídio. Em 1996 o Centro para Controle e Prevenção de Doenças classificou o suicídio como a nona causa de morte nos Estados Unidos (ligeiramente atrás de infecções pelo HIV). Isso é bastante alto! O número oficial de suicídios naquele ano foi de 30.862. A maioria dos pesquisadores acredita, no entanto, que esse número seja bem maior. No início dos anos 1990 estimou-se que os custos da depressão totalizavam 43 bilhões de dólares, em grande parte relacionados à redução da produtividade no trabalho.

Descobertas genéticas – Os geneticistas apresentaram a mais antiga prova de que há um componente biológico no transtorno. Parentes consanguíneos (filhos, irmãos e pais) de pacientes com depressão grave ou transtorno bipolar são muito mais suscetíveis à doença do que os indivíduos da população em geral. Estudos em gêmeos univitelinos e bivitelinos apoiam a noção de um componente hereditário. Nos últimos 20 anos geneticistas identificaram os genes em questão. Até agora, porém, nada mais se descobriu, talvez porque a predisposição à depressão envolva vários genes e cada um contribua com uma pequena parte da sintomatologia.

Neurobioquímica – Outros cientistas enfatizam os aspectos neuroquímicos, estudando principalmente os neurotransmissores. Muitos casos de depressão decorrem, pelo menos em parte, de distúrbios nos circuitos cerebrais responsáveis pela transmissão de sinais de certos neurotransmissores da classe das monoaminas. Essas moléculas, que têm os aminoácidos como precursores, incluem serotonina, noradrenalina e dopamina. Reunidas, as descobertas sugeriam que a causa da depressão está nos reduzidos níveis de monoaminas no cérebro. Enfatizou-se o papel da

noradrenalina, circuito neuronal que se origina no tronco cerebral, principalmente no *locus ceruleus*, e projeta-se para várias áreas cerebrais, incluindo o sistema límbico – grupo de estruturas que incluem áreas corticais e subcorticais, e desempenham papel importante na regulação das emoções. A teoria foi aprimorada com o reconhecimento de que a diminuição de noradrenalina não provoca alterações de humor em todas as pessoas. Não obstante, a relação existente entre a degradação desta substância e a depressão ganhou significativo apoio experimental.

O elo noradrenalina – Para compreender as recentes evidências que relacionam a noradrenalina e outras monoaminas à depressão, é preciso saber como esses neurotransmissores funcionam. As monoaminas, como todos os neurotransmissores, são liberadas por um neurônio pré-sináptico e se ligam aos receptores na superfície do segundo neurônio (pós-sináptico). Essa é a maneira como o impulso nervoso percorre as células cerebrais: passando de neurônio a neurônio, que “se ligam” entre si pela fenda sináptica. É nessa fenda que o neurotransmissor é liberado pelo neurônio pré-sináptico e captado pelo neurônio pós-sináptico por meio de receptores específicos para o neurotransmissor (essa é uma forma bem rude de explicar o fenômeno, que é extremamente complexo). Mas basta entender isso. Essa ligação promove mudanças intracelulares que inibem ou estimulam o disparo da célula pós-sináptica. A intensidade do sinal pode ser influenciada pela quantidade do neurotransmissor liberado e pelo tempo que este permanece na fenda sináptica; também quando os níveis de um neurotransmissor estão anormalmente baixos (por exemplo, noradrenalina), podemos esperar um aumento compensatório do número de seus receptores. De fato, é o que acontece quando os níveis sinápticos de neurotransmissores diminuem. Uma descoberta recente apoia a hipótese da noradrenalina: novas drogas capazes de bloquear a recaptação de noradrenalina, e assim aumentar sua concentração na fenda sináptica, revelaram-se eficazes antidepressivos. Um composto de nome reboxetina é um inibidor seletivo da recaptação de noradrenalina e é altamente eficaz nos diferentes tipos de depressão, desde as mais graves até as formas menores e crônica. São dados confiáveis.

O elo serotonina – Contudo, pesquisas relativas aos níveis de serotonina atraíram mais atenção na década de 1990, graças ao êxito terapêutico do Prozac e antidepressivos da mesma família. Cientistas ingleses formularam uma hipótese que postula que a diminuição sináptica da serotonina é outra causa da depressão, já que promove ou permite queda dos níveis de

noradrenalina (e já vimos que a diminuição da noradrenalina seria uma das causas da depressão). Deficiências nos circuitos que utilizam serotonina podem prejudicar a sinalização noradrenérgica. Neurônios produtores de serotonina projetam-se do tronco cerebral em direções a diversas regiões do Sistema Nervoso Central, incluindo os que secretam ou controlam a liberação de noradrenalina. Neurônios serotoninérgicos estão presentes em várias áreas cerebrais que participam dos sintomas depressivos, como a amígdala (envolvida nas emoções), o hipotálamo (relacionado à libido e ao sono) e as áreas corticais vinculadas à cognição e outros processos superiores. Cabe acrescentar que pelo menos uma das formas de receptores de serotonina – o tipo 2 – é maior nos tecidos cerebrais *post-mortem*. Tal como verificado nos receptores de noradrenalina, ocorre um aumento compensatório quando os níveis de serotonina estão diminuídos. Outra evidência notável é, igualmente, proporcionada pela eficácia terapêutica das drogas que impedem a recaptação da serotonina na fenda sináptica. Esses inibidores seletivos da recaptação de serotonina revolucionaram o tratamento da depressão porque são altamente eficazes e seus efeitos colaterais mais suaves do que o de outras drogas. Antidepressivos ainda mais modernos (como o Effexor) bloqueiam a recaptação de serotonina e de noradrenalina. A perturbação nos níveis de noradrenalina ou serotonina, ou de ambos, contribui, em muitos pacientes, para a depressão.

O elo hormonal – Porém, pesquisas convincentes sustentam que transtornos depressivos envolvem, frequentemente, a desregulação de circuitos cerebrais que controlam a atividade de certos hormônios. De fato, alterações hormonais em pacientes deprimidos foram constatadas há muito tempo. O hipotálamo é a principal estrutura cerebral responsável pela regulação da secreção de hormônios cerebrais. Em resposta a um estímulo do Sistema Nervoso Central, ele fabrica e libera substâncias proteicas (hormônio liberador) que agem na glândula hipófise, na base do cérebro, estimulando ou inibindo a secreção que esta faz de vários outros hormônios (hormônio trófico), os quais vão agir em glândulas-alvo por todo o organismo, levando-as a uma resposta fisiológica como, por exemplo, induzindo a tireoide a secretar seus próprios hormônios; o mesmo se dá com os hormônios das glândulas suprarrenais (localizadas acima de cada rim), os hormônios sexuais, o hormônio de crescimento e a prolactina (hormônio mamário). As células endócrinas armazenam hormônios em quantidade variável, e o estímulo para produção hormonal pode deflagrar tanto a

liberação do hormônio armazenado, quanto a produção de hormônio novo. Para que o sistema endócrino execute eficazmente sua função de comunicação e informação entre as células, ele possui mecanismos para regular a liberação destes hormônios. Estes incluem não apenas os mecanismos que afetam a liberação basal e circadiana (padrão espontâneo) dos hormônios, mas também aqueles que permitem o aumento ou diminuição dos níveis hormonais em resposta a estímulos fisiológicos ou patológicos. O Sistema Nervoso Central participa da regulação da liberação hormonal de várias formas. Não apenas dirige os padrões espontâneos de secreção hormonal, mas também medeia a secreção estimulada pelo estresse e outras respostas que interrompem os ritmos basais. Essas influências ocorrem através de efeitos sobre o hipotálamo, e também através de influências sobre o Sistema Nervoso Simpático.

A evidência mais forte em relação à depressão está associada à desregulação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HPA), que, dentre outras funções ligadas aos dois grupos de hormônios secretados pela adrenal, é o sistema que coordena a resposta do corpo ao estresse. Mas entenda bem: não se trata da resposta aguda, em que há um pico alto de adrenalina jorrando no sangue, mas a resposta a longo prazo. Quando uma ameaça ao bem-estar físico ou psicológico é detectada, temos a resposta curta para “luta-ou-fuga”, e a adrenalina é importante mediador dessa situação corporal e suas respostas. É um tipo de alteração muito rápida, e diminui a tendência a atividades que seriam desnecessárias nesse processo. Entretanto, diante do mesmo estresse, imediatamente o hipotálamo age direto na hipófise, e esta libera hormônio trófico que age na suprarrenal. Esta última libera cortisol. O próprio hormônio hipotalâmico diminui o apetite por comida ou sexo, maximizando o estado de alerta; e o cortisol é um dos hormônios da suprarrenal, que agirá sobre o organismo tanto na fase aguda do estresse, por exemplo, aumentando a liberação de combustível energético para os músculos, quanto depois de muito tempo, quando o estresse agudo já não existe mais.

A questão é a ativação crônica do eixo HPA e particularmente do hormônio regulador produzida pelo hipotálamo (CRF). Essa é uma situação que pode abrir espaço para a depressão. Centenas, talvez milhares de pesquisas confirmaram que um número significativo de pacientes deprimidos, particularmente os gravemente afetados, apresentam hiperatividade no eixo HPA. Investigações mais profundas do fenômeno

revelaram alterações em cada nível do eixo HPA em pacientes deprimidos. Por exemplo, a hipófise está aumentada, assim como a glândula adrenal, que secreta cortisol em excesso. Pesquisadores diversos estão convencidos que aberrações nos neurônios produtores de CRF (hipotálamo e outras regiões) são os principais responsáveis pela hiperatividade do HPA e pelo surgimento dos sintomas depressivos. O nível aumentado de CRF é diminuído com a administração de antidepressivos e pela terapia eletroconvulsiva. Estudos *post-mortem* de pacientes deprimidos revelam um grande aumento tanto no número de neurônios produtores do CRF no hipotálamo como na expressão do gene do CRF (resultando em aumento de sua síntese).

Os neurobiólogos ainda não sabem como integrar as descobertas genéticas, neurobioquímicas e hormonais. Mas elas sugerem um cenário parcial a respeito de como pessoas que passaram por infância traumática (influência do Meio Ambiente) se tornam deprimidas. Esta hipótese é dita modelo de “Sensibilidade ao Estresse dos Transtornos de Humor” (*stress-diathesis*), e assinala a interação entre a experiência (estresse) e a disposição inata (*diathesis*). É possível que características genéticas diminuam, direta ou indiretamente, os níveis de monoaminas nas sinapses ou aumentem a reatividade do eixo HPA ao estresse. O limiar determinado geneticamente não necessariamente é baixo o *suficiente* para induzir à depressão na ausência de estresse grave, mas pode ser reduzido por experiências de vida adversas. O que levaria à doença. Foi proposto por estudiosos que maus-tratos ou abandonos precoces não somente ativam a resposta ao estresse, mas induzem, de forma persistente, o aumento da atividade dos neurônios que contêm CRF, sensíveis ao estresse e superativos em pessoas deprimidas. Ou seja, choques emocionais podem *predispôr* ao aparecimento da depressão em indivíduos *geneticamente sensíveis*. Se a hiperatividade neuronal nas crianças que tiveram uma infância difícil persistir na idade adulta, essas células hipersensíveis reagirão de forma vigorosa até mesmo a fatores não tão estressantes. Esse efeito, em pessoas que já têm predisposição inata à depressão, pode então produzir respostas neuroendócrinas e comportamentais características do transtorno.

Estudos feitos em ratos mostrou que nos animais privados de mãe ocorreu um aumento *permanente* na expressão do gene do CRF, e, portanto, na produção do CRF. Descobriu-se também um aumento na densidade do receptor para CRF nos ratos privados de mãe. Essa é a pior de todas as

hipóteses, porque esse *aumento* da densidade dos receptores não veio para balancear uma *diminuição* de CRF (para todos os efeitos o CRF era normal nesses animais; a indução no aumento de receptores veio pelo estresse – privação da mãe). As concentrações permanentemente elevadas dos receptores tendem a ampliar a ação do CRF, intensificando permanentemente os efeitos depressivos do CRF e do estresse. Dados colhidos em experimentos com macacos submetidos a estresse na infância proporcionaram resultados similares. Se os efeitos em seres humanos se assemelham aos verificados em animais, as descobertas significam que maus-tratos, abandono e choques emocionais podem gerar alterações permanentes no desenvolvimento do cérebro – aumentando a presença do CRF e a resposta a ele, intensificando a vulnerabilidade dessas pessoas à depressão.

Estudos de imagem cerebral não invasiva como a Ressonância Nuclear Magnética foram particularmente importantes nos últimos quinze anos. As imagens da matéria branca subcortical (área intrincada com o Córtex Cerebral) em pacientes maníaco-depressivos revelaram um inesperado número elevado de manchas luminosas em certas regiões do cérebro envolvidas com o humor. Essas manchas geralmente refletem perda neuronal, mas ainda não se sabe que tipo de células podem estar faltando nessa região. Além disso, o volume de várias estruturas cerebrais está reduzido em pessoas que sofrem de depressão crônica. O hipotálamo é uma dessas estruturas. Estudos em mulheres idosas cuja depressão estava em remissão mostraram também que o seu hipocampo era menor do que o de outras mulheres da mesma idade, sugerindo que a secreção crônica do cortisol (como ocorre em muitos indivíduos deprimidos – hiperatividade do eixo HPA) pode destruir células hipocâmpais. Ainda não se sabe como a perda neuronal no hipocampo e em outras regiões do cérebro favorece a depressão, mas é razoável pensar que entre os neurônios afetados estão os que respondem à serotonina e à noradrenalina, o que contribui para muitos casos de depressão. Pesquisas também sugerem que a atividade elevada na amígdala pode indicar vulnerabilidade à depressão.

Pesquisadores deverão investigar, ainda, se adultos deprimidos com história de maus-tratos precisam tomar antidepressivos por toda a vida ou se as drogas e as psicoterapias existentes podem restaurar a atividade normal nos neurônios produtores de CRF. Cabe lembrar, porém, que como em todas as doenças cerebrais, há casos crônicos e bastante resistentes a qualquer tipo

de medicação. São pacientes que trocam e trocam e trocam de medicamento, sem melhora. Recentemente assistimos a uma reportagem da *Discovery Channel* que mostrava o caso de uma mulher que já tinha tomado 30 tipos de drogas para depressão e nada funcionava. Ela vivia restrita ao leito, não tinha condições de fazer mais nada, fosse fora de casa ou mesmo em casa. A solução para ela foi extrema: uma cirurgia de eletro-estimulação cerebral numa determinada área estipulada pelos especialistas como sendo responsável por grande parte dos sinais da depressão. Nesse caso, felizmente, houve melhora de 50% dos sintomas. Mas... quem sabe se isso funcionará a longo prazo??

As outras e últimas enfermidades que vamos considerar neste livro não são psiquiátricas, mas Neurológicas.

4. ANATOMIA DA EPILEPSIA

Esta doença considerada “Demoníaca” na Idade Média é hoje problema de saúde pública. A palavra “epilepsia” vem do latim, derivada por sua vez do verbo grego *epilambanein*, que significa apanhar, pegar de surpresa, capturar. Por volta de 400 a.C., Hipócrates escreveu que o chamado “mal sagrado”, sinal do desprezo dos deuses, não parecia possuir “algo mais divino do que as outras doenças, nem em sua origem e nem em sua natureza”. Na Roma Antiga, o surgimento de uma crise epilética em políticos ou membros da Magistratura era um acontecimento temido, que punha em risco assuntos de Estado. O *morbus comitialis* era, assim, objeto de receio e repulsa, e chegou a ser considerado como incorporação Demoníaca na Idade Média. Somente na segunda metade do Séc. XIX é que a epilepsia passou definitivamente do domínio da Psiquiatria para o da Neurologia. No Séc. XX, graças ao advento de tecnologia Médica, houve avanços, sobretudo no âmbito terapêutico, com a descoberta da ação anticonvulsivante de certas drogas como o fenobarbital. Progressos também foram obtidos com a introdução, por volta de 1920, da eletroencefalografia. A técnica permitiu uma nova abordagem, possibilitando distinguir crises epiléticas conforme suas características clínicas e neurofisiológicas, já que o exame permite o registro das descargas elétricas que ocorrem fora do período convulsivo, através do couro cabeludo.

A epilepsia é resultado de descargas nervosas (impulsos elétricos através dos neurônios – potencial de ação) recidivantes, espontâneas e transitórias (função cerebral hiperativa). O surgimento desta descarga neuronal anômala

característica da epilepsia expressa um transtorno na excitabilidade neuronal. Dois fatores são importantes nos neurônios epiléticos: hiperexcitabilidade (tendência de gerar descargas repetidas em resposta a um estímulo que, normalmente, deveria gerar somente um potencial de ação, isto é, *uma* descarga elétrica somente), e hipersincronia (capacidade de gerar séries de potenciais de ação de forma sincrônica). Fora isso, muitos defeitos neuronais foram identificados, em modelos experimentais, como podendo ser os causadores da desestabilização da membrana celular ou da interferência no equilíbrio da atividade sináptica excitatória e inibitória (o desequilíbrio deflagraria a crise). Contudo, essas alterações eletrofisiológicas podem estar relacionadas a anormalidades bioquímicas. A maioria dos investigadores acredita que a anormalidade fundamental em todas as condições epiléticas situa-se no Córtex Cerebral, incluindo o Córtex límbico (hipocampo). Os “disparos” alterados do potencial de ação das células nervosas levam a diversos distúrbios, os quais correspondem às funções da área cortical que está sendo atingida; e como a onda elétrica local pode se propagar e forma sequencial para áreas adjacentes ou até áreas cerebrais mais distantes, pode também haver um conjunto de sintomas adicionais. O ataque ou crise epilética pode aparecer como embotamento da consciência, movimentos involuntários, distúrbios do Sistema Nervoso Autônomo, ou até experiências psíquicas ou sensoriais.

A epilepsia é um dos problemas neurológicos crônicos mais frequentes. A taxa global da doença está em torno de 6,8 por mil. A prevalência Mundial é estável e atinge entre 0,5 e 0,8% da população. Pelo menos uma em cada 200 pessoas apresenta epilepsia ativa. A doença é mais comum nos primeiros anos de vida: a incidência maior é no primeiro ano, e a taxa permanece elevada até os dez anos de idade; decresce progressivamente, estabilizando-se em taxas reduzidas entre os 30 e 50 anos, para novamente aumentar novamente em pessoas com mais de 75 anos. Significa então que a doença pode aparecer em qualquer época. Investigações epidemiológicas indicam que 0,5% da população dos Estados Unidos tem convulsões ativas; 3% sofreram crises recidivantes em alguma época da vida; e 9% apresentaram pelo menos uma convulsão epilética. A prevalência é maior em regiões do Mundo que têm maior incidência de lesão cerebral devido a altas taxas de infecção, assistência perinatal deficiente e traumatismo cranioencefálico frequente.

ANATOMIA DAS CRISES

Para entender o fenômeno epilético é necessário considerar que ele se origina do desequilíbrio entre os sistemas excitatório e inibitório. Os principais neurotransmissores excitatórios e inibitórios são o Glutamato e o GABA, respectivamente. O início da descarga frequentemente está associado a modificações na expressão dos receptores para o GABA e para o Glutamato. Tende-se a acreditar que a reversão total da epilepsia sem nenhuma intervenção seja rara. Mas ela pode extinguir-se espontaneamente em um número considerável de casos após dez a doze anos do seu aparecimento. O prognóstico da epilepsia é variável: uma parte é benigna, cerca de 20% dos casos, e apresenta remissão espontânea. Outros 30 a 35% respondem bem a medicamento e o doente permanece bem assim, podendo inclusive, mais tarde, ter o medicamento suprimido. Em 30% dos pacientes a doença não regride espontaneamente e diversos ajustes nas drogas se faz necessário para impedir as crises; as drogas não aceleram a remissão, que é imprevisível. Em mais ou menos 15 a 20% há o pior prognóstico, a epilepsia é grave devido ao seu caráter crônico e resistência ao tratamento.

Como já mencionado, as causas da epilepsia são múltiplas e variadas. A bioquímica alterada do neurônio resulta da combinação de fatores genéticos e ambientais; conforme as circunstâncias, predominam um ou outro. A influência genética explica cerca de 40% dos casos, porém as síndromes epiléticas mais frequentes seguem um padrão multifatorial. As epilepsias idiopáticas (sem causa conhecida) provavelmente resultam da ação, em um mesmo indivíduo, de vários genes distintos (mecanismo poligenético) e de fatores ambientais (adquiridos). A expressão da doença varia de acordo com a idade do paciente. Por exemplo, epilepsias tumorais representam cerca de 10 a 15% de toda as crises epiléticas em adultos, e uma das causas mais frequentes em idosos são os acidentes vasculares cerebrais (“derrames”).

Fatores adquiridos podem ser, por exemplo, lesões decorrentes de acidentes pré-natais e perinatais. Problemas nestes períodos podem causar a epilepsia, e são múltiplos. Em caso de lesões cerebrais graves as crises se manifestam precocemente. Se forem lesões menos extensas a epilepsia pode surgir apenas na idade adulta. Já infecções do Sistema Nervoso Central podem provocar crise em qualquer idade (ex.: meningoencefalite bacteriana, infecções do HIV). Epilepsias podem também ocorrer pós-trauma craniano; em 70% dos casos a doença surge em até dois anos após a ocorrência do trauma, mas claro que existem acidentes que levam a quadros neurológicos

precoces, começando na mesma semana. É o caso do traumatismo cranioencefálico agudo. O excesso do consumo de álcool representa um fator clássico de crise em pacientes epiléticos, e há vários tipos: consumo excessivo ocasional; abstinência alcoólica em pessoa com intoxicação crônica; epilepsia alcoólica propriamente dita.

Crises convulsivas podem acontecer, mesmo na ausência de epilepsia, e dentre elas encontram-se, por exemplo, os dependentes químicos de drogas como cocaína, anfetaminas ou fenciclidina que podem ser induzidos a crises convulsivas. Psicotrópicos em uso crônico (Medicações Psiquiátricas) podem causar crises convulsivas também: antipsicóticos, por exemplo, ou antidepressivos; dose excessiva ou abstinência de benzodiazepínicos e barbitúricos. Febre, privação de sono, processos tóxicos também podem ser causa de convulsões reativas. As pessoas que reagem a esses fatores são aquelas que provavelmente têm limiar reduzido para a doença. Contudo, as convulsões reativas não são epilepsia.

A classificação internacional das crises distingue três grupos principais: generalizadas, parciais e não classificadas:

– Generalizadas – a descarga paroxística abrange desde o início os dois hemisférios cerebrais, envolvendo simultaneamente todo o córtex. São de dois tipos, convulsivas ou não convulsivas. Nas não convulsivas temos, por exemplo, a ausência. As chamadas “ausências” são crises de breve duração, marcadas por alteração (atenuação ou suspensão) da consciência. As “ausências típicas”, observáveis em crianças e adolescentes, são ditas “ausências do tipo pequeno mal” e começam e terminam abruptamente. Nesses casos a criança fica imóvel, com os olhos no vazio, interrompendo por um período de 5 a 30 segundos a atividade a que se dedicava. Pode estar associada a movimentos leves das faces e das pálpebras. Depois ela retoma a atividade e não tem recordação da crise. Isso pode passar despercebido aos adultos. Essas ausências podem ser acompanhadas por automatismos gestuais simples, leves contrações musculares rítmicas, ou abalos mais generalizados. “Ausências atípicas” são aquelas caracterizadas por início e fim mais progressivos, com duração maior e alteração mais marcante da consciência, o que produz algum grau de confusão pós-convulsiva. As ausências podem ocorrer espontaneamente centenas de vezes durante o dia. As ausências atípicas podem comprometer as atividades normais.

Nas crises generalizadas não convulsivas entram as crises mioclônicas e atônicas também. As crises mioclônicas são marcadas pela contração

simultânea dos músculos, o que determina um tremor breve e imprevisto, e intensidades variáveis. São espasmos semelhantes a choques isolados, bilateralmente sincrônicos e rapidamente recidivantes da face, do tronco e dos membros; não acompanham a perda de consciência. Na maioria dos pacientes, abalos mioclônicos se agrupam pouco após o despertar ou o deitar. As crises atônicas são marcadas pela perda do tônus muscular postural, ao qual geralmente segue-se uma queda. Na sua forma mais simples a cabeça pende por um segundo ou menos; as formas mais intensas causam o desaparecimento do tônus em todo o corpo, levando ao colapso, às vezes com sérias lesões como concussões, fraturas e perda dos dentes. Essas crises acontecem muitas vezes ao dia e são de difícil tratamento.

Nas crises generalizadas convulsivas encontramos, por exemplo, as crises tônicas. Elas são caracterizadas pela contração muscular sustentada que se prolonga por alguns segundos, associadas a alteração de consciência, apneia (ausência de respiração) e outras manifestações vegetativas. Nas crises tônico-clônicas (chamadas de “Grande Mal”), as crises generalizadas mais frequentes, os sintomas surgem sem indícios e se manifestam por três fases: tônica, clônica e resolutive. A primeira dura de dez a vinte segundos e é caracterizada pela emissão de um grito súbito. A perda da consciência é imediata. A seguir vem a queda e uma contração duradoura acomete toda a musculatura esquelética, bilateralmente, em extensão. Após alguns segundos de rigidez progressivamente a contração muscular diminui levando à fase clônica (contrações musculares clônicas sincrônicas), que dura cerca de 1 a 2 minutos. Então a convulsão cessa deixando o paciente flácido e inconsciente. A apneia que ocorre desde o início da crise é responsável pelo aspecto cianótico (azulado) da face. A pressão arterial se eleva abruptamente, a temperatura corpórea aumenta e os pacientes salivam, podendo ter incontinência urinária e fecal. A obnubilação profunda da consciência segue-se à crise. Ao despertar em geral o paciente não tem recordação do ocorrido e queixa-se de dor de cabeça, sensação de fraqueza e dores musculares.

– Parciais – a descarga paroxística ocorre inicialmente apenas na zona epileptogênica (nos “focos” epiléticos). A sintomatologia das crises dependerá das características anátomofuncionais do circuito cerebral afetado, que é constituído por estruturas diversas que são recrutadas pela descarga crítica; conseqüentemente as manifestações variam. A descarga pode permanecer focal, ou propagar-se para uma parte ou para a totalidade

de um hemisfério cerebral; ou ainda, difundir-se para os dois hemisférios levando a uma crise generalizada. As crises parciais são divididas em dois grandes grupos: as simples, nas quais não há perda ou modificação da consciência (o paciente percebe a crise), e as complexas, nas quais ocorre alteração de consciência que varia de amnésia durante o evento convulsivo a ausências de respostas comportamentais. Geralmente há envolvimento bilateral do córtex, ao passo que nas crises simples a deflagração da crise se limita a um hemisfério cerebral. A “consciência” pode ser definida como a qualidade da resposta aos estímulos ambientais e como a possibilidade de conservar lembranças dos eventos internos e externos ocorridos durante a crise. A avaliação do nível de consciência é, portanto, o critério fundamental para diferenciar os dois tipos de crises parciais.

Conforme as manifestações predominantes, as crises parciais simples podem ser ainda mais divididas, de acordo com a predominância de sinais motores, sinais sensitivos ou sensoriais (somatossensorial, visual, auditivo, olfativo, gustativo, vertiginoso), sinais vegetativos e sinais psíquicos. Nas crises parciais complexas a divisão se faz de acordo com o seguinte critério: início parcial simples seguido de embotamento da consciência; início com embotamento da consciência desde o início; crises parciais que evoluem para convulsões tônico-clônicas generalizadas.

Os sinais motores: começam com movimentos tônicos ou clônicos de determinada parte do corpo. A face e as mãos estão envolvidas frequentemente. Depois, mais comumente as descargas ativam múltiplos grupos musculares para produzir movimentos complexos como virar a cabeça, os olhos ou o corpo para um lado e assumir uma postura com um ou mais membros. Pode haver parada da fala ou vocalização, espasmos oculares ou palpebrais, risadas impróprias não relacionadas ao humor. Os sintomas sensoriais refletem alterações de sensibilidade corporal, dormências localizadas, visões luminosas, vagas, sensações gustativas ou olfatórias desagradáveis, vertigens e sons. Fenômenos pós-convulsivos como cegueira, surdez e anestesia às vezes sucedem crises parciais simples com sintomas sensoriais. Sintomas vegetativos podem ser náuseas, vômitos, desconforto no estômago; palidez, rubor, sudorese, dilatação pupilar, arritmia cardíaca e incontinência são evidentes. Os sintomas psíquicos incluem sensações de familiaridade (*déjà-vu*) ou estranheza (*jamais visto*), estado de devaneio, despersonalização, distorção do tempo; sintomas afetivos como ódio e medo podem ocorrer; ilusões com imagens múltiplas

ou distorções do tamanho; e alucinações consistindo em experiências sensoriais mistas estereotipadas com visões de rostos reconhecíveis bem formados ou cenas específicas acompanhadas de vozes que podem ser entendidas, odores familiares e respostas emocionais.

As crises parciais complexas são frequentemente acompanhadas por movimentos automáticos correspondentes a manifestações motoras involuntárias mais ou menos elaboradas, com sequências corretas ou desorganizadas. Em algumas situações o comportamento motor automático é percebido pelo paciente como atos irreprimíveis (esse é um sintoma clássico que pode ser interpretado como uma “possessão”). Os automatismos são de várias naturezas. Podem ser oroalimentares, como mastigação, lamber os lábios, deglutição, estalo dos lábios, sugar; outros exemplos de automatismos podem ser a expressão verbal de sons ou palavras; movimentos gestuais simples, que podem ser dirigidos ao próprio paciente (arranhar, segurar as roupas, esfregar as mãos) ou ao ambiente circundante (agarrar objetos, manipular); ou então o paciente pode simplesmente sair andando. Eles podem despir-se, correr, responder a comandos e demonstrar uma variedade de automatismos complicados que indicam uma capacidade residual de se relacionar com o ambiente, a despeito do estado de convulsão. Portanto, atividades em curso como lavar pratos ou dirigir um carro podem continuar automaticamente. Porém, em alguns tipos de crises parciais complexas, os pacientes exibem movimentos irregulares de sacudir os membros, gritam, caem ou mostram um comportamento bizarro que são difíceis de diferenciar de uma crise “histórica”. Às vezes também é difícil distinguir entre convulsões epiléticas e reações de conversão.

De qualquer forma, imagine você tendo uma conversa com alguém que de repente, do nada, começa a agir desta maneira, e pode não se lembrar do que aconteceu, ou agir de forma confusa. Ou, se lembra, diz não conseguir reprimir os impulsos que apresenta, sejam eles da natureza que forem. Imagine essa pessoa arranhando a si mesma no meio da conversa ou agarrando as *suas* roupas. E depois diz não se lembrar de nada, ou afirma ter sido impossível agir de outra forma. Os automatismos gestuais complexos executam sequências mais elaboradas: abotoar ou desabotoar a roupa, procurar algo nos bolsos, colocar objetos no lugar etc. Tal conduta poderia ser confundida com um “satanista espião”, dando “sinais” aos demônios.

Observe que uma pessoa epilética pode ter vivências extremamente complexas e estranhas de acordo com o tipo de crise que apresenta,

especialmente se o nível de consciência estiver preservado. O paciente sem diagnóstico e sem tratamento pode ter, por exemplo, alucinações visuais estranhas ou aterrorizantes, podem ouvir sons e não saber a procedência deles, e nisso tudo *criar depois* um delírio, de qualquer tipo, em cima da crise epilética. Por exemplo, após a crise o paciente pode entrar em pânico sem saber o que está acontecendo, e criar suas próprias interpretações. Esse foi o foco da discussão do filme “O exorcismo de Emily Rose”, baseado em fatos verídicos, onde se discutia – em Juízo, já que a vítima morreu – se a paciente era epilética ou se estava de fato possessa. Por terem tratado o caso como endemoniamento, sendo as medicações não devidamente tomadas, depois do óbito da moça o caso foi a julgamento. O padre incumbido do exorcismo foi acusado de homicídio culposo. No Catolicismo, o padre para poder realizar o ritual de exorcismo, precisa ter autorização especial, e um treinamento específico na área. Porém, sempre, antes da aprovação são descartadas, sempre, as possíveis causas naturais. O exemplo utilizado, do filme, mostra o padre executando o ritual mesmo sem a devida aprovação de seus superiores. – Convulsão Febril – do mesmo modo que antes, não se pode descartar que os pais, amedrontados, achem que seu bebê está sendo atacado por alguma força Demoníaca, já que as convulsões febris ocorrem preferencialmente em crianças predispostas. Entre 2 e 5% das crianças com menos de cinco anos apresentam pelo menos uma convulsão febril. São crises tônico-clônicas generalizadas breves. Apenas 5% desta população desenvolverá epilepsia. As convulsões febris consideradas simples, de excelente prognóstico, geralmente não precisam de tratamento algum. Aparecem após um ano de idade e decorrem de uma susceptibilidade genética à febre. As complicações surgem no primeiro ano em crianças com histórico de epilepsia na família, geralmente. Contra o diagnóstico de convulsões febris benignas estão os seguintes fatores: convulsões assimétricas ou unilaterais, clônicas, de duração superior a quinze minutos (haja coração de mãe!); déficit neurológico de intensidade variável e duração inferior a 48 horas; ou resultado anormal ao exame neurológico ou mental. O risco de epilepsia posterior pode atingir 50% dos casos. (Conselho de pais para pais: não deixe a febre do seu filho subir demais, sempre baixe com antitérmico (paracetamol), uma gota para cada quilo de peso, e *procure logo* o Médico. Mas, antes consulte, sempre, o seu pediatra. Podem ocorrer, embora muito raramente, a alergia a determinados tipos de antitérmicos.)

Não vamos aqui entrar em mais detalhes sobre as crises epiléticas, não é o caso. Não enfocaremos também nenhuma forma de tratamento ou diagnóstico; basta saber que epilepsia existe e que pode, algumas vezes, trazer confusão espiritual sobre o assunto. Saber, no caso, é parte importante para minimizarmos os erros e maximizarmos os acertos. Vamos apenas citar um quadro a mais, devido à sua importância e também pelo fato de ser uma urgência Médica. É o “Estado de Mal Epilético”. Ele é considerado como a expressão máxima da epilepsia e caracteriza-se por uma situação em que as convulsões se seguem umas às outras sem haver, entre elas, a recuperação da consciência e com alteração dos sinais neurológicos. O período necessário para que a condição seja considerada “fixa e estável” é de 10 a 30 minutos. É uma urgência Médica, e necessita tratamento farmacológico imediato e rigoroso, pois é potencialmente fatal.

5. MAL DE PARKINSON

O Parkinson merece aqui um adendo da nossa parte por um motivo ambiental recentemente descoberto. A doença em si é um problema neurodegenerativo comum na terceira idade (como Alzheimer – a causa mais comum de demência em adultos. Cerca de 20 milhões de pessoas em todo o Mundo sofrem desse mal. Ela continua sendo progressiva, letal e incurável mesmo após um século de sua descrição inicial). Estas doenças estão prestes a superar o câncer como principal causa de morte nesta faixa etária. Porém o Parkinson pode se desenvolver até mesmo antes dos 40 anos e até agora não foi possível encontrar uma maneira de retardar, conter ou evitar a doença. Embora existam tratamentos, eles aliviam apenas os sintomas, não as causas. O Mal de Parkinson foi descrito pela primeira vez no Séc. XIX como uma “paralisia agitante” e ele está entre os problemas neurológicos mais preponderantes hoje em dia. As debilidades encontradas na doença resultam de morte dos neurônios, e o neurônio é uma célula que não se regenera. Uma vez destruída, está destruída. O Parkinson decorre de uma degeneração num local do cérebro chamado “gânglios da base”. Causa, de forma progressiva, lentidão dos movimentos, tremores de repouso, rigidez muscular e alterações posturais, da marcha e do equilíbrio. Atingem ambos os sexos, principalmente após os 60 anos de idade. A causa é ainda desconhecida. Mas sabe-se que fatores genéticos e ambientais, associados à velhice, podem ser alguns dos seus causadores.

Qual é o fator ambiental que queremos destacar? A ideia de que o Parkinson é causado por algo que está no Meio Ambiente existe há décadas. Mas as provas só vieram no início dos anos 1980, quando um pesquisador do Instituto de Parkinson de Sunnyvale, na Califórnia, estudou um grupo de usuários de drogas da região da Baía de São Francisco. Os jovens tinham desenvolvido o Parkinson depois de tomar o “*china white*”, uma heroína sintética. Descobriu-se que aquele lote continha uma impureza chamada MPTP, composto que pode matar neurônios da substância negra do cérebro. Com o tratamento, alguns recuperaram um pouco do controle sobre os movimentos; para a maioria, no entanto, os efeitos foram irreversíveis. Nos anos seguintes os pesquisadores procuraram outro composto com efeitos semelhantes, e em 2003 o esforço recebeu o incentivo de 20 milhões de dólares dados pelo Instituto Nacional para Ciências de Saúde Ambiental à identificação e ao estudo das causas ambientais do Parkinson.

Por enquanto, estudos epidemiológicos com animais relacionaram alguns casos à alta exposição a vários pesticidas, herbicidas e fungicidas. É uma proposição terrível, pois se tratam de agentes usados rotineiramente na Agricultura. Na Universidade Emory, descobriu-se em pesquisas com animais que a exposição à rotenona, pesticida frequentemente usado na agricultura orgânica por ser feito com produtos naturais, pode induzir à agregação de proteínas, matando os neurônios produtores de dopamina, inibindo as organelas que produzem energia nas células e levando a problemas motores (artigo feito por Andres M. Lozano e Suneil K. Kalia na *Scientific American*, ambos da Universidade de Toronto).

O Diabo veio para matar, roubar e destruir. Causar, ou potencializar doenças, é uma forma de destruição, e muitas vezes, para os que estão por trás das ações que fazem isso, causam ou potencializam doenças, o que é para a maioria algo completamente desconhecido, a destruição é *mais* interessante e prazerosa do que a morte. Não devemos ignorar que essas coisas acontecem de fato. Há intenção – e *ação* neste sentido – da Irmandade em preparar todo tipo de agentes causadores de “pestes em massa” para o período do final dos Tempos. Agentes Químicos lançados na Natureza e nos reservatórios de água, por exemplo, ou em alimentos e medicamentos muito utilizados são formas de atingir o Mundo de forma “macro”. Sinais eletromagnéticos igualmente podem afetar a mente – tudo isso é um preparo para o advento do Anticristo, e vai acontecer quer queiramos, quer não. Não haverá como impedir. O motivo de citarmos aqui pesquisas sérias a respeito

do Mal de Parkinson ser algo “adquirido” serve apenas para trazer confirmação de que *muito mais* está sendo preparado. Coisas nunca vistas antes! Não poderemos impedir, mas poderemos nos *santificar*, para fazer parte da Noiva que será Arrebatada e liberta da maioria destes acontecimentos funestos.

Então há, sim, ação conjunta de alguns laboratórios farmacêuticos, locais exclusivos e secretos dentro de Hospitais, além de pesquisadores do mais alto nível que agem em conluio com a Irmandade e Entidades do Mal no sentido não somente de pesquisar, mas literalmente produzir diversos “venenos” para uso em massa: drogas, agentes infecciosos, agentes radioativos e outros que a Comunidade Científica ainda desconhece. Pois são de “uso particular” da Irmandade. E pode ter certeza de que eles não fazem experiências em animais! (Leia “Guerreiros da Luz”).

SINAIS REAIS DE ENDEMONIAMENTO

Estudamos diversas doenças. Foi uma grande quantidade de conhecimento, e esperamos que tal conhecimento seja de alguma valia. Nós cremos que o será, cedo ou tarde. Resta apenas um tópico que não quer calar: os sinais de possessão real, quais são? Já que falamos em doenças que podem, de um modo mais ou menos convincente, colocar-nos em dúvida sobre se existe endemoniamento real, ou não, coloquemos em breves palavras algo sobre as condições verdadeiras de uma “possessão”. Primeiro de tudo: não é nem um pouco comum de ver, pelo menos agora, no meio da Igreja. Por esse motivo, talvez, os Cristãos estejam enxergando Demônios onde não existem. Estejam supervalorizando a atuação do Maligno. Lembre-se que para eles isso é *muito* vantajoso, e para nós, nem um pouco. Perdemos tempo e energia com tolices! A possessão e a manifestação enérgica e repugnante de uma Entidade Espiritual acontece... mas não é assim *à toa!*

A fúria desembestada de um Demônio não lhe é das coisas mais agradáveis, vamos partir deste pressuposto (leia “Filho do Fogo”), pois fica bem claro que é uma exposição de forma “inferiorizada”, de quem perdeu a “compostura”. É um momento em que eles não podem utilizar o Poder a seu favor e se veem acuados; estão descobertos e sendo levados a fazer algo que não querem; o confronto direto com a Luz é extremamente terrível, e assustador. Portanto a agitação espiritual, o ódio, as palavras contra Deus e Seus filhos verdadeiros têm razão de ser. Significa que o Demônio está

muito incomodado, por vezes encurralado, acochado, e teme por sua integridade, já que foi descoberto.

Observe o texto do endemoniado gadareno (Mt. 8:28-34; Mc. 5:1-15; Lc. 8:27-39): ali era um lugar particularmente pouco favorável para Jesus estar. Era terra de pessoas idólatras, que comiam porcos (carne considerada imunda para os Judeus) e não se dobravam a Deus; ou seja, um local espiritualmente carregado. Por mais que o Demônio tenha se prostrado diante de Jesus, numa atitude de “adoração”, chamando-o por “Filho do Deus Altíssimo”, tudo isso era falso, e o último recurso para tentar enganar. Ao que parece, a simples aparição de Jesus pôs o Demônio acuado. Muitas vezes isso vai acontecer dessa forma: diante dos verdadeiros filhos santificados do Senhor, os Demônios vão tremer. Eles não suportam nem a presença, pois junto com essa pessoa está a presença forte do Espírito Santo – que flui com liberdade – e também uma Legião de Anjos, muitas vezes (sendo que apenas um Anjo destruir 185.000 homens do exército de Senaqueribe – estes mesmos anjos acampam a nossa volta). Narrada a experiência em três dos quatro Evangelhos, todos relatam a preocupação do Demônio: “Não me atormentes!”; e “rogavam-lhe que não os mandasse sair para o Abismo”, ou “para fora do país” (ROGAR = pedir por favor; suplicar).

Por certo tratava-se de uma semicanalização de um Espírito Territorial, por isso as manifestações contundentes do endemoniamento e também a preocupação da Entidade em perder o posto geográfico. Como eram muitos, é certo que havia um Líder, e os demais, subalternos ligados à mesma casta do Líder, provavelmente, embora isso não seja regra. Segundo a Irmandade, Lúcifer se enfurece sobremaneira quando Demônios perdem sua posição estratégica. Eles *não podem* sair do seu território; uma vez conquistado, não devem arredar pé de lá. O relato nos diz que os Demônios também rogavam para que pudessem entrar nos porcos. Isto é, choramingavam, clamavam, faziam de tudo para não serem expulsos para muito longe. Veja a que ponto chegava o terror de serem expulsos do território onde estavam.

Um fator a mais que nos leva a pensar numa Entidade mais poderosa em relação ao gadareno foi o fato de Jesus ter perguntado o nome do Demônio. De igual modo o desfecho nos leva nesta direção, com os porcos caindo despenhadeiro abaixo e se afogando. Deve ter sido uma experiência e tanto. A manada estava ali, calmamente, pastando. Pode imaginar isso? De repente, à ordem de Jesus, saem correndo para o precipício! Digamos que foi um

desfecho para não deixar dúvidas em ninguém! E colocou os gadarenos em terror. Mas lembre-se: a conversa de Jesus com o Demônio foi curta e grossa. Não houve uma “Entrevista com o Demônio”. Esse é um bom princípio para nós adotarmos. Muita conversa é erro de nossa parte. *Não se conversa com o Inimigo; apenas o mandamos embora do nosso caminho.* A pergunta nos traz ensino, de que muitas entidades podem ocupar uma vida. No contexto da época, uma legião romana poderia ter até 6.000 homens. A saída dos Demônios trouxe ao gadareno uma recuperação imediata; este é também um fator a ser observado.

Assim, como conclusão, sabemos que Demônios se manifestam agressivamente quando estão muito furiosos ou muito acuados – não o fazem como “show” para divertir plateias, porque a manifestação da possessão é uma manifestação desagradável para esses seres espirituais. Só vai acontecer em último caso.

Quando Demônios se sentem extremamente acuados ou furiosos por terem sido descobertos, e temem pelo seu destino. Não é diante de qualquer um! Apenas diante de verdadeiros servos do Senhor! Cristão de “fachada”, de “rótulo”, de “mentirinha” não tem essa autoridade. Pode usar do método que for, pode orar o que quiser, pode lambuzar a pessoa possessa com óleo, pode gritar, bater o pé, recitar versículos, virar a noite orando. Não vai adiantar. E é bem provável que seja retaliado depois, por causa da ousadia. Mas diante de Cristãos verdadeiros, de modo geral Demônios vão, primeiro, tentar permanecer ocultos a maior parte possível do tempo, tentar passar despercebidos até que passe o perigo para eles. Observe o texto de Atos, quando cita Elimas, o mágico (At. 13:2, 6-12). Elimas era judeu, falso profeta (embora devessem considerá-lo verdadeiro, visto que ele estava com o procônsul, homem inteligente, segundo a Palavra). O procônsul chamou Paulo e Barnabé, querendo ouvir a Palavra de Deus, e eles eram atrapalhados pelo mágico. Porém Paulo lhe fixou os olhos, e, *cheio do Espírito Santo* discerniu a situação e a presença de espírito maligno naquele que se dizia mágico e profeta, e que era tão convincente a ponto de enganar pessoas inteligentes. Note que o Demônio procurava persuadir o procônsul, *mas sem dar sinais de sua presença.* O texto diz que foi pelo discernimento vindo do Espírito que Paulo soube o que estava realmente acontecendo.

O mesmo se dá em Filipos: havia ali uma jovem adivinhadora, possessa, e por certo os Demônios temiam a presença dos servos de Deus, de modo que faziam de tudo para não se traírem. A determinação deles em não ser

descobertos era tanta que literalmente seguiam Paulo e os demais da comitiva, dizendo: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da Salvação”! A estratégia do Demônio era tão desesperadora que falava a Verdade. Por alguns dias isso se repetiu. Até que Paulo interviu e disse ao Demônio para que saísse da mulher. E ele na mesma hora saiu. Por que levar alguns dias para fazer isso, expulsá-lo? Porque talvez num primeiro momento eles não tenham realmente percebido a presença do Maligno ali. Mas, servos fiéis, no Centro da Vontade de Deus, num dado momento houve o clareamento pelo Espírito. Se não fosse assim... teria passado despercebido o Demônio. Como acontece conosco muitas vezes.

Demônios não querem confronto com os verdadeiros filhos de Deus, pois sabem que sairão perdedores. Por isso a fúria muitas vezes. Sair quietos pode ser regra para Demônios menores, mas não necessariamente o é para os maiores. Jesus tinha uma autoridade incomparável. Geralmente os Demônios saíam sem oferecer muita resistência em termos de gritos e agitados. A “conversa” de Jesus se limitava a expulsá-los, ou a mandá-los calarem a boca antes de se irem. A única referência a uma única pergunta acontece no caso do gadareno (portanto, é *exceção*, e não regra). Geralmente Jesus impedia que os Demônios falassem ao sair das pessoas (Mc. 1:25, 34). Escândalos acontecem muito mais quando somos nós, Cristãos santificados, que acabamos por incomodá-los e descobri-los. O escândalo visa assustar, aterrorizar, desnortear e fazer com que a missão de expulsá-los termine fracassada. Veja quando Jesus ensinava na Sinagoga (Mc.1:21-26): “Não tardou que aparecesse na Sinagoga um homem possesso de espírito imundo, o qual bradou: Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!”. Provavelmente o homem entrou na sinagoga desavisadamente. Demônio algum vem ao encontro dos santos de Deus, ainda mais de Jesus. Vendo-se diante Dele, manifestou sua indignação, pois estava descoberto, bastava um olhar de Jesus. A simples presença de Jesus trouxe à tona o que estava oculto. É provável que aquele homem estivesse acostumado a entrar e sair livremente da Sinagoga.

– *Quais seriam os “sintomas” de uma possessão Demoníaca real? O que poderíamos encontrar numa pessoa endemoniada.*

– Hábitos estranhos – viver entre os sepulcros (gadareno), clamando (sabe-se lá o quê!) de noite e de dia; não se vestia e nem habitava em casa.

Ferir-se sozinho. Uso da adivinhação e da mágica (jovem possessa e Elimas).

– Força descomunal – veja o gadareno: *nada* o podia prender, nem mesmo correntes e grilhões, pois ele as despedaçava. Ninguém podia subjugar-lo.

– Gritos e agitação violentos – como exemplo temos o jovem possesso (Lc. 9: 37-43); quando o Demônio se sentia furioso, fazia o menino espumar pela boca e convulsionar, atirando-o por terra. Imagine esta cena: é bastante forte! Gritos, contorções involuntárias do corpo, saliva escorrendo pela boca, perda da consciência, convulsões. Poderia ser uma epilepsia, mas a Bíblia nos garante, nesse caso, que é endemoniamento. O mesmo acontece com o homem possesso da Sinagoga: ao sair, o espírito imundo agitava o homem violentamente e gritava em alta voz (Mc. 1:26), e o lançou por terra (Lc. 4:35). Quando Filipe expulsava Demônios em Samaria, esses espíritos imundos saíam dos possessos gritando em alta voz (At. 8:6-7).

– Falar coisas que mais ninguém sabe – os Demônios citados nos exemplos anteriores sabiam muito bem quem era Jesus, bem antes do que as pessoas, e até os Discípulos. Sinal que eram conhecedores e participantes do Reino Espiritual, estavam vendo o que os homens não viam: “Jesus Nazareno”... “Filho do Deus Altíssimo”... “Santo de Deus”... quem lhes disse isso? Ninguém. Desde o Batismo de Jesus, quando Satanás foi ao Seu encontro no deserto, que Demônio algum ignorava a identidade do Messias prometido. Eles sabiam por verem Jesus espiritualmente... e não apenas fisicamente. Por isso tanto terror à vista Dele! Uma variante disso é o Demônio falar alguma coisa que *somente você sabe*. Geralmente ele lançará, aos gritos, pecados ocultos e não confessados, pois eles os conhecem. Estavam presentes quando você pecou. Ou falarão de fatos que podem deixá-lo abalado, fatos que outras pessoas desconhecem. Ou podem usar de subterfúgio, falando de coisas delicadas como a morte de um amigo ou parente, sobre o destino espiritual deles, mesmo que seja mentira. Se a mentira servir para desestabilizar emocionalmente, já saíram no lucro. Os homens podem não saber de tudo... mas o Reino Espiritual não se engana. Deus sabe... o Diabo também. “Estes homens vos anunciam o caminho da Salvação”: os Demônios também conheciam os verdadeiros servos de Jesus. Houve um homem que quis expulsar um Demônio em nome de Jesus, “a quem Paulo prega”, e foi atacado ferozmente. Jesus não era seu Salvador pessoal, ele não conhecia Jesus, mas foi aventurar-se, provavelmente por arrogância,

achando que o Poder dos Apóstolos vinha de uma receita de bolo. Muitos de nós incorremos nesse erro e agimos assim, hoje em dia.

– Sinais, prodígios e manifestações de Poder – não é difícil para um Demônio, acuado ou não, fazer sinais “miraculosos”. A Bíblia diz isso: que estes sinais poderiam inclusive enganar os próprios eleitos. Portanto, eles podem fazê-lo, e o verdadeiro endemoniado manifesta isso. Veja o caso de Simão, o mágico (At. 8:9-11). Antes de converter-se, ele “praticava a mágica, iludindo o povo de Samaria, insinuando ser ele de grande vulto; ao qual todos davam ouvidos, do menor ao maior, dizendo: Este homem é o poder de Deus, chamado o Grande Poder. Aderiram a ele porque há muito os iludira com mágicas”. Não raro, numa tentativa de expulsar uma Entidade, os Demônios farão estardalhaço na forma de sinais: derrubar livros com violência da estante, arremessar objetos, quebrar coisas, acender o fogo, agitar cortinas (tudo isso sem que a pessoa se mova ou se aproxime desses objetos). Quando acusaram Jesus de ter parte com Bêlzebu, fizeram-no por causa dos sinais que ele manifestava. Sinal que atribuíam o grande Poder de Jesus ao Poder de um Demônio; então está claro que eles sabiam que Demônios podem se manifestar dessa forma, operando sinais e maravilhas. Falando do Anticristo, o Arcanjo Gabriel anuncia a Daniel um rei feroz e de grande Poder, *mas não por sua própria força* (Dn. 8:23-25). Em Apocalipse se fala do Poder incrível da Besta em fazer sinais, como quando teve sua ferida mortal curada, e maravilhou a Terra com isso, e todos o seguiram, e adoraram o Dragão (Ap. 13:2-4). Também a Besta que emergiu da terra exerce autoridade e opera grandes sinais, “de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens. Seduz os que habitam sobre a Terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da Besta (...)” (Ap. 13:12-15). Claro que este é um Poder reservado para o Apocalipse, mas desde já Demônios – especialmente os de alta Patente – têm poder de realizar sinais. E o farão inclusive na hora de um confronto com a Luz.

– Grande loquacidade – veja o exemplo do procônsul, com Elimas; e todo o povo de Samaria, com Simão. Se o Demônio não fosse convincente em Elimas, que já tinha o título de profeta e também de mágico, não conseguiria o intento de enganar alguém proeminente como aquele político. Por certo havia interesses estratégicos por trás, e por isso Elimas era tão contrário a que o procônsul ouvisse a Palavra dos Apóstolos. Simão já era chamado de “o Poder de Deus, o Grande Poder”. Demônios são seres inteligentes, muito mais do que nós. Dificilmente – para não dizer nunca, já que é melhor “nunca

dizer nunca” – um Demônio vai *falar errado*, cometendo erros de pronúncia ou concordância, ou mesmo exibindo o sotaque característico da pessoa. Quer dizer, um Demônio de verdade não vai cometer erros de linguagem absurdos, usar de sotaque nordestino, carioca ou americano, por exemplo. Quando falar, ele falará com a voz dele. Que necessariamente é diferente da voz da pessoa; inclusive mulheres poderão falar com voz masculina. Especialmente Principados e Potestades falarão com voz grave e profunda, característica destes seres espirituais. Podem também produzir sons de mais de uma voz. (Lembremo-nos, no entanto, que monges Tibetanos também o podem fazer através de técnicas vocais que levam a ativar mais de um grupo de pregas vocais. A Fonoaudiologia pode ensinar a técnica. No entanto, isso em nada se assemelha aos berros de vários Demônios ao mesmo tempo! Ainda quanto à loquacidade, o próprio Anticristo será um exemplo dela; e também de inteligência, força de manipulação de massas, sagacidade, intrepidez, poder em intrigas, poder em destruições, poder de engano, autoridade. Não vamos imaginar que os Demônios são criaturas estúpidas.)

– Falar com linguagem de baixíssimo calão – só que isso não significa simplesmente abrir o “dicionário” dos palavrões, embora aconteça, mas trata-se de principalmente falar blasfêmias e coisas aterrorizantes sobre Deus, pois O odeia. (Dn. 7:8, 11; Ap. 13:1, 5-6).

– Falar em línguas que não conhece – mas isso não quer dizer frases soltas, ou algumas palavras apenas; nem gemidos, sussurros ou grunhidos que podem nos confundir. Por quê? A questão é que nosso inconsciente capta *tudo* ao redor; nossa mente é muito poderosa. Alguém pode nunca ter falado alemão, por exemplo, mas já escutou a língua em filmes ou músicas. Isso fica arquivado na mente mesmo que não tenhamos consciência de nada. Numa falsa possessão isso pode vir à tona. Entenda-se por “falsa” aquilo que é falso mesmo, ou por farsa, ou no caso de pessoas doentes mentalmente, ou carentes, que para ter atenção simulam a possessão. Por vezes não o fazem por dolo, mas é fruto da alma ou de alguma doença orgânica. O falar em línguas estranhas nas pessoas endemoniadas é um fenômeno *estranho* mesmo, pois falam com eloquência, com fluência digna de nota línguas que realmente não fazem parte do mundo da pessoa em questão; ou falam numa língua já extinta, como o aramaico, o latim, o sânscrito, ou qualquer coisa semelhante... e com aquela voz que *não* é a delas.

– Machucar a pessoa – é fácil perceber quando a possessão é falsa por causa disso. Jamais essas pessoas vão se machucar de verdade, com

violência extrema, ou se cortar, arranhar, atirar de cabeça na parede ou tentar pular por uma janela aberta. Ao passo que o Demônio verdadeiro vai fazer isso muitas e muitas vezes, vai realmente machucar a pessoa, e o combate espiritual pode ser bastante violento nesse sentido. Fica claro que o endemoniamento é verdadeiro, ou então a pessoa tem uma séria doença cerebral. Também é impossível que nas possessões falsas sejam utilizados músculos de ação involuntária (quer faciais, quer corporais). É a ação destes músculos que confere à face o contorno horripilante característico dos Demônios, e também são os mesmos músculos que fazem com que a pessoa assuma posições estranhas e desconfortáveis, ou que exijam demasiado equilíbrio, muitas vezes incompatíveis com o esqueleto humano. E sem esforço algum. Dificilmente um Demônio vai assumir a postura que muitos conhecem, com as mãos aparentemente “amarradas” nas costas, grunhindo coisas em plena televisão, fazendo caretas, conversando em português precário com o Líder “exorcista”, mas sem qualquer alteração característica como as que estamos comentando.

– Somente se assustam com o que é verdadeiramente Santo – isso já foi, indiretamente, comentado. As Trevas temem a Luz, e *somente Ela*, nada mais no nosso parco Mundo. “Parco”, sim, quando comparado à imensidão do Reino Espiritual. Eles podem, das duas, uma: ou fingir que estão se sentindo ameaçados – para favorecer o engano – como é o caso da água-benta e do terço, coisas assim, pois são apenas objetos que não oferecem resistência real. Via de regra, nenhum objeto impõe medo aos Demônios. Os Demônios temem pessoas cheias do Espírito Santo, e não objetos; a não ser que o objeto em questão seja realmente de uma pessoa santa, e seja usado mediante direção clara de Deus. Pode acontecer que o Senhor peça o uso de algo. Uma cruz, por exemplo, se for um algo santo, consagrado com óleo, usado por alguém espiritual de verdade, pode ter valor. Mas não valor maior do que o da pessoa em si. Lenços de Paulo eram levados aos enfermos e os curavam. Óleo de Unção pode ter o mesmo efeito. Mas, novamente, não é o óleo em si que tem Poder, mas sim o Espírito Santo através da pessoa santificada. A Irmandade assume e toma precauções para que Demônio algum se deixe ungir por um verdadeiro servo do Senhor, especialmente se este estiver em período de consagração, com oração e jejum (leia “Filho do Fogo”). Verdade ou mentira, o fato é que se o Demônio se vir encurralado nessa situação, poderá mesmo fazer um “auê”. Não vamos tomar o uso de qualquer objeto como regra, pois não é. Tem que vir como “*Rhema*” para

cada situação. Mas se a sombra de alguns Apóstolos podia Curar, assim como seus objetos pessoais, cremos que objetos realmente consagrados e pertencentes aos santos podem ter o mesmo efeito, ainda hoje, em nossos dias. *Desde que* seja feito por orientação do Alto. Não crie regras, dependa de Deus. Falamos sobre isso porque hoje em dia há muita especulação sobre objetos “santos”, ungidos em massa nas Igrejas e “distribuídos” mediante pagamento, além de pregações que incitam pessoas a usá-los para “espantar o Maligno”. E se fica com a ideia de que se não tivermos isso ou aquilo, estamos sujeitos ao Inimigo. Isso é mandinga! Não é assim que Deus age!

EPÍLOGO

Epílogo

Santifique-se, busque a Deus, dependa Dele. Não há outro jeito. Esperamos que tenha ficado igualmente clara a importância de conhecermos certas síndromes cerebrais a fim de que nos perguntemos, pelo menos, se pode ser o caso de a pessoa em questão estar *doente*, e não *possessa*. Esta longa caminhada pôs em relevo o fato de que *tais doenças existem de fato*, contudo não vamos descartar que um esquizofrênico, um doente bipolar, um depressivo, um paciente com fobias estranhas, um epilético... possam, sim, ter suas enfermidades causadas por Entidades Demoníacas.

O nosso maior desafio – *em Deus* – será saber distinguir, como fez Jesus, quando se trata de uma coisa ou de outra.

Não podemos esquecer de que a Medicina está a nosso serviço e devemos sempre encaminhar os pacientes ao Médico, independente de qualquer coisa. Porém, *hoje mais do que nunca*, num ambiente Puro, Santo, onde a Vontade do Soberano está sendo feita da melhor maneira possível, sem questionamentos... onde a idoneidade e os princípios Cristãos imperam em lugar das divisões, contendas, corrupções e murmurações... tenhamos certeza invicta de uma coisa: *o Senhor Cura!* Sejam males do corpo ou da mente, da alma ou do espírito! Falar em doenças de forma alguma nos desanima ou diminui o Poder do Senhor, ao contrário. É justamente por saber que as doenças – naturais ou espirituais – existem, é que podemos divisar com maior clareza o tamanho do Poder e da Bondade do Pai, quando ele simplesmente torna inexistente infortúnios que a Ciência ainda não conseguiu desvendar! Mas a forma do Senhor Curar é multiforme... ainda mais agora, quando vivemos os estertores da vida na Terra!

Esperamos que tenha ficado claro para o leitor, após essa leitura, que não podemos esperar manifestações do Sobrenatural do Pai se caminharmos em

sentido inverso ao Dele, inventando nossa própria Teologia e em conformidade com as nossas vontades e ideias. Tudo o que é humano, da alma, criação do próprio coração da Igreja deve ser abandonado em favor do Evangelho Puro. Essa é a única saída, a única solução para nós. Hoje é o Tempo em que o Senhor fará maravilhas como nunca antes, desde que os princípios estabelecidos sejam respeitados. Há uma direção a seguir, um Caminho a percorrer... não há atalhos... e o Tempo do Fim se aproxima. Então, nos aviemos coerentemente para *servir* ao Deus Vivo, de maneira que seja possível recrutar muitos deste Mundo insano e, futuramente, todos nós possamos participar das Bodas do Cordeiro!!!

Precisamos caminhar pela trilha proposta começando pelo *Começo*. Qual é o *Começo*? A conscientização dos erros, o arrependimento dos pecados, a certeza de que não temos agradado ao Pai em muitos aspectos. Um quebrantamento autêntico, que vem de dentro para fora e não tem nada a ver com manifestações emocionais que logo passam. Este será o estopim para darmos os primeiros passos numa nova direção. Alcançaremos então o *Meio* da trilha – esse é o trecho mais longo e árduo: devemos *ouvir e tornar prático* tudo aquilo que entendemos em teoria sobre a Restauração e Cura do indivíduo, da Família e da Igreja. O contato íntimo de cada Cristão com o Pai trará a tão esperada Unidade da Família e da Igreja, que é fundamental para irmos adiante. Busquemos santificação na vida diária, busquemos viver os preceitos da Palavra de forma literal, busquemos comunhão com o Altíssimo, amando-O de maneira prática e almejando Sua Presença de todo o coração, de toda a alma, de todo entendimento, com todas as forças. É preciso *mudar de direção* se somos convencidos do engano, e isso tem que ser feito com seriedade e presteza. O Senhor nos chama para sermos santos como Ele é Santo!

Este é um processo que acontecerá com todos? Por certo que não. Muitos vão usar de seu livre-arbítrio e continuar no erro. Esses ensinamentos são para aqueles que serão despertados para o arrependimento e terão amor e coragem para mudar e fazer diferença. Portanto cada um busque saber, e permaneça, no lugar para o qual foi chamado. Deixe Deus ser Deus em sua vida. Vamos abandonar o nosso “eu” egocêntrico que deseja ser reconhecido pelos outros – e não por Deus – como “alguém melhor, mais espiritual”. Quem deseja a aprovação dos Homens e não a de Deus já incorreu em erro. Competir para ver quem é o melhor, o mais ungido, não é de hoje: não foi diferente na época dos Apóstolos, quando discutiam sobre qual deles seria o

maior no Reino dos Céus. Faz parte da índole humana. Chegaram a pedir a Jesus tronos ao lado Dele!!!! Hoje igualmente, parece que provar aos demais que somos “bons”, “ungidos”, “guerreiros”, cheios de “revelações” etc... é mais importante do que qualquer coisa, até mesmo do que ser obediente a Deus. Quem é grande de fato diante do Senhor, e não dos Homens, não precisa dizer. Porque a unção se reconhece. Há competição velada – e, às vezes, nem tão velada – sobre quem é o mais espiritual, com quem Deus fala mais, e quem é mais usado. E aquele que se julga na mira dos Demônios da Irmandade, e “descobriu” segredos que mais ninguém sabe? Esse é o pedestal máximo. Vamos tomar mais cuidado com tudo isso, e nos avaliarmos sinceramente à Luz do Senhor. Ser “grande” apenas aos olhos humanos – por meio de títulos ou posições de destaque – é uma situação no mínimo deplorável, pois não traz a assinatura do Deus Vivo. De que adianta isso? Pensam que porque exibem títulos o Diabo vai se curvar mais facilmente? Quanto engano!... Um título é resultado de uma posição que foi conquistada nos Céus, e que será reconhecida tanto por Anjos como por Demônios.

Não queira ir além daquilo que deve fazer. Também não fique aquém. Isso é Bíblico! Se você é um Pastor local não invente de sair por aí, fazendo guerras, ou seja lá o que for, abandonando suas Ovelhas, a não ser em caso de direção específica e muito clara, *absolutamente* clara por parte de Deus. Dica: quando Deus tiver interesse em qualquer coisa, guarde isso: Ele sempre vai confirmar por boca de testemunhas idôneas, várias vezes; inclusive por meio de quem você nem conhece, para não cair no risco de ir procurar aqueles que vão dizer exatamente o que você quer ouvir! Poderá até falar por meio dos Anjos também.

Por que o Povo seguiu Josué? Porque a unção sobre ele era palpável, simplesmente se reconhecia, emanava dele! Essa é a diferença entre estar no lugar *certo* e no lugar *errado*! Por estar no lugar certo, no tempo certo, e agir do modo certo... a autoridade de Josué era patente e não foi questionada, simplesmente fecharam a boca e o seguiram. Dizemos isso, usando deste exemplo, pois há pessoas que não param de apregoar seus atributos pessoais e suas tremendas guerras contra a “Irmandade”; mas não se vê resultado algum. Essas pessoas precisam aprender ainda alguma coisa. São muitas palavras e poucos resultados práticos em termos da verdadeira Batalha. Na verdadeira Batalha não há lugar para os desobedientes, para os soberbos, para aqueles que não estão no devido posto; nem é lugar para os doentes que

ainda precisam de Tratamento, ou Treinamento. Muito menos para aqueles que não sabem ouvir a Voz do General. Se Ele diz “avance”, devemos avançar... se Ele diz “pare”, é o que devemos fazer, sem discussão. Devemos ficar parados pelo tempo que for. Talvez Josué quisesse logo invadir Jericó, não estivesse disposto – como ser humano – a esperar *um segundo* mais, depois de quarenta anos no deserto! Mas ele teve que esperar, e teve que seguir à risca todas as diretrizes do Senhor dos Exércitos.

Se queremos ser fortes, vencedores de fato, com autoridade reconhecida *nos Céus*... precisamos de alinhamento com Deus! Essa sempre vai ser a tônica em tudo o que dissermos. Mais uma vez conclamamos: “Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça”! Alinhamento! Obediência! Santidade! Chega de tanta irresponsabilidade e leviandade com as coisas do Senhor. Peças deletérias das mais diferentes, nos mais diversos Ministérios, contaminam estes Ministérios por estarem fora da Vontade do Senhor. Estar fora da Vontade do Senhor significa estar fora do seu posto, fora do tempo e fora do modo. E o pior é que estes tiram o espaço de quem deveria realmente estar ali. Temos trocado “peças originais” por “peças substitutas”, sem peso na consciência.

Mas Deus não pode simplesmente descer do Céu e organizar a Igreja para nós! Se por motivos dos mais diferentes as pessoas erradas tirarem o lugar das certas, por causa de rixas, politicagens, conluios escusos, ou por pura ignorância... Ele tentará nos avisar do erro por meio do Espírito, por meio de Profetas. Mas estamos, em maioria, com os ouvidos tão fechados. É preciso uma nova “Reforma” na Igreja. A Reforma Protestante não foi um verdadeiro milagre, numa época crucial, quando a Inquisição ainda era ativa? Aquelas pessoas que resgataram os princípios puros do Evangelho deram a cara pra bater, enfrentaram o poderio da Igreja Católica e o risco de morte. Muitos deram a vida pela nova Fé porque estavam convictos de que era o Caminho certo a seguir. E a Reforma aconteceu. E nós, agora? Como “filhos da Reforma” estamos novamente caminhando mal, porque a Igreja Protestante ruiu em infinitos pedaços... e perdeu o seu Poder. E de quem é a culpa? Há poucos dias um jovem me perguntou: “Daniel, eu sou novo convertido, e gostaria de congregar na mesma Igreja que Jesus fundou, qual é? Qual denominação? Se Ele voltasse agora em forma de homem, em qual Ministério ele estaria congregando?”. O que fizemos com o sacrifício de Jesus na cruz? Há diferenças entre nós, mas estas diferenças não podem ofuscar nossa igualdade em Cristo. Temos que ser um com Cristo, pois lá na

Glória não haverá separações, não haverá placas. Será tão somente um só povo, uma só voz, glorificando um só Deus.

Diante de Ai, no Exército de Josué apenas um roubou, agiu nesciamente, como se os olhos do Pai não estivessem em todos os lugares. Por causa daquela contaminação o Exército inteiro foi punido com a terrível derrota. Entenda contaminação como “pecado”. E veja o que o Senhor diz, diante das lamúrias e súplicas de Josué, que não entendia o porquê da derrota: “(...) Já não serei convosco, se não eliminardes do vosso meio a coisa roubada. Dispõe-te, santifica o Povo e dize: *Santificai-vos (...), aos vossos inimigos não podereis resistir, enquanto não eliminardes do vosso meio as coisas condenadas (...)*. Aquele que for achado com a coisa condenada será queimado, ele e tudo quanto tiver, porquanto *violou a aliança do Senhor e fez loucuras em Israel*” (Js. 7:12-13, 15). Que seriedade no trato com a desobediência e o pecado. Mesmo a confissão de Acã, autor do roubo, não invalidou a sentença de morte. Os antigos Israelitas estranhariam o individualismo que hoje conhecemos, pois ia contra a cosmovisão de Israel. Os que conquistaram Jericó, ou mesmo os membros da Igreja Primitiva ficariam – hoje – perguntando-se como nós podemos *não pensar* na Comunidade como um todo. Como Acã violou as instruções sobre Jericó, rompeu a aliança entre Deus e Israel – a Nação como um Todo sofreu. E nós? Achamos que o pecado deste, e daquele, e daquele outro não traz consequências para todos? Achamos que não, porque nunca experimentamos nada diferente. Mas a verdade é que não conseguimos enxergar de onde vêm as agruras que hoje imperam nas Igrejas. São frutos de quê? Desobediência em massa! Não somos apedrejados pelos Líderes Santos do Povo, mas temos sido, muitas vezes, apedrejados pelo Diabo.

Hoje faz-se necessário que o Senhor levante homens e mulheres corajosos e determinados, realmente escolhidos por Ele, que não mais tolerem o pecado, e nem façam “leilão” dos cargos de Liderança, usando pessoas sem vocação. É uma grande tarefa. Mas é o começo! O Corpo precisa se transformar... num Corpo! “Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido até as regiões inferiores da Terra? Aquele que desceu é também o Mesmo que subiu acima de todos os Céus, para encher todas as coisas! E Ele mesmo concedeu uns para Apóstolos, outros para Profetas, outros para Evangelistas e outros para Pastores e Mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do Seu serviço, para a edificação do Corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da Fé e

do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia dos que induzem ao erro. Mas seguindo a Verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a Cabeça, Cristo, de quem todo o Corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetue o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor” (Ef. 4:9-16). Leia bem este texto até tê-lo entendido por completo. O que o Apóstolo está realmente falando? Temos vivido isso? Como descartar esse modo de vida, esse modelo, da vida cotidiana da Igreja? Onde iremos parar?

Teoricamente é simples, não? Mas temos saído por aí ostentando os títulos – muitas e muitas vezes falsos – para fazer Guerra. E não para edificar o Corpo, em amor. Para isso são derramadas as unções do Alto sobre nós: para edificação, em primeiro lugar, do Corpo. Mas não temos crescido, estamos agitados de um lado para outro, e o Corpo está esfacelado, pois não há cooperação conjunta dos membros. Cada um tem estado preocupado consigo mesmo. A verdade é que não estamos realmente interessados nisso. Falemos a coisa abertamente. O que importa mais, infelizmente... é sermos “grandes”, fazermos “grandes coisas”. “Eu sou Apóstolo, e sou melhor do que vocês todos, ‘vermes’!” Estamos tão arraigados às nossas próprias verdades que Deus não tem mais como mostrar a *Sua* Verdade. Títulos e *status* são mais importantes do que tudo. Daqui a pouco vamos ter “querubins” ministrando em nosso meio, dando “direções específicas” aos outros. São indivíduos que, de tão cheios de si, acabam se perdendo.

O caminho árduo e o fogo ardente da transformação é para os perseverantes, os firmados em Deus, firmados na Rocha da nossa Salvação, os que desejam vencer. Se houver disposição, muitos vão encontrar em si mesmos um coração simples e amoroso, como foi o de Esdras, que se colocou como restaurador diante de Deus ao saber do estado de Jerusalém, toda destruída. Ou iremos perceber que dentro de alguns bate a mesma atitude do “Profeta Chorão”, Jeremias, que apesar do tempo do Juízo, ainda assim pranteava e pranteava pela Cidade. Ele se compadecia... das vidas, do horror que os esperava. E lamentava. Ou mesmo o Apóstolo Paulo, que durante os quarenta anos de seu Ministério labutou sem descanso para manter a saúde de todas as Igrejas. Pena que ele era um só, com um pequeno grupo a seu lado. Mas ele fez muito, não fez? A verdade é que poucos podem

fazer muito. Poucos perseverantes podem contagiar muitos outros. Quem de nós realmente lamenta pelo estado das nossas Igrejas? Lamenta de verdade? Isso não significa meia hora de oração num Culto de Mulheres. Por onde começar? Derrubar as barreiras entre nós, fruto de um arrependimento verdadeiro. Mudanças reais de atitude.

O que cada Ovelha tem a ver com isso? Elas se limitam a ir ao Culto. Fazer a Igreja mudar de direção não tem a ver com elas! Mas pode ter, sim! Deus vai sempre ouvir a súplica do justo e a súplica de poucos pode ser um estopim para algo realmente novo. Não precisamos esperar que os todos o façam. Eles podem ser atingidos depois. Entretanto, antes de começar qualquer grupo de oração, seja pelo que for... lembre dos passos iniciais. Restaure-se com Deus, restaure sua Família. Cada um é responsável por si. O resto vem depois. Não queira “converter a Igreja” sem ter se convertido você primeiro, e sua família idem. Muito menos se aventure no impulso, sem a certeza de que é isso que o Senhor quer que você faça. Se for, Ele vai dizer de diversas maneiras. Senão, é pura perda de tempo. Mas se estiverem alinhados com o *Kairós*, verão grandes coisas, até o que agora parece impossível. Chega de inventarmos – para alívio da nossa consciência – que as “culpas” são de terceiros...: do Pastor... da mulher do Pastor... do Líder ativo do Louvor que pensa que é o dono da Igreja... do grupo de Guerreiros que não consegue se entender e guerreia entre si. Temos que admitir que a culpa é de *todos*. Dos Líderes porque muitos têm permitido entrar soberba em seus corações. Tem aceitado subornos, tornando-se “profissionais da fé”.

E é culpa das Ovelhas também, que têm língua comprida, afiada e ferina, para reclamarem de tudo que não lhes agrada, mas não fazem nada para ajudar.

Nesse momento desafiamos as pessoas, as Famílias e as Igrejas a entrarem em concordância e em Unidade, abandonando o pecado e a contaminação, para verem a *diferença na manifestação de Deus*! Haveria mesmo tarefa impossível para o Senhor, dentro do *Kairós*, e contando com pessoas realmente quebrantadas, dispostas a obedecê-Lo a qualquer custo, seja fácil ou penoso? Haveria alguém disposto a ir até as últimas consequências pela causa certa? É preciso um grande amor para isso. Mas cremos que muitos serão despertados para a Restauração dentro da Igreja, de forma que nasça uma Nova Igreja de dentro da Igreja Velha! Haverá uma nova Geração de Cristãos que serão fiéis ao Pai. Onde estão eles? Não sabemos. Deus sabe. Se você é um deles, você também vai saber.

Restauração e Cura não será para todos. Será para os que pagarem o preço. Jesus já pagou um alto preço.

Uma última ressalva: por mais que julguemos isso impossível – na verdade, seria um verdadeiro milagre! Mas agindo Deus, quem impedirá? Se não nós mesmos? –, devíamos começar campanhas sérias em cada Estado, marcando reuniões e conversas sérias uns com os outros, como verdadeiros filhos do Altíssimo, no sentido de agir *seriamente* sobre uma unificação das diversas Denominações Cristãs. Somos todos Protestantes. Somos todos Cristãos. Diferenças doutrinárias de menor porte não deveriam ser encaradas como empecilho suficiente a ponto de nos desviar do Caminho certo. Mas isso só será possível com a Restauração e a Cura de cada Comunidade. Tem que haver uma “Reforma” em cada Igreja. Muitas bases têm que ser revistas, e não podemos ter medo de mudar. A Irmandade tem muito interesse no Brasil. Vamos deixar tudo para eles, já que, agora, estamos impossibilitados de guerrear como Corpo? Desafiamos a Igreja Brasileira, e a espalhada pelo mundo: mude de direção e verá a diferença. Por certo que é impossível ao homem natural tal façanha. Mas não é impossível a homens espirituais, realmente preocupados com o futuro do Reino de Deus na Terra! Esta é a verdadeira Batalha! Vencer nossa carne, limpar nossos corações, curar nossas famílias, restaurar a Noiva. A conquista de bairros, cidades etc. virá como consequência disso. Inverter esta ordem é derrota certa.

Sabe qual é a principal diferença entre Satanistas e Cristãos? Eles querem vencer, eles *realmente* o querem! Não poupam esforços, determinação e disciplina rígida pela sua causa toda errada. Um Satanista jamais fala mal de outro Satanista. Jamais se coloca contra. Eles têm uma única Organização debaixo da qual todos estão dispostos, em locais estratégicos, escolhidos pelo próprio Lúcifer! Conhecem o princípio de Guerra bem, muito bem. É tempo de resgatar valores e princípios de Deus em nossas vidas.

Jesus comissionou os seus Doze Apóstolos e eles instituíram a “Igreja de Cristo”, não haviam centenas de Denominações, divisões, cheias de rixas. O Evangelho é um só! E Deus é também Um só. Será que se deixarmos de lado nosso orgulho e nossos “achismos”, uma nova disposição de coração em relação ao Pai não poderia trazer sobre nós a Graça de Deus... e finalmente conseguiríamos perceber que somos todos “membros de um só Corpo”, parando de envergonhar o Nome de Jesus? O Diabo conseguiu, até agora, fazer o que queria: dividir e fragmentar. Com isso ele enfraquece o Corpo de

Cristo e ficamos sem condições de realizar a verdadeira resistência espiritual. Observe melhor no documentário sobre Fiji, e veja a ordem de todas as coisas.

Isso nos leva *ao Final* da nossa jornada: tendo entendido teoricamente a necessidade de arrependimento, tendo entendido o que fazer para começarmos uma Restauração real em nosso Meio, tendo nos esforçado para colocar em prática os princípios expressos na santidade e na sujeição a Deus, tendo procurado genuinamente a Face do Senhor... poderemos enfim colher os frutos desta maratona espiritual: estender ao Pai um tapete branco, de tecido puríssimo, por onde o Todo-Poderoso poderá passar, caminhar em nosso Meio com liberdade... a fim de “Curar as nossas chagas”, e nos trazer para junto Dele em vitória e não em opróbrio!

Então, me falou o anjo: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à Ceia das Bodas do Cordeiro. E acrescentou: São estas as verdadeiras Palavras de Deus (Ap. 19: 9).



Daniel e Isabela Mastral moram em São Paulo, são casados desde 1999 e têm um filho. Ela é formada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e ele desenvolveu um trabalho ímpar como congressista, sendo conhecido em todo o Brasil por suas palestras sobre espiritualidade, temas ocultos, Teologia e História, dentre outros temas aplicados à fé e à motivação de vida.

Autores de extenso repertório literário, incluindo muitos títulos de ensino e reflexão, o conjunto de suas obras engloba, também, vários romances, alguns deles best-sellers nacionais, desenvolvidos a fim de recriar a densa realidade que parte dos mais diferentes ângulos dos Mundos Espirituais Paralelos.

Destacam-se a série, de autoria do casal, composta pelos livros *Filho do fogo*, *Guerreiros da Luz* e *Voz do que clama no deserto*, sendo este último, ganhador do Prêmio Areté em 2006, na categoria romance.

Já Daniel Mastral é também autor da trilogia *Kilaim*, *Nephilim* e *Ikarim*.



www.agape.com.br



#Ágape nas redes sociais



Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Introdução](#)

[Parte I](#)

[O início da restauração e da cura](#)

[Parte II](#)

[A religião pode cometer erros](#)

[Parte III](#)

[Depois da restauração e cura espiritual, aspectos da cura física e emocional](#)

[Parte IV](#)

[Males ou doenças cerebrais](#)

[Epílogo](#)

[Epílogo](#)

[Autores](#)

[Colofão](#)